

PHILIP K. DICK

Clãs da Lua Alfa



Philip K. Dick

Clãs da Lua Alfa

Tradução

Terezinha Batista dos Santos



Francisco
Alves

©1964, by Philip K. Dick

Publicado por acordo com Scott Meredith Literary Agency, Inc.

845 Third Avenue, New York, N.Y., 10022

Título original: *Clans of the Alphane Moon*

Capa Original: Roberto Garcia ("Ziggy Trots e um Alfano")

Capa do Exilado: <http://bystander-koko.deviantart.com/art/Philip-K-Dick-Alphane-Moon-251438554>

Revisão tipográfica: Henrique Tarnapolsky

Digitalização: Diogo Seisenhofer

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

1987

ISBN 85-265-0091-0

Todos os direitos desta edição reservados à:

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

Rua Sete de Setembro, 177 — Centro

Tel.: 221-3198

20050 — Rio de Janeiro — RJ

Introdução

Qual é o limite entre a sanidade mental e a loucura?

Imagine no futuro uma pequena lua, que tendo um dia servido de asilo para loucos, após abandonada à própria sorte, agora é um estado constituído. Com suas leis e problemas.

As pessoas se organizaram em sete clãs — os Psicóticos, os Hebetizados (“idiotia”), os Maníacos, os Paranoicos, os Esquizoides, os Depressivos e os Obsessivos — de acordo com suas doenças mentais. O resultado é uma sociedade surreal e ao mesmo tempo bizarra, arremedo da nossa.

A Terra continua existindo, mas, mesmo nesse espaço que conhecemos, estranhas criatura circulam e interferem nos destinos humanos.

Você irá conhecer a “matéria viscosa”, estranha forma de vida com exóticos poderes; Coelho Hentman (“Bunny Hentman”), protagonista de um famoso programa humorístico na televisão; Chuck Rittersdorf, nosso anti-herói e é claro... muitos “simulacros”, dos quais é melhor não falar por agora.

Philip K. Dick (1928-1982) nasceu em Chicago, no estado de Illinois, E.U.A., e passou grande parte de sua vida na Califórnia. Autor de 35 romances e de seis livros de contos, Dick recebeu em 1962 o prêmio Hugo por seu romance “*O Homem do Castelo Alto*”. Em 1974, foi agraciado com o prêmio John W. Campbell por seu romance “*Flow my Tears, the Policemen Said*”. O romance “*Blade Runner — O Caçador de Androides*” (1968) foi adaptado, em maio de 1982, para o cinema e recebeu várias indicações para o Oscar de 1983.

As obras de Philip K. Dick exibem muitos elementos comuns à ficção científica, mas se destacam por trazer sempre um pouco do espírito humano e da sua psicologia em página do mais puro delírio ficcional.

“À maior parte dos críticos escapou o fato de Dick entreter-nos com realidade e loucura, tempo e morte, pecado e salvação. Ninguém se deu conta de que há mais de 30 anos possuímos nosso Borges americano” — Ursula K. LeGuin (The New Republic)

Capítulo 1

Antes de entrar na sala do conselho supremo, Gabriel Baines enviou seu simulacro, elaborado pelos Maníacos, rangendo à frente, para ver se o artefato por acaso seria atacado. O simulacro — habilmente construído de forma a assemelhar-se a Baines em cada detalhe — executava tarefas variadas, desde que fora concluído pelo inventivo clã dos Maníacos; no entanto, Baines limitava-se a empregá-lo para a defesa; o objetivo único de sua vida consistia em defender-se, bem como sua reivindicação a associar-se ao grupo dos Paranoicos em Vila de Adolf, no extremo norte da lua.

Evidentemente Baines já saíra diversas vezes de Vila de Adolf, mas só se sentia em segurança — ou melhor, relativamente seguro — aqui, protegido pelos muros sólidos da cidade dos Paranoicos. O que provava que seu pedido de participação no clã dos Paranoicos não fora parte de uma trama, um mero artifício pelo qual ele poderia penetrar na área urbana mais resistente e solidamente construída das redondezas. Sem dúvida Baines era sincero... caso houvesse dúvidas a seu respeito.

A visita aos barracos inacreditavelmente degradados dos Hebetizados fora um exemplo. Há pouco tempo estivera em busca de membros fugidos de uma brigada de trabalho; por serem Hebetizados, eles talvez houvessem retornado a Vila de Gandhi. Entretanto, a dificuldade residia no fato de que todos os Hebetizados se pareciam, pelo menos para ele: criaturas sujas e encurvadas, vestidas com trapos imundos, soltando risadinhas e incapazes de concentração em qualquer atividade complicada. Só eram úteis no trabalho manual e nada mais. Só que com a necessidade crescente de consertos nas fortificações de Vila de Adolf, depredadas pelos Maníacos, nos últimos tempos estava sendo difícil obter mão-de-obra. E nenhum dos Paranoicos sujaria suas mãos. De qualquer maneira, sentira o verdadeiro terror que assolava os barracos arruinados dos Hebetizados, uma impressão de abandono quase total, evidente naquelas frágeis construções humanas, nos terrenos baldios tomados pelo lixo e repletos de moradias de papelão. Paradoxalmente, os Hebetizados não reclamavam. Viviam em meio ao refugio em plácida harmonia.

Hoje, no segundo encontro anual do conselho representativo de todos os clãs, os Hebetizados certamente compareceriam com um representante. Como representante dos Paranoicos, ele se veria constrangido a sentar-se na mesma sala, lado a lado com um literalmente nojento Hebetizado. O que não ajudava a enaltecer sua tarefa. Provavelmente este ano seria de novo Sarah Apostoles, a gorda de cabelos desgrenhados.

Mais aterrorizante seria o representante dos Maníacos, pois, como todos os

Paranoicos, Baines temia todos os Maníacos sem exceção. A violência brutal o chocava, não chegando a compreendê-la, tão despropositada que era. Durante anos considerara os Maníacos simplesmente hostis. Contudo, esta explicação não era suficiente. Eles *gostavam* da violência; sentiam um prazer malévolos em quebrar objetos e intimidar os outros, particularmente os Paranoicos, tais como ele, Baines.

A consciência deste fato não o ajudava muito; ainda se acovardava ante a perspectiva de confronto com Howard Straw, o representante dos Maníacos.

O simulacro retornou resfolegando como um asmático, um sorriso fixo no semblante artificial, à semelhança do de Baines:

— Tudo em ordem, chefe. Nenhum gás mortífero, nenhuma descarga elétrica de intensidade perigosa, nenhum veneno na garrafa d'água, nenhum orifício para espingarda a laser, nenhuma máquina diabólica oculta. Consideraria que o senhor pode entrar sem perigo — Emitiu alguns ruídos, mantendo-se depois em silêncio.

— Ninguém se aproximou de você? — perguntou Baines, cauteloso.

Ao que o simulacro respondeu: — Ainda não chegou ninguém. Exceto, é claro, o Hebetizado que está varrendo o chão.

Baines, condicionado por uma vida inteira de dissimulação autoprotetora, abriu a porta o suficiente para dar uma olhadela.

O Hebetizado, de sexo masculino, varria o chão em seu modo peculiar, lento e monótono, a expressão de estupidez característica do rosto de um Hebetizado, como se o trabalho lhe agradasse. Provavelmente poderia manter esta máscara durante meses sem aborrecer-se; os Hebetizados não se cansavam de uma tarefa pelo simples motivo de que nem ao menos compreendiam o conceito de diversidade. É claro que havia alguma virtude na simplicidade, refletiu Baines. Impressionara-se com o famoso santo Hebetizado, Ignatz Ledebur, por exemplo, o qual irradiava espiritualidade enquanto vagava de uma cidade a outra, propagando o calor de sua personalidade inofensiva de Hebetizado. Este, sem sombra de dúvida, não parecia perigoso.

Além disso, os Hebetizados, inclusive os santos, ao menos não tentavam converter as pessoas, como faziam os Esquizoides místicos. Tudo que os Hebetizados pediam era que os deixassem em paz; eles simplesmente não queriam ser importunados pela vida, e a cada ano distanciavam-se mais e mais das complexidades da realidade. Retornando à mera condição de vegetal, para eles ideal, concluiu Baines.

Testando sua pistola laser, que estava em ordem, Baines decidiu entrar. Assim, penetrou passo a passo na sala do conselho, pegou uma cadeira, trocando abruptamente para uma outra; a anterior estava demasiado próxima da janela, tornando-o um alvo perfeito para alguém do lado de fora.

Tentando divertir-se enquanto aguardava a chegada dos demais, resolveu

importunar o Hebetizado: — Como você se chama? — indagou.

— J-Jacob Simion — tartamudeou o Hebetizado, continuando a varrer sem modificar o mesmo esgar idiotizado; um Hebetizado jamais percebia quando estava sendo incomodado. Ou, se soubesse, não ligaria. Aquele era o jeito Hebetizado: a apatia em relação a tudo.

— Gosta de seu trabalho, Jacob? — inquiriu Baines, acendendo um cigarro.

— Claro — respondeu o Hebetizado, soltando uma risadinha.

— Sempre varreu o chão?

— Ahn? — Não parecia capaz de compreender a pergunta.

A porta abriu, surgindo Annette Golding, graciosa e gorducha, a representante dos Infantilistas, bolsa sob o braço, o rosto rechonchudo afogeadado, os olhos verdes brilhantes, arquejando em busca de fôlego: — Pensei que estava atrasada.

— Não — tranquilizou-a Baines, levantando-se para oferecer-lhe uma cadeira. Percorreu-a com olhar profissional; nenhum indício de que trouxesse alguma arma consigo. Mas ela bem poderia estar carregando germes ferozes em cápsulas de borracha ocultas no interior da boca. Conseguiu o que pretendia, recuando e selecionando uma cadeira no extremo mais distante da grande mesa. Distância... fator fundamental.

— Está quente aqui — proferiu Annette, ainda suando — Subi as escadas correndo — Sorriu para ele da maneira característica de um Infantilista. Ele a achava atraente... se ao menos ela perdesse alguns quilinhos. Ainda assim, gostava de Annette e aproveitou a oportunidade para caçoar dela, com pinceladas de erotismo.

— Annette — começou — você é uma pessoa tão agradável e receptiva. É uma pena você não se casar. Se casasse comigo...

— Eu sei, Gabe — contrapôs Annette, sorrindo — Seria protegida. Papel tornassol em cada canto da sala, análise ininterrupta da atmosfera, equipamento protetor para o caso de radiação de máquinas indutoras...

— Falando sério — disse Baines, irritado. Tentou adivinhar qual seria a idade dela; com certeza, não mais do que vinte. E como todas as Infantilistas, ela era infantil. As Infantilistas não cresciam; permaneciam desenraizadas e, afinal de contas, o que era o infantilismo senão o prolongamento da infância? Além do mais, as crianças de cada clã nasciam Infantilistas, iam para a escola comunitária central como tais, não se diferenciando até provavelmente os dez, onze anos. Algumas, como o Annette, jamais se tornariam seres individualizados.

Abrindo a bolsa, Annette retirou um pacote de bombons, que rapidamente começou a devorar — Estou nervosa — explicou — Ai, tenho que comer —

Ofereceu o saco a Baines, que o recusou. Afinal de contas, nunca se podia saber. Baines preservara sua vida durante trinta e cinco anos, e não pretendia perdê-la em razão de um impulso insignificante; tudo devia ser calculado, considerado com antecedência, se esperava viver outros trinta e cinco anos.

Annette comentou: — Imagino que Louis Manfredi vai novamente representar o clã dos Esquizoides este ano. Sempre gostei dele; tem ideias tão interessantes, visões dos acontecimentos primordiais. Bestas da terra e do firmamento, monstros em luta no centro da terra... — Sugou um pedaço do bombom, pensativa — Você acha que as visões dos Esquizoides são reais, Gabe?

— Não — respondeu Baines com sinceridade.

— Então por que eles ficam meditando e falando sobre isso o tempo todo? Apesar de tudo, para eles as visões são reais.

— Misticismo — desdenhou Baines. Em seguida, farejou algum odor incomum que chegara até ele, algum aroma doce. Percebeu ser o perfume dos cabelos de Annette e relaxou. Ou o objetivo era justamente esse? — refletiu, de súbito, novamente alerta — Você está usando um perfume delicioso — Dissimulou — Qual é o nome?

— *Noite sensual* — respondeu Annette — Comprei-o de um negociante de Alfa II; custou-me noventa pratas, mas é delicioso, não acha? Equivale ao salário de um mês — Os olhos escuros entristeceram-se.

— Case comigo — insistiu Baines, calando-se em seguida.

O representante dos Depressivos surgira; estacara no limiar da porta, o rosto encovado obcecado pelo medo, os olhos vidrados parecendo penetrar o âmago de Baines. Meu Deus, gemeu, sem saber se devia sentir compaixão pelo pobre Depressivo ou simplesmente total desprezo. Afinal, o homem podia recobrar-se; todos os Depressivos possuíam um potencial de recuperação, se tivessem um mínimo de coragem. Mas coragem era o que faltava no povoado dos Depressivos, no sul. Este aqui demonstrava essa deficiência de forma cabal; hesitava, receoso de entrar e no entanto tão resignado ao seu destino que em questão de segundos acabaria por adentrar o recinto, fazendo exatamente o que temia... ao passo que um Obsessivo contaria até dois, viraria as costas e fugiria.

— Entre, por favor — Annette induziu-o amavelmente, indicando uma cadeira.

— Qual é o objetivo desta conversa? — inquiriu o Depressivo, caminhando com lentidão, mergulhando em desespero — Só vamos conseguir nos arrasar mutuamente; não vejo por que convocar uma assembleia para constatar fracassos — Contudo, sentou-se resignado, a cabeça inclinada e as mãos entrelaçadas.

— Meu nome é Annette Golding — apresentou-se — E este é Gabriel Baines, o Paranoico. Eu sou uma Infantilista. Você é Depressivo, não é? Dá para perceber pela maneira como você olha fixo para o chão — Soltou uma risada simpática.

O Depressivo nada disse; nem mesmo anunciou seu nome. Para um Depressivo, falar era tarefa das mais difíceis; era-lhes penoso reunir energias. Este Depressivo provavelmente chegara cedo, com medo de atrasar-se; supercompensação, típica neles. Baines não os apreciava. Eram inúteis para si mesmos e para os outros clãs; por que não morriam? Além disso, ao contrário dos Hebetizados, não conseguiam nem ao menos funcionar como trabalhadores; deitavam-se no chão e fitavam o céu sem nada ver, destituídos de toda esperança.

Aproximando-se de Baines, Annette pediu docemente: — Anime-o.

— Com os demônios se eu vou — rebateu Baines — O que me interessa? A culpa é dele se está desse jeito; se quisesse, poderia se modificar. Poderia crer em coisas positivas se fizesse um esforço. O grupo dele não é pior que o restante de nós, talvez até estejam melhores, afinal de contas, trabalham a passo de tartaruga... Gostaria de poder trabalhar tão pouco durante o ano quanto um Depressivo.

Neste momento, uma mulher alta e de meia-idade, vestindo um casacão cinza atravessou a porta. Era Ingrid Hibbler, a Obsessiva; contando silenciosamente para si mesma, rodeou a mesa seguidamente, dando um tapinha em cada cadeira. Baines e Annette aguardaram; o Hebetizado varrendo o chão levantou o olhar e soltou uma risadinha. O Depressivo continuou a fixar o nada. Por fim, a Sra. Hibbler encontrou uma cadeira cuja numerologia lhe agradou; puxou-a e sentou-se rigidamente, as mãos unidas e apertadas, os dedos trabalhando em grande velocidade, como se tricotando algum traje protetor invisível.

— Cruzei com Straw no estacionamento — pronunciou-se, contando em silêncio para si — Nosso Maníaco. Argh, ele é horrível; quase atropelou-me com seu veículo. Tive que...

Deteve-se — Não importa. Mas é difícil livrar-se da aura dele, uma vez que ela o infecte — estremeceu.

Annette manifestou-se, dirigindo-se a ninguém em particular — Este ano, se Manfredi for novamente o representante dos Esquizoides, provavelmente ele vai entrar pela janela e não pela porta — Gargalhou contente. O Hebetizado, varrendo, juntou-se a ela — E evidentemente estamos esperando o Hebetizado — completou Annette.

— S-sou o representante da Vila de Gandhi — manifestou-se o Hebetizado Jacob Simion, movimentando a vassoura da mesma maneira monótona — Só-só que pensei em ir varrendo enquanto esperava — Ofereceu-lhes um sorriso ingênuo.

Baines suspirou. O representante dos Hebetizados, um faxineiro. Mas era óbvio; *todos* o eram, em potencial se não efetivamente. Assim, só faltavam o Esquizoide e o Maníaco, Howard Straw, que chegaria logo que terminasse de correr no estacionamento, assustando os outros delegados que chegavam. É melhor ele não tentar me intimidar, pensou Baines. Pois a pistola laser em sua cintura não era de

brinquedo. E sempre lhe restava o simulacro, aguardando um chamado do lado de fora.

— Sobre o que é este encontro? — indagou a Sra. Hibbler, a Obsessiva, contando rapidamente de olhos fechados, os dedos em movimento — Um, dois. Um, dois.

Disse Annette: — Há rumores de que uma estranha aeronave foi localizada, e não são comerciantes de Alfa II; estamos razoavelmente certos disso — Continuou a engolir seus bombons; Baines percebeu, entre divertido e irritado, que ela já devorara quase o saco inteiro. Como ele bem sabia, Annette apresentava um distúrbio diencefálico, uma ideia fixa relacionada à síndrome da gula. E quando estava tensa ou preocupada, o problema se agravava.

— Uma nave — fez o Depressivo, despertando para a realidade — Talvez ela possa tirar-nos dessa enrascada.

— Que enrascada? — indagou a Sra. Hibbler.

Reanimando-se, O Depressivo afirmou: — Você sabe — Era tudo que conseguia elaborar; mais uma vez, voltou à mudez, mergulhando em coma depressivo. Para um Depressivo, tudo era sempre confuso. Além disso, também temiam mudanças. O desprezo de Baines crescia em meio a estas considerações. Mas... uma nave. O desprezo transformou-se em alarme. Seria verdade?

Straw, o Maníaco, saberia. No Cume de Da Vinci, os Maníacos haviam desenvolvido dispositivos para detecção do tráfego de chegada; provavelmente a primeira notícia originara-se do Cume de Da Vinci... a não ser, é claro, que um místico Esquizoide houvesse sido acometido por uma visão.

— Talvez seja um truque — Baines levantou a voz.

Todos na sala, incluindo o Depressivo sombrio, olharam-no. Até o Hebetizado parou de varrer por um instante.

— Esses Maníacos — explicou — Vão tentar de tudo. Esta foi a maneira que encontraram para obter vantagem sobre nós, pagando na mesma moeda.

— Para quê? — inquiriu a Sra. Hibbler.

— Você sabe que os Maníacos nos detestam — disse Baines — Pois eles são cruéis, desordeiros bárbaros, um bando de bagunceiros imundos que sacam a arma sempre que ouvem a palavra civilização. Está no metabolismo deles; é o velho gótico — Na verdade, esta explicação não era suficiente; para ser sincero, ele não sabia por que os Maníacos eram tão determinados em ferir fosse quem fosse, a não ser que, segundo rezava sua teoria, em nome do simples prazer de infligir a dor. Não, pensou, deve haver *algo mais*. Maldade e inveja; eles devem ter inveja de nós, sabendo que somos culturalmente superiores. Da maneira como o Cume de Da Vinci é misturado, não existe ordem nem tampouco harmonia estética; as ideias deles não passam de uma miscelânea de projetos incompletos pseudocriativos, iniciados mas jamais concluídos.

Annette pronunciou-se com lentidão: — Straw é ligeiramente incivilizado, concordo. É o tipo tipicamente arrojado. Mas por que ele denunciaria a presença de uma nave se ela não tivesse sido vista? Você não apresentou uma justificativa convincente.

— Mas eu sei — teimou Baines — que os Maniacos, especialmente Howard Straw, estão contra nós; devíamos nos proteger de... — Parou de falar, pois a porta se abriu e Straw entrara bruscamente na sala.

Ruivo, grandalhão e musculoso, os dentes arreganharam-se em um sorriso. A aparição de uma nave em sua lua diminuta não o perturbava.

Agora só faltava chegar o Esquizoide e, como sempre, ele deveria atrasar-se uma hora; ia errar em estado hipnótico por algum lugar, perdido em visões enevoadas de uma realidade arquetípica de protoforças cósmicas latentes no universo temporal, a eterna visão do chamado *Urwelt*.

Devemos ficar à vontade, decidiu Baines. Tanto quanto possível, devido à presença de Straw entre nós. E a Sra. Hibbler: tampouco chegava a se importar muito com ela. Na verdade, não ligava para nenhum deles, exceto talvez Annette: ela, com o busto exagerado e evidente. Só que com ela não conseguiria nada, como sempre.

Não era culpa dela; todas as Infantistas eram assim — ninguém jamais sabia o que iam fazer. Eram propositalmente contraditórias, opondo-se aos padrões da lógica. Por outro lado, não eram traças, como os Esquizoide, nem tampouco máquinas descerebradas como os Hebetizados. Irradiavam ostensiva vivacidade; era o que lhe agradava em Annette — a animação e a jovialidade.

Para ser sincero, ela o fazia sentir-se rígido e metálico, aprisionado em aço compacto como uma máquina arcaica de alguma guerra remota e sem sentido. Ela tinha vinte anos, ele trinta e cinco, o que talvez explicasse tudo. Mas não, não acreditava muito nesta hipótese; aí pensou: aposto que ela quer que eu me sinta assim; está tentando, deliberadamente, fazer com que eu me sinta mal a seu lado.

Como reação, assomou-lhe um ódio glacial cujo objeto principal era Annette. Um ódio cuidadosamente considerado, próprio dos Paranoicos.

Annette, simulando desatenção, continuou a comer os restos do saco de bombons.



Adolf, contemplava a paisagem do mundo e diviso, abaixo e acima dele, os dragões gêmeos, vermelho e branco, da vida e da morte; os dragões envolvidos na batalha faziam tremer a planície, enquanto acima o céu fendia-se, deixando surgir um sol cinzento, pálido e murcho, o qual traria algum consolo a um mundo que rapidamente perdia suas reservas vitais.

— Alto — fez Omar, levantando a mão em direção aos dragões.

Um homem e uma garota de cabelos ondulados, caminhando lado a lado em uma calçada do centro de Vila de Adolf, rumando em direção a ele, estacaram. Perguntou a garota: — Qual é o problema dele? Está fazendo alguma coisa — senti repugnância.

— É só um Esquizoide — tranquilizou-a o homem, divertido — Perdido em visões.

Disse Omar: — Eclodiu novamente a guerra eterna. Os poderes da vida estão em declínio. Não existe um homem capaz de tomar a decisão fatal, renunciando à sua vida em um ato de sacrifício para restaurar estes poderes?

O homem, piscando para a garota, sugeriu: — Sabe, às vezes você faz uma pergunta a estes caras e obtém uma resposta interessante. Vá em frente, pergunte-lhe alguma coisa grandiosa e genérica, como por exemplo “Qual o sentido da existência?”, mas não “Onde está a tesoura que perdi ontem?” — incitou-a.

A mulher dirigiu-se cautelosamente a Omar: — Desculpe, mas sempre tive vontade de saber: — existe vida após a morte?

Respondeu Omar: — Não existe morte — Surpreendera-se com a indagação, pautada em infinita ignorância.

— O que você chama “morte” é somente um estágio de germinação em que novas formas de vida jazem adormecidas, à espera do chamado para assumir a próxima encarnação — Ergueu os braços, apontando o firmamento — Você vê? O dragão da vida não pode ser morto; mesmo quando seu sangue corre vermelho pelos prados, novas versões dele brotam de todos os lados. A semente oculta sob a terra renasce — Seguiu em frente, deixando o homem e a mulher para trás.

Tenho que ir ao edifício de pedra de seis andares, Omar murmurou para si mesmo. Eles me esperam lá, o conselho. Howard Straw, o bárbaro. Annette Golding, a personificação da vida por excelência, mergulhando em tudo que a faça ser. Gabriel Baines, aquele que é compelido a elaborar maneiras de se defender contra o que não o ataca. O simplório com a vassoura, mais próximo a Deus do que qualquer um de nós. E o melancólico que nunca olha para o alto, o homem que nem mesmo um nome possui. Como devo chamá-lo? Talvez Otto. Não, acho que vou apelidá-lo Dino. Dino Watters. Aguarda a morte, inconsciente de que vive antecipadamente um fantasma vazio; nem mesmo a morte pode protegê-lo de si mesmo.

De pé ao lado do grande edifício de seis andares, o maior no povoado dos Paranoicos — Vila de Adolf — ele levitou; oscilou do lado de fora da janela, arranhando o vidro com as unhas até que finalmente alguém no interior veio abri-la para ele.

— O Sr. Manfreti não vem? — perguntou Annette.

— Este ano ele não pode ser alcançado — explicou Omar — Passou para outra esfera, limitando-se a permanecer sentado; é alimentado à força através do nariz.

— Ahn — fez Annette, estremecendo — Catalepsia.

— Mate-o — sugeriu Straw, rudemente — e acabe com isso de uma vez. Aqueles Esquizoides são mais do que imprestáveis; são um dreno para as riquezas da Vila de Joana d'Arc. É por isso que o povoado deles é tão pobre.

Pobre materialmente — salientou Omar — mas rico em valores eternos.

Manteve-se distante de Straw; não se importava realmente com ele. Straw*, a despeito do nome, era um transgressor. Gostava de quebrar e oprimir; era cruel por prazer, não por necessidade. Em Straw, a maldade era gratuita.

(*N. do T. — Straw= Coisa insignificante)

Por outro lado, lá estava Gabe Baines. Baines, como todos os Paranoicos, também sabia ser cruel, mas ele era compelido, em sua própria defesa; empenhava-se tanto em proteger-se do mal que naturalmente acabava por equivocar-se. Ninguém poderia castigá-lo, como deviam fazer com Straw.

Tomando seu lugar à mesa, Omar pronunciou-se — Abençoada seja esta assembleia. E vamos ouvir as notícias dos domínios da vida, ao invés das atividades do dragão do mal — Voltou-se para Straw: — Qual é a informação, Howard?

— Uma aeronave armada — respondeu Straw, com um sorriso sinistro, largo e maldoso; estava usufruindo a ansiedade coletiva — Não é um comerciante de Alfa II, mas de algum outro sistema; estávamos captando os pensamentos deles. Não é nenhuma missão comercial, mas estão aqui para... — Interrompeu-se, sem concluir a frase propositalmente. Queria vê-los contorcendo-se.

— Teremos de defender-nos — manifestou-se Baines. A Sra. Hibbler assentiu com um movimento de cabeça, assim como Annette, relutantemente. Até o Hebetizado parara com as risotas, parecendo inquieto — Evidentemente, nós, de Vila de Adolf — observou Baines — vamos organizar a defesa. Teremos de recorrer a seu grupo, Straw, para obtenção da aparelhagem tecnológica; esperamos muito de vocês. Desta vez, esperamos que você interceda junto aos seus em prol do bem comum.

— O “*bem comum*” — imitou Straw — Você quer dizer para o *nosso* bem.

— Meu Deus! — exclamou Annette — Você tem sempre que ser tão irresponsável, Straw? Não consegue prever as consequências uma vez sequer? Pense ao menos em nossas crianças. *Temos* que protegê-las, se não a nós mesmos.

Omar Diamond rezava para si — Deixemos as forças da vida se levantarem e triunfarem no campo de batalha. Deixemos o dragão branco escapar da mancha vermelha da morte aparente; deixemos o berço protetor descer a esta minúscula terra e defendê-la daqueles que resistirem no campo dos ímpios — Subitamente, recordou uma cena vista na viagem a pé até Vila de Adolf, arauto da chegada do inimigo. Uma corrente de água transformara-se em sangue quando ali colocara os pés. Agora compreendia o significado do sinal. Guerra e morte, e talvez a destruição dos sete clãs e suas sete cidades — seis, não se considerando o depósito de lixo que era o local de moradia dos Hebetizados.

Dino Watters, o Depressivo, resmungou, a voz rouca: — Estamos condenados.

Todos o olharam, até mesmo Jacob Simion, o Hebetizado. Típico de um Depressivo.

— Perdoem-no — sussurrou Omar. E em algum lugar no império invisível, o espírito da vida ouviu e respondeu, perdoadando a criatura semimorta que era Dino Watters da aldeia dos Depressivos, Estados Cotton Mather.



Capítulo 2

Correndo os olhos pelo velho apartamento, com suas paredes de chapas de pedras fraturadas, a iluminação difusa que provavelmente não funcionava mais, janelas envidraçadas arcaicas e ordinárias, piso de azulejos — fora de moda — anterior à Guerra da Coréia, Chuck Rittersdorf respondeu: — Serve. Puxou o talão de cheques, estremecendo ante a visão da lareira central de ferro batido; não via algo no gênero desde 1970, desde a infância.

A dona do apartamento deteriorado, entretanto, franziu o cenho, desconfiada, ao receber os documentos de identificação de Chuck — De acordo com os documentos, você é casado, Sr. Rittersdorf, e tem filhos. O senhor não vai trazer mulher e crianças para este co-ap; ele se caracteriza, consoante os estatutos do prédio, como destinado a “solteiros, empregados, abstêmios a bebida e...”

Fatigado, Chuck interrompeu-a: — Esta é a questão — A senhoria gorda e de meia-idade, com sua vestimenta surrada de grilo falante venusiano e chinelos de pele (de algum animal interplanetário) o repugnava; a experiência já estava se tornando desagradável — Separei-me de minha mulher; Ela ficou com as crianças. Por isso preciso do ap.

— Mas elas virão visitá-lo — soergueu os supercílios tingidos de púrpura.

Respondeu Chuck — A senhora não conhece minha esposa.

— Ah, elas virão; conheço essas novas leis federais de divórcio. Não são como as de antigamente, as leis estaduais. Já compareceu ao tribunal? Pegou os primeiros papéis?

— Não — admitiu. Para ele, as coisas mal estavam começando. Na madrugada passada pernoitara em um hotel e na noite anterior àquela — fora a última noite em que tentara obter o impossível, continuar a viver com Mary.

Entregou o cheque à proprietária; ela devolveu os documentos e saiu; imediatamente, ele fechou a porta, dirigiu-se a janela do ap mobiliado e olhou para a rua abaixo, os veículos, os jatos saltadores, as rampas e canaletas para pedestres. Dentro em pouco teria que chamar seu advogado, Nat Wilder. Dentro de muito pouco tempo.

A ironia fora a palavra-chave no rompimento de seu casamento, pois a profissão de sua mulher — e ela era uma excelente profissional — era o de orientadora conjugal. Na verdade, ela construíra a reputação de melhor orientadora aqui do Condado de Marin, Estado da Califórnia do Norte, onde possuía consultório. Deus sabe quantos relacionamentos destruídos ela recuperara. Todavia, por um requinte magistral de injustiça, esse mesmo talento e habilidade contribuíram para levá-lo àquele ap lúgubre. Com o sucesso que alcançara em sua carreira,

Mary não lograra resistir ao sentimento de desprezo pelo marido, o qual crescera ao longo dos anos.

A realidade mostrava — e tinha de enfrentá-la — que em sua própria carreira ele não fora tão bem sucedido quanto Mary.

Seu trabalho, de que pessoalmente gostava bastante, consistia em programar simulacros do serviço de inteligência do governo Cheyenne, elaborar os intermináveis programas de propaganda, promovendo a desordem no círculo dos Estados Comunistas que circundavam os Estados Unidos. Interiormente, acreditava profundamente em seu trabalho, mas racionalmente não podia qualificá-lo como um ofício nobre ou muito bem pago; os programas por ele elaborados eram no mínimo infantis, espúrios e tendenciosos. O interesse principal ficava por conta de garotos de escola, tanto dos Estados Unidos quanto dos Estados Comunistas vizinhos, além dos contingentes numerosos de adultos de base educacional inferior. Na verdade, ele era um mediocre. O que Mary evidenciara várias e várias vezes.

Mediocre ou não, continuava em seu emprego, embora outros lhe tivessem sido oferecidos durante os seis anos de casamento. Possivelmente porque apreciava ouvir suas próprias palavras pronunciadas pelos simulacros, imitações do homem. Talvez por sentir que a causa em si era fundamental: os Estados Unidos postaram-se na defensiva, política e economicamente, e tinham de proteger-se. Necessitavam de pessoas que trabalhassem para o governo ganhando salários reconhecidamente baixos, em funções desprovidas de qualidades de heroísmo ou projeção. *Alguém* devia programar os simulacros para a propaganda, os quais eram espalhados em todo o mundo, com o objetivo de realizar o trabalho de representantes das Autoridades de Inteligência Computadorizada, agitando, convencendo, induzindo. Mas...

Há três anos a crise começara. Um dos clientes de Mary — que estivera envolvido em dificuldades conjugais inacreditavelmente complexas, incluindo três amantes ao mesmo tempo — vinha a ser um produtor de televisão. Gerald Feld produzia o inigualável, famoso programa de TV de Coelho Hentman, abiscoitando grande parte da audiência das produções cômicas populares. Secretamente, Mary passara a Feld diversos roteiros de programação escritos por Chuck para a sucursal local da CIA, em São Francisco. Feld os lera com interesse, pois que apresentavam forte veia humorística, e isto explicava a seleção de Mary. Aquele era justamente o talento de Chuck; ele programava os simulacros com algo mais além da pretensão e solenidade habituais... dizia-se que eles pareciam vivos e sagazes; os simulacros de Chuck sobressaíam. Com o que Feld concordou, encarregando Mary de arranjar um encontro entre ele e Chuck.

Agora, de pé junto à janela do velho ap, pequeno e desarrumado, onde não colocara nada de seu além de uma peça de roupa, fitando a rua lá embaixo, Chuck recordou a conversa com Mary que redundara na separação. Fora uma discussão particularmente desagradável, clássica, sem sombra de dúvida;

concorrer para o rompimento.

Para Mary, o problema era claro: ali estava uma possibilidade de trabalho, a qual devia ser aproveitada sem hesitação; Feld pagava bem e a atividade televisiva proporcionaria enorme prestígio; todas as semanas, no final do programa de Coelho Hentman, o nome de Chuck como um dos escritores, surgiria na tela, para todo o mundo não-comuna. Mary sentiria *orgulho*, e aí residia o fator-chave: o trabalho do marido seria notavelmente criativo. E para Mary, a criatividade era o abre-te-sésamo da vida; o trabalho para a CIA, programando simulacros para propaganda que tagarelavam mensagens para africanos, latino-americanos e asiáticos incultos, não dava asas à criatividade; as mensagens costumavam ser as mesmas e, de qualquer maneira, a CIA era dona de má reputação nos círculos liberais, vanguardistas e sofisticados frequentados por Mary.

— Você é como um funcionário acomodado de algum satélite — acusava Mary, furiosa — Em algum serviço público. É a segurança fácil; é o mesmo que deixar de lutar. Aí está você, trinta e três anos de idade e já desistiu de tentar. Não tem mais vontade de ser alguém.

— Escuta — indagou, em vão — Você é minha mulher ou minha mãe? É seu trabalho ficar me espiçando? Tenho que estar sempre subindo? Até me tornar presidente da Terplan? É isso o que você quer? — Havia algo mais além de prestígio e dinheiro. Era evidente, Mary ansiava que ele fosse outra pessoa. Ela, que o conhecia melhor que todos, envergonhava-se dele. Se aceitasse a tarefa de escrever para Coelho Hentman, se transformaria em alguém diferente — ou assim ela logicamente pensava.

Não podia negar a lógica de seu raciocínio. E ainda assim ele persistia; não queria largar seu emprego, não queria mudar. Algo em seu interior simplesmente mantinha-se em inércia. Fosse bom ou mau. A essência de cada indivíduo comportava uma histerese e ele não se desvencilharia de sua essência com facilidade.

Do lado de fora, na rua, um Chevrolet branco de luxo, um modelo novo de seis portas, baixava em direção ao meio-fio, pousando. Chuck permaneceu observando preguiçosamente a cena, até perceber, com um começo de incredulidade, que — impossível e no entanto verdade — sua ex-mulher era a motorista do veículo; lá estava Mary. Já o descobrira.

Sua esposa, Doutora Mary Rittersdorf, estava prestes a fazer-lhe uma visita.

Estava assustado, um sentimento crescente de fracasso; não fora nem mesmo capaz de providenciar um co-ap onde Mary não conseguisse localizá-lo. Dali a mais alguns dias, Nat Wilder poderia arranjar proteção legal, mas neste momento, estava desamparado; teria de recebê-la.

Não era difícil concluir como ela seguira seus passos; existiam métodos modernos de detecção, baratos e disponíveis. Mary provavelmente dirigira-se a

uma companhia de detecção robotizada, agências que utilizavam robôs para localizar pessoas, contratara um robô detector de cheiros, e apresentara o seu padrão cefálico; o detector iniciara o trabalho, seguindo-o por todos os lugares aonde fora desde que a deixara. Hoje em dia, localizar um indivíduo tornara-se uma ciência exata.

Assim uma mulher determinada a localizar você, refletiu, consegue o que quer. Talvez houvesse uma lei que definisse esta busca; possivelmente, poderia denominá-la Lei Rittersdorf. Proporcionalmente ao desejo de escapar, de esconder-se, os mecanismos de detecção...

Um golpe seco soou na porta oca do co-ap.

Enquanto caminhava, rígido e sem vontade, em direção à porta, pensou: ela vai pronunciar um discurso que englobará todos os apelos possíveis e imagináveis. Eu, evidentemente, não apresentarei argumentos além do sentimento de que não podemos continuar juntos, pois o desprezo que ela sente por mim indica o fracasso irreversível de nossa união, não admitindo qualquer intimidade futura.

Abriu a porta. Lá estava ela, cabelos escuros, delicada, vestindo seu (melhor) casaco de lã natural, sem maquiagem; uma mulher calma, competente e educada, superior a ele em incontáveis sentidos — Escute, Chuck — disse ela — Não vou tolerar isto. Arranjei uma companhia de mudanças para recolher os seus pertences e colocá-los no estoque; estou aqui por causa de um cheque; quero todo o dinheiro em sua conta bancária. Preciso dele para pagar contas.

Então ele se equivocara; nenhum discurso de doce racionalidade. Ao contrário; sua esposa estava colocando o ponto final. Absolutamente surpreso, limitava-se a encará-la, boquiaberto.

— Falei com Bob Alfson — informou Mary — Ele vai proceder à liquidação judicial da casa.

— O quê? — surpreendeu-se ele — Por quê?

— A fim de que você possa me ceder sua parte da casa.

— Por quê?

— Para que eu possa colocá-la à venda. Decidi que não tenho necessidade de uma casa tão grande; além disso, poderei dispor do dinheiro. Vou matricular Debbie naquele colégio interno do leste de que falamos — Deborah era a filha mais velha, ainda assim com somente seis anos, jovem demais para ser afastada de casa. Céus.

— Deixe-me falar com Nat Wilder primeiro — protestou debilmente.

— Quero o cheque agora — Mary não esboçou qualquer movimento para entrar; simplesmente permaneceu de pé na porta. Chuck sentia-se desesperado, o pânico desesperado, o pânico da derrota e do sofrimento; já perdera a parada; ela conseguiria fazer dele o que bem quisesse.

Enquanto entrava para pegar o talão de cheques, Mary deu alguns passos apartamento adentro. A aversão que sentia não podia ser expressada em palavras; não disse nada. Ele se retraiu mais ainda, incapaz de enfrentar o desprezo da esposa; ocupou-se rabiscando a quantia no cheque.

— Aliás — fez Mary, em tom de conversa — agora que você foi embora para sempre, estou livre para aceitar aquele convite do governo.

— Que convite?

— Eles precisam de psicólogas consultoras para um projeto interplanetário; falei com você sobre o assunto — Não pretendia sobrecarregar-se explicando tudo a ele.

— Ah, sim — Tinha uma vaga lembrança — Trabalho de caridade — A excrescência do conflito Terra-Alfa de dez anos atrás. Uma lua incomunicável no sistema Alfa, colonizado por terrestres, isolada há duas gerações devido à guerra; existiam colônias de tais grupos no sistema Alfa, o qual incluía dúzias de luas, bem como vinte e dois planetas.

Ela aceitou o cheque, dobrando-o em dois e colocando-o no bolso do casaco.

— Você vai ganhar alguma coisa? — ele indagou.

— Não — fez Mary, vagamente.

Então ela ia viver — além de sustentar as crianças — somente com o salário dele. Ocorreu-lhe a seguinte ideia: ela aguardava uma decisão do júri que o forçasse a fazer exatamente o que recusara, o que terminara com dezesseis anos de casamento. Ela obteria, por meio de vasta influência que exercia nas varas do condado de Marin, uma decisão que o obrigaria a deixar seu emprego na filial de São Francisco e a procurar outro.

— Quanto tempo vai ficar fora? — perguntou. Sem dúvida, ela pretendia fazer bom uso do intervalo nas vidas deles; faria todas as coisas que a presença dele — ao menos era o que ela alegava — impedira.

— Uns seis meses. Depende. Não espere comunicar-se comigo. Serei representada no júri por Alfson; não vou aparecer — ajuntou — Já preparei o processo de separação, assim você não terá que se preocupar com isso.

A iniciativa, mesmo aí, proviera de Mary. Como sempre, fora demasiado lento.

— Pode ficar com tudo — prontamente afirmou.

O olhar dela dizia: mas o que você pode oferecer não é suficiente. “Tudo” não significava nada, no que se referia às posses dele.

— Não posso te dar o que não tenho — argumentou, calmo.

— Pode, sim — contrapôs Mary, sem um sorriso — Pois o juiz vai descobrir o que eu sempre soube. Se for preciso, se alguém o obrigar, você corresponderá

aos padrões habituais seguidos por homens adultos, com responsabilidade de mulher e filhos.

Disse ele: — Mas... tenho que guardar algo para mim.

— Sua primeira obrigação é para conosco — cortou Mary.

Diante de tal argumentação não encontrava resposta; limitou-se a assentir com a cabeça.

Mia tarde, após a saída de Mary, de posse do cheque, procurou e localizou uma pilha de jornais antigos na despensa do ap. Sentou-se no velho sofá estilo dinamarquês, na sala de estar, folheando-os à procura dos artigos sobre o projeto interplanetário do qual Mary pretendia participar. Uma nova vida, disse para si mesmo, em substituição àquela de casada.

Em um jornal da semana anterior, encontrou uma matéria mais ou menos completa; acendeu um cigarro e leu-a cuidadosamente.

O Serviço Interplanetário de Saúde e Bem-Estar dos Estados Unidos adiantava que precisavam de psicólogos, pois a lua originalmente consistira de um hospital, um centro de assistência psiquiátrica — para emigrantes terrestres no sistema Alfa — que haviam sucumbido sob as pressões excessivas e anormais do sistema interplanetário de colonização. Os habitantes de Alfa abandonaram a lua, exceto os comerciantes.

O que se sabia da atual situação da lua provinha dos comerciantes de Alfa. De acordo com eles, uma civilização inferior surgira durante as décadas em que o hospital permanecera desligado da jurisdição terrestre. Entretanto, eles não podiam avaliar perfeitamente a situação, pois o conhecimento dos comerciantes de Alfa no que dizia respeito aos costumes terrestres não eram os mais precisos. De qualquer maneira, criaram-se produtos locais que eram comercializados; igualmente, existia uma indústria doméstica, e Chuck ficou imaginando por que o governo da Terra desejava interferir. Podia ver com nitidez a presença de Mary naquele local; ela era exatamente o tipo que a Terplan, a agência internacional, selecionaria. Pessoas como Mary sempre eram bem-sucedidas.

Dirigindo-se à antiga janela envidraçada, permaneceu de pé durante mais algum tempo, olhando para baixo. E então, furtivamente, sentiu crescer dentro de si um impulso familiar. O sentimento de que era inútil prosseguir; o suicídio, não importa o que afirmassem a lei e a igreja, era a única resposta real neste instante.

Descobriu uma janela lateral, menor, a qual abriu; ouviu o zumbido de um jato saltador aterrissando em um telhado no extremo mais distante da rua. O som foi morrendo. Aguardou, e então começou a escalar o peitoril da janela, pendurando-se acima do tráfego que se movimentava lá embaixo...

Uma voz em seu interior, que não a dele mesmo, indagou: — Por favor, diga-me seu nome. Independente do senhor pretender pular ou não.

Voltando-se, Chuck percebeu uma matéria viscosa amarela, de Ganimedes, que silenciosamente deslizara por sob a porta do co-ap, reorganizando-se em pilhas de pequenos glóbulos, os quais compreendiam sua substância física.

— Alugo o co-ap do outro lado do corredor — declarou a matéria viscosa.

Disse Chuck — Entre terrestres costuma-se bater à porta.

— Não tenho com que bater. De qualquer maneira, queria entrar antes de você... partir.

— É problema meu se vou pular ou não.

— Nenhum terrestre é uma ilha — A matéria viscosa fez uma espécie de citação — Bem-vindo ao edifício que nós, locadores dos ap, apelidamos jocosamente de “co-ap descartáveis”. O senhor tem que conhecer outros que moram aqui. Vários terrestres — como o senhor — além de uma infinidade de não-terrestres de aparências variadas, alguns dos quais o repugnarão, outros que sem dúvida o atrairão. Planejava pegar uma xícara de cultura bacteriana para iogurte empastada, mas diante de sua preocupação, o pedido me parece um insulto.

— Ainda não trouxe minhas coisas. Até agora — Passou a perna por sobre o peitoril da janela e voltou a pisar o chão da sala, afastando-se da janela. Não se surpreendera ao ver a matéria viscosa de Ganimedes; não-terrestres suportavam uma situação de gueto: a despeito de altamente influentes e bem situados em suas próprias sociedades, na Terra eram forçados a habitar locais inferiores como este.

— Se estivesse com meu cartão de visita — observou a matéria viscosa — lhe ofereceria um. Sou importador de pedras preciosas não lapidadas, negócio com ouro de segunda mão e, sob circunstâncias adequadas, sou um comprador fanático de coleções filatélicas. Para falar a verdade, atualmente possuo em meu ap uma coleção variada dos antigos norte-americanos, particularmente as quadras americanas. O senhor gostaria... — Deteve-se — Já vi que não. Mesmo assim, o desejo de destruir a si mesmo, ao menos temporariamente, afastou-se de seu pensamento. Isto é bom. Além de minha anunciada atividade comercial...

— Você não é obrigado por lei a controlar a sua habilidade telepática enquanto estiver na Terra? — inquiriu Chuck

— Sou, mas o seu caso parecia excepcional. Sr. Rittersdorf, eu, pessoalmente, não posso empregar o senhor, pois não necessito de serviços de propaganda; entretanto, possuo diversos contatos nas nove luas; com o tempo...

— Não, obrigado — recusou Chuck bruscamente — Só quero que me deixem em paz — Já suportara suficiente assistência para que obtivesse um emprego capaz de mantê-lo para o resto da vida.

— De minha parte, bem ao contrário de sua esposa, não tenho motivos dissimulados — A matéria viscosa deslizou para perto — Como ocorre com a maioria dos homens terrestres, o sentimento de amor-próprio cultivado pelo

senhor entra em choque com suas possibilidades salariais, uma área em que o senhor apresenta dúvidas cruciais, bem como culpas extremas. Posso fazer algo pelo senhor... mas vai levar tempo. Em breve vou deixar a Terra e voltar para minha própria lua. Suponhamos que eu pague cinco mil pratas ao senhor — americanas, é claro — para que vá comigo. Se quiser, considere como um empréstimo.

— O que eu faria em Ganimedes? — perguntou Chuck, exasperado — Você também não acredita em mim? Tenho um trabalho; um que considero ideal — não quero deixá-lo.

— Inconscientemente...

— Não leia meu inconsciente. Saia daqui e deixe-me em paz — Virou de costas para a matéria viscosa.

— Temo que seu impulso suicida volte a se manifestar — talvez antes desta noite.

— Deixe-o voltar.

Disse a matéria viscosa: — Só existe uma coisa capaz de ajudá-lo, que não é minha pobre oferta de trabalho.

— E o que é, afinal?

— Uma mulher para substituir sua esposa.

— Agora você está se comportando como um...

— De jeito algum. Minha sugestão não se baseia em necessidades físicas, tampouco etéreas; é simplesmente racional. O senhor tem que encontrar uma mulher que o aceite e ame como o senhor é. Caso contrário, perecerá. Deixe-me pensar sobre o assunto. Enquanto isso, controle-se. Dê-me cinco horas. E não saia daqui — A matéria viscosa deslizou por sob a porta, através da fenda, saindo no corredor. Os pensamentos dele foram se afastando — Como importador, comprador e negociante, tenho muitos contatos com terrestres de todos os níveis sociais... — Então, os pensamentos desvaneceram-se por completo.

Abatido, Chuck acendeu um cigarro. Colocou-se bem distante da janela, sentando-se no velho sofá estilo dinamarquês. Ficou aguardando.

Não sabia como reagir ao oferecimento caridoso da matéria viscosa. Sentia-se ao mesmo tempo irritado e emocionado e, acima de tudo, intrigado. Será que a matéria viscosa poderia realmente ajudá-lo? Parecia impossível.

Esperou uma hora.

Ouviu uma pancadinha na porta do co-ap. Não podia ser o Ganimedes de volta, pois uma matéria viscosa não batia, ou melhor, não consegui bater à porta. Chuck dirigiu-se à entrada e abriu-a.

Uma garota terrestre aguardava do lado de fora.



Capítulo 3

Apesar da infinidade de problemas pendentes, todos relativos ao seu novo trabalho não-remunerado para o Departamento Interplanetário de Saúde e Bem-Estar, a Doutora Mary Rittersdorf encontrou tempo para um assunto pessoal. Mais uma vez, tomou um táxi a jato rumo a Nova Iorque e ao escritório de Jerry Feld, o produtor do programa Coelho Hentman, localizado na Quinta Avenida. Há uma semana ela lhe entregara uma série dos últimos — e melhores — roteiros para a CIA escritos por Chuck; agora já era tempo de averiguar se o marido, ou ex-marido, teria alguma possibilidade de obter o trabalho.

Já que Chuck não procurava um emprego melhor por si mesmo, ela tomaria a iniciativa por ele. Era o dever dela, quanto mais não seja porque, ao menos no ano seguinte, ela e as crianças dependeriam totalmente do salário de Chuck.

Após aterrissar no campo de pouso no terraço, Mary desceu pela rampa interna até o 90° andar, encaminhou-se até a porta envidraçada, hesitou, esperou que abrisse para entrar na sala de espera, onde se encontrava recepcionista do Sr. Feld — bastante atraente, bem maquilada e vestindo um suéter de seda de aranha. Mary aborreceu-se com a garota; o fato de o sutiã estar ultrapassado justificava que uma moça com os seios tão avantajados seguisse a moda? Neste caso, o bom senso ditava o uso do sutiã, e Mary postou-se diante da escrivinha sentindo-se ruborizar em protesto. Como se não bastasse, dilatação artificial dos mamilos. Isto já era demais.

— Pois não? — fez a recepcionista, fitando-a através de um monóculo elegante e moderno. Diante da frieza de Mary, os bicos dos seios murcharam ligeiramente como se, induzidos pelo medo à submissão, estivessem assustados.

— Gostaria de falar com o Sr. Feld. Sou a Dra. Rittersdorf e não tenho muito tempo disponível; devo seguir para a base lunar interplanetária às três horas da tarde, horário de Nova Iorque — Produziu um tom de voz tão eficiente e exigente como só ela seria capaz.

Após uma série de procedimentos burocráticos efetuados pela recepcionista, May foi encaminhada à presença de Feld.

Jerry Feld estava sentado à mesa — imitação de carvalho, visto que há mais de dez de dez anos não se encontrava carvalho legítimo — com um projetor de videoteipe, mergulhado na análise de questões profissionais — Um momentinho, Dra. Rittersdorf — Indicou-lhe uma cadeira; ela se sentou, cruzou as pernas e acendeu um cigarro.

Na tela de TV em miniatura, Coelho Hentman representava um industrial

alemão; vestia um terno azul tipo jaquetão e explicava à junta de diretores de que maneira as novas charruas autônomas, que estavam sendo produzidas por seu cartel, poderiam ser utilizadas na guerra. Quatro charruas se transformavam em uma só unidade quando houvesse sinal de hostilidade; a unidade não consistiria em uma charrua maior, mas em um lançador de misseis. Coelho procedia às explicações com seu sotaque acentuado, situando-as como importantes aquisições, acompanhado das risadinhas de Feld.

— Não disponho de muito tempo, Sr. Feld — observou Mary energicamente.

Relutante, Feld desligou o videoteipe, virando-se para ela — Mostrei os roteiros a Coelho. Ele está interessado. O humor de seu marido é limitado e não muito imaginativo, mas autêntico. É o que certa vez...

— Sei de tudo isso — cortou Mary — Tive de ouvir roteiros de programação durante anos; ele sempre os submetia a mim — Fumava ansiosamente, parecendo tensa — Bem, o senhor acha que Coelho poderia aproveitá-los?

— Não chegaremos a parte alguma — argumentou Feld — até que seu marido se encontre com Coelho; não adianta...

A porta do escritório abriu, entrando Coelho Hentman.

Aquela era a primeira vez que Mary via o famoso comediante de TV pessoalmente; estava curiosa: seria ele muito diferente de sua imagem pública? Decidiu que era um pouco mais baixo e bem mais velho do que na televisão; apresentava um começo de calvície e parecia cansado. Em verdade, na vida real Coelho parecia um assustado vendedor de drogas da Europa Central, vestindo um terno amarrotado, não muito bem barbeado, os cabelos ralos desordenados e — completando a impressão — fumava os restos de um charuto. Por outro lado, havia os olhos... Irradiavam sagacidade, mas também ternura. Mary pôs-se de pé, de frente para ele. Na televisão, a força de seu olhar diluía-se. Não irradiavam somente inteligência; possuíam um algo mais, uma percepção de... ela não sabia o quê. E...

Havia uma aura em torno de Coelho, uma aura de sofrimento. O rosto, o corpo pareciam tomados pelo sofrimento. Sim, ela pensou, é isso que transparece em seu olhar. A lembrança de mágoa muito antiga, mas ainda não esquecida — e jamais seria. Fora concebido, colocado no planeta, para sofrer; não admira ser ele um grande comediante. Para Coelho, a comédia era uma luta, uma batalha contra a realidade da dor física literal; consistia em reação de força descomunal — e eficaz.

— Bem — apresentou Jerry Feld — esta é a Dra. Mary Rittersdorf; o marido dela escreveu aqueles programas para robôs da CIA que mostrei a você quinta-feira passada.

O comediante estendeu a mão; Mary cumprimentou-o e esboçou: — Sr. Hentman...

— Por favor — atalhou o comediante — Este não passa de meu nome profissional. Meu nome verdadeiro, com o qual fui batizado, é Sanguoleonino Real. Naturalmente, tive de mudá-lo; quem consegue entrar para o *show-biz* chamando-se Sanguoleonino Real? Pode me chamar Sanguoleonino ou Sangue simplesmente; o Jer aqui me apelidou de LêLê Real — é uma marca de intimidade — acrescentou, ainda retendo a mão de Mary entre as dele — E se existe uma coisa que me agrada em uma mulher é a intimidade.

— LêLê Real — esclareceu Feld — é o seu endereço por cabo; você confundiu novamente.

— É isso — Hentman soltou a mão de Mary — Bem, Frau Doktor Rattenfänger...

— Rittersdorf — corrigiu Mary.

— Rattenfänger — disse Feld — É o nome em alemão para apanhador de ratos. Olha, Coelho, não cometa um erro desses novamente.

— Desculpe — redimiou-se o comediante — Escute, Frau Doktor Rittersdorf. Por favor diga-me alguma coisa agradável; posso fazer uso disso. Imploro a atenção de mulheres bonitas; é o garotinho que existe em mim — Sorriu, contudo o rosto — particularmente os olhos — ainda continha a dor e a mágoa do mundo, o peso de um fardo milenar — Vou contratar seu marido se puder vê-la de vez em quando. Se ele perceber o *verdadeiro* motivo do negócio, o que diplomatas chamam “*protocolos secretos*”... — Para Jerry Feld, disse: — E você sabe como meus protocolos têm me dado trabalho ultimamente.

— Chuck alugou um co-ap decadente na costa oeste — explicou Mary — Vou anotar o endereço — Prontamente, tomou papel e caneta e escreveu — Diga-lhe que você precisa da colaboração dele; diga...

— Mas não preciso dele — contrapôs Coelho Hentman calmamente.

Mary indagou, cautelosa: — O senhor não poderia ir vê-lo, Sr. Hentman? Chuck é dono de talento único. Temo que, sem incentivo...

Mordendo o lábio inferior, Hentman completou: — Você teme que ele não faça uso deste talento, que se perderá.

— isso mesmo — assentiu.

— Mas o talento é dele. Cabe a ele decidir.

— Meu marido — insistiu Mary — precisa de ajuda — Eu deveria ter imaginado isto, pensou. Meu trabalho é compreender as pessoas. Chuck é o tipo dependente e infantil; tem que ser empurrado e guiado para progredir. Caso contrário, vai apodrecer naquele co-ap apertado e velho que alugou. Ou então vai se jogar pela janela. Este trabalho, Mary decidiu, é sua única salvação. Embora ele seja o último a admiti-lo.

Olhando-a ardentemente, Hentman propôs: — Posso fazer um trato com a

senhora, Dra. Rittersdorf?

— Que... que espécie de trato? — Correu os olhos para Feld; o rosto deste permaneceria impassível, como se houvesse se retirado da situação; como uma tartaruga.

— Simplesmente ver a senhora de vez em quando — fez Hentman — Mas não a negócios.

Não vou estar aqui. Vou trabalhar para a Interplanetária; permanecerei no sistema Alfa durante meses, quem sabe anos — O pânico a invadirá.

— Então nada de emprego para o seu maridinho — finalizou Hentman.

Feld indagou: — Quando a senhora viaja, Dra. Rittersdorf?

— Imediatamente — respondeu Mary — Daqui a quatro dias. Tenho de fazer as malas, providenciar para que as crianças...

— Quatro dias — considerou Hentman, pensativo. Continuava a olhá-la de cima a baixo — A senhora e seu marido estão separados? Jerry me disse...

— Estamos — redarguiu Mary — Chuck já se mudou para outro local.

— Jante comigo esta noite — insistiu Hentman — E nesse meio tempo eu darei uma passada no co-ap de seu marido, ou mando alguém da minha equipe. Ofereceremos a ele seis semanas de experiência... prepará-lo para começar a escrever roteiros. Que tal?

— Não há inconveniente em jantar com o senhor — fez Mary — Mas...

— Isto é tudo — assegurou Hentman — Só um jantar. No restaurante de sua preferência, em qualquer parte dos Estados Unidos. Agora, se acontecer mais alguma coisa... — Sorriu.



Após regressar da costa oeste de táxi a jato, Mary viajou de monotrilha urbano até o centro de São Francisco, onde se localizava a Interplanetária, agência com que tratara de seu novo emprego, altamente desejável.

Em pouco tempo viu-se ascendendo em um elevador; a seu lado, um rapaz elegante e bem vestido, um funcionário de Relações Públicas, cujo nome, segundo apreendera, era Lawrence McRae.

Disse McRae: — Um bando de repórteres dos jornais locais estão à espera, e eis aí o que eles vão atirar em cima da senhora: Vão insinuar, e tentar obter confirmação, de que este projeto terapêutico não passa de um pretexto para a Terra adquirir a lua Alfa III M2. Que vamos para lá basicamente com o objetivo de restabelecer uma colônia, reivindicá-la, desenvolvê-la e então enviar colonos.

— Mas ela nos pertencia antes da guerra — argumentou Mary — Senão, como poderia ter sido utilizada como hospital de base?

— É verdade — aquiesceu McRae. Saíram do elevador, atravessaram um corredor — Mas nenhuma nave terrestre visitou-a em vinte e cinco anos, e, legalmente falando, este fato anula nosso direito à lua. Há cinco anos a lua reverteu à situação de autonomia político-jurídica. Entretanto, se pousarmos e restabelecermos um hospital de base, com técnicos, médicos, terapeutas e tudo que for necessário, poderemos reivindicar nossos direitos novamente — se os habitantes não o tiverem reclamado, o que com certeza não fizeram. Certamente eles ainda estão se recuperando dos efeitos da guerra; é uma possibilidade. Ou eles podem ter explorado a lua e chegado à conclusão de que não é isso que desejam, pois a ecologia é demasiado diversa da biologia humana. Por aqui — Manteve uma porta aberta para que ela entrasse, encontrando-se frente a repórteres dos jornais locais, uns quinze ou dezesseis, alguns munidos de câmeras.

Respirando fundo, encaminhou-se para o atril indicado por McRae, equipado com um microfone.

Falando ao microfone, McRae iniciou a coletiva: — Senhoras e senhores, esta é a Dra. Mary Rittersdorf, a renomada orientadora matrimonial do condado de Marin e que, como sabem, ofereceu voluntariamente seus serviços para este projeto.

De pronto um repórter indagou, calmamente: — Dra. Rittersdorf, como se chama este projeto? Projeto psicótico? — Os outros repórteres desataram a rir.

Foi McRae quem respondeu: — O nome por nós utilizado é *Operação Cinquenta Minutos*.

— Para onde irão os doentes na lua quando vocês os pegarem? — perguntou outro repórter — Talvez vocês possam varrê-los para debaixo do tapete, não é mesmo?

Mary respondeu ao microfone: — Inicialmente realizaremos pesquisas, com o objetivo de esquadrihar a situação. Já sabemos que os pacientes — ao menos alguns deles — e sua progenitura estão vivos. Não fingimos saber a viabilidade da sociedade por eles formada. Imagino que essa sociedade não seja efetivamente viável, exceto considerando-se o sentido estritamente literal de que eles se mantêm vivos. Tentaremos uma terapia corretiva junto àqueles que oferecerem possibilidades. Sem dúvida as crianças são os que mais nos preocupam.

— Quando espera chegar em Alfa III M2, doutora? — indagou um repórter. As câmeras instantâneas trabalhavam, zunindo como insetos ao longe.

— Acho que dentro de duas semanas — disse Mary.

— A senhora não está sendo paga por este trabalho, não é, doutora? — perguntou outro repórter.

— Não.

— Então, a senhora está convencida de que esta tarefa visa o bem comum? É uma causa?

— Bem — hesitou Mary — O trabalho...

— Portanto, a Terra se beneficiará com nossa intromissão nessa civilização de ex-pacientes de instituições para doentes mentais? — A voz do repórter era insistente.

Mary voltou-se para McRae em busca de auxílio — O que devo dizer?

McRae respondeu ao microfone: — Esta não é a área da Dra. Rittersdorf; ela é uma psicóloga graduada e não um político. Ela se recusa a responder.

Um jornalista alto, magro, experiente, levantou-se e inquiriu, a fala arrastada — Já ocorreu à Interplanetária simplesmente deixar esta lua em paz? A tratar a cultura deles como outra qualquer, respeitando seus valores e costumes?

Mary respondeu, hesitante: — Ainda não sabemos o suficiente. Talvez quando obtivermos mais informações... — Interrompeu-se, atrapalhada — De qualquer maneira, aquela não é uma verdadeira cultura — argumentou — Não possui tradição. É uma sociedade composta de indivíduos mentalmente deficientes, e a prole gerada há menos de vinte e cinco anos... Não se pode compará-la a, digamos, culturas como a da matéria viscosa ou dos Jônios. Que valores os doentes mentais podem desenvolver? E em tão curto espaço de tempo.

— Mas a senhora mesmo disse — contrapôs o repórter — que neste momento não sabe nada a respeito deles. A partir do que conhece...

McRae, falando ao microfone, interrompeu-o bruscamente: — Caso eles tenham desenvolvido alguma espécie de cultura estável e viável, nós os deixaremos em paz. Mas esta decisão cabe a especialistas como a Dra. Rittersdorf, e não a você ou a mim ou à opinião pública americana. Francamente achamos que não há nada mais potencialmente explosivo do que uma sociedade na qual os psicóticos dominam, definem os valores, controlam os meios de comunicação. Um número quase infinito de problemas pode advir a partir daí — um culto religioso inédito e fanático, uma concepção de estado paranoica e nacionalista, a destruição bárbara de tipo maníaco — estas possibilidades por si só já justificam nossa investigação em Alfa III M2. Este projeto é uma defesa de nossas próprias vidas e valores.

Os repórteres permaneceram em silêncio, visivelmente convencidos com a exposição de McRae. Com a qual Mary certamente concordou.

Mais tarde, ao deixarem a sala, Mary indagou: — O motivo é realmente este?

Fitando-a, McRae afirmou: — Você quer dizer, se estamos indo para Alfa III M2 porque temos as consequências para nós de um enclave social de perturbados mentais, pois uma sociedade enlouquecida como essa nos deixa apreensivos? Acho que qualquer razão é suficiente; Para a senhora com certeza deve ser.

— Não devo perguntar? — Encarou o jovem funcionário elegante — Devo limitar-me a...

— Deve limitar-se a realizar sua tarefa terapêutica e basta. Não disse à senhora como curar pessoas doentes; por que a senhora deveria me dizer como solucionar um problema político? — Olhou-a friamente — No entanto, fornecerei mais um motivo para a Operação Cinquenta Minutos em que talvez a senhora não tenha pensado. É perfeitamente possível que em vinte e cinco anos uma sociedade de doentes mentais possa ter adquirido ideias tecnológicas de que possamos fazer uso, especialmente os maníacos — a classe mais ativa — Pressionou o botão do elevador — Acredito que eles sejam inventivos. Assim como os paranoicos.

Mary prosseguiu: — Isto explica por que a Terra ainda não havia enviado alguém? Vocês queriam ver como as ideias deles se desenvolviam?

McRae aguardava a chegada do elevador; não respondeu. Ele parecia, decidiu Mary, completamente seguro de si. E isto, até onde ia o conhecimento de psíquicos, era um erro. Provavelmente um erro grave.

Quase uma hora depois, quando ela estava voltando à casa no condado de Marin para terminar de fazer as malas, percebeu a contradição fundamental na posição do governo. Em primeiro lugar, eles estavam investigando a sociedade de Alfa III M2 porque temiam fosse ela letal, e então pretendiam devassá-la para descobrir se eles haviam desenvolvido algo produtivo. Há quase um século Freud demonstrara que tal lógica dupla encerrava a dubiedade; em um fato real, cada proposição anulava a outra. O governo simplesmente não podia basear-se nos dois motivos.

A psicanálise provou que, normalmente, quando são dadas duas razões que se contradizem mutuamente para uma mesma atitude, a verdadeira razão subjacente não reside em nenhum daqueles dois motivos mas em um terceiro, do qual a pessoa — ou, neste caso, o grupo de funcionários públicos — não estava consciente.

Assim sendo, considerou, qual seria o verdadeiro motivo?

De qualquer maneira, o projeto para o qual oferecera seus serviços voluntariamente não mais lhe parecia tão idealista e livre de propósitos ulteriores.

Incluía claramente que, qualquer que fosse a verdadeira motivação do governo,

seria egoísta e inflexível.

Além dessa, ainda carregava outra suspeita.

Provavelmente ela jamais saberia a razão verdadeira.



Estava absorvida na tarefa de arrumar os incontáveis suéteres quando, subitamente, percebeu não estar sozinha. Dois homens estavam de pé no limiar da porta; Mary voltou-se rapidamente, pondo-se de pé.

— Onde está o Sr. Rittersdorf? — inquiriu o homem mais velho, estendendo uma identificação de cor negra; os dois homens, ela viu, pertenciam ao escritório do marido, a filial de São Francisco da CIA.

— Ele se mudou — respondeu — Vou lhes dar o endereço.

— Recebemos uma informação — disse o homem mais velho — de alguém não-identificado, de que seu marido estaria planejando suicídio.

— Ele sempre está — disse ela, enquanto anotava o endereço do pardieiro onde Chuck agora morava — Eu não me preocuparia com ele; está cronicamente doente, mas não completamente morto.

O mais velho da CIA encarou-a com fria hostilidade: — Suponho que a senhora e o Sr. Rittersdorf estão se separando.

— É verdade. Se for da sua conta — Ofereceu-lhe um sorriso breve e profissional — Bom, posso continuar fazendo as malas?

— Nosso escritório — explicou o homem da CIA — costuma oferecer uma certa proteção a seus empregados. Caso seu marido cometa suicídio, se procederá a investigação para determinar em que medida a senhora está envolvida — acrescentou — E em vista de sua condição de conselheira matrimonial, seria bastante embaraçoso, não?

Após um instante, Mary respondeu: - É, acho que sim.

O homem mais jovem da CIA disse: — Considere esta visita como um simples aviso informal. Vá com calma, Sra. Rittersdorf; não pressione seu marido. Compreende? — Os olhos congelados pareciam não ter vida.

Ela assentiu. E estremeceu.

— Enquanto isso — disse o mais velho — se ele aparecer aqui, diga-lhe para telefonar. Ele recebeu três dias de folga, mas gostaríamos de falar com ele — ambos deixaram o recinto pela porta da frente.

Mary voltou-se para as malas, soltando um suspiro de alívio agora que os dois homens da CIA haviam saído.

A CIA não vai me dizer o que fazer, disse para si mesma. Farei o que me aprouver para meu marido. Farei o que quiser. Eles não vão proteger você, Chuck, mencionou para si mesma enquanto arrumava suéter após suéter, pressionando-os selvagememente para dentro da mala. Na verdade, considerou de si para si, vai ser pior para você tê-los envolvido; portanto, fique preparado.

Rindo, ela pensou: seu molenga amedrontado. Achou que tinha sido esperto tentando intimidar-me com seus dois capangas. *Você* pode ter medo deles, mas eu não. Eles não passam de tiras estúpidos e lerdos.

Enquanto arrumava a mala, brincou com a ideia de chamar seu advogado e relatar-lhe a tática de pressão da CIA. Não, decidiu, não farei isso; vou aguardar até que a ação do divórcio seja levada ao juiz Brizzolara. Aí então, utilizarei este fato como evidência; ele vai demonstrar o tipo de vida que fui forçada a levar, casada com tal homem. Frequentemente exposta aos incômodos da polícia. E ameaçada por tentar ajudá-lo a arranjar emprego.

Alegremente, colocou o último suéter na valise, fechou-a e com um movimento rápido dos dedos, trancou-a.

Pobre Chuck, disse para si, você não terá chances quando eu o levar ao tribunal. Nunca vai saber o que o atingiu; vai pagar pelo resto da vida. Enquanto viver, querido, não se livrará de mim; sempre vou custar algo a você.

Começou a dobrar os inúmeros vestidos com cuidado, colocando-os no enorme baú provido de cabides especiais.

Isto tudo vai custar caro, disse para si mesma, mais do que você possa pagar.



Capítulo 4

Em um tom de voz suave e hesitante, a garota na soleira da porta apresentou-se: — Ahn, meu nome é Joan Trieste. O Lorde Gosma Veloz me disse que você acabou de se mudar para este apartamento — Os olhos dela corriam de Chuck Rittersdorf para o apartamento — Você ainda não trouxe nenhum dos seus pertences, não? Posso ajudar? Posso colocar as cortinas e limpar as prateleiras na cozinha, se quiser.

Chuck declinou o oferecimento: — Obrigado, mas estou bem assim — Ocorreu-lhe que fora a matéria viscosa o autor disso, requisitando essa garota.

Ela ainda não chegara aos vinte anos, decidiu ele; os cabelos caíam em uma massa compacta sobre os ombros, amarrados por uma fita, sem uma coloração específica, cabelos bem comuns. Ela possuía a pele branca, demasiado pálida. E pareceu-lhe que o pescoço era muito comprido. Não se poderia considerá-la uma garota realmente atraente, apesar de ser pelo menos esbelta. Joan Trieste vestia calças de um tom escuro coladas à pele, além de chinelos e uma camisa de corte masculino; ao que parecia, não estava usando sutiã, como ditava a moda; entretanto, os seios não passavam de círculos escuros e planos, sob o algodão sintético branco da camisa; ela não tinha meios — ou não fazia questão — para a operação de dilatação atualmente em voga. Ocorreu-lhe então que ela era pobre. Possivelmente estudante.

— Lorde Gosma Veloz — ela explicou — é de Ganimedes; mora no ap em frente — sorriu de leve; Chuck entreviu dentes brancos e pequenos, bem formados e sem irregularidades. Quase perfeitos, para falar a verdade.

— Eu sei — observou Chuck — Ele deslizou por baixo da porta há mais ou menos uma hora — E acrescentou: — Disse que ia mandar alguém. Parece que ele pensou...

— É verdade que você tentou se matar?

Ele deu de ombros, após um curto intervalo: — A matéria viscosa achou que sim.

— Você tentou. Agora posso afirmar com certeza; está em você — Passou por ele e entrou no ap — Eu sou... você sabe. Uma psi.

— Que espécie de psi? — Deixou a porta da sala aberta, dirigindo-se ao maço de Pall Mall e acendendo um cigarro — Existem psis de todos os tipos. Desde os que podem mover montanhas até aqueles que somente...

Joan interrompeu-o — Posso poderes bastante limitados, mas olha: — Voltando-se, levantou a gola da camisa — Vê o meu botão? Membro autêntico da

Corporação Psi da América — Explicou: — Posso fazer o tempo retroceder. Em uma área circunscrita, digamos de 3,5 por 2,70 m, aproximadamente o tamanho desta sala. Até um período de cinco minutos — sorriu, e novamente ele admirou-lhe os dentes. Eles transformavam o rosto da garota, tornando-o belo; quando sorria, era agradável observá-la, e a Chuck pareceu que esta característica dizia algo sobre ela. A qualidade da beleza emanava do interior; por dentro ela era adorável e Chuck percebeu que, ao longo dos anos, conforme fosse ficando mais velha, essa beleza se exteriorizaria gradativamente, influenciando a aparência externa. Por volta dos trinta, trinta e cinco anos, ela brilharia. Agora, não passava de uma criança.

— Essa aptidão é útil? — indagou.

— Possibilita um uso limitado — empoleirando-se no braço do sofá arcaico estilo dinamarquês, enfiou os dedos nos bolsos das calças apertadas e explicou: — Trabalho para o Departamento de Polícia Ross; eles me chamam no momento em que ocorrem acidentes de trânsito graves e — você vai achar graça, mas realmente funciona — eu retorno o tempo até antes do acidente ou, se estiver atrasada, se já tiverem se passado mais de cinco minutos, às vezes posso trazer de volta a pessoa que acabou de morrer. Entendeu?

— Entendi — fez ele.

— Não pagam muito bem. E, o que é pior, tenho que estar à disposição vinte e quatro horas por dia. Eles me avisam no co-ap e vou de jato saltador de alta velocidade até o local. Olha só — Virou a cabeça, apontando para a orelha direita; Chuck distinguiu um pequeno cilindro curto e grosso embutido na orelha da garota. Percebeu que era um receptor da polícia — Estou sempre sintonizada. Quer dizer, não levo mais do que alguns segundos em locomoção, é claro; posso ir a restaurantes, teatros e casas de outras pessoas, mas...

— Bem — contrapôs ele — Talvez algum dia você possa salvar minha vida — Ficou pensando: se eu tivesse pulado, você poderia ter me forçado a voltar à existência novamente. Que grande serviço...

— Já salvei muitas vidas — Joan ergueu a mão — Você pode me dar um cigarro?

Ele lhe ofereceu um, acendendo-o, sentindo-se, como sempre, culpado pelo esquecimento.

— O que você faz? — inquiriu Joan.

Relutante, não porque fosse confidencial, mas sim porque o trabalho conferia um *status* inferior na escala da consideração pública, descreveu sua função na CIA. Joan Trieste ouviu com atenção.

— Então, você ajuda a evitar que o governo caia — concluiu ela, com um sorriso de prazer — Que maravilha.

Encantado, Chuckesboçou um “obrigado”.

— É verdade. Imagine só — neste exato momento centenas de simulacros em todo o mundo comunista estão proferindo as suas palavras, detendo pessoas nas esquinas e nas florestas... — Os olhos brilhavam — E tudo que eu faço é ajudar o Departamento de Polícia Ross.

— Existe uma lei — explicou Chuck — à qual eu chamo Terceira Lei Rittersdorf de Redução de Retornos, que estabelece a proporcionalidade entre o tempo de trabalho e a redução progressiva da importância que você confere a esse trabalho — Retribuiu o sorriso; o fulgor nos olhos dela, o brilho dos dentes alvos faziam-no sorrir com facilidade. Começava a esquecer a disposição desesperada e lúgubre de pouco tempo atrás.

Joan perambulou pelo ap — Você vai trazer muitos objetos pessoais para cá? Ou vai viver assim mesmo? Ajudarei a decorar o ap, e Lorde Gosma Veloz também, na medida do possível. No final do corredor mora uma forma de vida de metal liquefeito de Júpiter, chamado Edgar; nestes últimos dias ele está hibernando, mas quando voltar à vida vai querer lançar-se ao trabalho. E no ap à esquerda existe um pássaro mágico de marte; sabe, com aquela plumagem multicolorida... Não tem mãos, mas consegue mover objetos através da psicocinética; vai oferecer auxílio, exceto hoje, pois está em incubação; encontra-se dentro de um ovo.

— Meu Deus! — exclamou Chuck — Que edifício poligenético — Estava um tanto atordoado ao ouvir todas aquelas informações.

— Além desses — completou Joan — no andar de baixo mora uma preguiça de Calisto; permanece toda enrolada em torno de um abajur que consiste em mobília padrão nestes co-aps... de cerca de 1960. Ela deverá despertar assim que o sol se puser; aí ela vai sair para comprar comida. E a matéria viscosa, que você já conhece — Deu uma tragada vigorosa — ligeiramente inexperiente — no cigarro — Gosto daqui; você entra em contato com todas as espécies de formas viventes. Antes de você, morava um habitante de Vênus neste ap. Certa vez, salvei a vida dele; ele tinha ressecado... eles têm que manter-se úmidos, você sabe. O clima aqui do Condado de Marin era demasiado seco para ele; por fim, mudou-se para o norte, Oregon, onde chove o tempo todo — Voltou-se e estacou, observando-o — Você parece estar cheio de problemas.

— Nenhum problema real. Só os imaginários. O tipo evitável — Problema que eu poderia ter evitado; se tivesse usado a cabeça, não teria me envolvido, e jamais casaria com ela.

— Qual o nome de sua esposa?

Surpreso, respondeu: — Mary.

— Não se mate porque ela o deixou — aconselhou Joan — Em poucos meses ou até mesmo semanas, vai estar inteiro novamente. Agora você se sente como a metade de um organismo que se dividiu em dois. A fissão binária sempre traz

mágoa; sei disso devido a um protoplasma que morava aqui... ele sofria a cada divisão, mas ele tinha que se dividir, tinha que crescer.

— Acho que crescer machuca — Dirigiu-se para a janela envidraçada, observando mais uma vez as passarelas de pedestres, os veículos e jatos saltadores lá embaixo. Chegara tão perto...

— Não é ruim viver aqui — comentou Joan — Falo com conhecimento de causa. Já vivi em vários lugares. É claro que todo mundo no Departamento de Polícia Ross conhece os co-aps descartáveis — acrescentou com sinceridade — Tem sempre muitos problemas por aqui, pequenos roubos, brigas e até um homicídio. Não é um lugar calmo, dá para reparar.

— E mesmo assim...

— E mesmo assim acho que você devia ficar. Vai ter companhia. Especialmente à noite, as formas não-terrestres que moram aqui começam a circular, como você logo perceberá. E o Lorde Gosma Veloz é um grande amigo; já ajudou muita gente. Os Ganimedes possuem uma virtude que São Paulo chamava caridade... e lembre-se, São Paulo afirmou que a caridade era a maior de todas as virtudes — Acrescentou: — Acho que a palavra atual para esta virtude seria empatia.

Alguém abriu a porta do co-ap. Chuck voltou-se no mesmo instante. E viu dois homens que conhecia muito bem. Seu chefe, Jack Elwood, e seu colaborador na elaboração de roteiros, Pete Petri. Ao vê-lo, ambos mostraram-se aliviados.

— Com os diabos — proferiu Elwood: — Acharmos que era tarde demais. Passamos em sua casa, pensando que talvez estivesse lá.

Disse Joan Trieste, dirigindo-se a Elwood: — Sou do Departamento de Polícia Ross. Posso ver seus documentos, por favor? — A voz era fria.

Elwood e Petri apresentaram maquinalmente a identificação da CIA, interpelando Chuck — O que a polícia municipal está fazendo aqui?

— É uma amiga — explicou Chuck

Elwood deu de ombros; obviamente não pretendia pressioná-lo para obter mais detalhes — Você não podia ter arranjado um ap melhor? — Analisou a sala — Este lugar fede, literalmente.

— É temporário — justificou-se Chuck, embaraçado.

— Não se arruine — aconselhou Pete Petri — E quanto aos dias de licença, bem. É melhor você não ficar aqui pensando besteira — Encarou Joan Trieste, considerando, sem disfarçar, se ela teria interferido na tentativa de suicídio. No entanto, ninguém elucidou sua dúvida — Portanto, você volta conosco para o trabalho? Tem um monte de coisas para você fazer; ao que parece, vai passar a noite lá.

— Obrigado — disse Chuck — Mas tenho que fazer a mudança das minhas coisas. Preciso decorar o ap, pelo menos o mínimo — ainda sentia necessidade de ficar sozinho, com a mesma intensidade com que apreciara as boas intenções deles. Era um instinto, arrastar-se para dentro da toca, esconder-se; era hereditário.

Joan Trieste afirmou, dirigindo-se aos dois homens da CIA: — Posso ficar com ele, pelo menos por enquanto. A não ser que eu tenha alguma chamada de emergência. Geralmente sou chamada por volta de uma da manhã, quando o comutador de tráfego entra em funcionamento. Mas até lá...

— Escuta aqui — interrompeu Chuck bruscamente.

Os três se voltaram, curiosos, em direção a ele.

— Se uma pessoa quer se matar — disse — *vocês não podem impedi-la*. Talvez consigam retardar o ato. Talvez uma psi como Joan possa trazê-lo de volta. Mas, mesmo atrasado, ele realizará seu desejo, mesmo que seja ressuscitado, vai arranjar um jeito de repetir a tentativa. *Portanto, deixem-me em paz* — Estava cansado — às quatro horas tenho um compromisso com meu advogado — tenho muito o que fazer. Não posso perder tempo aqui conversando.

Consultando o relógio, Elwood ofereceu: — Nós podemos dar uma carona até o seu advogado. Pelo menos isso — Esboçou um rápido sinal em direção a Petri.

Chuck prometeu a Joan: — Talvez nos vejamos de novo. Qualquer dia — Sentia-se fatigado demais para preocupar-se com isso — Obrigado — esboçou, vagamente. Não sabia ao certo o que estava agradecendo.

Com cuidadosa insistência, Joan avisou: — Lorde Gosma Veloz está no ap dele e consegue captar os seus pensamentos; se tentar se matar novamente, ele vai ouvir e interferir. Portanto, se pretende...

— Certo — cortou Chuck — Não tentarei aqui — Encaminhou-se para a porta com Elwood e Petri ladeando-o; Joan seguiu-os.

Chegando ao corredor, percebeu que a porta da matéria viscosa estava aberta. A extensa massa amarelada ondulava em saudação.

— Obrigado a você também — agradeceu Chuck, um tanto irônico, afastando-se junto aos dois colaboradores da CIA.



Enquanto seguiam de carro para o escritório de Nat Wilder em São Francisco, Jack Elwood comentou: — Nesta *Operação Cinquenta Minutos*, requisitamos a inclusão de um homem nosso no grupo de pouso inicial; requisição de rotina que evidentemente foi acatada — Olhou pensativo em direção a Chuck — Acho que neste caso vamos fazer uso de um simulacro.

Chuck Rittersdorf meneou a cabeça preguiçosamente. Fazia parte do procedimento padrão utilizar um simulacro em projetos envolvendo grupos potencialmente hostis; o orçamento operacional da CIA não era dos mais vastos, e a instituição não gostava de perder seus homens.

— Na verdade — explicou Elwood — o simulacro foi construído pela General Dynamics de Palo Alto; já está pronto em nosso escritório. Seria bom você se dar ao trabalho de dar uma olhada — Examinou uma pequena nota retirada do bolso da casaca — O nome é Daniel Mageboom. Vinte e seis anos. Anglo-saxão. Graduado em Stanford, com especialização em Ciência Polivalente. Durante um ano lecionou no Estado de São José, e então veio trabalhar na CIA. Isto é o que diremos oficialmente; seremos os únicos a saber que ele é um simula colhendo dados para nós — E concluiu: — Até agora ainda não decidimos quem vamos encaixar como operador definitivo de Dan Mageboom. Talvez Johnstone.

— Aquele idiota — discordou Chuck. Um simula podia funcionar de maneira autônoma até certo ponto, mas em uma operação desse tipo exigiam-se muitas decisões; se fosse deixado sozinho, Dan Mageboom logo revelaria ser um artefato mecânico. Caminharia e falaria. Contudo, quando chegasse o momento de decidir planos de ação, aí um bom operador, acomodado em segurança no primeiro andar do edifício da CIA em São Francisco, assumiria o controle.

Enquanto estacionavam no campo de pouso no terraço do escritório de Nat Wilder, Elwood comentou, pensativo: — Sabe, Chuck, estive pensando, e você bem que poderia assumir o controle de Danny. Como você disse, Johnstone não é o melhor.

Chuck olhou para ele tomado de surpresa — Por quê? Não é minha função — A CIA dispunha de um corpo de homens treinados para a animação de simulacros.

— Fica como um favor para você — disse Elwood lentamente, contemplando o trânsito aéreo engarrafado da tarde, elevando-se sobre a cidade como uma camada de fumaça — Assim você poderia estar com sua mulher.

Após um intervalo, Chuck respondeu: — De jeito nenhum.

— Então vigie-a.

— Para quê? — Acometera-o uma raiva desconcertada. Sentia-se ultrajado.

— Sejamos realistas — sugeriu Elwood — Para os psi da CIA, é óbvio que você ainda está apaixonado por ela. E nós precisamos de um operador em tempo integral para Dan Mageboom. Petri pode encarregar-se dos roteiros durante algumas semanas; pegue este trabalho, veja só o que acha e se não gostar, deixe-

o e volte aos roteiros. Céus, há anos você programa simulacros; vai ser bom trabalhar com controle remoto... Vou inscrever você. E você vai estar na mesma aeronave de Mary, vai pousar em Alfa III M2 ao mesmo tempo...

— Não — repetiu Chuck. Abriu a porta do carro, desceu no campo de pouso — Vejo vocês mais tarde; obrigado pela carona.

— Você sabe muito bem — alertou Elwood — eu podia ordenar que você assumisse o controle. E eu faria isto, se achasse que seria para o seu bem. E pode perfeitamente ser. Os meus planos são esses: vou pegar o dossiê do FBI sobre sua mulher e examiná-lo. Dependendo do tipo de pessoa que ela for... — Esboçou um gesto — Vou decidir a partir disso.

— Que tipo de pessoa ela poderia ser — observou Chuck — para que fosse necessário espioná-la através de um simulacro da CIA?

Elwood respondeu: — Uma mulher que mereça que você volte para ela — Fechou a porta do carro; Petri ligou o motor e o veículo disparou rumo ao entardecer. Chuck observou-os subir.

Pensamento típico da CIA, disse cáustico para si mesmo. Bom, a essa altura eu já devia estar acostumado.

Mas Elwood estava certo em uma coisa. Ele de fato programara inúmeros simulacros — e com retórica calculadamente persuasiva. Se assumisse o controle deste simulacro, poderia não só dirigir Dan Mageboom, ou seja lá qual for nome dele, com sucesso, como também — o que o fez estacar — poderia transformar o simulacro em um instrumento delicadamente regulado, uma máquina que dominaria, enganaria, e, sim, até corromperia aqueles em torno dele. O próprio Chuck não conseguiria ser tão eloquente; Somente através de seu engenho realizaria o seu intento.

Nas mãos de Chuck, Dan Mageboom poderia realizar muita coisa ao lado de Mary. E ninguém percebera isto melhor do que seu chefe, Jack Elwood. Não admira que Elwood tenha feito esta sugestão.

Por outro lado, a tarefa apresentava um caráter potencialmente sinistro, que o repugnava; relutou, intuindo a torpeza daquele ato.

No entanto, não conseguia simplesmente deixar a ideia de lado; as coisas — a própria vida, a existência na Terra — não eram assim tão simples.

Talvez a solução repousasse em alguém a quem pudesse confiar a guarda do simulacro. Petri, por exemplo. Alguém que pudesse zelar por seus interesses.

Aí pensou: afinal quais são meus interesses?

Desceu a rampa interna mergulhado em reflexões. Pois uma nova ideia, não sugerida por seu patrão Jack Elwood, surgira sem mais nem menos em sua mente.

Pensou: existe algo que eu poderia fazer em tais circunstâncias. Um simulacro da CIA com Mary em uma lua distante de outro sistema solar... entre os membros psicóticos de uma sociedade enlouquecida. Algo que passaria despercebido nestas circunstâncias tão excepcionais.

Não podia discutir aquela ideia com qualquer um, na verdade enfrentou dificuldades em expressá-la para si mesmo. Mesmo assim, ela se mostrava mais vantajosa que o suicídio, e este ele já estivera prestes a cometer.

Em tais circunstâncias, conseguiria matá-la, considerou para si mesmo. Por meio do artefato da CIA, ou melhor, da General Dynamics. Legalmente, teria razoáveis chances de absolvição, já que um simulacro operado àquela distância frequentemente age por si mesmo; os circuitos autônomos em geral tem precedência sobre as instruções a longa distância do controlador. De qualquer maneira, valia a pena tentar. No tribunal, alegaria que o simulacro agira por conta própria; e posso confiscar uma infinidade de relatórios técnicos provando que simulacros normalmente agem dessa forma... A história das operações da CIA é repleta de tais mançadas em momentos caóticos.

Vai ser difícil a acusação conseguir provar que fui eu quem instruiu o simulacro.

Dirigiu-se até a porta de Nat Wilder; esta abriu e ele entrou, ainda em meio a reflexões.

Podia ser uma boa ideia ou não; sem dúvida os méritos da questão estavam abertos a discussão — somente a nível moral, se não mesmo a nível prático. De qualquer jeito, era o tipo de ideia que, uma vez considerada, não costumava desaparecer; como uma ideia fixa que tomara seu pensamento e ali se instalara, impossível de ser anulada.

Não seria de maneira alguma, nem mesmo teoricamente, um “crime perfeito”. Fortes suspeitas imediatamente recairiam sobre ele; o promotor do Estado ou do município — fosse quem fosse o responsável por tais questões — logo perceberia o que ocorrera. Assim como os jornais locais, entre os quais encontravam-se as mentalidades mais sagazes dos Estados Unidos. Entretanto, havia uma grande distância entre suspeitar e provar um crime.

De certa forma, ele poderia ocultar-se por trás da cortina altamente secreta que frequentemente obscurecia as atividades da CIA.

Mais de três anos-luz separavam a Terra do sistema Alfa; uma distância enorme, com certeza descomunal, em condições normais, para se cometer um crime capital. Muitas mensagens de sinais eletromagnéticos atravessando o hiperespaço poderiam perfeitamente ser encaradas como fator determinante. Um bom advogado seria capaz de construir uma excelente defesa baseando-se somente neste detalhe.

E Nat Wilder era um ótimo advogado.



Capítulo 5

Naquela noite, após jantar no restaurante *Blue Fox*, telefonou para o patrão, Jack Elwood.

— Gostaria de ver a criatura que você chama Dan Mageboom — afirmou cauteloso.

Na pequena videotela o rosto do patrão retorceu-se em um sorriso — Certo. Isso é muito fácil — vá para aquele apartamento caindo aos pedaços em que se enfiou, e em um minuto Dan estará lá. Ele está aqui em casa. Lavando a louça na cozinha. O que fez você decidir?

— Nenhum motivo específico — disse Chuck, desligando.

Voltou ao co-ap — à noite, com a iluminação antiga, falha e difusa, a sala tornara-se mais deprimente do que nunca — e sentou-se, à espera de Dan.

Quase no mesmo instante ouviu o som de uma voz no corredor, uma voz masculina perguntando por ele. Em seguida, os pensamentos da matéria viscosa de Ganimedes formaram-se em seu cérebro — Sr. Rittersdorf, tem um homem no corredor procurando pelo senhor; por favor, abra a porta e cumprimente-o.

Dirigindo-se à porta, Chuck abriu-a.

No corredor encontrava-se um homem de meia-idade, baixinho e com uma barriga protuberante, vestindo um terno antiquado — Você é Rittersdorf? — indagou, taciturno — Nossa, que espelunca. E cheio de não-terrestres esquisitos — o que um terrestre está fazendo aqui? — Enxugou o rosto vermelho e suado com um lenço — Sou Coelho Hentman. Você é o roteirista, não? Ou isto aqui é uma loucura completa?

— Sou um pseudo-roteirista — respondeu Chuck. Evidentemente aquilo era obra de Mary; ela queria assegurar-se de que ele receberia uma boa renda para sustentá-la na situação pós-conjugal.

— Como você não me reconheceu? — perguntou Hentman, mal-humorado — Não sou famoso no mundo inteiro? Ou quem sabe você não assiste televisão — Irritado, soltou uma bafurada do charuto — Aqui estou eu. Aqui estou. Você quer ou não trabalhar comigo? Escuta aqui, Rittersdorf — Não estou habituado a sair por aí implorando. Mas o seu trabalho é bom; sou obrigado a admitir. Onde é a sala? Ou vamos ficar plantados aqui no corredor? — Percebeu a porta meio aberta do co-ap de Chuck; no mesmo instante dirigiu-se para lá com passadas largas, entrou no apartamento e desapareceu.

Pensando rápido, Chuck seguiu-o.

Obviamente não era fácil livrar-se de Hentman. Mas para falar a verdade, ele não tinha nada a perder com a presença dele; seria um bom teste para comprovar a eficácia do simulacro Dan Mageboom.

— Não sei se você entendeu — explicou a Hentman, enquanto fechava a porta do ap — que não estou realmente querendo este emprego.

— Eu sei, eu sei — assentiu Hentman — Eu sei, você é um patriota — gosta de trabalhar para a turma dos espões. Escuta — balançou o dedo em direção a Chuck — Posso pagar três vezes mais do que você ganha. Vai ter mais liberdade para escrever. Embora, é claro, eu tenha que dar o retoque final, o que se usa e como se diz exatamente — Examinou horrorizado a sala de estar do co-ap — Que horror.

— Me lembra minha infância no Bronx. Isto é que é pobreza de verdade. O que houve, sua mulher deixou você liso na ação do divórcio? — Os olhos reluziram inteligentes e cheios de compaixão — É, as coisas podem ser ruins, eu sei. Já me divorciei três vezes, e de cada vez me custou os olhos da cara. A lei está com a mulher. A sua mulher, ela é atraente, mas... — Esboçou um gesto — Não sei. Ela é meio fria; entende o que quero dizer? Meio... deliberada. Não invejo você; com uma mulher como aquela, tem que se certificar de não haver vínculo legal entre vocês quando começa a se envolver. Assegure-se de que seja extralegal; sabe, nada além de um caso — Estudou Chuck — Mas você é do tipo casamenteiro; dá para perceber. Você joga limpo. Uma mulher daquelas passa por cima de você com as duas rodas. E faz você se sentir mais desprezível que o cocô do cavalo do bandido.

Ouviram uma pancadinha na porta. Ao mesmo tempo, os pensamentos da matéria viscosa de Ganimedes, Lorde Gosma Veloz, tomavam forma no cérebro de Chuck — Uma segunda visita, Sr. Rittersdorf. Desta vez é um homem mais jovem.

— Desculpe — fez Chuck para Coelho Hentman; dirigiu-se para a porta e abriu-a.

— Quem está exercendo atividade de conversa mental? — Hentman resmungou por trás dele.

Um jovem de rosto inteligente, bem-apegoado e extremamente bem vestido, com as roupas mais em moda da Harding Brothers, apresentou-se: — Sr. Rittersdorf? Chamo-me Daniel Mageboom. O Sr. Elwood pediu-me para passar aqui.

Fora um trabalho bem feito; ele jamais adivinharia. Ao perceber isso, Chuck sentiu-se orgulhoso — Claro — exclamou — Entre — Conduziu o simulacro para o interior do co-ap miserável — Sr. Mageboom — disse ele — este é o famoso comediante da televisão, Coelho Hentman. O senhor deve saber: “*oi, oi, bum, bum, aí vem Hentman, com seu terno de coelho, vesgo e orelhudo*”.

— Quanta honra — fez Mageboom, estendendo a mão; os dois se cumprimentaram, avaliando-se mutuamente — Já assisti ao seu programa várias vezes. É uma orgia de gargalhadas.

— É — murmurou Coelho Hentman, olhando melancolicamente em direção a Chuck

Chuck interpôs-se — Dan é um novo funcionário do escritório. Hoje é a primeira vez que o vejo — Acrescentou: — De agora em diante vamos trabalhar juntos.

— Agora — afirmou Hentman, categórico — você vai trabalhar para mim; ainda não entendeu? Estou com o contrato; meus advogados o redigiram — carrancudo, apalpou o bolso do casaco.

— Estou interrompendo? — desculpou-se Mageboom, recuando circunspecto — Posso voltar mais tarde, Sr. Rittersdorf. Chuck, se posso chamá-lo assim.

Hentman observava-o. Em seguida, deu de ombros e começou a desdobrar o contrato — Olhe aqui. Veja quanto você vai ganhar — Brandiu o contrato com o charuto na mesma mão — Esta cambada de espíões pode te pagar o mesmo? Fazer a América rir é um ato de patriotismo; ajuda a levantar o moral e a derrotar os comunas. Na verdade, é mais patriótico do que você está fazendo; esses simulacros são umas engenhocas frias; eles me dão nojo.

— Concordo — aquiesceu Dan Mageboom — Mas, Sr. Hentman, existe um outro lado da discussão, se posso tomar um segundo de seu tempo para explicar. O Sr. Rittersdorf, o Chuck aqui ao lado, tem uma função que ninguém além dele pode realizar. Programar simulacros é uma arte; sem especialistas em programação, eles não passam de cascos desconjuntados e qualquer um, até mesmo uma criança, é capaz de diferenciá-los de pessoas reais. Se adequadamente programado... — Sorriu — Você nunca viu um simulacro do Chuck em atividade. É inacreditável — Ajuntou — O Sr. Petri também é muito eficiente. Na verdade, em alguns aspectos é até melhor.

Evidentemente fora Petri que programara este simulacro. E estava recomendando a si próprio. Chuck não pode deixar de rir.

— Talvez seja melhor eu contratar este tal de Petri — disse Coelho Hentman, sóbrio — Já que ele é tão bom assim.

— Para os seus propósitos — observou Mageboom — Petri até podia ser melhor. Sei o que o atrai nos roteiros de Chuck, mas o problema é o seguinte: ele é inconstante. Duvido que ele pudesse encarar os roteiros como um trabalho de tempo integral, como teria que ser para corresponder aos seus objetivos. No entanto, um dos muitos ingredientes entre...

— Cala a boca — cortou Hentman rispidamente. Para Chuck, afirmou: — Não gosto de conversa a três; não podemos ir para outro lugar? — Dan Mageboom incomodava-o visivelmente... parecia intuir que havia algo errado.

Mais uma vez, os pensamentos da matéria viscosa formaram-se na mente de

Chuck — Aquela garota adorável e esbelta, apesar de, como o senhor observou, não possuir a dilatação dos mamilos, está entrando no edifício à sua procura, Sr. Rittersdorf; já disse a ela para subir.

Coelho Hentman, que com certeza também captara os pensamentos da matéria viscosa, suplicou desesperado: — Não existe algum lugar em que possamos conversar? Com os diabos, quem é essa agora? — Voltou-se para a porta, olhando fixamente naquela direção.

— A Srta. Trieste não vai interferir em sua conversa, Sr. Hentman — explicou Dan Mageboom, o que fez Chuck desviar os olhos para o simulacro, surpreso ao vê-lo ter uma opinião formada a respeito de Joan. Ele estava sendo controlado a distância, imediatamente percebeu. Evidentemente, não fora programado. Petri o estava operando do edifício da CIA em São Francisco.

A porta abriu, mostrando Joan Trieste, hesitante, vestindo um suéter cinza e uma saia tipo camponesa, sem meias mas com saltos altos — Estou incomodando, Chuck? — indagou — Sr. Hentman — exclamou, corando até ficar escarlate — Já o vi na TV centenas de vezes... acho-o o maior comediante vivo. Tão bom quanto Sid Caesar e todos os da velha guarda — Os olhos faiscavam; ela se aproximou de Coelho Hentman —, postando-se a seu lado sem tocá-lo — Você é amigo de Coelho Hentman? — perguntou a Chuck — Gostaria que tivesse me contado.

— Estamos tentando — gemeu Hentman — realizar um encontro de negócios. Como conseguir esta façanha? — Transpirando fortemente, pôs a andar pela pequena sala de estar — Desisto — anunciou — Não posso contratá-lo. Em hipótese alguma. Você conhece gente demais. Supõe-se que escritores sejam tipos retraídos, solitários.

Joan Trieste não fechara a porta do co-ap e agora a matéria viscosa ondulava pela entrada — Sr. Rittersdorf — Os pensamentos dele alcançaram Chuck — Tenho um assunto urgente para tratar com o senhor em particular. O senhor poderia atravessar o corredor e ir até o meu ap um instantinho, por favor?

Hentman virou-se de costas, guinchando de frustração, dirigindo-se para a janela, onde permaneceu, olhando para fora.

Intrigado, Chuck acompanhou a matéria viscosa até o co-ap dele.

— Feche a porta e chegue mais perto de mim — ordenou a matéria viscosa — Não quero que os outros captem meus pensamentos.

Chuck fez o que ele pedira.

— Aquele indivíduo, Sr. Dan Mageboom — pensou a matéria viscosa, em baixo volume — não é um ser humano; é um artefato. Não possui personalidade em seu interior; uma outra pessoa o opera a alguma distância. Achei que devia alertá-lo, afinal de contas o senhor é meu vizinho.

— Obrigado — fez Chuck — Mas eu já sabia disso — No entanto, agora se sentia

inquieta; não era aconselhável a matéria viscosa intrometer-se em seus pensamentos, em razão do sentido que os mesmos haviam tomado — Ouça — ensaiou, mas a matéria viscosa antecipou-se a ele.

— Já havia esquadrinhado este material em sua mente — informou-o — A hostilidade em relação à sua esposa, os impulsos homicidas. Todo mundo, em determinado momento, é acometido por tais ímpetos; de qualquer maneira, me seria impróprio discuti-los com qualquer outra pessoa. Assim como um padre ou um médico, um telepata deve...

— Não vamos discutir isso — cortou Chuck O fato da matéria viscosa estar a par de suas intenções dava nova luz aos acontecimentos; talvez não fosse prudente prosseguir. Se o promotor conseguisse levar Lorde Gosma Veloz ao tribunal...

— Em Ganimedes — declarou a matéria viscosa — a vingança é sagrada. Se o senhor não acredita em mim, deixe que seu advogado, o Sr. Nat Wilder, se encarregue disso. De forma alguma deploro o sentido de suas preocupações; elas são infinitamente preferíveis ao impulso suicida anterior, o qual é contrário à natureza.

Chuck dispôs a deixar o ap da matéria viscosa.

— Espere — pediu esta — só mais uma coisa; em troca de meu silêncio... gostaria de pedir um favor.

Então ele tinha algum interesse. Não se surpreendeu; afinal de contas, o Lorde Gosma Veloz era uma criatura de negócios.

Disse a matéria viscosa: — Sr. Rittersdorf, insisto que aceite o trabalho que o Sr. Hentman está lhe oferecendo neste exato momento.

— E o meu emprego na CIA? — indagou Chuck

— O senhor não precisa abandoná-lo; pode ficar com os dois — Os pensamentos da matéria viscosa eram encorajadores — Como um bico.

— Bico — onde você arranjou este termo?

— Sou especialista em sociedade terrestre — informou a matéria viscosa — De acordo com minhas previsões, o senhor vai trabalhar para a CIA durante o dia, e com Coelho Hentman à noite. Para realizar esta tarefa, precisará de drogas e estimulantes do tálamo do tipo hexoanfetaminas, ilegais na Terra. Entretanto, eu as arranjarei; tenho contatos fora deste planeta e posso conseguir as drogas com facilidade. O senhor não precisará dormir, uma vez que o metabolismo cerebral seja estimulado com...

— Trabalhar dezesseis horas por dia! Estaria melhor se deixasse você procurar a polícia.

— Não — discordou a matéria viscosa — Pois eis aqui a conclusão: o senhor se absterá do assassinato, assegurando-se de que suas intenções fiquem claras

perante as autoridades com antecedência. Assim, o senhor não eliminará essa mulher malévola; abandonará a trama e a deixará viver.

Objetou Chuck — Como é que você sabe que Mary é uma “mulher malévola”? — Afinal de contas, pensou ele, o que você sabe sobre mulheres terrestres?

— Tomei conhecimento, através de seus pensamentos, da infinidade de sadismos que a Sra. Rittersdorf infligiu ao senhor ao longo dos anos; todos diabólicos, sem sombra de dúvida, tomando-se qualquer padrão de uma outra cultura; Por exemplo, observe como o senhor resiste ao trabalho mais do que desejável que o Sr. Hentman está lhe oferecendo.

Alguém bate à porta do co-ap; esta se abre e Coelho Hentman olha para o interior, com um ar ameaçador — Tenho que ir. Qual é a sua resposta, Rittersdorf? Sim ou não? E se vier trabalhar comigo, você não poderá levar qualquer desses organismos gelatinosos não-terrestres; vá sozinho.

A matéria viscosa irradiou seu pensamento: — O Sr. Rittersdorf vai aceitar o seu oferecimento, Sr. Hentman.

— E você o que é — inquiriu Coelho Hentman — Empresário dele?

— Sou um colega do Sr. Rittersdorf — declarou a criatura.

— Tudo bem — fez Hentman, entregando o contrato a Chuck — Este contrato implica oito horas de trabalho semanais, a entrega de um roteiro de uma hora por semana, além da participação, uma vez por semana, em uma reunião com outros escritores. O salário é de duas mil pratas terrestres por semana, certo?

Estava mais do que certo; ia ganhar duas vezes mais do que esperava. Tomou as cópias do contrato e assinou, sob a supervisão da matéria viscosa.

— Vou servir como testemunha da assinatura — interferiu Joan Trieste; ela também fora para o ap e permanecera nas proximidades, juntando as cópias do contrato que Chuck ia assinando, enquanto a matéria viscosa o avaliava. Após sua assinatura em três cópias, como testemunha, devolvendo-as em seguida a Coelho Hentman; ele as colocou novamente no bolso do casaco; lembrando-se de que uma das cópias devia ficar com Chuck, retirou-a e devolveu-a a ele.

— Bravo — saudou a matéria viscosa — A ocasião merece um brinde.

— Para mim não — Coelho Hentman declinou o convite — Tenho que ir. Até logo, Rittersdorf. Entro em contato com você; instale um videofone neste pardieiro miserável em que você veio morar. Ou então mude-se para um ap melhor — Fechou a porta do co-ap de Lorde Gosma Veloz atrás de si.

— Nós três — sugeriu a matéria viscosa — podemos celebrar. Conheço um bar que serve não-terrestres. Fica por minha conta; a conta, quero dizer.

— Ótimo — aquiesceu Chuck. De qualquer modo não queria ficar sozinho, e se permanecesse no co-ap seria mais uma oportunidade de Mary encontrá-lo.

Para surpresa sua, ao abrir a porta viram-se frente ao rosto rechonchudo do jovem aguardando no corredor. Era Dan Mageboom.

— Desculpe — redimiou-se Chuck — Esqueci de você.

— Vamos comemorar — a matéria viscosa explicou a Mageboom, enquanto esvaía-se para fora do ap — você está convidado, apesar de não possuir cérebro e não passar de uma casca oca.

Joan Trieste, ansiosa, observou Mageboom, e em seguida Chuck

Chuck tentou explicar: — O Mageboom aqui é um robô da CIA, sendo operado de nosso escritório em São Francisco — A Mageboom, indagou: — Quem é? Petri?

Sorrindo, o robô respondeu: — Neste momento estou funcionando de maneira autônoma, com autocircuito; O senhor Petri deixou os controles quando o senhor saiu do co-ap. O senhor não acha que estou funcionando bem? Veja só, o senhor pensou que eu estava sob controle remoto e eu não estou — O simulacro parecia imensamente satisfeito consigo mesmo — Na verdade — afirmou — posso passar toda esta noite em autocircuito; posso ir para um bar com vocês, beber e comemorar; e comportar-me exatamente como um não-simulacro; talvez, sob alguns aspectos até melhor.

Então este é o instrumento por meio do qual vou obter a forra contra minha mulher, Chuck ficou matutando enquanto se dirigia à rampa de descida.

Captando seus pensamentos, a matéria viscosa aconselhou-o: — Lembre-se, Sr. Rittersdorf, a Sra. Trieste é membro do Departamento de Polícia Ross.

Joan Trieste interferiu: — Eu sou — Ela recebera os pensamentos da matéria viscosa mas não os de Chuck — Por que pensou isso para o Sr. Rittersdorf? — indagou à matéria viscosa.

— Propaguei este pensamento — explicou a matéria viscosa — porque você não sustentaria uma relação amorosa com ele.

A explicação pareceu satisfazê-la — Acho que você devia cuidar mais dos seus assuntos — advertiu — O fato de vocês, Ganimedes, serem telepatas os transformou em intrometidos terríveis — Ela parecia mal-humorada.

— Desculpe — fez a matéria viscosa — se julguei mal os seus desejos, Srta. Trieste. Perdoe-me.

Para Chuck, pensou: — aparentemente a Srta. Trieste *vai* sustentar relações amorosas com o senhor.

— Pelo amor de Deus — reclamou Joan Trieste — Você quer fazer o favor de cuidar da sua vida? Deixe esse assunto para lá, OK? — Ficará pálida.

— É difícil — pensou com lentidão a matéria viscosa, sem se dirigir a ninguém em particular — contentar garotas terrestres — Durante o restante da viagem até

o bar ele teve o cuidado de não pensar mais nada.

Mais tarde, assentados no interior de uma cabine — a matéria viscosa em uma imitação desmaiada de um assento forrado de couro — Joan Trieste comentou: — Chuck, acho ótimo você trabalhar para Coelho Hentman. Como deve ser excitante!

A matéria viscosa pensou: — Sr. Rittersdorf, ocorreu-me que o senhor deve refrear, se possível, o impulso de informar à sua mulher que o senhor agora tem dois empregos. Se souber, ela vai exigir uma pensão muito maior.

— É verdade — concordou Chuck. O conselho era procedente.

— Como ela vai saber que o senhor está trabalhando para o Sr. Hentman — prosseguiu a matéria viscosa — é melhor o senhor assumir este fato e ocultar o prosseguimento do trabalho com a CIA. Peça a seus colaboradores na CIA, particularmente ao seu superior imediato, Sr. Elwood, para encobrir o fato.

Chuck assentiu.

— Como resultado — observou a matéria viscosa — desta situação atípica de possuir dois empregos simultaneamente, o senhor obterá o suficiente para viver confortavelmente, a despeito do pagamento da pensão. Já havia pensado nisso?

Para ser sincero, ainda não calculara tudo isso. A matéria viscosa era bem mais precavida do que ele, o que o deprimiu.

— Como o senhor pode ver — fez a matéria viscosa — estou zelando por seus interesses de maneira objetiva. Minha insistência em que o senhor aceitasse a oferta do Sr. Hentman...

Joan Trieste interrompeu-o: — Acho horrível a forma como vocês Ganimedes, se fazem de ídolos com os seres terrestres.

Endereçou um olhar faiscante à matéria viscosa.

— Mas leve em consideração — observou esta cortesmente — que eu aproximei a senhorita e o Sr. Rittersdorf. E prevejo — embora teoricamente não seja exatamente vidente — uma atividade bem-sucedida entre ambos na esfera da sexualidade.

— Cala a boca — Joan opôs ferozmente.



Após a comemoração, Chuck livrou-se da matéria viscosa e de Dan Mageboom, chamou um táxi a jato e acompanhou Joan Trieste ao apartamento dela.

Quando já estavam acomodados na parte traseira do táxi, Joan comentou: — Felizmente livre-me da presença do Lorde Gosma Veloz; é muito chato ele ler nossos pensamentos o tempo todo. Mas é verdade que ele nos aproxi... — Interrompeu-se, levantando a cabeça e ouvindo atentamente — Houve um acidente — No mesmo instante deu novas instruções ao táxi — É necessário. Houve uma fatalidade.

Quando chegaram ao local, perceberam um jato saltador; durante a aterrissagem, o rotor de alguma maneira falhara e o veículo colidira contra a parede lateral de um edifício, expelindo os passageiros.

Sob uma coberta apressadamente improvisada com casacos e suéteres, encontrava-se um homem idoso, pálido e em silêncio; a polícia de plantão afastava os curiosos. Chuck percebeu a quem fora a fatalidade.

De pronto Joan correu em direção a ele. Chuck seguiu-a, constatando que a polícia o deixara passar. Uma ambulância já se aproximava, a sirene a todo volume, pronta para iniciar a viagem rumo ao hospital Ross.

Joan, ajoelhada, observava o homem morto — Há três minutos — murmurou, meio para si mesma, meio para Chuck — Tudo bem. Espere só um minuto. Vou retrocedê-lo a cinco minutos atrás — Examinou a carteira do morto — Sr. Earl B. Ackers — murmurou, e a seguir fechou os olhos — Isto vai afetar somente o Sr. Ackers — comentou em seguida com Chuck — Pelo menos é o que deve ser. Mas nunca se sabe, com este... — O rosto contorceu-se, inexpressivo enquanto ela se concentrava — É melhor você se afastar — aconselhou-o — Para que não seja afetado.

Ele se ergueu e, caminhando sob o ar frio da noite, acendeu um cigarro e ficou ouvindo o uivar dos carros da polícia; uma multidão se formava e o tráfego avançava com lentidão, obedecendo os sinais dos policiais.

Estranha garota para uma relação, pensou. Membro do Departamento de Polícia e psi... Imagino o que ela faria se soubesse o que tenho em mente para o simulacro Daniel Mageboom. Talvez Lorde Gosma Veloz esteja certo; seria catastrófico se ela soubesse.

Acenando em sua direção, Joan chamou: — Venha cá.

Aproximou-se dela a passos rápidos.

Sob os cobertores improvisados, o homem idoso estava respirando; o peito subia e descia suavemente e sobre os lábios formavam-se bolhas de saliva.

— Regressou quatro minutos no tempo — disse Joan — Está novamente vivo, só que após o acidente. Foi o melhor que pude fazer.

Fez um sinal de cabeça para os simulacros do hospital; estes aproximaram-se de

imediate, inclinando-se sobre o homem ferido. Utilizando o que parecia ser um aparelho explorador com raios X, o simulacro veterano estudou a anatomia do homem novamente vivo, buscando a origem do ferimento mais grave. Em seguida, voltou-se para um colega; os simulacros trocavam ideias e no mesmo instante o calouro da equipe abriu sua lateral feita de metal, daí retirando uma caixa de papelão que abriu com rapidez.

A caixa continha um braço artificial; iluminado pelos faróis dos carros da polícia, Chuck leu a informação estampada na caixa de papelão que fora jogada fora. Nesse momento, os simulacros estavam iniciando a operação, ali mesmo no local; um deles administrava um anestésico local, enquanto um outro, fazendo uso de complexo instrumento cirúrgico, começou a cortar a parede cutânea da cavidade abdominal do homem ferido.

— Podemos ir — avisou Joan, despertando-o da atenção minuciosa dedicada aos simulacros em atividade — Terminou meu trabalho — As mãos enfiadas nos bolsos do casaco, pequena e elegante, foi caminhando para o táxi a jato, entrou e sentou-se para esperá-lo. Aparentava cansaço.

Assim que se afastaram do acidente, Chuck comentou: — É a primeira vez que vejo simulacros médicos em ação — Fora impressionante; tornara-o ainda mais consciente das infinitas possibilidades contidas em pseudo-homens artificiais que a General Dynamics desenvolvera e construíra. Obviamente já vira simulacros da CIA inúmeras vezes, mas nada se comparava ao que acabara de assistir, fundamentalmente diferente. Aqui, o inimigo não consistia simplesmente em outro grupo de seres humanos com credo político diverso; aqui o inimigo era a morte.

Com o simulacro Daniel Mageboom aconteceria exatamente o contrário; ao invés da luta contra a morte, faria a sua apologia.

Após tudo o que testemunhara, naturalmente jamais poderia contar a Joan Trieste o que planejava. E, neste caso, o bom senso não o aconselhava a não mais vê-la? Afigurava-se quase como uma espécie de destruição tramar um assassinato e, ao mesmo tempo, cortejar uma funcionária do Departamento de Polícia — ele *queria* ser pego? Seria isso um impulso suicida doentio?

Meia prata para saber seus pensamentos — gracejou Joan.

— Como? — Piscou.

— Não sou como Lorde Gosma Veloz; não posso ler seus pensamentos. Você está tão sério; imagino que sejam os seus problemas conjugais. Gostaria que existisse uma forma de reanimar você — refletiu alto — Quando chegarmos ao meu co-ap, você entra e... — Ruborizou-se de imediato, certamente recordando o que a matéria viscosa dissera — Só um *drink* — afirmou, categórica.

— Seria bom — disse ele, lembrando-se também das predições de Lorde Gosma Veloz.

— Escuta — retomou Joan — Não é porque aquele Ganimedes abelhudo enfiou os seus pseudópodes, ou o que quer que eles possuam, nas nossas vidas que... — Deteve-se, exasperada, os olhos brilhando de indignação — Ele que se dane. Você sabe, ele pode ser potencialmente bastante perigoso. Os Ganimedes são tão ambiciosos... Você se lembra em que condição eles entraram na Guerra Terra-Alfa? E são todos iguais a ele, cheios de interesses diferentes, sempre farejando possibilidades — Franziu o cenho — Talvez fosse melhor você se mudar daquele prédio, Chuck Afaste-se dele.

Agora é um pouco tarde, percebeu ele, realista.

Chegaram ao edifício de Joan, Chuck descortinou uma construção agradável e moderna, de desenho extremamente simples, à semelhança de todos os novos edifícios, geralmente abaixo da superfície. Ao invés de subir, penetravam no solo.

— Moro no décimo sexto andar — observou Joan, enquanto desciam — É um pouco como viver em uma mina... Terrível, se você tem claustrofobia — Um segundo depois, diante da porta do ap, enquanto pegava a chave e a inseria na fechadura, acrescentou, filosófica: — Entretanto, é um excelente fator de segurança em caso de novo ataque dos Alfas; temos quinze andares entre nós e a Bomba H — Abriu a porta. As luzes do apartamento acenderam-se, proporcionando iluminação suave e difusa.

Um raio faiscante ofuscou-o; Chuck, momentaneamente cego, perscrutou à sua frente e então percebeu um homem de pé no centro da sala, com uma câmera nas mãos; ele o reconheceu, e ficou desagradavelmente surpreendido.

— Olá, Chuck — saudou Bob Alfson.

— Quem é esse? — perguntou Joan. E por que tirou uma foto nossa?

Disse Alfson: — Calma, Srta. Trieste. Sou o advogado da mulher de seu amante; precisamos de evidências para o litígio o que, aliás... — olhou em direção a Chuck — está marcado, no calendário do tribunal, para a próxima segunda-feira às dez horas na sala do juiz Brizzolara — Sorriu — Transferimos a audiência; sua esposa quer que seja realizada logo que possível.

— Saia deste ap — intimidou Chuck

Movendo-se em direção à porta, Alfson disse: — Com prazer. O filme que estou usando — tenho certeza de que já o viu na CIA — é caro mas eficiente — Explicou-lhes — Acabei de colocar um filme Agfom, que tira fotografias mais potentes. Não esclarece nada? O que tenho na câmera não é o registro do que vocês faziam agora, mas do que farão na próxima meia hora. Acho que o juiz Brizzolara se interessará mais por esta parte.

— Não vai acontecer nada aqui durante a próxima meia hora — fez Chuck — porque eu estou indo embora — Empurrou o advogado até o corredor; tinha que sair dali o mais rápido possível.

— Acho que você está errado — observou Alfson — Tenho certeza de que o filme terá alguma imagem valiosa. De qualquer maneira, por que está preocupado? Isto aqui não passa de instrumento técnico através do qual Mary poderá obter o mandado; é necessária a apresentação formal de evidência. E não vejo como você será prejudicado.

Chuck voltou-se, desconcertado: — Esta invasão da privacidade...

— Você sabe que não tem existido privacidade para ninguém nos últimos cinquenta anos — argumentou Alfson — E trabalha para um serviço de inteligência. Não brinque comigo, Rittersdorf — Atravessou o corredor, ultrapassou Chuck, dirigindo-se sem pressa para o elevador — Se quiser uma cópia do filme...

— Não — cortou Chuck Ficou observando o advogado até perdê-lo de vista.

Disse Joan: — Você bem que podia entrar. De qualquer jeito ele já tem o que quer no filme — Mantinha a porta do co-ap aberta para ele, e afinal Chuck entrou, hesitante — Sem dúvida o que ele fez é ilegal, mas acho que é sempre assim nos casos do tribunal — Foi para a cozinha e começou a preparar *drinks*; ele ouviu o tilintar de copos — Que tal *Mercury Lumps*? Tenho uma garrafa cheia...

— Qualquer coisa — grunhiu Chuck

Joan trouxe-lhe a bebida; aceitou-a, pensativo.

Vou me vingar dela, disse para si mesmo. Agora está decidido; estou lutando por minha própria vida.

— Você está tão carrancudo — fez Joan — Aquilo realmente deixou você preocupado, não? Aquele homem aqui esperando-nos com a câmera potente. Intrometendo-se em nossas vidas. Primeiro é o Lorde Gosma Veloz e agora, logo quando...

— Ainda é possível — interpôs Chuck — realizar algo em segredo. Sem que ninguém mais saiba.

— Tipo o quê?

Ele não disse nada; sorveu um gole da bebida.



Capítulo 6

Gatos pulavam das altas prateleiras, três gatos velhos alaranjados e um gato cotó sem coloração determinada, em seguida gatinhos mestiços com siamês, felpudos e barbudos, um filhote negro e, com grande dificuldade, uma fêmea malhada preta; Os gatos, seguidos de um cachorrinho, agrupavam-se em torno dos pés de Ignatz Ledebur, impedindo-o de movimentar-se para sair do barraco.

Adiante encontravam-se os despojos de um rato morto; o cão, um terrier caçador de ratos, pegara aquele e os gatos comeram o quanto desejaram. Ignatz os ouvira, ao amanhecer, rosnando. Sentira pena do rato, o qual provavelmente estivera à cata do lixo acumulado em ambos os lados da porta do barraco. Afinal de contas, o rato também possuía direito à vida, tanto quanto qualquer ser humano. O cachorro, entretanto, não compreendera tal fato; o instinto de matar entranhara-se na carne fraca do cão. Portanto, não era o caso de inculpação moral e, de qualquer maneira, os ratos os assustavam; contrariamente a seus homólogos terrestres, estes possuíam patinhas ágeis, passíveis de transformação em armas brutais.

À frente de Ignatz Ledebur percebiam-se os restos enferrujados de um trator autônomo, há muito escangalhado. Ali fora depositado anos atrás, obedecendo-se à vaga ideia de que poderia ser consertado. Neste meio tempo, os quinze (ou seriam dezesseis) filhos de Ignatz brincavam em seu interior, induzindo o que restava do circuito interno a comunicar-se com eles.

Não encontrou o que buscava; uma caixa plástica de leite vazia com a qual iniciaria o fogo matutino. Consequentemente, ao invés da caixa, teria de fazer uso de uma tábua. Por entre o monte de madeiras sem utilização empilhadas ao lado do barraco, começou a remexer em busca de uma tábua suficientemente frágil para que pudesse pular sobre ela e quebrá-la.

O ar frio da manhã o fez estremecer e desejar que não houvesse perdido seu casaco de lã; Durante uma de suas longas caminhadas, deitara-se para descansar, colocando o casaco sob a cabeça, fazendo-o de travesseiro... Ao acordar esquecera o agasalho e deixara-o lá. Uma pena. Evidentemente, não conseguia lembrar onde o esquecera. Tinha apenas uma vaga noção de que fora em algum ponto na direção de Vila de Adolf, talvez a uns dez dias de marcha.

Uma mulher de um casebre vizinho — possuía-a por pouco tempo, mas cansara-se dela após engendrar duas crianças — surgiu e começou a gritar frenética em direção a um grande bode de cor branca que se enfiara na horta. O

bode continuou comendo, quase até a mulher alcançá-lo, e então o animal saiu corcoveando com as patas traseiras e fugiu saltando até se colocar fora de alcance, as folhas de beterraba pendentes de sua boca. Um bando de patos, assustados com a atividade do bode, grasnavam em variados estágios de pânico, todos em debandada. Ignatz sorriu. Os patos levam as coisas a sério.

Depois de quebrar uma tábua para o fogo, voltou ao casebre, os gatos ainda dispondo do rato; Ledebur bateu a porta na cara deles — não sem que uma gatinha conseguisse esgueirar-se para o interior — depois ele agachou-se junto ao incinerador de ferro para o lixo, e começou a preparar o fogo.

Sobre a mesa da cozinha, Elsie, sua mulher atual, dormia coberta por uma pilha de cobertores; Não acordaria até que ele avertisse o fogo e preparasse o café. Não a censurava. Nestas manhãs frias, a ninguém agradava levantar-se; a Vila de Gandhi só despertava com a manhã bem avançada, exceto, é claro, os Hebetizados, que vagam durante a noite.

Uma criancinha surgiu do interior do único quarto do barraco, nua e com o polegar na boca, observando-o em silêncio, enquanto ele acendia o fogo.

Por trás da criança ecoava o som do aparelho de televisão; o som funcionava, ao passo que as imagens não. O bebê não podia ver, podia somente ouvir. Tenho que consertar a TV, Ignatz disse para si mesmo, mas não tinha pressa. Antes do transmissor de TV lunar do Cume de Da Vinci entrar em funcionamento, a vida era mais simples.

Quando ia começar a fazer o café, notou a falta da cafeteira. Ao invés de perder tempo procurando-a, resolveu ferver o café. Aqueceu uma panela d'água sobre o fogareiro a gás propano e então, enquanto a água fervia, jogou um punhado de grãos, sem dosar. O aroma delicioso inundou o barraco; aspirou-o com gratidão.

Permaneceu de pé junto ao fogão, Deus sabe por quanto tempo, sentindo o cheiro do café e ouvindo o estalido do fogo que aquecia o casebre; gradativamente, percebeu estar sendo acometido por uma visão.

Petrificado, deixou-se ficar ali, imóvel; enquanto isso, a gatinha que conseguira esgueirar-se para dentro do barraco escalara a pia, onde encontrou um monturo de restos de comida da noite passada — refestelou-se vorazmente, este quadro e os ruídos do repasto felino misturando-se aos demais sons e cenas. E a visão tornou-se mais nítida.

— Quero papinha de fubá — anunciou da cama a criancinha nua.

Ignatz Ledebur não respondeu; a visão transportara-o para outra terra. Ou então para um lugar tão real que não existia, obliterando a dimensão do espaço, nem lá nem cá. E no que se refere ao tempo...

A visão parecia ter estado sempre presente, mas quanto a este aspecto, não possuía certeza integral. Talvez o que via não existisse efetivamente no tempo, não tendo começo e, não importa o que fizesse, jamais terminaria, em razão de

sua desmesurada extensão. Possivelmente, a visão dissociara-se por completo da noção de tempo.

— Ei — murmurou Elsie, sonolenta — Cadê meu café?

— Espere — disse ele.

— Esperar? Já sinto o cheiro, maldição; onde está o café? — Lutou para ficar sentada, jogando as cobertas para o lado, o corpo nu e os seios pendentes — Sinto-me horrível. Acho que vou vomitar. Aqueles teus filhos estão no banheiro — Deslizou para fora da mesa, deixando a sala com um andar vacilante — Por que você está aí parado desse jeito? — perguntou, detendo-se na entrada do banheiro, intrigada.

Ignatz respondeu: — Deixe-me em paz.

— Deixe-me em paz o cacete... A ideia de vir morar aqui foi sua. Nunca quis deixar Frank — Entrou no banheiro e bateu a porta com estrondo, a qual, oscilando, voltou a se abrir. Ela puxou novamente a porta, mantendo-a fechada com o pé.

Agora a visão chegara ao fim; Ignatz, desapontado, voltou-se, carregando a panela com café para a mesa; jogou os cobertores no chão, colocou duas canecas — remanescentes da refeição da noite passada — e encheu-as com café quente; grãos intumescidos flutuavam na superfície das canecas.

Elsie gritou do banheiro: — O que foi aquilo, outro dos seus Êxtases? Viu alguma coisa tipo Deus? — Sentia um asco infinito — Como se não bastasse viver com um Hebetizado, eu ainda por cima moro com um que tem visões, como um Esquizoide. Você é um Hebetizado ou um Esquizoide? Você fede como um Hebetizado. Decida-se — Acionou a descarga e saiu do banheiro — E irrita-se como um Maníaco. É o que menos gosto em vocês todos, a eterna irritação — Encontrou o café e começou a bebê-lo — Está cheio de grãos — gritou, furiosa — Você perdeu a cafeteira novamente.

Agora que não se encontrava mais sob o domínio do transe, era difícil lembrar o que acontecera. Aquele era um dos problemas das visões. Como se relacionavam com o dia-a-dia do mundo? Sempre se perguntava a respeito disso.

— Vi um monstro — explicou — Ele pisava na Vila de Gandhi e afundava o chão. A Vila foi arrasada; só ficou um buraco — Sentia profunda tristeza; gostava da Vila de Gandhi, muito mais do que qualquer outro lugar na lua. O medo acometeu-o, em intensidade maior do que tudo que já sentira em sua vida. Apesar disso, não havia nada que pudesse fazer. Nenhuma forma de deter o monstro; ele viria e os pegaria, mesmo os poderosos Maníacos com todas aquelas ideias brilhantes, aquela atividade incessante. Até os Paranoicos, que tentam defender-se tanto contra o real quanto o irreal. Mas a visão não se limitara a isso. Por trás do monstro havia um espírito maligno.

Observara-o enquanto se arrastava por entre o mundo como uma geleia

putrefata e brilhante; deteriorava tudo o que tocava, até mesmo o solo, as plantas membranosas e as árvores. O conteúdo de uma xícara bastaria para corromper o mundo inteiro, e o monstro pertencia a um ser determinado. Uma criatura que *queria*.

Assim, dois seres malignos aproximavam-se, o monstro que destruiria a Vila de Gandhi e, além dele, o espírito maligno; eram inseparáveis até que, por fim, cada um seguiria seu caminho separadamente. O monstro pertencia ao sexo feminino, e o espírito maligno, ao masculino. E... ele fechou os olhos. Aquele era o trecho da visão que o apavorava. Os dois travariam uma batalha medonha. Não uma luta entre o Bem e o Mal, mas sim uma guerra vazia e cega em um lodaçal, entre duas entidades completamente contaminadas, cada qual mais depravada que a outra.

A batalha, que provavelmente só terminaria com a morte de um dos seres, aconteceria neste mundo. Eles já estavam chegando, utilizando propositalmente este mundo como campo de batalha para sua guerra interminável.

— Prepare alguns ovos — disse Elsie.

Relutante, Ignatz vasculhou o lixo ao lado da pia, em busca de uma caixa de ovos.

— Você vai ter de lavar a frigideira suja de ontem à noite — avisou Elsie — Deixe-a na pia.

— Está certo — Ligou a água fria; Com uma massa de jornais amassados, esfregou a superfície da frigideira, incrustada de sujeira.

Ficou imaginando, pensou. Será que posso influenciar o resultado desta luta? Será que a presença do Bem em meio ao holocausto produziria algum resultado?

Poderia reunir todas as faculdades espirituais que possuía e fazer uma tentativa. Não somente em benefício da lua e dos clãs, mas em prol das próprias entidades lúgubres. Talvez aliviasse o fardo de ambas.

A ideia era tentadora, e enquanto limpava a frigideira, continuou a entreter-se com ela em silêncio. Não adiantava contar a Elsie; ela se limitaria a mandá-lo para o inferno. Não conhecia os poderes dele, visto que jamais os revelara a ela. Quando se encontrava em estado de espírito propício, podia caminhar pelas paredes, ler a mente das pessoas, curar doenças, fazer com que indivíduos contraíssem moléstias, alterar o tempo, arruinar colheitas — era capaz de fazer quase tudo, de acordo com o estado de espírito ditado por sua santidade.

Até mesmo os Paranoicos o reconheciam como santo. Todos na lua o aceitavam como tal, incluindo os Maníacos atarefados e grosseiros — isto quando eles dispunham de algum tempo longe de suas atividades para olhar em torno e observarem-no.

Se existe alguém capaz de salvar esta lua dos dois organismos cavernosos em aproximação, este alguém sou eu, percebeu Ignatz. É o meu destino.

— Isto aqui não é um mundo, somente uma lua — observou Elsie, tomada por desprezo glacial; de pé diante do incinerador movido a lixo, pôs-se a vestir as roupas da noite passada. Há uma semana que as estava vestindo; Ignatz observou — não sem um traço de prazer — que ela já progredira em direção à condição de Hebetizada; não lhe faltava muito.

Era bom ser um Hebetizado. Pois eles haviam fundado a Maneira Pura, dispensando o desnecessário.

Abriendo a porta do barraco, penetrou novamente na manhã fria.

— Onde você vai? — guinchou Elsie.

Ignatz respondeu: — Aconselhar-me — Bateu a porta atrás de si e pôs-se a caminho — os gatos à retaguarda — à procura de Omar Diamond, seu companheiro entre os Esquizoideos.



Fazendo uso de seus poderes sobrenaturais, transportou-se telepaticamente, atravessando a lua até que por fim localizou Omar, participando do conselho em Vila de Adolf juntamente com um representante de cada clã. Ignatz levitou até o sexto andar do grande edifício de pedras, flutuou do lado de fora da janela, batendo até que os que se encontravam no interior perceberam e vieram abrir a janela para ele.

— Céus, Ledebur — exclamou Howard Straw, o representante dos Maníacos — Você está fedendo como um bode. Dois Hebetizados ao mesmo tempo nesta sala — que nojo! — Virou-se de costas para todos, fitando o nada e lutando para conter o ódio maniaco.

O representante dos Paranoicos, Gabriel Baines, interpelou Ignatz: — Qual o objetivo desta intromissão? Estamos em uma conferência.

Ignatz Ledebur comunicava-se em silêncio com Omar Diamond, relatando-lhe a urgência do assunto. Diamond ouviu-o, aquiesceu e imediatamente, combinando as habilidades de ambos, deixaram a sala do conselho; ele e Diamond caminharam juntos através de um campo gramado onde cresciam cogumelos. Durante algum tempo nenhum deles falou. Divertiram-se chutando os cogumelos.

Finalmente, Diamond comentou: — Já estávamos discutindo a invasão.

— Vão pousar na Vila de Gandhi — relatou Ignatz — Tive uma visão; os que estão se aproximando...

— Sim, sim — impacientou-se Diamond — Sabemos que são poderes ctônicos; relatei o fato aos delegados. Nada de bom pode advir de poderes ctônicos, pois são pesados, são como a *anima* corpórea, afundando na terra, transformando-se em lodo no centro do planeta.

— Lua — corrigiu Ignatz com uma risadinha.

— Lua, seja — Diamond fechou os olhos, caminhando sem perder a direção, embora não estivesse vendo aonde se dirigia; recolhera-se, percebeu Ignatz, a um estado momentâneo e voluntário de catalepsia. Todos os Esquizoides apresentavam propensão à catatonía, e ele não disse nada; aguardou. Detendo-se, Omar Diamond murmurou algo que Ignatz não conseguiu entender.

Ignatz suspirou, sentando-se no chão; a seu lado, Omar Diamond mantinha-se de pé, em transe. Não se ouvia qualquer som, exceto o farfalhar suave de árvores distantes, além dos limites do Prado.

De súbito, Diamond manifestou-se: — Juntem os nossos poderes e nós poderemos prever a invasão tão claramente que... — Novamente as palavras perderam-se em resmungos misteriosos. Ignatz — até um santo podia aborrecer-se — suspirou de novo.

— Entre em contato com Sarah Apostoles — ordenou Diamond — Nós três evocaremos uma visão tão real de nosso inimigo que ela se tornará realidade; controlaremos nosso inimigo e sua chegada aqui.

Propagando uma onda telepática, Ignatz localizou Sarah Apostoles, adormecida em seu casebre na Vila de Gandhi. Sentiu-a despertar, espreguiçar-se, resmungar e soltar um gemido, enquanto se levantava cambaleando do catre.

Ele e Omar Diamond aguardaram, até que finalmente Sarah surgiu; vestia calça e casaco masculinos e tênis — Na noite passada — contou — tive um sonho. Certas criaturas pairavam próximas daqui, preparando-se para entrar em ação — O rosto arredondado contorceu-se de preocupação e medo, um medo profundo e desgastante. O esgar em seu rosto conferia-lhe um semblante feio e obtuso e Ignatz sentiu pena dela. Em tempos de preocupação Sarah não conseguia expulsar as emoções destrutivas para fora de seu ser; estava presa ao soma e suas angústias.

— Sente-se — solicitou Ignatz.

— Podemos fazê-los surgir agora — sugeriu Diamond — Aqui mesmo. Comece — Abaixou a cabeça; os dois Hebetizados fizeram o mesmo e, juntos, os três aplicaram os poderes visionários mutuamente reforçados. Lutavam em harmonia, e o tempo passou — nenhum deles soube o quanto. Entrementes, o que contemplavam vicejava nas cercanias como um rebento maligno.

— Aí está — fez Ignatz, abrindo os olhos. Sarah e Diamond fizeram o mesmo; olharam para o céu e viram a popa em primeiro lugar, uma nave estrangeira. Havia obtido sucesso.

Deixando atrás uma nuvem de fumaça, a nave aterrissou a cem metros à direita dos visionários. Era uma aeronave brilhante e imensa, percebeu Ignatz. A maior que já vira. Sentiu-se apavorado, mas, como sempre, conseguiu controlar-se; há muitos anos a fobia se tornara uma realidade para ele. Já o terror de Sarah parecia palpável, enquanto observava a nave pousar oscilante, a abertura da portinhola abrindo ao mesmo tempo em que os ocupantes preparavam-se para serem expelidos do imenso organismo tubular de metal e base plástica.

— Deixe-os aproximarem-se — aconselhou Omar Diamond, os olhos novamente fechados — Deixe-os reconhecer nossa existência. Nós os forcemos a perceber-nos e reverenciar-nos — Ignatz imediatamente juntou-se a ele e, após um instante, a apavorada Sarah Apostoles imitou-os, na medida do possível, para ela.

Uma rampa foi instalada na portinhola da nave. Surgiram duas figuras, que iniciaram a descida passo a passo até o solo.

Ignatz indagou, esperançoso: — Devemos produzir milagres?

Fitando-o, Diamond respondeu, em dúvida — Tais como? Eu... não costumo fazer mágicas.

Sarah comentou: — Eu e Ignatz juntos podemos realizar isso — Para Ignatz, afirmou: — Por que não os transformamos no espectro de uma aranha tecendo sua teia delimitadora de toda a vida?

— Concordo — assentiu Ignatz, concentrando toda a sua atenção na tarefa de convocar a aranha do mundo... ou melhor, como diria Elsie, a aranha *lunar*.

Diante das duas figuras provenientes da aeronave, surgiu um complexo cintilante de teias, estruturas erigidas impetuosamente como resultado de incessante trabalho do aracnídeo. As figuras gelaram.

Uma delas pronunciou algo ininteligível.

Sarah soltou uma gargalhada.

— Se você se permitir divertir-se com eles — alertou Omar Diamond com severidade — perderemos o poder que detemos sobre eles.

— Desculpe — fez Sarah, ainda rindo. Mas era tarde demais; a profusão luzidia de fragmentos de teias dissolveu-se, Ignatz percebeu, consternado, bem como Diamond e Sarah. Viu-se sentado sozinho. O triunvirato extinguiu-se em razão de um único instante de fraqueza. Ele não estava mais sentado na grama, mas sim sobre uma pilha de sucata em seu quintal no centro da Vila de Gandhi.

Os macroorganismos invasores reobtiveram o controle de seus atos. Havia

conseguido reverter os planos deles.

Erguendo-se, Ignatz caminhou em direção às duas figuras provenientes da nave, agora de pé, olhando vagamente em torno. Aos pés de Ignatz, os gatos corriam e faziam travessuras; ele tropeçou, quase estatelando-se no chão; praguejando, afastou os gatos, tentando readquirir o equilíbrio, o semblante ativo diante daqueles invasores. O que não foi possível, todavia. Pois atrás dele a porta do barraco abria para dar passagem a Elsie; ela estragara sua última tentativa de resistência.

— Quem são esses? — gritou.

Irritado, Ignatz respondeu: — Não sei. Vou descobrir.

— Diga-lhes para dar o fora daqui — alertou Elsie, as mãos nos quadris. Durante anos fora uma Maníaca, e ainda possuía a hostilidade arrogante aprendida no Cume de Da Vinci. Não sabia contra quem, mas estava preparada para a batalha... possivelmente, refletiu ele, com um abridor de latas e uma frigideira. Aquela atitude divertiu-o, e desatou a rir; quando começava, não conseguia parar, e foi nestas condições que ele se apresentou diante dos dois invasores.

— Qual é a graça? — inquiriu um deles, uma fêmea.

Ignatz, enxugando os olhos, indagou: — Vocês lembram de haver pousado duas vezes? Lembram das aranhas? Não — Era muito engraçado. Os invasores não recordavam nem mesmo os esforços da tríade dos santos paranormalmente dotados. Para eles, nada acontecera; não passava nem mesmo de uma ilusão, e no entanto, Ignatz Ledebur, Sarah Apostoles e o Esquizoide Omar Diamond haviam reunido todas as suas forças. Não parava de rir, e entrementes, juntou-se um terceiro e então um quarto invasor aos dois iniciais. Um deles do sexo masculino, suspirou, enquanto olhava em torno — Senhor, que pocilga decadente. Você acha que os outros locais também estarão assim?

— Mas vocês podem nos ajudar — interpôs Ignatz. Conseguira controlar-se; apontando para o casco do trator autônomo onde as crianças brincavam, perguntou: — Poderiam dar uma mão para consertar meu equipamento de agricultura? Se me dessem uma pequena ajuda...

— Claro, claro — assentiu um dos homens — Ajudaremos a limpar este lugar — Torceu o nariz, enojado; certamente aspirara ou vira algo que o desagradara.

— Entre — convidou Ignatz — Vamos tomar um cafezinho — Encaminhou-se para o casebre; após um instante de hesitação, os três homens e a mulher o seguiram — Devo pedir desculpas pela simplicidade do lugar — fez Ignatz — e a condição em que... — Abriu a porta, e desta vez a maioria dos gatos conseguira penetrar no barraco; curvando-se, começou a pegar um após outro, atirando-os displicentemente para fora do casebre. Os quatro invasores entraram, meio relutantes, permanecendo de pé e aparentando completo desconforto.

— Sentem-se — ofereceu Elsie, reunindo um mínimo de polidez. Colocou a

chaleira no fogo, acendendo o bico de gás — Tirem as coisas de cima do banco — Instruiu — Coloquem tudo em algum lugar; no chão, se quiserem.

Os quatro invasores, tomados de visível aversão, jogaram o monte de roupas sujas de criança no chão, sentando-se. Cada um deles tinha no rosto uma expressão vagamente assustada, e Ignatz ficou matutando qual seria a razão para tal.

A mulher indagou, hesitante: — Vocês não limpam a casa? Quer dizer, como conseguem viver em tal... — Esboçou um gesto, incapaz de prosseguir.

Ignatz inclinava-se a desculpar-se. Mas afinal de contas... tinha problemas muito mais vitais e tão pouco tempo... Nem ele nem Elsie tinham oportunidade de arrumar a casa; decerto não era correto deixar o barraco assim, mas... deu de ombros. Talvez qualquer dia desses. E talvez os invasores possam ajudar; eles deviam possuir um simulado de trabalho, o qual poderia dedicar-se a essas tarefas. Os Maníacos tinham simulados, mas custavam muito caro. Os invasores naturalmente lhes emprestariam um sem cobrar nada.

Um rato disparou de seu buraco sob a geladeira, atravessando a sala. A mulher invasora, ao ver a arma minúscula e tosca que o animal carregava, fechou os olhos e soltou um gemido.

Ignatz, preparando o café, não pôde conter uma risadinha. Bom, ninguém os chamara; se não gostassem da Vila de Gandhi, que fossem embora.

Várias crianças saíram do quarto, embaçadas diante dos quatro invasores. Estes permaneciam sentados rigidamente, sem nada dizer, aguardando penosamente o café, ignorando o olhar inexpressivo e fixo das crianças.



Na grande sala do conselho, em Vila de Adolf, o representante dos Hebetizados, Jacob Simion, de súbito pronunciou-se: Eles pousaram. Na Vila de Gandhi. Estão com Ignatz Ledebur.

Furioso, Howard Straw exclamou: — Enquanto isso, nós estamos aqui falando. Chega dessa lenga-lenga, dessa perda de tempo; vamos exterminá-los. Não têm nada a fazer em nosso mundo... Vocês não concordam? — Cutucou Gabriel Baines.

— Eu concordo — fez Baines, afastando-se um pouco do delegado dos Maníacos — O que você acha? — perguntou a Jacob Simion.

O Hebetizado conteve o riso: — Vocês não os viram aqui na sala? Foi Ignatz quem veio aqui — vocês não lembram. Veio e levou Omar Diamond com ele, mas vocês esqueceram porque jamais aconteceu; os invasores fizeram com que não acontecesse, dividindo os três em um e dois.

Fitando o solo, desesperançado, o Depressivo observou: — Então é tarde demais; eles pousaram.

Howard Straw latiu uma risada dura e fria — Mas só na Vila de Gandhi. Quem está preocupado com aquele lugar? Ele *deveria* ser eliminado; eu particularmente ficaria contente se eles o pulverizassem até o nada... é um esgoto e todos que moram lá fedem.

Encolhendo-se como se fora atingido, Jacob Simion murmurou: — Pelo menos nós, os Hebetizados, não somos cruéis — Lágrimas desesperadas escorreram de seus olhos. Diante disso, Howard Straw esboçou um esgar de prazer, cutucando Gabriel Baines.

— Vocês não têm armas fantásticas no Cume de Da Vinci? — indagou Gabriel Baines. A intuição o avisara de que o propósito do Maníaco em relação à Vila de Gandhi era claro: os Maníacos não pretendiam tomar qualquer providência até que sua própria colônia fosse ameaçada. Não cederiam a criatividade de seus cérebros hiperativos para a defesa geral.

As antigas suspeitas de Gabriel Baines, no que se referia a Straw, agora se justificavam.

O semblante carregado de preocupação, Annette Golding disse: — Não podemos deixar a Vila de Gandhi ir por água abaixo.

— Ir por água abaixo — ecoou Straw — Muito apropriado. Claro que podemos. Escute; *nós temos as armas*. Elas nunca foram colocadas em uso mas podem varrer qualquer armada invasora do mapa. Vamos expulsá-los... quando quisermos — Olhou para os demais delegados, usufruindo do poder conferido por sua posição de domínio. Todos dependiam dele.

— Sabia que você ia agir dessa maneira quando surgisse uma crise — concluiu Gabriel Baines com amargura. Deus, como odiava os Maníacos. Moralmente, não se podia confiar neles, tão egocêntricos e superiores; simplesmente não eram capazes de trabalhar em prol do bem comum. Pensando assim, fez a si mesmo uma promessa. Se tivesse oportunidade de desforra sobre Straw, ele a aproveitaria. De verdade. Se a chance de vingar-se de todos eles, de toda a colônia dos Maníacos, surgisse, percebeu, seria uma experiência pela qual valeria a pena viver. Os Maníacos agora estavam por cima, mas esta situação não duraria para sempre.

Na verdade, pensou Gabriel Baines, quase seria vantajoso procurar os invasores e fazer um pacto com eles pelo bem da Vila de Adolf; os invasores e eles mesmos contra o Cume de Da Vinci.

Quanto mais pensava sobre isso, mais a ideia o atraía.

Annette Golding, observando-os, indagou: — Você tem algo a oferecer-nos, Gabe? Você parece ter bolado algum plano interessante — Como todas as Infantilistas, ela possuía aguda percepção; interpretara corretamente a mudança de expressão em seu rosto.

Gabe achou melhor mentir. Evidentemente tinha de mentir.

— Acho — levantou a voz — que podemos sacrificar a Vila de Gandhi. Teremos que entregá-la a eles, deixá-los formar uma colônia naquela região, estabelecer uma base ou o que quiserem; podemos não gostar disso, mas... — Deu de ombros — O que mais podemos fazer?

Infeliz, Jacob Simion balbuciou: — Vo-vocês, pessoal, não se preocupam conosco porque não... somos tão limpos quanto vocês todos. Vou voltar para a Vila de Gandhi e juntar-me ao meu clã; se eles perecerem, eu morro junto com eles.

Levantou-se, jogando a cadeira com estrondo destoante — Traidores — ajuntou, bamboleando à maneira dos Hebetizados em direção à porta. Os demais delegados assistiram-no sair, demonstrando variados graus de indiferença; até Annette Golding, que em geral se preocupava com tudo e todos, não se mostrou perturbada.

Ainda assim, Gabriel Baines sentia-se levemente pesaroso. Pois, para todos eles, ali estava o destino potencial; De quando em quando um Paranoico, ou Infantilista ou um Esquizoide ou até mesmo um Maníaco eram arrastados, em graus imperceptíveis e insidiosos, à condição de Hebetizados. Portanto, a ameaça era permanente. A qualquer momento.

E agora, percebeu Baines, caso a fatalidade se abatesse sobre algum deles, não haveria aonde ir. O que seria de um Hebetizado sem a Vila de Gandhi? Uma boa pergunta, que o apavorava.

Manifestou-se: — Espere.

A figura cambaleante, a barba por fazer, desleixada, de Jacob Simion estacou no limiar da porta; nos olhos fundos do Hebetizado surgiu uma chama de esperança.

Disse Gabriel Baines: — Volte aqui — Dirigindo-se aos demais, especialmente ao arrogante Howard Straw, observou — Temos de agir em conjunto. Hoje é a Vila de Gandhi; amanhã será Hamlet Hamlet ou nós mesmos ou os Esquizoides — os invasores irão nos aprisionando aos poucos. Até que só restará o Cume de Da Vinci — O antagonismo que nutria por Straw tornara sua voz estridente, envenenada pela gravidade da situação; mal a reconhecia ecoando em seus ouvidos — Voto formalmente para que empreguemos todos os nossos recursos no esforço de reconquistar a Vila de Gandhi — Devemos estabelecer a nossa resistência lá — Exatamente em meio aos monturos de lixo, estrume animal e máquinas enferrujadas, disse para si mesmo, estremeando.

Após uma pausa, Annette se manifestou: — Eu... apoio o movimento.

Procedeu-se à votação. Somente Howard Straw votou contra. Assim, a ação venceu por maioria.

— Straw — fez Annette, animadamente — você está encarregado de produzir essas máquinas milagrosas de que tanto se gaba. Já que vocês, Maníacos, são tão combativos, nós os deixaremos comandar o ataque para a retomada da Vila de Gandhi — Para Gabriel Baines, ordenou: — E vocês, Paranoicos, podem organizar o ataque — Aparentava tranquilidade, agora que estava tudo decidido.

Suavemente, Ingrid observou, dirigindo-se a Straw: — Gostaria de observar que se o palco de luta for a Vila de Gandhi e as proximidades, não haverá danos para outras colônias. Já pensou nisto?

— Imagine uma batalha na Vila de Gandhi — resmungou Straw — Avançar com dificuldade mergulhado em... — Estacou. Comentou com Jacob Simion e Omar Diamond: — Precisaremos de todos os santos, visionários, milagreiros, Esquizoides e Hebetizados, além dos psis comuns que pudermos arranjar; as colônias de vocês vão convocá-los e deixá-los à nossa disposição?

— Creio que sim — aquiesceu Diamond. Simion assentiu com um movimento de cabeça.

— Entre as máquinas milagrosas do Cume de Da Vinci e os talentos dos santos Hebetizados e Esquizoides — comentou Annette — deveríamos ser capazes de oferecer algo além de resistência simbólica.

Disse a Srta. Hibler: — Se conseguíssemos os nomes completos dos invasores, poderíamos calcular as tabelas numerológicas deles e descobrir seus pontos fracos. Ou se obtivéssemos as datas exatas de nascimento...

— Acho — interrompeu Annette — que as armas dos Maníacos, juntamente com os poderes organizados dos Paranoicos, em conjunção com os sobrenaturais dos Hebetizados e Esquizoides serão de alguma maneira mais úteis.

— Obrigado — agradeceu Jacob Simion — por não sacrificarem a Vila de Gandhi — Contemplou Gabriel Baines com admiração silenciosa.

Pela primeira vez em muitos meses, talvez anos, Baines sentiu suas defesas em segundo plano; estava usufruindo — brevemente — do sentimento de relaxamento, quase euforia. Alguém gostava dele. E mesmo que não passasse de um Hebetizado, significava muito.

A situação fê-lo recordar a infância. Antes que encontrasse a solução Paranoica.



Capítulo 7

Descendo a rua principal, enlameada e cheia de lixo, da Vila de Gandhi, a Dra. Mary Rittersdorf comentou: — Nunca vi nada semelhante em minha vida. Clinicamente é a loucura, todas estas pessoas devem ser hebefrênicas. Horrivelmente deterioradas — No íntimo, algo lhe gritava para ir embora dali, deixar aquele lugar e jamais voltar.

Retornar à Terra e à sua profissão como orientadora conjugal, e esquecer que algum dia presenciara algo assim.

E a ideia de tentar a psicoterapia com aqueles seres...

Estremeceu. Até mesmo a terapia de drogas e os eletrochoques seriam de pouca utilidade aqui. Aquilo era o limite de uma doença mental, o fim da linha.

A seu lado, o jovem agente da CIA, Dan Mageboom, indagou: — Então o diagnóstico é hebefrenia? — Posso colocar em um relatório oficial? — Tomando-lhe o braço, guiou-a por entre os restos da carcaça de algum animal de grande porte; sob o sol do meio-dia, os ossos pareciam os dentes de um imenso garfo encurvado.

Disse Mary: — Sim, é óbvio. Você viu os restos do rato morto jogados no chão do barraco? Estou perplexa, sinto-me verdadeiramente enojada. Atualmente ninguém vive daquela maneira. Nem mesmo na Índia ou na China. É como retroceder quatro mil anos; assim devia viver o homem de Neanderthal. Só que sem as máquinas enferrujadas.

— Podemos tomar um *drink* na nave — sugeriu Mageboom.

— Nenhuma bebida vai me ajudar — fez Mary — Você sabe o que me fez lembrar este lugar horrível? O co-ap velho, horroroso e ordinário para onde meu marido se mudou quando nos separamos.

Ao lado dela, Mageboom estacou, pestanejando.

— Você sabia que eu era casada — recordou Mary — eu contei para você — Ficou matutando por que a observação o surpreendera tanto; durante a viagem, discutira livremente seus problemas matrimoniais com ele, considerando-o um bom ouvinte.

— Não posso crer que sua comparação seja exata — duvidou Mageboom — As condições deste local são sintomas de uma psicose coletiva; seu marido jamais viveu assim... ele não apresenta desordem mental — Os olhos dele faiscavam.

Mary deteve-se e indagou: — Como você sabe? Você não o conhece, Chuck foi,

e ainda é, doente. O que eu disse é a pura verdade; ele tem um traço latente de Hebefrenia; contei a você sobre todas as minhas tentativas para induzi-lo a procurar um emprego que garantisse um retorno razoável — Mas evidentemente o próprio Mageboom era um empregado da CIA; seria difícil esperar obter a simpatia dele sobre aquele tema. Os fatos eram por demais depressivos para que recordasse sua vida com Chuck

De ambos os lados, os Hebetizados — assim eles se autodenominavam, uma corruptela do diagnóstico obviamente correto de categoria hebefrênica — contemplavam-na com uma estupidez vazia, rindo sem compreender, sem ao menos verdadeira ansiedade. Um bode branco vagava à frente dela; Mary e Dan Mageboom se detiveram, prudentes, nenhum dos dois habituados a bodes. Este passou por eles.

Pelo menos, consolou-se, essa gente não oferece perigo. Os hebefrênicos, em todos os estágios de deterioração, não apresentam a capacidade de agir agressivamente; existiam outras síndromes de desordem mental bem mais ameaçadoras à espreita. Dentro de pouco tempo, inevitavelmente elas começariam a surgir. Estava pensando especificamente nos maníacos-depressivos, os quais, quando em fase maníaca, podiam ser altamente destrutivos.

Mas havia uma outra categoria ainda mais sinistra, contra a qual ela deveria proteger-se. A destrutividade dos maníacos limitava-se a um impulso; na pior das hipóteses, se apresentaria como um acesso de raiva, redundando em orgias temporárias de quebra-quebra e destruição, as quais acabariam por passar. Entretanto, no caso de um paranoico agudo, podia-se antecipar uma hostilidade permanente e sistemática; esta hostilidade não cedia com o tempo, ao contrário, tornava-se mais elaborada. O paranoico possuía uma qualidade analítica e calculista; apresentava uma justificativa consistente para seus atos, e cada atitude baseava-se em um plano. A hostilidade deles podia ser aparentemente menos violenta... mas a longo prazo sua durabilidade acarretava implicações mais significativas, até onde a terapia tinha conhecimento. Pois com esses tipos, os paranoicos em estágio avançado, a cura ou mesmo o discernimento temporário eram potencialmente impossíveis. Assim como o hebefrênico, o paranoico encontrara uma má adaptação estável e duradoura.

Além disso, ao contrário dos maníacos-depressivos e dos hebefrênicos, ou dos esquizofrênicos catalépticos, o paranoico *parece* normal. O padrão habitual do raciocínio lógico mostrava-se inalterado. Sob a superfície, todavia, o paranoico sofria da mais grave deformação mental possível em um ser humano. Era incapaz de empatia, de imaginar-se no papel de outra pessoa. Daí o fato de para ele os outros não existirem efetivamente — exceto enquanto objetos em movimento, capazes ou não de afetar o bem-estar dele. Durante décadas, fora moda afirmar que os paranoicos eram incapazes de amar. Não é bem assim. O paranoico experimenta o amor de maneira integral, como algo que os outros lhe dedicam e como um sentimento que ele nutre em relação a outrem. Só que neste

ponto há uma ligeira nuance.

O paranoico experimenta o amor como uma variedade do ódio.

Explicou a Dan Mageboom: — De acordo com a minha teoria, os diversos subtipos de doença mental devem estar em atividade neste mundo, divididos em classes de alguma maneira semelhantes àquelas da Índia antiga. Esta gente daqui, os hebefrênicos, seriam equivalentes aos intocáveis. Os maníacos constituiria a classe guerreira, destemida; uma das principais.

— Samurái — completou Mageboom — Como no Japão.

— Exatamente — aprovou com uma inclinação de cabeça. Os paranoicos — na verdade paranoicos-esquizofrênicos — funcionariam como a classe dos estadistas; se encarregariam do desenvolvimento político-ideológico, da visão global de mundo. Os esquizofrênicos simplesmente... — ponderou — corresponderiam à classe dos poetas, embora alguns deles possam ser visionários religiosos — assim como certos Hebetizados. Os Hebetizados, entretanto, se inclinariam a produzir santos ascetas, enquanto os esquizofrênicos seriam a fonte dos dogmáticos. Aqueles com esquizofrenia polimórfica simples seriam os membros criativos, lançadores de novas ideias — Tentou lembrar que outras categorias poderiam existir — Poderia haver alguns com ideias exageradas, desordens psicóticas que não passam de formas avançadas de neurose obsessivo-compulsiva branda, os chamados distúrbios diencefálico. Estes indivíduos seriam os balconistas e funcionários públicos da sociedade, os funcionários rituais, sem ideias originais. O conservadorismo destes contrabalançaria com a característica radical dos esquizofrênicos polimórficos, conferindo estabilidade à sociedade.

Mageboom concluiu: — Então se poderia pensar que a sociedade acabaria funcionando — gesticulou — De que maneira ela diferiria de nossa própria sociedade na Terra?

Durante alguns segundos, ela avaliou a indagação; era uma boa pergunta.

— Não encontra resposta? — desafiou Mageboom.

— Tenho uma resposta. A liderança nesta sociedade naturalmente recairia sobre os paranoicos, sendo eles superiores em termos de iniciativa e inteligência, além das habilidades comuns inatas. Evidentemente, eles enfrentariam dificuldades para evitar que os maníacos dessem um golpe... a tensão perduraria indefinidamente entre os dois grupos. Mas veja bem, com os paranoicos estabelecendo a ideologia, a base emocional dominante seria o ódio. Na verdade, ódio em dois níveis: a liderança detestaria cada um que estivesse fora de seu grupo e estabeleceria como ponto pacífico que todos os odiavam em resposta. Portanto, a chamada política externa consistiria em estabelecer mecanismos através dos quais pudessem combater este suposto ódio em relação a eles. Este processo envolveria toda a sociedade em uma luta ilusória, em uma batalha contra adversários inexistentes em busca de uma vitória sobre o nada.

— Por que este esquema é tão ruim?

— Porque, não importa como tenha começado, os resultados seriam os mesmos — Mary foi taxativa — isolamento total para essa gente. Este seria, em última análise, o efeito da atividade global desses grupos: cortá-los progressivamente das demais entidades viventes.

— É assim tão negativo? A auto-suficiência...

— Não — fez Mary — Isto não seria auto-suficiência, seria alguma coisa completamente diferente, algo que nem eu nem você conseguimos imaginar. Lembra-se das antigas experiências feitas com pessoas em isolamento absoluto? Em meados do século vinte, quando eles previram a viagem ao espaço, a possibilidade de um homem ficar sozinho durante vários dias, semanas sem fim, com cada vez menos estimulação... lembra-se dos resultados obtidos quando eles colocavam um homem em uma câmara sem que quaisquer estímulos o alcançassem?

— Claro — fez Mageboom — É o que atualmente denominamos *the buggies*. O resultado da falta de estimulação é a alucinação aguda.

Ela assentiu: — Alucinação auditiva, visual, tátil e olfativa, em substituição a estimulação ausente. Em intensidade, a alucinação é capaz de exceder a força da realidade; com sua intensidade e impacto, o efeito obtido... Por exemplo, estados de terror. Alucinações induzidas por drogas podem deflagrar sentimentos de terror que nenhuma experiência no mundo real pode produzir.

— Por quê?

— Porque a qualidade dessas alucinações é muito superior. Elas foram geradas no interior do sistema receptor dos sentidos e realimentam-se de emanções provenientes não de um ponto distante mas do interior do próprio sistema nervoso de uma pessoa. Ela não consegue afastar-se. Não é possível qualquer retirada.

Mageboom inquiriu: — E como isso funciona aqui? A senhora não parece capaz de explicar.

— Posso explicar, mas não é fácil. Em primeiro lugar, ainda não conheço o nível de avanço desta sociedade, proporcionalmente ao isolamento e aos indivíduos que a construíram. Logo saberemos; segundo: o comportamento deles em relação a nós. Os Hebetizados que estamos vendo aqui... — Indicou as cabanas de ambos os lados da rua enlameada — O comportamento deles não pode ser considerado padrão. Contudo, quando encontrarmos os primeiros paranoicos ou maníacos... digamos: sem dúvida existe algum tipo de alucinação ou de proteção psicológica, como componente da visão de mundo dessa gente. Em outras palavras, devemos admitir que eles já estão em processo de alucinação parcial. Mas ainda retêm algum senso de realidade objetiva propriamente dita. Nossa presença aqui acelerará a tendência à alucinação; temos que enfrentar este fato e nos prepararmos. E a alucinação nos assumirá como elementos ameaçadores terríveis; nós e nossa aeronave seremos vistos, literalmente — não estou dizendo considerados, mas sim realmente percebidos — como uma ameaça. Sem dúvida

eles nos verão como precursores da invasão que pretende destruir a sociedade aqui estabelecida, tornando-a um satélite da nossa.

— Mas é a pura verdade. Nós pretendemos tomar a liderança em nossas mãos, colocando-os onde estavam há vinte e cinco anos. Pacientes em hospitalização forçada — em outras palavras, o cativo.

Era um bom argumento. Mas não o suficiente. Ela rebateu: — Você não está fazendo uma distinção tênue mais vital; vamos experimentar a terapia com estas pessoas, tentando efetivamente levá-las à condição em que, por um acaso, elas agora se encontram indevidamente. Se nosso projeto obtiver sucesso, finalmente eles governarão a si mesmos, como colonos de fato e direito. Nesta lua. No começo alguns, e então cada vez maior número deles. Esta não é uma forma de cativo — mesmo que eles assim imaginem. A partir do momento em que qualquer indivíduo nesta lua esteja livre de psicose ele será capaz de encarar a realidade sem a distorção da projeção...

— você acha possível dissuadi-los a voluntariamente retornar à sua condição de hospitalizados?

— Não — concedeu Mary — Teremos de usar a força para subjugar-los; com a possível exceção de uns poucos Hebetizados, teremos que expedir documentos para internações do planeta inteiro. Ou melhor, da lua — corrigiu-se.

— Imagine só — supôs Mageboom — se a senhora não houvesse modificado para “lua”, eu teria motivos para internar a senhora.

Ela lançou um olhar de surpresa em direção a ele. Não parecia estar brincando; o rosto jovem estava carrancudo.

— Foi um lapso — ela justificou.

— Um lapso — ele aquiesceu — mas revelador. Um sintoma — Ensaiei um sorriso gelado, que a fez estremecer de espanto e apreensão; o que Mageboom teria contra ela? Ou ela estava ficando um tanto paranoica? Talvez sim... mas sentiu uma forte hostilidade por parte daquele homem, cujo alvo era ela, que mal o conhecia.

Sentira essa hostilidade durante toda a viagem; desde o começo; começara no instante mesmo em que haviam sido apresentados.



Colocando o simulacro Daniel Mageboom em homeostase, Chuck Rittersdorf desligou-se do circuito, levantou-se rígido do assento em frente ao painel de controle e acendeu um cigarro. Eram nove horas da noite, hora local.

Em Alfa III M2 o simula cuidaria de seus afazeres, funcionando de maneira autônoma; se ocorresse alguma crise, Petri tomaria os controles sob sua responsabilidade. Enquanto isso, outros problemas preocupavam-no. Estava na época de produzir seu primeiro roteiro para o cômico televisivo Coelho Hentman, seu outro patrão.

Agora ele possuía uma provisão de estimulantes; a matéria viscosa de Ganimedes os oferecera de presente quando Chuck saíra do co-ap naquela manhã. Assim, ele poderia com certeza trabalhar a noite inteira.

Mas, primeiro, tinha um projeto para o jantar.

Deteve-se em um videofone público no hall do prédio da CIA e fez uma chamada para o co-ap de Joan Trieste.

— Oi — fez ela ao perceber quem era — Escute, o Sr. Hentman telefonou, tentando entrar em contato com você. É melhor se comunicar com ele. Ele disse que tentou encontrar você no prédio da CIA em São Francisco, mas eles afirmaram que não o haviam visto.

— Politicagem — disse Chuck — Tudo bem. Vou ligar para ele — Em seguida, convidou-a para jantar — Sozinho ou comigo, acho que você não vai ter tempo de jantar — respondeu Joan — Pelo que o Sr. Hentman me adiantou, ele tem algumas ideias e quer submetê-las a você; disse que, quando as mostrar, você vai cair para trás.

Chuck observou: — Não me surpreenderia — Resignara-se; evidentemente, assim funcionava o relacionamento com Hentman.

Pondo temporariamente de lado quaisquer esforços em relação a Joan, discou no videofone o número que a organização Hentman lhe dera.

— Rittersdorf! — exclamou Hentman, assim que o ouviu na linha — Onde você está? Venha para cá imediatamente. Estou no ap da Flórida — tome um foguete expresso; eu pago a corrida. Escute, Rittersdorf: o seu teste está sendo apresentado neste momento — ele lhe dirá se você é bom ou não.

Era um grande salto da colônia repleta de lixo dos Hebetizados estúpidos em Alfa III M2 para os planos cheios de energia de Coelho Hentman. A transição seria difícil; talvez conseguisse ensaiá-la no voo para o sul. Também poderia comer algo na aeronave, mas isto deixaria Joan Trieste fora de seus projetos; o trabalho já estava afetando sua vida pessoal.

— Conte-me a ideia agora; para que eu possa meditar sobre ela durante o voo.

Os olhos de Hentman reluziram astuciosos — Está brincando? Imagine se alguém por acaso ouvir! Escute, Rittersdorf. Vou dar uma pista. Já estava com esta ideia

na cabeça quando contatei você, mas... — O sorriso alargou-se. Não quero assustá-lo, entende o que quero dizer? Agora peguei você — Soltou uma gargalhada alta — Puxa! Tudo bem, certo?

— Diga-me pelo menos qual é a ideia — pediu Chuck, pacientemente.

Reduzindo a voz a um sussurro, Hentman aproximou-se do videorreceptor. O nariz, ampliado, preencheu a tela, um nariz e um olho piscando divertido — Vou adicionar um novo personagem ao meu repertório. O nome dele é George Flibe. Assim que lhe disser o que ele é, você entenderá por que contratei você. Escuta só. Flibe é um agente da CIA. E ele se faz passar por um orientador conjugal, com o objetivo de obter informações sobre pessoas suspeitas — Hentman aguardou em expectativa — E aí? O que você me diz?

Após uma longa pausa, Chuck opinou: — É a pior coisa que já ouvi em vinte anos — A ideia deprimia-o por completo.

— Você está maluco. Eu sei e você não. Este poderia ser o melhor personagem de comédia de TV desde *Fressy the Free Loader de Red Skelton*. E você é a pessoa mais indicada para escrever o roteiro, pois tem experiência. Portanto venha para cá logo que possível e nós começaremos a trabalhar no primeiro episódio de George Flibe. Certo? E se por um acaso esta ideia não é boa, o que você tem para oferecer em troca?

Chuck sugeriu: — que tal um orientador conjugal que se faz passar por um agente da CIA com o objetivo de obter informações que poderão curar seus pacientes?

— Está me gozando?

— Falando sério — fez Chuck — que tal este? Um simulacro da CIA...

— Você está querendo me enrolar — O rosto de Hentman tingiu-se de vermelho; ao menos na videotela ele escureceu consideravelmente.

— Nunca falei mais sério em toda minha vida.

— Tudo bem, como é a ideia do simulacro?

— O simulacro da CIA, entende — explicou Chuck — se faz passar por um orientador conjugal, mas de vez em quando o simulacro entra em colapso.

— Os simulacros da CIA realmente fazem isso? Entram em colapso?

— O tempo todo.

— Prossiga — disse Hentman, carrancudo.

Chuck continuou: — Você vê, a questão é essa: que diabos um simulacro entende sobre problemas matrimoniais humanos?

E lá está ele aconselhando as pessoas. Ele continua dando conselhos; quando começa, não consegue parar. Ele oferece conselhos matrimoniais até mesmo aos técnicos da General Dynamics que vão sempre consertá-lo.

Entendeu?

Hentman assentiu lentamente, coçando o queixo — Hum...

— Deve haver uma razão para o simulacro agir dessa maneira. Assim, nós vamos até sua origem. O episódio começaria com os engenheiros da General Dynamics que...

— Já sei — interrompeu Hentman — Esse engenheiro, vamos chama-lo Frank Fupp, está passando por problemas em seu casamento; está consultando uma orientadora conjugal. E ela lhe deu um documento, uma análise do problema dele; aí ele levou o documento para o trabalho, para os laboratórios da G.D.; e lá está o novo simula, aguardando ser programado.

— Claro — concordou Chuck

— E... e Fupp lê o documento em voz alta para o outro engenheiro, digamos Phil Groom. O simulacro é programado por acaso; acredita que é um orientador conjugal. Mas na realidade ele foi contratado pela CIA. O robô é expedido para lá e aparece... — Hentman fez uma pausa, ponderando sobre a questão — Aonde ele poderia aparecer, Rittersdorf?

— Atrás da Cortina de Ferro. Digamos no Canadá Vermelho.

— Ótimo! No Canadá Vermelho, em Ontário. Ele deve se fazer passar por um... vendedor vacilante de sintéticos. Não está certo? Não é isso que eles fazem?

— Mais ou menos; está certo.

— Só que ao invés disso — prosseguiu Hentman, excitado — ele se estabelece em um pequeno consultório, e pendura uma tabuleta. George Flibe. Psicólogo, Especialista em Orientação Conjugal. E os altos funcionários do Partido Comuna com problemas matrimoniais começam a consultá-lo... — Hentman arquejava, agitado — Rittersdorf, você teve a melhor ideia que jamais ouvi, pelo menos ao que me lembre.

— E... esses engenheiros da General Dynamics estão sempre tentando consertar o simulacro para fazê-lo funcionar direito. Escuta; pegue o foguete expresso para a Flórida imediatamente; e vá delineando o personagem durante a viagem, talvez quando chegar aqui você já tenha alguns diálogos prontos. Acho que estamos no caminho certo; entende, nossas cabeças sincronizam bem.. certo?

— Acho que sim — confirmou Chuck — Estou indo para aí — anotou o endereço e desligou.

Saturado, deixou a cabine e o videofone; sentia-se esgotado. E nem ao menos sabia se realmente tivera uma boa ideia ou não. De qualquer maneira, Hentman achava que sim, e obviamente era isso que interessava.

Chegou ao porto espacial de São Francisco de táxi a jato, e ali, embarcou em um foguete expresso que o levaria à Flórida.

O edifício de Coelho Hentman era a personificação do luxo. Todos os andares situavam-se abaixo da superfície e o prédio possuía sua própria força policial patrulhando as entradas e os corredores. Chuck deu seu nome ao primeiro tira que se aproximou dele e um segundo depois estava descendo até o andar de Coelho.

No interior do imenso ap, Coelho Hentman relaxava em um camisolão de seda de aranha tingida à mão por marceiros, fumando um enorme charuto verde de Tampa, Flórida; saudou-o com um movimento impaciente de cabeça, indicando os outros homens na sala de estar.

— Rittersdorf, estes são dois colegas seus, meus escritores. Este alto... — apontou com o charuto — é Calv Dark — Dark aproximou-se de Chuck lentamente e cumprimentou-o — E o baixinho gorducho e careca é o meu escritor veterano, Thursday Jones — Iguamente encaminhando-se em direção a Chuck, Jones, um negro ativo de traços fortes cumprimentou-o. Ambos os roteiristas pareciam amistosos; não sentiu hostilidade da parte deles. Evidentemente não estavam melindrados com a presença de Chuck.

Dark sugeriu: — Sente-se Rittersdorf. Deve ter sido uma longa viagem. Aceita um *drink*?

— Não — declinou Chuck. Queria a mente lúcida para a sessão que se aproximava.

— Você jantou no foguete? — indagou Hentman.

— Jantei.

— Estive falando com meus garotos a respeito de sua ideia — explicou Hentman — Os dois gostaram dela.

— Ótimo — fez Chuck.

— Entretanto — prosseguiu Hentman — estiveram discutindo o tema e ainda há pouco chegaram a uma evolução da sua ideia... entende o que quero dizer?

Chuck disse: — Adoraria ouvir a ideia deles, baseada na minha.

Limando a garganta, Thursday Jones interpelou-o: — Sr. Rittersdorf, um simulacro poderia cometer um assassinato?

Após fita-lo durante um segundo, Chuck respondeu: — Não sei — Estava gelado — Você quer dizer por ele mesmo, trabalhando autonomamente...

— Quero dizer, alguém operando-o a longa distância poderia usar o simula como um instrumento para matar?

Chuck disse a Coelho Hentman: — Não vejo graça em uma ideia dessas. E dizem que minha inteligência é fraca.

— Espere — advertiu Coelho — Você se esquece daquelas velhas fitas

engraçadas, combinações de humor e terror. Como *The Cat and the Canary*, aquele filme com Paulette Goddard e Bob Hope. E o famoso *Arsenic and Old Lace*; isso sem citar as comédias inglesas clássicas em que alguém era assassinado... havia dezenas delas antigamente.

— Como o maravilhoso *Kind Hearts and Coronets* — lembrou Thursday Jones.

— Entendo — foi tudo o que disse Chuck; ficou de boca fechada, enquanto por dentro fervia de incredulidade e susto. Seria tudo isso alguma coincidência maligna, essa ideia correndo paralelamente à sua própria vida? Ou então, o que parecia mais provável, a matéria viscosa contara algo a Coelho. Mas em caso afirmativo, por que motivo a organização Hentman estava agindo daquela maneira? Que interesse teriam na vida ou morte de Mary Rittersdorf? Hentman comentou: — Acho que os garotos tiveram uma boa ideia. O pavor aliado ao... Bem, você vê, Chuck, você trabalha para a CIA, por isso não se dá conta, mas o homem comum tem medo da CIA; entendeu? Ele encara a instituição como uma polícia secreta interplanetária e uma organização de espionagem, a qual...

— Eu sei — cortou Chuck.

— Então você não precisa arrancar minha cabeça — brincou Coelho Hentman, lançando um olhar em direção a Darke e Jones.

Dark levantou a voz: — Chuck, se é que já posso chamá-lo assim, conhecemos nosso trabalho. Quando o João da Silva pensa em um simula da CIA, ele fica apavorado. Quando você apresentou sua ideia a Coelho, não pensou nisso. Ora, aqui está o agente da CIA; vamos chamá-lo... — Voltou-se para Jones — Qual o nosso nome de trabalho?

— Siegfried Trots.

— Aqui está Ziggy Trots, um agente secreto... capa de chuva estilo militar feita de pele de toupeira de Urano, chapéu de flocos de Vênus derrubado sobre a testa — tudo isso. De pé sob a chuva em alguma lua melancólica, talvez de Júpiter. Uma imagem familiar.

— E aí, Chuck — Jones prosseguiu a narrativa — uma vez estabelecida a imagem no inconsciente do telespectador, o estereótipo, entende?, aí o espectador descobre algo que não sabia sobre Ziggy Trots, algo que o estereótipo de um sinistro agente da CIA normalmente não contém.

Prosseguiu Dark: — Você vê, Ziggy Trots é um idiota. Um bestalhão que nunca faz nada certo — Sentou-se no sofá ao lado de Chuck — Ele vai tentar cometer um crime. Entendeu?

— Entendi — concedeu Chuck, falando o menos possível, transformando-se em uma simples entidade ouvinte. Por dentro, contraía-se, cada vez mais assustado — e desconfiado — com o que estava se passando em torno dele.

Dark continuou: — Ora, quem ele vai tentar matar? — Correu o olhar por Jones e

Coelho Hentman — Estivemos discutindo esta parte.

Coelho disse: — Um chantagista. Um magnata internacional de joias que opera de um outro planeta. Talvez um não-terrestre.

Fechando os olhos, Chuck sentiu-se perdido.

— Algo errado, Chuck? — perguntou Dark

— Ele está refletindo — disse Coelho — Experimentando a ideia. Não é, Chuck?

— É... é — Chuck conseguiu responder. Agora tinha certeza de que Lorde Gosma Veloz procurara Hentman. Alguma coisa avassaladora e lúgubre se desdobrava diante dele, tomando-o de supetão; sentia-se insignificante no meio daquilo, fosse o que fosse. E não tinha como escapar.

— Discordo — fez Dark — Um magnata internacional de joias, talvez um marciano ou venusiano, não é mau, mas... — Gesticulou — Isso já foi feito várias vezes; começamos com um estereótipo; não vamos reverter para outro. Acho que ele deveria tentar acabar com, bem, com a esposa. Fizeram a imagem? Esse agente, quase um espião da polícia secreta, valentão e bruto, do qual o indivíduo comum morre de medo... nós vemos como ele é durão, agredindo as pessoas, e eis que em casa ele é agredido pela mulher — Começou a rir.

— Não está mau — admitiu Coelho — Mas não é suficiente. Fico pensando quantas vezes seria possível representar este papel; quero um personagem que eu possa usar permanentemente em meus programas. E não um *sketch* para uma semana.

— Acho que o molenga da CIA é um personagem que poderia durar indefinidamente — diz Dark — Aí encontramos de novo esse Ziggy Trots, desta vez no trabalho, na sede da CIA, onde estão todos aqueles aparelhos e dispositivos eletrônicos da polícia. E de súbito ocorre-lhe uma ideia — Dark fica de pé e começa a dar largas passadas pela sala — Ele pode usá-los contra a mulher. E para completar, este novo simula entra com passos cadenciados — A voz de Dark tornou-se metálica e estridente enquanto imitava o simulacro — Sim, chefe, o que posso fazer pelo senhor? Estou esperando.

Coelho indagou, com um sorriso amarelo: — O que você acha, Chuck? — com dificuldade Chuck ensaiou uma pergunta — O fato da mulher ser chata é... o único motivo para matá-la? O fato dela intimidá-lo?

— Não — exclamou Jones bruscamente — Você tem razão; precisamos de uma razão mais forte e acho que tenho uma ideia. Existe aquela garota. Ziggy tem uma amante. Uma espiã interplanetária, linda e *sexy*, entende? E a mulher não quer conceder o divórcio.

Dark sugeriu: — Ou talvez a esposa tenha descoberto essa namorada e...

— Espera aí — interrompeu Coelho — O que estamos bolando, um drama

psicológico ou um *sketch* humorístico? Isso está ficando muito confuso.

— Está certo — assentiu Jones — Vamos nos limitar a demonstrar o monstro que a mulher é. De qualquer maneira, Ziggy vê o simulacro... — Deteve-se, pois alguém entrara na sala.

Era um Alfano. Uma criatura de raça quitinosa que, há alguns anos, fora aprisionado em combate com a Terra. Os braços e pernas com as múltiplas articulações estalando, a criatura avançou em direção a Coelho, sentindo-o com sua antena — os Alfanos eram cegos — e então tocou-o, afagando delicadamente o rosto de Coelho. O Alfano afastou-se um pouco, satisfeito com sua posição... A cabeça sem olhos girou e, farejando, ele captou a presença de outros seres humanos.

— Estou interrompendo? — indagou com sua voz anasalada e monótona de Alfano — Ouvi a discussão e interessei-me.

Coelho explicou a Chuck — Rittersdorf, este é um de meus amigos mais antigos e queridos. Jamais confiei em alguém do jeito que confio neste meu companheiro, RBX303 — E acrescentou: — Talvez você não saiba, mas os Alfanos possuem nomes licenciados, espécie de códigos mecanizados. O nome deles é simplesmente assim como esse, RBX303. Soa meio impessoal, mas os Alfas são afetuosos de verdade. O RBX303 aqui tem um coração de ouro — Conteve uma risada — Na verdade são dois; um de cada lado.

— Prazer em conhecê-lo — fez Chuck, pensativo.

O Alfano arrastou-se em direção a ele, seguindo os traços faciais de Chuck com suas antenas gêmeas; pareciam duas moscas pousando aqui e ali em seu rosto — uma impressão nitidamente desagradável — Sr. Rittersdorf — emitiu o Alfano, com sua voz anasalada — encantado — Em seguida afastou-se — Quem mais está na sala, Coelho? Sinto o cheiro de outros.

— São Dark e Jones — disse ele — meus escritores — Mais uma vez voltou-se para Chuck, explicando: — o RBX303 é um magnata, um importante negociante de empreendimentos comerciais interplanetários de todos os tipos. O negócio é o seguinte, Chuck O RBX303 aqui possui as ações majoritárias da Empresa de Transportes Urbanos. Isso não lhe diz nada?

Por um momento a informação não chegou a significar algo, mas então lembrou-se. A empresa Transurb patrocinava o programa de TV de Coelho Hentman — Quer dizer — fez Chuck — que o dono é... — Deteve-se. Ia afirmar: — O dono é um de nossos antigos inimigos? — Entretanto, não disse isso; por um lado, evidentemente essa era a verdade, e por outro, eles eram, afinal de contas, os antigos e não os atuais inimigos. A Terra e os Alfanos estavam em paz e supunha-se que a inimizade estivesse terminada.

— Você nunca tinha visto um Alf de perto antes? — perguntou com vivacidade — Pois deveria; são um povo ótimo. Sensíveis, com um agudo senso de humor... A Transurb me patrocina em parte porque o RBX303 acredita pessoalmente em

mim e em meu talento — fez tudo para que eu deixasse de ser um humorista do circuito de casas noturnas com convidados ocasionais de programas de TV e passasse a ter meu próprio programa, um programa que deu certo em parte devido à excelente divulgação proporcionada pela Transurb.

— Entendo — fez Chuck. Ele não sabia exatamente por que, talvez fosse a situação em si, mas não conseguia compreendê-la — Os Alfanos são telepatas? — indagou, sabendo que não eram, e mesmo assim... aquele Alfano parecia dispor de uma percepção incomum. Chuck nutria a suspeita de que a criatura sabia de tudo; para o Alfano, não haveria segredos que não pudesse desvendar.

— Eles não são telepatas — esclareceu Coelho — Mas eles dependem bastante da audição, o que os torna diferentes de nós, que temos olhos — Relanceou a vista por Chuck — Qual o seu problema com os telepatas? Quer dizer, você devia saber a resposta; durante a guerra, fomos informados a respeito do inimigo. E você não era tão jovem que não se lembrasse disso; você deve ter crescido com essas informações.

Dark subitamente elevou a voz: — Vou dizer a vocês o que está preocupando Rittersdorf; eu também sentia o mesmo. Rittersdorf foi contratado devido às suas ideias. E não quer ver seu cérebro devassado. Suas ideias pertencem a ele até o momento em que resolver revelá-las. Se você aparecesse com uma matéria viscosa de Ganimedes, com os diabos, seria uma invasão desonesta de todos os nossos direitos pessoais; nos transformaríamos em máquinas de onde você arrancaria ideias — Para Chuck, afirmou: — Não se preocupe com o RBX303; ele não pode ler os seus pensamentos; tudo que consegue é ouvir com atenção as nuances sutis e diminutas do que você diz... mas é surpreendente o quanto ele detecta desta maneira. Os Alfanos dão bons psicólogos.

— Sentado na sala ao lado — fez o Alfano — lendo a revista *Life*, ouvi a conversa de vocês, sobre o nosso personagem cômico Siegfried Trots. Interessado, decidi entrar; coloquei o audiolivro de lado e vim para cá. Esta explicação é suficiente?

— Ninguém se incomoda com sua presença — Coelho tranquilizou o Alfano.

— Nada me diverte e entretém — e fascina — mais do que uma reunião de criação entre vocês, escritores talentosos — explicou o Alfano — Sr. Rittersdorf, nunca o vi em ação antes, mas já posso assegurar que o senhor tem muito a oferecer. Entretanto, sinto sua aversão — uma aversão bastante profunda — pela direção que a conversa tomou. Posso perguntar precisamente o que o senhor acha de tão censurável em Siegfried Trots e seu desejo de acabar com a mulher desagradável? O senhor é casado, Sr. Rittersdorf?

— Sou — respondeu Chuck.

— Talvez a ideia da trama desperte sentimentos de culpa em seu íntimo — supôs o Alfano, pensativo — Talvez o senhor cultive impulsos hostis inconfessos em relação a sua esposa.

Coelho intrometeu-se: — Você está por fora, RBX303; Chuck e a mulher estão se

separando — ela já recorreu ao tribunal. De qualquer maneira, a vida particular de Chuck é problema dele; não estamos aqui para dissecar a psique dele. Vamos voltar ao trabalho.

— Insisto em afirmar — declarou o Alfano — que existe algo de atípico e incomum na reação do Sr. Rittersdorf; gostaria de saber o quê — Voltou a cabeça sem olhos, semelhante a um ovo, em direção a Chuck — Talvez se nos encontrarmos mais, descobrirei o porquê. E tenho o pressentimento de que saber a razão beneficiará também o senhor.

Coçando o nariz, pensativo, Coelho Hentman afirmou: — Talvez ele saiba, RBX. Talvez ele simplesmente não queira contar — Olhou para Chuck e disse: — Insisto que o problema é dele, seja o que for.

Chuck justificou-se — Simplesmente esta ideia não parece muito cômoda. Esta é minha... — quase disse aversão — ...dúvida.

— Bom, eu não tenho dúvidas — decidiu Coelho. Vou encomendar um manequim oco representando um simulacro, em que alguém possa entrar, ao nosso Departamento de Arte. Vai sair bem mais barato e convincente do que comprar um verdadeiro. E vamos precisar de alguma garota para representar o papel de mulher de Ziggy. *Minha* mulher, pois eu serei Ziggy.

— E a amante? — inquiriu Jones — Fica ou sai?

Dark argumentou: — Seria uma vantagem se escolhêssemos uma com os seios grandes. Isto agradaria a muitos telespectadores; afinal de contas, já temos uma mulher chata, que certamente não será peituda. Este tipo nunca faz aquela operação.

— Você tem alguém especial em mente para o papel? — Coelho interpelou-o, bloco e caneta em punho.

— Você conhece aquela principiante temperamental que seu empresário contratou? — sugeriu Dark — Aquela novinha... Patty não-sei-de-quê, Patty Weaver. Ela realmente tem o busto enorme. Os médicos devem ter enxertado vinte e cinco quilos em vez de vinte e cinco gramas.

— Vou contratar Patty hoje à noite — concordou Coelho Hentman — Conheço-a e sei que é competente; é o tipo certo para o papel. Ainda falta alguma bruxa velha e brigona para representar a mulher chata. Talvez eu encarregue Chuck de selecionar alguém para o papel — soltou uma gargalhada.



Capítulo 8

Voltando exausto, na madrugada daquela noite, ao co-ap arruinado no Condado de Marin, Califórnia do Norte, a matéria viscosa amarela de Ganimedes deteve Chuck Rittersdorf no corredor. Isto às três horas da manhã. Assim já era demais.

— Dois indivíduos estão em seu ap — Lorde Gosma Veloz informou-o. Achei que o senhor devia ser alertado antes.

— Obrigado — agradeceu Chuck, e ficou matutando sobre o que teria de suportar agora.

— Um deles é o seu chefe na CIA — anunciou a matéria viscosa — Jack Elwood. O segundo é o superior do Sr. Elwood, um tal de Sr. Roger London. Eles estão aqui para interrogá-lo a respeito de seu outro trabalho.

— Nunca ocultei nada deles — justificou Chuck — Na verdade Mageboom, operado por Pete Petri, estava aqui no momento em que Hentman me contratou — Inquieto, ficou pensando por que eles considerariam o assunto como da conta deles.

— É verdade, concordou a matéria viscosa — mas o senhor sabe, eles grampearam a sua linha de videofone, na qual o senhor hoje falou primeiro com Joan Trieste e depois com o Sr. Hentman na Flórida. Assim, eles não somente têm conhecimento de seu trabalho para o Sr. Hentman como também conhecem a ideia para o roteiro que o senhor...

Então era isso. Chuck passou pela matéria viscosa em direção a porta do co-ap. Não estava trancada; abriu-a, encontrando-se frente a frente com os homens da CIA: — Tão tarde da noite? — fez ele — É assim importante? — Dirigindo-se ao guarda-roupa de estilo antigo pendurou o casaco. O ap estava acolhedoramente aquecido. Os funcionários da CIA haviam ligado o aquecimento não controlado por termostato.

— É ele? — indagou London. Era um homem grisalho, alto, encurvado, chegando ao fim dos cinquenta; Chuck já encontrara com ele algumas vezes, e achara-o duro — Este é Rittersdorf?

— É — respondeu Elwood — Chuck ouça com atenção. Existem fatos sobre Coelho Hentman dos quais você não tem conhecimento. Questões de segurança. Ora, estamos a par do motivo que o levou a aceitar esse emprego; sabemos que você não queria, mas foi forçado.

— Ahn? — emitiu Chuck, cauteloso. Eles não podiam saber a pressão que a matéria viscosa telepática exercera sobre ele do outro lado do corredor.

Elwood prosseguiu: — Reconhecemos a situação delicada que está atravessando com sua ex-esposa, Mary, a pensão enorme que ela vai exigir; sabemos que você precisa do dinheiro para poder efetuar esses pagamentos. Entretanto... — Fitou London. Este assentiu, e Elwood inclinou-se para abrir a pasta — Trouxe o dossiê de Hentman. Seu verdadeiro nome é Sam Little. Durante a guerra, foi condenado por violar as leis comerciais do governo com estados neutros; em outras palavras, Hentman fornecia mercadorias fundamentais ao inimigo, através de uma fonte intermediária. Permaneceu somente um ano na prisão, contudo; Contratou bons advogados. Quer ouvir mais?

— Quero — disse Chuck — pois não posso largar um emprego só porque há dezesseis anos...

— Certo — cortou Elwood, após uma rápida troca de olhares com seu superior, London — após a guerra, Sam Little — ou Coelho Hentman, como é atualmente conhecido — passou a viver no sistema Alfa. O que fez lá ninguém sabe; nossas fontes de informação não eram eficazes no território de Alfa. De qualquer maneira, há seis anos ele voltou à Terra, repleto de pratas interplanetárias. Iniciou-se na rotina de comediante de casas noturnas e então a empresa Transurb começou a patrociná-lo...

— Eu sei — interrompeu Chuck — que o dono da Transurb é um Alfano. Fui apresentado a ele, RBX303.

— Você foi apresentado a ele? — Elwood e London cravaram os olhos em Chuck — Você sabe tudo sobre RBX303? — interpelou-o Elwood — Durante a guerra, a família dele detinha o maior truste de materiais bélicos do sistema Alfa. O irmão dele atualmente faz parte do Gabinete Alfano, diretamente responsável pelo Doge Alfano. Em outras palavras, lidar com RBX303 significa lidar com o governo de Alfa — Jogou o dossiê sobre Chuck — Leia o resto.

Chuck passou os olhos pelas páginas bem datilografadas. Ficou fácil resumir o caso ao fim da leitura; os agentes da CIA que haviam compilado o dossiê acreditavam estar o RBX agindo como representante não autorizado de uma potência estrangeira, e que Hentman estava a par desse fato. Consequentemente, a CIA estava vigiando as atividades deles.

— O motivo por que ele lhe ofereceu o emprego — observou Elwood — não é o que você imagina. Hentman não precisa de outro escritor. Ele já tem cinco. Vou passar nossa opinião. Achamos que tem alguma relação com sua mulher.

Chuck não disse nada, continuou a passar os olhos distraidamente sobre as folhas que compunham o dossiê.

— Os Alfanos — explicou Elwood — gostariam de reaver Alfa III M2. E a única maneira de obtê-la *legalmente* consiste em induzir os habitantes terrestres a deixarem a lua. De outra forma, torna-se propriedade de seus colonizadores, e já que esses colonizadores são terrestres, indiretamente ela se torna propriedade da Terra. Os Alfanos não podem *obrigar* os colonizadores a sair, mas estão de olho

neles; sabem perfeitamente bem que aquela é uma sociedade de antigos pacientes com distúrbios mentais do Hospital Neuropsiquiátrico Harry Sullivan, que ali estabelecemos antes da guerra. O único órgão capaz de retirar os atuais habitantes de Alfa III M2 seria proveniente da Terra, ou a Terplan ou o Serviço de Saúde e Bem-Estar Interplanetário dos Estados Unidos; poderíamos perfeitamente evacuar a lua, deixando-a livre para quem dela se apossasse.

— Mas ninguém — argumentou Chuck — vai recomendar a evacuação dos colonos — A hipótese lhe parecia inteiramente impossível — Das duas uma: ou a Terra deixaria os colonos estritamente à sua mercê, ou construiriam um novo hospital e os colonos seriam constrangidos à internação.

Elwood contrapôs: — Pode ser que você tenha razão. Mas os Alfanos sabem disso?

— E não se esqueça — fez London, em sua voz suave e rouca — de que os Alfanos são ótimos jogadores; a guerra consistiu, para eles, em uma grande jogada — e eles perderam. Não conhecem outra forma de ação.

Isto era verdade; Chuck assentiu. Ainda assim a história toda não fazia sentido. Que influência teria ele sobre as decisões de Mary? Hentman sabia que ele e Mary estavam legalmente separados; Mary permaneceria em Alfa III M2 e ele na Terra. E mesmo se estivessem ambos na lua Alfa, Mary jamais o ouviria. A decisão caberia unicamente a ela.

Contudo, se os Alfanos soubessem ter ele controle sobre o simulacro Daniel Mageboom...

Simplemente não conseguia acreditar que eles pudessem ter conhecimento dessa fato; era impossível.

— Temos uma teoria — recomeçou Elwood, fechando o dossiê e guardando-o na pasta — Achamos que os Alfanos sabem...

— Não me diga — fez Chuck — que eles sabem de Mageboom; isto significaria que eles penetraram na CIA.

— Eu... não ia dizer que eles sabem, assim como nós, que sua separação é puramente legal, que você ainda está emocionalmente envolvido com ela. Eis o que concluímos: O contato entre você e Mary logo será retomado. Não importa se um dos dois o antecipar ou não.

— E qual é a vantagem para eles? — inquiriu Chuck

— Aqui a ideia deles torna-se positivamente apavorante — alertou Elwood — Veja bem, estas hipóteses baseiam-se estritamente em indicações externas, em fragmentos colhidos aqui e ali; podemos estar equivocados, mas parece que os Alfanos vão tentar induzi-lo a matar sua mulher.

Chuck não pronunciou uma palavra; a expressão do rosto dele não se modificou. Passou-se algum tempo. Ninguém falou. Elwood e Roger London fitavam-no

curiosos, visivelmente intrigados com o silêncio de Chuck

— Para ser honesto com você — London resmungou, por fim — possuímos um informante na equipe mais próxima de Hentman; não importa quem. O informante nos disse que a ideia do roteiro apresentada por Hentman e seus escritores quando você chegou à Flórida baseava-se no assassinato de uma mulher, executado por um simulacro da CIA. A esposa de um agente da CIA. Confere?

Chuck confirmou com um aceno de cabeça, os olhos fixos em um ponto do teto à direita de Elwood e London.

— Presume-se que o enredo — continuou London — lhe dê a ideia de tentar matar a Sra. Rittersdorf por meio de um simula da CIA. O que Hentman e seus camaradas não sabem, evidentemente, é que um simulacro da CIA já está em Alfa III M2 e que você o está operando; se soubessem, eles... — Estacou e em seguida disse lentamente, meio para si mesmo: — Constatariam não ser necessária a elaboração de um roteiro que lhe sugerisse a ideia — Estudou Chuck — Pois provavelmente você já teria pensado nisso.

Após um intervalo, Elwood prosseguiu: — Esta é uma suposição interessante — Ainda não pensara nisso, mas acabaria por fazê-lo. Interpelou Chuck — Você gostaria de deixar a operação do simulacro Mageboom? Para deixar claro que não está pensando em fazer isso?

Chuck escolheu as palavras com cuidado — É claro que não vou desistir — Obviamente, se o fizesse estaria admitindo que eles tinham razão, que haviam descoberto algo sobre ele e suas intenções. Além do mais, não pretendia abandonar a tarefa Mageboom, por uma excelente razão. Queria prosseguir com seu plano de matar Mary — Diante disso, se porventura acontecer algo com a Sra. Rittersdorf — alertou London — as suspeitas recairão sobre você.

— Sei disso — afirmou, inexpressivo.

— Portanto, enquanto você estiver operando o simula Mageboom — aconselhou London — é melhor providenciar para que ele proteja a Sra. Rittersdorf.

Chuck indagou: — Quer minha opinião sincera?

— Claro — concedeu London, junto com o assentimento de Elwood.

— Isto tudo é um absurdo. Uma trama baseada em dados isolados, elaborada por um agente imaginativo, alguém que evidentemente tem assistido muita televisão. De que maneira o ato de assassinar Mary poderá alterar sua decisão em relação a Alfa III M2 e seus colonos psicóticos? Se estiver morta, simplesmente será substituída e outra pessoa levará o projeto a cabo.

— Acho — Elwood dirigiu-se a seu chefe — que vamos nos deparar não com um assassino, mas sim com uma tentativa. O assassinato como uma ameaça sobre a cabeça da Sra. Rittersdorf, fazendo-a agir de acordo com interesses outros — Falando para Chuck, acrescentou: — Isto, é claro, supondo-se que a

campanha de Hentman seja bem-sucedida ou você se deixe influenciar pela lógica defendida pelo roteiro televisivo.

— Mas você parece achar que eu seria influenciado — surpreendeu-se Chuck

— Acho interessante a coincidência de ser *você* o operador de um simulacro da CIA próximo a Mary, exatamente como sugere o roteiro de Hentman. Quais as chances...

Chuck interrompeu-o: — É mais plausível a seguinte explicação: de alguma maneira, Hentman descobriu que eu estou operando o simulacro Mageboom, desenvolvendo sua ideia a partir daí. E você sabe o que isso significa — A implicação era evidente. Apesar das negativas, a CIA *teria* sido violada. Ou...

Havia uma outra possibilidade. O Lorde Gosma Veloz colheira as informações da mente de Chuck e as transmitira a Coelho Hentman. Primeiro a matéria viscosa o induzira a aceitar o trabalho oferecido por Hentman e agora estavam agindo todos em conjunto para levá-lo a realizar o plano deles quanto a Alfa III M2. O *script* não fora elaborado buscando sugerir-lhe a ideia de matar Mary; através da matéria viscosa, a organização Hentman sabia que a ideia já brotara.

O roteiro serviria para demonstrar, indireta mas claramente, *que eles sabiam*. E a não ser que ele fizesse o que eles mandassem, o plano seria televisionado para todo o sistema solar. Sete bilhões de pessoas tomariam conhecimento de seus planos para matar a mulher.

Forçoso admitir, aquela era uma razão capaz de constrangê-lo a seguir as regras da Organização Hentman, a fazer o que eles desejavam; por assim dizer, eles já o haviam dominado. Observou até onde tinham chegado; plantaram a desconfiança entre altos funcionários da filial da Costa Oeste da CIA. E, como notara London, se algo acontecesse a Mary...

Ainda assim, ele pretendia levar o plano adiante. Pelo menos tentar prosseguir. E não só como uma ameaça, segundo pretendia a Organização Hentman, que coagisse Mary a defender certos procedimentos relativamente aos colonos psicóticos. Sua intenção era ir até o fim, como planejara originalmente. Não sabia o porquê; afinal de contas, não precisava vê-la ou viver com ela... por que, então, a morte da esposa afigurava-se tão vital?

Estranhamente, Mary seria a única pessoa capaz de vasculhar o inconsciente de Chuck, se lhe fosse dada a oportunidade, e descobrir os motivos; era o seu trabalho.

A ironia divertiu-o. A despeito da proximidade dos dois astutos funcionários da CIA — sem falar na onipresente matéria viscosa amarela, bisbilhotando do outro lado do corredor — não chegava a sentir-se mal. Sabiamente confrontava-se com duas facções distintas, ambas experientes; a CIA e a Organização Hentman compunham-se de macacos velhos; contudo, intuía que no final acabaria por obter o que queria, e não o que *eles* queriam.

Evidentemente a matéria viscosa estaria captando seus pensamentos. Torcia para que ela os transmitisse a Hentman; esperava que Hentman soubesse.



Logo que os dois funcionários da CIA se retiraram, a matéria viscosa deslizou sob a porta trancada do ap, materializando-se no centro do tapete antiquado. Expressou-se de forma acusadora, com uma nota de protesto ultrajado: — Sr. Rittersdorf, asseguro-lhe: não mantive contato com o Sr. Hentman; nunca o vi antes daquela noite, há pouco tempo, em que ele aqui veio visando conseguir sua assinatura em um contrato de trabalho.

— Seu patife — acusou Chuck enquanto fazia café na cozinha. A essas horas já passara das quatro da manhã; no entanto, graças aos estimulantes ilegais que Lorde Gosma Veloz providenciara, não se sentia cansado — Sempre ouvindo os outros — Repreendeu-o — Você não tem vida própria?

A matéria viscosa redarguiu: — Concordo com o senhor em um ponto: o Sr. Hentman, ao preparar aquele roteiro, *devia* saber de suas intenções em relação à sua mulher — caso contrário, a coincidência é grande demais para ser aceitável. Talvez alguém, Sr. Rittersdorf, seja telepata, alguém que não eu.

Chuck observou-o.

— Poderia ser um empregado da CIA — sugeriu a matéria viscosa — Ou a descoberta pode ter ocorrido enquanto o senhor operava o simulacro Mageboom em Alfa III M2; algum dos colonos psicóticos bem poderia ser um telepata. De agora em diante, fará parte do meu trabalho auxiliá-lo no que estiver ao meu alcance, a fim de demonstrar ao senhor, de maneira palpável, minha boa-fé; estou desesperadamente ansioso para limpar o meu nome a seus olhos. Farei o que for preciso para descobrir esse telepata que procurou Hentman, assim...

— Poderia ser Joan Trieste? — Chuck interrompeu-o de súbito.

— Não. Conheço a mente de Joan; Não possui tais poderes; como o senhor sabe, ela é uma psi, mas seu talento aplica-se ao tempo — ponderou a matéria viscosa — A não ser que... O senhor sabe, Sr. Rittersdorf, existe outra forma de conhecer suas intenções: o poder psiônico de precogição... supondo-se que algum dia o seu plano eventualmente venha a público. Um precog, olhando adiante, no tempo, poderia visualizar esse acontecimento, sendo portador desse conhecimento agora. Esta é uma ideia que não devemos desprezar. Quanto mais não seja para provar que o fator telepático não é o único a ser considerado, no

que se refere ao conhecimento de Hentman do que o senhor pretende fazer.

Tinha de admitir que a lógica da matéria viscosa não era desprovida de mérito.

— Na verdade — prosseguiu a matéria viscosa, visivelmente agitada — também poderia ser a ação involuntária de um talento precog, alguém próximo ao senhor que nem mesmo sabe possuir esta qualidade. Por exemplo, alguém da Organização Hentman. Até mesmo o próprio Sr. Hentman.

— Hum — fez Chuck distraidamente, enquanto enchia a xícara com café quente.

— O seu futuro — explicou a matéria viscosa — caracteriza-se pela violência espetacular do assassinato da mulher que o senhor teme e odeia. Este grande acontecimento pode ter ativado o talento latente de precog do Sr. Hentman, e, sem saber de onde a tirara, ele teve a “inspiração” para o roteiro... Frequentemente, os talentos psiônico funcionam exatamente assim. Quanto mais penso nisso, mais me convenço de que foi precisamente isso o que aconteceu. Por isso, eu diria que sua teoria a respeito do pessoal da CIA não é pertinente; Hentman e seu colega de Alfa não pretendem confrontá-lo com qualquer suposta “evidência” de suas intenções... estão simplesmente fazendo o que sabem: tentando elaborar um roteiro viável para a televisão.

— E a alegação da CIA de que os Alfanos estão interessados na aquisição de Alfa III M2? — objetou Chuck

— Possivelmente esta parte é verdadeira — concedeu a matéria viscosa — É típico dos Alfanos não desistir, cultivar esperanças... Afinal de contas, a lua faz parte do sistema deles. Mas francamente — posso falar assim? — a teoria do pessoal da CIA me parece um monte de suspeitas fortuitas e desprezíveis; alguns fatos dispersos unidos por meio de uma estrutura intrincada de teorias elaboradas para esse fim. Segundo esta teoria, cada um possui fabulosos poderes para intriga. Podem elaborar uma hipótese bem menos complexa com um pouco mais de bom senso, e como empregado da CIA, o senhor deve ter a consciência de que, como todas as agências de inteligência, a esta falta a qualidade do bom senso.

Chuck deu de ombros.

— Para falar a verdade — fez a matéria viscosa — se posso tomar a liberdade de dizer isso, o desejo de vingança contra sua mulher deriva em parte dos seus anos de convivência com o pessoal do Departamento de Inteligência.

— Uma coisa você tem de admitir — exigiu Chuck — É um azar fenomenal que o Hentman e seus escritores tenham chegado a essa ideia tão específica para o roteiro.

— Má sorte, mas divertida, pois logo o senhor começará a preparar os diálogos para o roteiro pessoalmente — A matéria viscosa permitiu-se uma risadinha — Talvez o senhor pense infundir-lhes autenticidade. Hentman ficará encantado com a sua percepção dos motivos de Ziggy Trots.

— Como você sabe que o nome do personagem será Ziggy Trots? —
Imediatamente sentiu uma pontada de desconfiança.

— Está em sua mente.

— Então também deve estar em minha mente que eu gostaria de ficar sozinho —
Não sentia sono, entretanto; Estava com vontade de sentar-se e começar a
trabalhar no *script*.

— Certamente — A matéria viscosa foi embora deslizando e por fim Chuck ficou
sozinho no ap. O único som provinha do pouco tráfego na rua embaixo.
Permaneceu à janela durante algum tempo e então acomodou-se frente à
máquina de escrever, pressionando o botão que posicionou uma folha de papel
em branco.

Ziggy Trots, pensou com aversão. Céus, que nome. Que tipo de pessoa ele
sugeriria? Um idiota, como um dos *Three Stooges*. Alguém incompleto o
suficiente, refletiu azedo, para pensar em assassinar a esposa...

Começou a evocar a cena inicial com cuidado profissional. Evidentemente,
focalizaria Ziggy em casa em meio a alguma tarefa inofensiva. Talvez Ziggy
estivesse lendo o jornal local da noite. E a mulher estaria a seu lado, enfadonha,
lhe dando trabalho. Sim, pensou Chuck, sou capaz de proporcionar verdade a esta
cena; posso basear-me em anos de experiência. Começou a datilografar.

Escreveu durante horas, maravilhado com a eficiência dos estimulantes ilegais à
base de hexoanfetaminas; não sentia fadiga — na verdade, trabalhava mais
velozmente do que em tempos passados. Às sete e trinta da manhã, os longos
raios de sol da manhã dourada inundando a rua lá fora, levantou-se, rígido, foi até
a cozinha e preparou o café da manhã. Agora, para o outro trabalho, disse para si
mesmo. Dali a três horas e meia, estaria na entrada do prédio da CIA em São
Francisco. Seria Daniel Mageboom.

Segurando uma torrada, ficou de pé ao lado da máquina de escrever, passando os
olhos pelas páginas que escrevera. Pareciam boas — diálogos eram sua
especialidade há anos. Agora, enviá-los a Hentman em Nova Iorque, via aérea
expressa; estariam nas mãos do comediante em uma hora.

Às oito e vinte, enquanto se barbeava no banheiro, ouviu o videofone tocando.
Sua primeira chamada desde que se mudara.

Aproximou-se do aparelho e ligou-o: — Alô.

Na tela estreita surgiu o rosto de uma garota, traços irlandeses
surpreendentemente belos; ele piscou — Sr. Rittersdorf? Meu nome é Patrícia
Weaver; acabo de ser informada que Coelho Hentman escolheu-me para um
papel em um roteiro que você está escrevendo. Fiquei pensando se poderia ver
uma cópia; estou louca para dar uma olhada. Há anos aguardo uma oportunidade
de participar do programa de Coelho; simplesmente adoro o programa.

Naturalmente, ele possuía uma máquina copiadora Thermofax; podia produzir quantas cópias do roteiro quisesse — Vou enviar o que já escrevi para você. Mas não está pronto e Coelho ainda não viu nem aprovou; não sei quanto do que elaborei ele vai manter. Talvez nada.

— Do jeito que Coelho falou de você — afirmou Patricia Weaver — tenho certeza de que ele vai aproveitar tudo. Você poderia me fazer este favor? Vou dar o meu endereço. Na verdade não estou longe; você se encontra na Califórnia do Norte e eu estou aqui embaixo, em Los Angeles, Santa Mônica. Poderíamos nos encontrar; o que acha? E eu poderia ler o meu papel para você.

O meu papel. Meu Deus, pensou; não escrevera qualquer diálogo que a incluísse, a agente da CIA esperta, peituda, os bicos dos seios dilatados. Só preparara cenas entre Ziggy Trots e sua mulher chata.

Só havia uma solução. Pegar meio dia de folga na CIA, sentar-se no co-ap e escrever mais diálogos.

— Escute uma coisa — fez ele — vou entregar uma cópia a você. Me dê um tempo até hoje à noite — Encontrou papel e caneta — Me dê o seu endereço — Diante disso, o simulacro Mageboom que fosse pro inferno; jamais vira uma garota tão atraente em toda a sua vida. De repente tudo mais se tornava medíocre, colocado em perspectiva.

Anotou o endereço, desligou trêmulo o videofone e imediatamente envelopou as páginas do roteiro para Coelho Hentman. A caminho de São Francisco, colocou o envelope no foguete expresso dos correios, e pronto. Enquanto estivesse na CIA trabalhando, provavelmente poderia imaginar um diálogo para a Srta. Weaver; à hora do jantar, estaria pronto para colocar as ideias no papel e às oito horas já teria as folhas prontas para mostrar a ela. As coisas não estavam correndo tão mal, decidiu. Sem dúvida a melhora é nítida, comparando-se com minha vida de pesadelo com Mary.

Chegou ao prédio da CIA, na rua Sansome em São Francisco, e tentou atravessar o largo portão familiar.

— Rittersdorf — pronunciou uma voz — Por favor venha até a minha sala — Era Roger London, carrancudo, taciturno e grande, fitando-o com desagrado.

Mais conversa? Perguntou-se Chuck, mal a porta batera — Vigiamos o seu co-ap ontem à noite; sabemos o que fez depois que saímos.

— O que foi que eu fiz? — Sinceramente, não conseguia lembrar de haver feito qualquer coisa que desagradasse a CIA... exceto a conversa com a matéria viscosa, onde falara demais. Os pensamentos do Ganimedes, contudo, não seriam perceptíveis para o aparelho monitor da CIA. Só conseguia lembrar de haver murmurado algo sobre o azar de que justamente a ideia para um roteiro de Hentman tivesse relação com um homem que mata a mulher utilizando um simula da CIA. É com certeza isto...

London disse: — Você passou a noite trabalhando. Isso seria impossível, a não ser que tivesse acesso a drogas atualmente banidas da Terra. Portanto, você tem contatos que estão fornecendo as drogas, e diante disso... — Analisou Chuck — você está temporariamente suspenso de seu trabalho. Como medida de segurança.

Atordado, Chuck argumentou: — Mas para ter dois empregos...

— Qualquer empregado da CIA suficientemente idiota para fazer uso de drogas estimulantes não-terrestres não apresenta condições de realizar sua tarefa aqui — London prosseguiu — Hoje, o simulacro Mageboom será operado por uma equipe consistindo de Pete Petri e um homem que você não conhece, Tom Schneider — os traços grosseiros de London torceram-se em um sorriso zombeteiro. Você ainda tem o seu outro trabalho... ou não?

— O que quer dizer com “ou não”? — É claro que ainda estava trabalhando com Hentman; haviam assinado um contrato.

London esclareceu: — Se a teoria da CIA estiver correta, Hentman não precisará mais de você a partir do momento em que souber que você perdeu o acesso ao simulacro Mageboom. Assim, eu diria que em aproximadamente doze horas... — London examinou o relógio de pulso — Digamos, às nove horas você tomará conhecimento do fato desagradável de que não tem mais emprego. E então, acho que cooperará um pouco conosco; ficará feliz em retornar à sua condição anterior de possuir somente um trabalho aqui e ponto final — London abriu a porta do escritório, conduzindo Chuck — aliás — continuou — você se importaria de revelar o nome de seu fornecedor de drogas?

— Nego estar tomando quaisquer drogas — insistiu Chuck, mas mesmo a seus ouvidos a afirmação não soava convincente. London o pegara e ambos o sabiam.

— Por que simplesmente não cooperar conosco? — indagou London — Deixe seu emprego com Hentman, dê o nome de seu fornecedor; você teria acesso ao simulacro em quinze minutos; posso arranjar tudo pessoalmente. Qual a razão para...

— O dinheiro — interrompeu Chuck — Preciso do dinheiro de ambos os trabalhos — E estou sendo chantageado, disse para si mesmo. Pelo Lorde Gosma veloz. Mas não podia revelar isso a London.

— Tudo bem — finalizou London — Pode ir. Entre em contato conosco quando estiver livre de seu trabalho com Hentman; talvez possamos estabelecer somente esta condição — Manteve a porta aberta para Chuck.

Aturdido, Chuck viu-se na comprida escadaria dianteira do prédio da CIA. Parecia inacreditável e no entanto acontecera; perdera o emprego de muitos anos, em razão do que lhe parecia um pretexto. Agora não tinha como alcançar Mary. Para o inferno a perda do salário; a renda proveniente da Organização Hentman seria mais do que suficiente. Mas sem o uso do simulacro Mageboom, não poderia concluir seu plano — o qual já protelara muito — e no vácuo

deixado pelo desaparecimento desta possibilidade, sentiu um vazio profundo e poderoso dentro de si; sua razão de viver de súbito desvanecera-se.

Aturdido, recomeçou a subir as escadas em direção ao portão principal do edifício da CIA. Um guarda uniformizado imediatamente materializou-se, surgindo do nada e bloqueando a passagem — Desculpe, Sr. Rittersdorf; sinto muito. Mas tenho ordens de não deixar o senhor entrar.

Chuck argumentou: — Quero falar com o Sr. London novamente. Só por um minuto.

Usando o comuniportátil, o guarda fez uma chamada — Tudo bem, Sr. Rittersdorf; o senhor pode dirigir-se à sala do Sr. London — Ele então afastou-se para o lado e o portão abriu automaticamente para Chuck.

Um minuto depois, estava novamente frente a London no largo escritório revestido de madeira — Tomou uma decisão? — indagou London.

— Tenho uma pergunta a fazer. Se Hentman não me despedir, isto seria uma prova de fato de que suas suspeitas em relação a mim eram infundadas? — Aguardou enquanto London o olhava carrancudo... sem responder — Se Hentman não me despedir — observou Chuck — vou apelar contra sua decisão de excluir-me do emprego; recorrerei à comissão de Serviço Civil e demonstrarei que...

— Você está excluído de seu trabalho — London foi suave — em razão do uso de drogas ilegais. Para falar claro, já vasculhamos o co-ap e as encontramos. É GB-40 que você está tomando, não é? Conseguir trabalhar vinte e quatro horas por dia infinitamente com a GB-40; meus parabéns. Entretanto, agora que não faz mais parte de nossa organização, trabalhar o dia todo dificilmente será uma vantagem. Portanto, boa sorte — Recuou, sentando em sua poltrona, e pegou um documento; a entrevista terminara.

— Você ainda vai perceber que estava errado — avisou Chuck — quando Hentman não me despedir — Tudo o que peço é que você reconsidere sua decisão, uma vez que isso ocorra. Até logo — Saiu da sala, fechando porta com estrondo atrás de si.

Mais uma vez os *outdoors* na calçada do começo da manhã, e ele ali de pé, sem saber o que fazer em meio a uma avalanche de gente dando-lhe empurrões. E agora? Perguntou-se. Sua vida sofrera uma reviravolta pela segunda vez em um mês: primeiro o choque da separação, e agora isto. Era demais, observou para consigo, matutando se ainda teria algo mais por vir pela frente.

Restava o emprego de Hentman. E só este emprego.

Retornou ao co-ap de táxi autônomo e de pronto — na verdade desesperado — sentou-se diante da máquina de escrever. Agora, disse para si mesmo, é fazer os diálogos para a Srta. Weaver; esqueceu-se de tudo, estreitando seu universo às dimensões da máquina de escrever e da folha de papel. Vou preparar um ótimo

papel para você, refletiu. E... talvez eu receba algo em troca.

Pôs mãos à obra. Por volta de três da tarde, ele terminara; levantou-se, as articulações estalando, e espreguiçou-se, sentindo o corpo cansado. Mas sua mente permanecia lúcida. Então eles revistaram o meu ap, disse para si. Com o auxílio de mecanismos visuais e auditivos. Elevou a voz, para facilitar o trabalho do receptor — Aqueles desgraçados do escritório... me espionando. É patológico. Francamente é um alívio estar fora dessa atmosfera de desconfiança e... — cessou o falatório; de que adiantava? Foi para a cozinha e preparou o almoço.

Às quatro, vestindo seu melhor terno de tecido sintético de Tifanian azul e preto, empoado, barbeado e perfumado com as essências masculinas que só a química laboratorial moderna poderia produzir, pôs-se a caminho de Santa Mônica e do co-ap de Patty Weaver para... só Deus sabe, mas cheio de esperanças.

Se saísse tudo errado, o que faria?

Uma boa pergunta, que esperava não ter de responder. Muita coisa já dera errado; os sustentáculos de seu mundo já haviam sido submetidos a um processo insidioso de desmoronamento devido à perda da mulher e do trabalho tradicional, ambos em curto período de tempo. Sentia a perplexidade em seu sistema de percepção. Supusera ver Mary durante a noite e trabalhou no escritório da CIA em São Francisco durante o dia; agora não encontrava nenhum dos dois. *Algo* teria que ocupar esta lacuna. Seus sentidos ansiavam por isso.

Chamou um táxi a jato e deu o endereço de Patty Weaver em Santa Mônica; em seguida acomodou-se no assento, pegou as páginas do diálogo e começou a folheá-las, fazendo pequenas alterações de última hora.

Uma hora depois, passando um pouco das cinco da tarde, o táxi começou a descer rumo ao campo no terraço do prédio de Patty Weaver, novo, surpreendentemente bonito, grande e elegante. Chegou a hora H, Chuck comentou consigo mesmo. Conhecer uma estrelinha televisiva de seios fartos... O que mais podia querer?

O táxi aterrissou. Um tanto hesitante, Chuck pagou a corrida.



Capítulo 9

Como um arauto do bem, Patrícia Weaver encontrava-se em casa; abriu a porta do co-ap e exclamou: — Oh, meu Deus, então você é o homem do roteiro. Chegou cedo; no videofone, me disse que...

— Terminei antes do previsto — Chuck entrou no ap, observando a mobília excessivamente moderna, a qual seguia o estilo neopré-colombiano, baseado em recentes descobertas arqueológicas sobre a cultura Inca da América do Sul. Naturalmente, todos os móveis haviam sido feitos a mão. Nas paredes, viam-se as novas pinturas animadas, que jamais paravam de movimentar-se; consistiam de dois mecanismos bidimensionais que se chocavam suavemente, produzindo uma sonoridade semelhante ao de algum oceano distante. Ou, refletiu ele, mais objetivo, ao de um veículo subterrâneo. Não estava certo de gostar dessas pinturas animadas.

— Você trouxe o roteiro! — A Srta. Weaver parecia encantada. Usava um vestido da alta-costura parisiense — o qual não combinava com um começo de noite — do tipo que Chuck vira em revistas mas nunca na vida real. Bem diferente da realidade de sua escrivãzinha na CIA. O vestido era rebuscado e generoso, derramando-se como pétalas de uma flor não-terrestre. Devia ter custado umas mil pratas, avaliou Chuck. Era um vestido para arranjar emprego; expunha totalmente o seio direito, rijo e empinado. Sem dúvida era um vestido bastante moderno. Será que ela estava esperando alguém? Coelho Hentman, por exemplo.

— Ia a um coquetel — explicou Patty — Mas vou dar um telefonema e desmarcar — Encaminhou-se para o videofone, os saltos altos e finos ecoando contra o piso sintético simulando cascalho — estilo Inca.

— Espero que goste do roteiro — fez ele, circulando pelo ap e sentindo-se menor; toda aquela pompa estava acima de seu nível, o vestido caro e elaborado, a mobília entalhada a mão... Observou a pintura, as superfícies não-objetivas deslizando e alterando-se, formando novas combinações que nunca se repetiam.

Patty voltou do videofone: — Consegui pegá-lo antes que saísse dos estúdios da MGB — Não especificou quem e Chuck achou melhor não perguntar; a pergunta o deixaria ainda mais inferior, talvez — Aceita uma bebida? — Dirigiu-se ao aparador, abrindo as portinholas de madeira e ouro pré-colombiano, revelando garrafas e mais garrafas — Que tal um néctar jônico? É a última moda. Aposto que ainda não foi lançado na Califórnia do Norte. Você fica... — esboçou um gesto — completamente leve tomando um pouquinho — começou a preparar o coquetel.

— Posso ajudar? — aproximou-se dela, sentindo-se compenetrado e protetor... ou pelo menos pretendendo ser.

— Não, obrigada — Patty, esperta, ofereceu-lhe um copo — Gostaria de fazer uma pergunta — iniciou, mesmo antes de ler o roteiro — Meu papel é grande?

— Hum... — fez ele. Conferira ao personagem o máximo de importância que conseguira, mas na verdade o papel era mínimo. Ela ficara com a cabeça do peixe, enquanto o filé fora necessariamente para Coelho.

— Quer dizer que é pequeno — concluiu Patty, sentando-se no sofá semelhante a um banco; as pétalas do vestido espalharam-se em volta dela — Deixe-me vê-lo, por favor — A partir desse instante, assumiu uma postura inteiramente profissional e experiente. Estava absolutamente calma.

Sentando-se em frente a ela, Chuck estendeu-lhe o roteiro. Ali estava a parte que enviara a Coelho e o trecho mais recente, especialmente o papel dela, o qual Coelho ainda não vira. Talvez não fosse correto mostrar o *script* a Patty antes de Coelho vê-lo... mas Chuck decidira, estivesse certo ou errado, mostra-lo à garota.

— Esta outra mulher — observou Patty abruptamente; não demorara muito folheando o roteiro — A esposa, a chata que Ziggy resolve matar. O papel dela é bem maior; ela toma parte de todo o episódio e eu só apareço realmente nesta única cena, no escritório dele, aonde ela vai... na sede da CIA... — Apontou o trecho a que estava se referindo.

Patty dissera a verdade. Chuck fizera o possível, mas a realidade era aquela, e a garota demasiado astuta, profissionalmente falando, para ser tapeada.

A atriz concluiu: — Praticamente é um daqueles papéis horrorosos em que a garota só aparece em cena como uma espécie de figuração sensual, sem fazer realmente *nada*. Não quero ser um ornamento com um vestido justo e o corpete aberto. Sou uma atriz, preciso de falas — Devolveu-lhe o roteiro — Sr. Rittersdorf, pelo amor de Deus, elabore o meu personagem. Coelho ainda não viu esta parte, não é? Por enquanto está entre nós. Então talvez possamos pensar em algo melhor. Que tal uma cena em um restaurante? Ziggy encontra-se com a garota — Sharon — em um restourantezinho retirado e luxuoso, e a esposa aparece... Ziggy discute com ela lá no restaurante, e não no co-ap deles, e aí Sharon, meu personagem, pode participar desta cena.

— Hum — murmurou. Sorveu um gole do coquetel, uma mistura estranha, adocicada, nem parecia alcoólica. Tentou descobrir os componentes do preparado. Patty, em frente a ele, já bebera o dela; neste momento, encaminhase para o aparador e começava a preparar outro.

Ele também se levantou, parando ao lado dela; o ombro de Patty roçou o dele, e Chuck sentiu o aroma singular do *drink* que ela estava misturando. Um dos ingredientes, percebeu, provinha com certeza de uma garrafa extraterrestre; o rótulo parecia ser de Alfa.

— É de Alfa I — Patty satisfez sua curiosidade — Foi Coelho que me deu; ele ganhou de uns Alfas amigos; Coelho conhece todos os tipos de criaturas do universo habitado. Você sabia que ele morou durante algum tempo no sistema Alfa? — aproximou o copo dos lábios, virando-se de frente para ele e bebericando o coquetel, pensativa — Gostaria de visitar outro sistema estelar. Você deve se sentir, sabe, sobre-humano.

Pousando o copo, Chuck colocou as mãos sobre os ombro delgados, um tanto ossudos dela; o vestido enrugou-se — Posso tentar aumentar o seu papel — assegurou.

— Está bem — fez Patty. Apoiou-se nele, suspirando enquanto descansava a cabeça no ombro de Chuck — É muito importante para mim — confessou. Os cabelos longos, castanho-avermelhados, roçaram o rosto de Chuck, provocando cócegas no nariz. Tomou um gole do copo dela, depositando-o em seguida sobre o aparador.

Sem que percebesse como, foram parar no quarto. É a bebida, pensou. Misturada com o estimulante talâmico ilegal GB-40 que o Lorde-não-sei-de-quê me deu. O quarto estava quase totalmente às escuras, mas ele conseguia enxergar o perfil de Patty Weaver, sentada na beira da cama, desatando alguma parte complicada do vestido. Finalmente conseguiu tirá-lo, levando-o com cuidado até o armário, onde o pendurou; voltou fazendo um movimento inusitado dos seios. Observou-a por um momento e então percebeu que estava massageando as costelas; ficara presa dentro do vestido e agora podia relaxar, movimentar-se livremente. Os dois seios, ele constatou, possuíam tamanho ideal, embora fossem quase inteiramente sintéticos. Quando ela caminhava, eles não balançavam, nem mesmo ligeiramente; o da esquerda, assim como o da direita, anteriormente exposto, mantinham-se surpreendentemente rijos.

Mal Patty deixou-se cair na cama, assemelhando-se a uma enguia, o videofone tocou.

— Xxxxx — ela xingou, surpreendendo-o. Deslizou para fora da cama, à procura do robe. Encontrou-o e saiu do quarto descalça, amarrando a faixa do roupão — Já volto, querido — prometeu, banal — Fique aqui.

Chuck permaneceu deitado, os olhos fixos no teto, usufruindo a maciez da cama, aspirando a fragrância do quarto. Parecia ter decorrido uma eternidade. Sentia-se feliz. Aquela espera redundara em prazer e tranquilidade.

De súbito, Patty surgiu no limiar da porta, em seu robe, os cabelos caindo sobre os ombros em cascata. Imediatamente Chuck percebeu que ela não pretendia continuar. Sentou-se no mesmo instante, o sentimento de repouso passivo mingando até desvanecer-se por completo.

— Quem era? — indagou.

— Coelho.

— E aí?

— Acabou — Agora ela entrou, mas dirigiu-se ao armário; escolheu uma saia e blusa simples. Recolhendo as roupas de baixo, encaminhou-se para outro local, obviamente para se vestir.

— Acabou o quê? — Chuck pulou da cama, começando a vestir-se, agitado. Patty desaparecera, em algum ponto do ap uma porta bateu. Ela não respondia. Evidentemente não o ouvira.

Enquanto amarrava os cadarços dos sapatos, sentado na cama já completamente vestido, Patty reapareceu; ela também estava toda vestida. Permaneceu de pé, escovando os cabelos, o rosto inexpressivo; assistiu-o enfrentar dificuldades com o cadarço, sem dar uma palavra. Ela parecia estar a um ano-luz de distância, pensou Chuck; a frieza indiferente da garota impregnara o quarto.

— Me diga por que o negócio acabou — repetiu ele — Explique-me exatamente o que Coelho disse.

— Ah, ele disse que não vai mais usar o seu roteiro, e caso eu telefonasse para você ou você para mim... — Pela primeira vez desde o videotelefonema, os olhos dela encontraram-se com os dele, como se por fim o estivesse vendo — Eu não disse que você estava aqui. Mas ele avisou que caso eu falasse com você, devia informar que ele avaliara sua ideia e não a achara adequada.

— *Minha* ideia?

— Todo o roteiro. Ele recebeu as folhas que você mandou por via expressa e achou horrível.

Chuck sentia as orelhas fervendo e gelando ao mesmo tempo, a consternação espalhando-se pelo rosto, como que paralisando-o, a boca e o nariz entorpecidos.

— Assim — continuou Patty — ele vai pedir a Dark e Jones, seus escritores regulares, para elaborarem algo inteiramente diferente.

Após um longo instante, Chuck interpelou-a, a voz rouca: — Eu devo entrar em contato com ele?

— Ele não falou nada a esse respeito — Ela terminara de escovar os cabelos; saiu do quarto, desaparecendo novamente. Chuck foi atrás, encontrando-a na sala; discava o videofone.

— Para quem você está ligando? — ele perguntou.

Patty respondeu vagamente — Alguém que conheço. Para me levar para jantar.

Em um tom de voz pleno de humilhação, Chuck convidou: — Deixe-me leva-la para jantar. Eu adoraria.

A garota nem se deu ao trabalho de responder; continuou a discar.

Encaminhou-se para o sofá pré-colombiano, Chuck reuniu as folhas do roteiro;

recolocou-as no envelope. Entrementes, Patty falava com o amigo; Chuck ouvia a voz baixa e abafada ao fundo.

— Tchau — despediu-se. Colocou o casaco e deixou o ap com passadas largas.

Ela não ergueu os olhos do videofone; estava absorta.

Tomado de fúria, angustiado, ele bateu a porta com toda a força, atravessando o corredor atapetado até o elevador. Por duas vezes tropeçou, pensando: céus, a bebida ainda está fazendo efeito. Talvez tudo isso não passe de uma alucinação, acarretada pela mistura do GB-40 junto com o sei lá que nome, néctar de Ganimedes ou algo parecido. O cérebro parecia desprovido de vida, inerte, frio e ressecado. O entusiasmo desaparecera por completo e só conseguia pensar em sair do edifício, sair de Santa Mônica e voltar a Califórnia do Norte e ao seu cop.

London estava certo? Não saberia dizê-lo; talvez fosse somente o que a garota dissera: as páginas enviadas a Coelho estavam péssimas e pronto. Mas por outro lado...

Tenho que falar com Coelho, concluiu. Imediatamente. Na verdade, devia ter telefonado para ele do ap.

No térreo do edifício, encontrou uma cabine videofônica; entrou e começou a discar o número da Organização Hentman. E então de súbito, pousou novamente o fone no gancho. Eu quero saber? Perguntou-se. Suportarei saber?

Saiu da cabine videofônica, permaneceu por um instante ali de pé parado e por fim cruzou as portas principais do edifício, rumo ao início da noite. Devo pelo menos esperar até que eu volte a raciocinar normalmente, pensou. Até que o efeito do coquetel tenha passado, aquele intoxicante não-terrestre que ela me deu.

Começou a caminhar sem destino, as mãos nos bolsos, descendo a canaleta de pedestres. Os minutos passavam e cada vez o medo e o desalento aumentavam mais. Tudo desmoronava ao seu redor. Ele se sentia incapaz de evitar o colapso; limitava-se a testemunhá-lo, completamente impotente, engolfado por acontecimentos demasiado poderosos para que pudesse compreendê-los.



Uma voz em seu ouvido, uma gravação com timbre feminino, estava repetindo:

— Custa ¼ de prata, senhor. Por favor, deposite moedas e não notas.

Piscando, olhou em torno, descobriu-se mais uma vez na cabine videofônica. Mas para quem estava telefonando? Coelho Hentman? Vasculhando os bolsos, encontrou ¼ de prata, colocando-o na abertura do videofone. Imediatamente uma imagem surgiu. Não era Coelho Hentman. Olhando-o da tela, materializando-se, a imagem em miniatura de Joan Trieste.

— Qual é o problema? — intuiu Joan — Você está horrível, Chuck. Está doente? De onde está telefonando?

— Estou em Santa Mônica — explicou. Ao menos supunha ainda estar. Não se recordava de ter ido até a área da baía. E não parecia ter-se passado muito tempo... ou teria? Consultou o relógio de pulso. Havia transcorrido duas horas, já passavam das oito — Não consigo acreditar — fez ele — Mas hoje de manhã fui suspenso pela CIA como medida de segurança e agora...

— Meu Deus! — exclamou Joan, ouvindo com atenção.

Ele trincou os dentes, emitindo um grunhido de irritação — Evidentemente devo ter sido despedido por Coelho Hentman, mas não tenho certeza. Porque, para falar a verdade, estou com medo de entrar em contato com ele.

Silêncio total. Por fim, Joan sugeriu, calma: — É melhor você telefonar para ele, Chuck. Ou eu mesma posso fazer isso por você; digo a ele que sou sua secretária ou algo no gênero... posso cuidar disso, não se preocupe. Me dê o número da cabine em que você está. E não se entregue à depressão; já conheço você o suficiente para saber que vai começar a reconsiderar a hipótese de suicídio, e se tentar em Santa Mônica, não poderei ajudá-lo; não conseguiria chegar a tempo.

— Obrigado — ele agradeceu — É bom saber que alguém se preocupa comigo.

— Tem havido muitos incidentes em sua vida ultimamente — explicou Joan, com seu jeito prático e inteligente — Primeiro o fim de seu casamento, e agora...

— Telefone para ele — interrompeu Chuck — O número é este — Colocou uma tira de papel diante da tela e Joan anotou o número.

Após desligar, permaneceu dentro da cabine, fumando e refletindo. Agora que estava mais lúcido, começou a tentar recordar o que fizera entre as seis e as oito da noite. Sentia as pernas rígidas, doloridas de cansaço; possivelmente andara para cima e para baixo pelas ruas de Santa Mônica, sem sentido, sem planos.

Tirou o vidro de cápsulas GB-40 do bolso do casaco. Mesmo sem água, conseguiu engolir uma. Isto eliminaria os efeitos da fadiga, presumiu. Mas nada apagaria a percepção do desastre em que se transformara sua situação.

A matéria viscosa, pensou. Talvez possa me ajudar. Através do sistema computadorizado de informações do Condado de Marin, obteve o número de Lorde Gosma Veloz. Imediatamente fez a chamada, depositou as moedas, aguardou o sinal do videofone, a tela ainda sem imagens.

— Alô — Palavras, não-auditivas mas visuais, saudaram-no, escritas na tela. A matéria viscosa, incapaz de falar, não podia utilizar o circuito de áudio.

— Aqui é Chuck Rittersdorf — disse ele.

Mais palavras: — O senhor está com problemas. É claro que não posso ler sua mente a esta distância, mas percebo a nuance em sua voz.

— Você exerce alguma influência sobre Hentman? — inquiriu Chuck

— Como já o informei anteriormente... — as palavras, uma faixa estreita, atravessavam a tela em sequência — eu nem conheço o homem.

Chuck explicou: — É quase certo que ele tenha me despedido. Gostaria que você o convencesse a me readmitir — meu Deus, pensou, tenho que ter algum emprego — Foi você — acusou — que me induziu a assinar o contrato com ele; grande parte da responsabilidade pode recair sobre você.

— O seu emprego com a CIA...

— Fui suspenso. Devido à minha associação com Hentman — E completou, rápido: — Hentman conhece extraterrestres demais.

— Entendo — As palavras se formaram — Sua agência de segurança altamente neurótica. Devia ter previsto algo assim, mas não. O *senhor* devia ter imaginado, já que trabalha para eles há vários anos.

— Olha aqui — cortou Chuck — Não telefonei para ficar discutindo de quem é a culpa; só quero um emprego, qualquer emprego — Tenho que arranjar um ainda hoje, disse para si mesmo; não aguento esperar.

— Tenho que pensar a respeito do assunto — informou a matéria viscosa, através da tira de palavras em movimento — Me dê...

Chuck bateu o telefone com brutalidade.

Novamente parado dentro da cabine, fumando e esperando, ficou matutando o que Joan diria quando telefonasse. Talvez, pensou, não voltasse a telefonar. Especialmente se a notícia não fosse boa. Que confusão. Em que situação se metera...

O videofone tocou.

Levantou o receptor e perguntou? — Joan?

A imagem reduzida formou-se na tela: — Telefonei para o número que você me deu, Chuck. Falei com alguém da equipe dele, um tal Sr. Feld. Estava a maior confusão. Feld só conseguiu me dizer para ler os jornais locais da noite.

— Está certo — fez Chuck, sentindo-se mais gelado do que antes — Obrigado. Vou comprar um jornal de Los Angeles aqui e talvez a gente se veja mais tarde — Desligou, saindo apressado da cabine, caminhando pela calçada em busca de um vendedor de jornais peripatético.

Em poucos segundos estava com o jornal da noite nas mãos; sob a luz de uma vitrine, leu a notícia estampada na primeira página; é claro, afinal de contas Coelho era o palhaço-mor da televisão.

“COELHO HENTMAN, ACUSADO PELA CIA
COMO AGENTE DE FORÇAS EXTRATERRESTRES,
CONSEGUE ESCAPAR EM MEIO A BATALHA A LASER”

Precisou ler a notícia duas vezes para conseguir acreditar. Então fora isso que acontecera. A CIA, através de sua rede coletora de informações, tomara conhecimento, durante o dia, de que a Organização Hentman despedira Chuck Rittersdorf. Para as mentalidades do Serviço de Inteligência, este fato comprovava suas teorias; Hentman só estava interessado em Chuck devido à Operação Cinquenta Minutos em Alfa III M2. Daí, eles raciocinaram: Hentman, como já suspeitavam há muito tempo, era um agente dos Alfanos; e a CIA agira imediatamente, pois o próprio informante do Serviço de Inteligência poderia, caso perdessem tempo, ter avisado Hentman, permitindo que este escapasse. Era tudo muito simples e terrível; as mãos que seguravam o jornal sob a luz tremiam.

E Hentman *consequira* fugir, apesar da ação imediata da CIA. Talvez a própria engrenagem montada por ele tivesse sido eficiente o bastante para alertá-lo a tempo; ele já esperava a ofensiva do esquadrão da CIA, que tentaria detê-lo na rede de televisão de Nova Iorque, segundo informava o artigo.

E agora, onde estaria Coelho Hentman? Provavelmente a caminho do sistema Alfa. *E onde estaria Chuck Rittersdorf?* A caminho do nada; à sua frente só havia o vazio pantanoso, desprovido de pessoas, objetivos, de uma razão de viver. Hentman arranajara meios de telefonar para Patty Weaver, a estrelinha de TV, e avisar que o roteiro não seria mais aproveitado, mas não se dera ao trabalho...

A chamada videofônica de Hentman fora feita à noite. Após a tentativa de prisão. Portanto, Patty Weaver sabia onde Hentman se encontrava. Ou pelo menos poderia saber. Aí estava algo que o incentivava a prosseguir.

Retornou de táxi ao edifício suntuoso de Patty Weaver; pagou a corrida e correu para a portaria, pressionando o botão correspondente ao ap dela.

— Quem é — indagou a voz impessoal.

Chuck respondeu: — Aqui é Rittersdorf. Deixei uma parte de meu roteiro em seu ap.

— Não vejo nada — ela não parecia convencida.

— Se me deixar entrar, acho que conseguirei encontrá-lo. Não vou demorar mais do que dois minutos.

— Tudo bem — a porta metálica imponente fez um clique e abriu. Lá em cima, no ap, Patty a destravara.

Tomou o elevador. A porta estava aberta e ele entrou. Patty saudou-o com uma indiferença glacial; ficou de pé, os braços cruzados, a expressão facial inexpressiva enquanto fitava a paisagem noturna de Los Angeles — Não tem nenhuma página de seu maldito roteiro aqui — informou-o — Não sei o que...

— Aquele telefonema de Coelho Hentman — cortou Chuck — De onde era?

Ela o olhou, soerguendo uma sobrancelha — Não me lembro.

— Você já leu o jornal vespertino?

Após uma longa pausa, ela deu de ombros — Talvez.

— Coelho telefonou para você após a CIA tentar prendê-lo. Você sabe e eu sei disso.

— E daí? — Nem se deu ao trabalho de olhá-lo; jamais fora tão friamente ignorado em toda a vida. Contudo, parecia-lhe que sob a dureza do comportamento da garota, ela estava apavorada. Afinal de contas, não passava de uma menina, mal chegada aos vinte. Decidiu aproveitar-se deste fato.

— Srta. Weaver, sou um agente da CIA — ainda trazia sua identificação da CIA; buscou-a no bolso do casaco e apresentou-a a ela — A senhorita está presa.

Patty arregalou os olhos de espanto; girou sobre si mesma, sufocando uma exclamação de surpresa. Ele percebeu como sua respiração se alterara; o pesado suéter vermelho subia e descia aceleradamente — Você é mesmo um agente da CIA? — perguntou, estampando um sorriso estrangulado — Pensei que era roteirista; foi o que Coelho me disse.

— Nos infiltramos na Organização Hentman. Fiz-me passar por um roteirista de TV. Vamos — Agarrou Patty pelo braço — aonde nós vamos? — Arrancou o braço das mãos dele, horrorizada.

— Para a filial da CIA em Los Angeles, onde você será atuada.

— Sob que acusação?

— Você sabe onde Coelho Hentman está — fez ele.

Silêncio.

— Eu não sei — Perdera um pouco da postura empertigada — Realmente não sei. Quando ele telefonou, eu não sabia que estivera prestes a ser preso ou algo parecido. Ele não falou nada a esse respeito. Só fui saber de tudo quando saí para jantar, depois que você foi embora, e via as manchetes nos jornais — Dirigiu-se para o quarto, irritada — vou pegar o casaco e a bolsa. E gostaria de passar batom. Mas estou falando a verdade; sinceramente.

Ele a seguiu; Patty tirou o casaco pendurado no cabide do armário do quarto, e em seguida abriu uma gaveta, à procura da bolsa.

— Quanto tempo você acha que eles vão me reter lá? — perguntou, enquanto

remexia o conteúdo da bolsa.

— Ah! — exclamou ele — Não mais do que... — Estacou, pois Patty apontava uma pistola a laser em direção a ele. Encontrara-a na bolsa.

— Não acredito que você seja um agente da CIA — afirmou.

— Mas eu sou — contrapôs Chuck

— Saia daqui. Não estou entendendo aonde quer chegar, mas Coelho me deu esta arma e me disse para usá-la se e quando fosse preciso — A mão tremia, mas a pistola continuava apontada para ele — Por favor, vá embora — pediu — Saia deste ap... Se não sair, eu mato você, juro que mato... estou falando sério — Parecia terrivelmente assustada.

Virando-se, ele deixou o ap, chegou ao corredor e entrou no elevador, que ainda estava naquele andar.

Em um segundo estava no térreo, de pé na calçada imersa em penumbra. Bem eis aí. Nada acontecera como planejava. Por outro lado, refletiu estoico, não perdera nada... exceto talvez a dignidade. Esta com o tempo ele readquiriria.

Agora, só lhe restava voltar à Califórnia do Norte.

Quinze minutos depois, estava em pleno ar, a caminho de casa, o co-ap horroroso no condado de Marin. Resumindo, sua experiência em Los Angeles não fora das mais produtivas.

Ao chegar, encontrou as luzes do ap acesas e o aquecimento ligado; sentada em uma poltrona, ouvindo uma sinfonia de Haydn no FM, estava Joan Trieste. Levantou-se assim que o viu — Graças a Deus — exclamou — Estava tão preocupada com você — Inclinando-se, pegou a *Chronicle* de São Francisco — A essa altura você já deve ter lido o jornal. Como é que fica a sua situação, Chuck? A CIA também está atrás de você? Como empregado de Hentman?

— Sei lá — resmungou, fechando a porta do ap. ao que soubesse, a CIA não estava atrás dele, mas tinha que refletir sobre o assunto; Joan estava com a razão. Foi para a cozinha e colocou a chaleira no fogo, sentindo naquele momento falta da cafeteira automática para café que dera a Mary — dera e deixara com ela, junto com quase todo o resto.

Joan surgiu no umbral da porta.

— Chuck, acho que você devia telefonar para a CIA; fale com alguém conhecido seu. Seu antigo chefe, que tal?

Amargo, ele comentou: — Você é tão obediente às leis. Sempre agindo de acordo com as autoridades, não é? — Não contou a ela que no momento de crise, quando tudo estava desmoronando em torno dele, seu impulso fora procurar Coelho Hentman e não a CIA.

— Por favor — fez Joan — Estive conversando com Lorde Gosma Veloz e ele

acha o mesmo. Estava ouvindo as notícias no rádio e eles falaram algo sobre os outros empregados da Organização Hentman que seriam presos...

— Deixe-me em paz — Pegou o bule de café instantâneo, as mãos tremendo, e encheu uma caneca.

— Se não entrar em contato com eles — afirmou Joan — não poderei fazer nada por você. Assim, acho melhor eu ir embora.

Chuck interpelou-a: — Afinal, o que você poderia fazer por mim? O que fez por mim no passado? Aposto que sou a primeira pessoa que você conhece que perde dois empregos em um dia.

— Então, o que você vai fazer?

— Acho — sugeriu Chuck — que vou emigrar para Alfa — Especificamente, Alfa III M2, pensou. Se conseguisse encontrar Hentman...

— Então a CIA está certa — raciocinou Joan; os olhos faiscaram — A máquina Hentman está a serviço de um poder extraterrestre.

— Meu Deus! — Chuck parecia enojado — A guerra terminou há anos. Estou farto desta porcaria de capa-e-espada; pra mim chega. Se eu quero imigrar, então me deixe emigrar.

— O que eu devia fazer — afirmou Joan, desanimada — era prender você. Estou armada — Mostrou, para o bem dele, uma arma incredivelmente pequena mas verdadeira, a qual carregava lateralmente — Mas não posso fazer isso. Sinto pena de você. Como foi armar tal confusão em sua vida? E Lorde Gosma Veloz tentou...

— A culpa é dele — acusou Chuck

— Ele só queria ajudar; estava vendo que você não assumiria responsabilidade

— Os olhos dela fulguravam — Não admira Mary ter se divorciado de você.

Ele soltou um gemido.

— Você nem quer tentar — disparou Joan — você desistiu; você... — silenciou. E olhou-o fixamente. Ele também ouvira. Os pensamentos da matéria viscosa de Ganimedes do outro lado do corredor.

— Sr. Rittersdorf, um cavaleiro está atravessando o corredor em direção ao seu ap; não sei quem é ou o que quer, pois ele instalou algum tipo de placa funcionando como um revestimento do cérebro, que o protege dos telepatas; portanto, ou ele é um militar ou um membro da segurança ou da polícia secreta, ou então faz parte de uma organização criminal ou traidora. De qualquer modo, prepare-se.

Chuck comentou com Joan: — Me dê aquela pistola a laser.

— Não — Ela retirou a arma do coldre, apontando-a em direção à porta do ap, o

semblante enérgico. Não havia dúvida, ela estava inteiramente controlada.

— Meu Deus! — exclamou Chuck — Você vai ser morta — Sabia, previa isso como se fora um precog; lançando-se para diante com a rapidez de um raio, arrancou o tubo a laser da mão dela. Deixou-o cair; os dois se lançaram em busca da arma. Colidindo com Chuck e reprimindo um grito, Joan estatelou-se contra a parede da cozinha. Os dedos como garras de Chuck encontraram o tubo; ajeitou-se, segurando a arma...

Algo abateu-se sobre sua mão, e Chuck sentiu uma quentura; deixou o tubo a laser cair com estrondo. Simultaneamente, uma voz masculina, desconhecida, ecoou em seus ouvidos — Rittersdorf, eu mato a garota se você tentar pegar aquele tubo novamente — O homem, agora na sala, bateu a porta do ap atrás de si e deu alguns passos em direção à cozinha, seu próprio raio laser apontado para Joan. Era um homem de meia-idade, vestindo um sobretudo cinza ordinário de material terrestre e botas esquisitas, antiquadas; Chuck teve a impressão de que ele procedia de alguma ecologia totalmente alienígena, possivelmente de um outro planeta.

— Acho que ele é comparsa do Hentman — sugeriu Joan enquanto levantava-se com lentidão — Era óbvio que ele ia fazer isso. Mas se você achou que poderia agarrar o tubo antes...

— Não — negou Chuck prontamente — Estaríamos ambos mortos — Em seguida enfrentou o homem — Tentei encontrar Hentman antes.

— Tudo bem — ecoou o homem, fazendo um gesto em direção à porta — A moça pode ficar aqui; quero só o senhor, seu Rittersdorf. Já tivemos muito falatório.

— Como assim? — Estacou, sentindo um medo sinistro e crescente invadi-lo.

— Assim como sua entrada na organização como um espião da CIA. Agora entendemos por que queria aquele emprego de roteirista de TV; era para arranjar provas contra Coelho. E aí, quais provas o senhor arranjou? Viu um Alfano; isso é crime?

— Não — negou Chuck

— Eles vão cair em cima dele por causa disso — previu o homem com a arma — Diabos, há anos eles sabem que coelho morou no sistema Alfa. A guerra acabou. Evidentemente ele estabeleceu conexões com Alfa; qual o negociante que não fez o mesmo? Mas ele é uma figura de renome nacional; o público o conhece. Vou contar o que fez a CIA dar duro nele. Foi a ideia de Coelho para um roteiro sobre um simula da CIA que mataria alguém. A CIA considerou isso como começar a usar a televisão para...

A matéria viscosa de Ganimedes, um imenso amontoado amarelo postado no corredor, manifestou-se, bloqueando a passagem; ele fluíra de seu co-ap.

— Deixe-nos passar — exigiu o homem armado.

— Desculpe — os pensamentos de Lorde Gosma Veloz chegaram até Chuck — mas sou colega do Sr. Rittersdorf e para mim é impossível permitir que o levem.

O homem acionou o raio laser; uma linha vermelha passou ao lado de Chuck, desaparecendo no centro da matéria viscosa. A criatura murchou com estrépito, secando até transformar-se em um glóbulo negro cheio de ranhuras, liberando fumaça e produzindo estalidos. O piso de madeira do corredor ficou repleto de cinzas.

— Vamos — ordenou o homem armado.

— Ele está morto — exclamou Chuck Não conseguia acreditar.

— Existem outros assim — pilheriou o homem — em Ganimedes — O rosto roliço não denotava qualquer emoção além da vigilância — Quando entrarmos no elevador, aperte o botão de subida; minha nave está no terraço, aliás que terracinho mínimo!

Petrificado, Chuck entrou no elevador. O homem com a arma seguiu-o e em um segundo eles chegaram ao terraço; saíram na noite fria e nebulosa — Me diga o seu nome — Pediu Chuck — Só o seu nome.

— Por quê?

— Para que eu possa encontrá-lo novamente. Porque matou o Lorde Gosma Veloz — Mais cedo ou mais tarde depararia com aquele indivíduo.

— Direi meu nome com prazer — afirmou o homem conduzindo Chuck ao jato saltador estacionado; as luzes sinalizadoras brilhavam e a turbina zumbia baixinho — Alf Cherigan — fez ele, enquanto sentava diante dos controles.

Chuck balançou a cabeça.

— Gosta de meu nome? Acha agradável? — Sem dizer nada, Chuck permaneceu olhando fixo para frente — Que pena, porque eu e você vamos ficar engaiolados juntos até chegarmos a Luna e Vila Brahe — Estendeu a mão para agarrar o controle do piloto automático.

O jato saltador trepidou e saltou, mas não decolou.

— Espere aqui — ordenou Cherigan, com um movimento da arma a laser em direção a Chuck — Não toque nos controles — Abriu exasperado a portinhola do saltador e colocou a cabeça para fora, perscrutando a escuridão, tentando descobrir o que estava impedindo a decolagem — Nossa mãe! — exclamou — a tubulação externa dos... — Parou de falar; enfiou-se no jato novamente, e então acionou o raio laser.

Das profundezas escuras do terraço um outro raio laser respondeu ao dele, atravessando a portinhola aberta e atingindo-o. A arma caiu da mão de Cherigan, que começou a contorcer-se na cabine, enroscando-se e tombando como um animal ferido, a boca entreaberta, os olhos inexpressivos e sem vida.

Inclinando-se, Chuck apanhou o raio laser descarregado e olhou para fora, tentando ver quem estava oculto na escuridão. Era Joan; ela os seguira pelo corredor, pegara o manual de decolagem de emergência do campo de pouso no terraço, ali chegando logo depois deles. Ele saiu hesitante do jato e cumprimentou-a. Cherigan cometera um erro; não o haviam informado que Joan era uma policial armada, acostumada a emergências. Até mesmo Chuck tivera dificuldade em compreender o que ela fizera assim tão rapidamente, primeiro dando um tiro no sistema-guia do saltador, e então o segundo tiro que matara Alf Cherigan.

— Você pode sair daí? — indagou Joan — Não machuquei você, não é?

— Estou bem — assegurou Chuck

— Escute — Aproximou-se da portinhola do jato saltador, observando a figura caída e inerte que ainda há pouco era Alf Cherigan — Posso trazê-lo de volta. Lembra-se? Quer que faça isso, Chuck?

Ele refletiu por um momento; lembrou-se do Lorde Gosma Veloz. Por isso balançou a cabeça negativamente.

— Você é quem sabe — fez Joan — Vou deixá-lo morto. Não me agrada muito, mas compreendo.

— E Lorde...

— Chuck, não posso fazer nada por ele; é tarde demais. Já se passaram mais de cinco minutos. Podia escolher entre ficar com ele ou seguir vocês e tentar ajudar você...

— Acho que teria sido melhor se você...

— Não — cortou Joan com firmeza — Fiz o que era certo; você vai ver por quê. Tem uma lente de aumento?

Surpreso, ele respondeu: — Não, claro que não.

— Olhe na caixa de ferramentas do saltador, sob o painel de controle. Ali você vai encontrar microferramentas para consertar as partes mínimas dos circuitos da nave... Deve haver uma lupa.

Ele abriu a porta e remexeu o compartimento, obedecendo sem pensar. Um segundo depois encontrou a lupa de joalheiro; saiu do jato com ela na mão.

— Vamos descer — disse Joan — até onde ele está.

Finalmente os dois se debruçaram sobre o cilindro reduzido que já fora o companheiro deles, a matéria viscosa de Ganimedes — aproxime a lupa de seu olho — instruiu Joan — e procure. Olhe bem de perto, especialmente aquela pilha no tapete.

— Para quê?

Joan disse: — Os germes...

Espantado, ele disse: — Ele conseguiu...

— A germinação neles é automática, assim que são atacados; espero que tenha entrado instantaneamente em funcionamento. São germes microscópicos, de cor marron e redondos; Você deve conseguir encontrá-los com a lupa. A olho nu é impossível, claro. Enquanto você faz isso, eu preparo uma cultura — Ela desapareceu no interior do ap de Chuck; este hesitou e por fim pôs-se de cócoras para procurar os germes de Lorde Gosma Veloz espalhados no tapete.

Quando Joan voltou, ele já agrupara sete minúsculas esferas na palma da mão. Olhando através da lente, os germes eram delicados, marrons e brilhantes, bem definidos. Ele os localizara perto do local onde estavam os restos da matéria viscosa.

— Eles precisam de terra — observou Joan, olhando-o colocar os germes na xícara medidora que ela encontrara na cozinha — E umidade. E tempo. Encontre pelo menos uns vinte, porque com certeza nem todos sobreviverão.

Por fim ele conseguiu colher, no tapete gasto e sujo, vinte e cinco germes ao todo. Estes foram transferidos para o medidor e em seguida ele e Joan desceram ao primeiro andar do prédio, dirigindo-se ao quintal em meio à escuridão, onde depositaram um punhado de terra negra e solta na xícara, protegendo-a do ar com uma película polimembranosa.

— Em Ganimedes — ela explicou — a atmosfera é pesada e quente; isto foi o melhor que consegui para simular as condições ideais para os germes, mas acho que vai funcionar. Lorde Gosma Veloz me contou certa vez que durante uma emergência os Ganimedes haviam germinado sucessivamente ao ar livre na Terra. Portanto, vamos esperar — Voltou com Chuck para o edifício, carregando a xícara com todo o cuidado.

Quanto tempo vai demorar — ele inquiriu — até sabermos se deu certo?

— Não tenho certeza. Daqui a dois dias ou — o que tem acontecido em alguns casos — dependendo da fase da lua, daqui a um mês — explicou — Pode parecer superstição, mas a lua afeta a ativação destes germes. Portanto, é bom você se resignar. Quanto mais cheia a lua, melhor; podemos ver no jornal vespertino — Subiram até o ap de Chuck

— O que restará em termos de memória no novo... — Hesitou — ...na próxima geração da matéria viscosa? Ele ou eles vão se lembrar de nós e do que aconteceu aqui?

Sentando-se para examinar o jornal, Joan afirmou: — Isso vai depender da rapidez com que ele conseguir reagir; se ele produziu germes... — ela fechou o jornal — ...eles deverão reagir em questão de dias.

— O que aconteceria — supôs Chuck — se eu os levasse para fora da Terra? Para longe da influência da lua?

— Eles cresceriam. Mas demoraria mais. Em que está pensando?

— Se a Organização mandou alguém atrás de mim — disse Chuck — aconteceu algo a ele...

— Ah, sim, claro — concordou Joan — Eles vão mandar outro. Provavelmente dentro de poucas horas, assim que perceberem que pegamos o primeiro. E ele poderia ter um detector de morte instalado em alguma parte de seu corpo; se for assim, eles obtiveram a informação logo que o coração parou. Acho que você tem razão; é melhor sair da Terra assim que puder, mas como, Chuck? Para desaparecer por completo você teria que dispor de recursos, algum dinheiro e apoio, o que você não possui; no momento você não tem qualquer fonte de renda. Tem algum dinheiro guardado?

— Mary pegou tudo da conta conjunta — disse ele, pensativo; sentou-se e acendeu um cigarro — Tenho uma ideia — exclamou por fim — que posso tentar. Preferia que você não ouvisse. Compreende? Ou estou parecendo neurótico e apavorado?

— Está parecendo ansioso. E com razão — Ela se levantou — Vou para o corredor, sei que você quer dar um telefonema. Enquanto isso, vou entrar em contato com o Departamento de Polícia Ross e chamá-los aqui para levar o homem que está lá no jato saltador — Entretanto, deixou-se ficar na porta do ap — Chuck, estou contente por ter conseguido impedir que eles levassem você. Quase que não consigo. Para onde ia o jato?

— Prefiro não dizer. Para sua própria segurança.

Ela assentiu. E fechou a porta atrás de si. Agora ele estava sozinho.

Na mesma hora telefonou para o escritório da CIA em São Francisco. Após uma certa demora, conseguiu localizar seu antigo chefe, Jack Elwood. Ele estava em casa com a família, e atendeu o videofone irritado. Menos contente ficou ao ver quem era.

— Vou fazer um trato com você — propôs Chuck

— Um trato! Estamos convictos de que você, direta ou indiretamente, alertou Hentman para que ele conseguisse escapar. Não foi isso que aconteceu? Sabemos até quem você utilizou: aquela estrelinha de Santa Mônica que é atualmente amante de Hentman — Elwood franziu o cenho.

Este fato era uma novidade para Chuck; não se dera conta de que Patty Weaver era amante de Hentman. Agora, no entanto, pouco lhe importava — O negócio que quero fazer com você, oficialmente com a CIA, é o seguinte: *eu sei onde Hentman está.*

— Não me surpreende. O que me espanta é você se dispor a nos contar. Por quê, Chuck? Algum desentendimento no seio da alegre família Hentman que o colocou de fora?

— A Organização Hentman já enviou um capanga — explicou Chuck — Conseguimos detê-lo, mas virá outro e depois outro até que consiga me pegar — Não se dera ao trabalho de explicar a Elwood a situação difícil em que se encontrava; seu antigo patrão não acreditaria nele e de qualquer maneira suas dificuldades não desapareceriam — Eu conto onde Hentman está escondido em troca de uma nave C-Plus da CIA. Uma nave intergaláctica, um daqueles pequenos vasos de guerra para busca. Sei que vocês dispõem de alguns, e você pode me fornecer um, recebendo em troca uma informação de valor inestimável — E acrescentou: — Algum dia eu devolvo a espaçonave. Só quero usá-la agora.

— Parece que você está realmente decidido a fugir — observou Elwood, perspicaz.

— Estou.

— Muito bem — Elwood deu de ombros — vou acreditar em você. Por que não? E então? Diga-me onde Hentman se encontra; você terá a nave em cinco horas.

Em outras palavras, percebeu Chuck, eles iam reter a entrega até que pudessem conferir a informação. Se não localizassem Hentman, não teria a espaçonave; esperaria em vão. Mas era impossível não pensar que a CIA agiria de maneira diferente; aquele era o trabalho deles... A vida para eles consistia em um grande jogo de cartas.

Resignado, deu a informação: — Hentman este em Luna, na Vila Brahe.

— Aguarde em seu ap — De pronto Elwood instruiu-o — A nave estará aí por volta de duas da manhã. Isso se... — Encarou Chuck.

Desligando o telefone, Chuck pegou a guimba de cigarro pousada na extremidade da mesa da sala. Bem, se a espaçonave não aparecesse, seria o fim; não tinha outros planos, nenhuma outra solução alternativa. Joan Trieste poderia salvá-lo mais uma vez, poderia até mesmo ressuscitá-lo após um capanga de Hentman matá-lo... mas se permanecesse na Terra, eles acabariam por encontrá-lo e destruí-lo, no mínimo capturá-lo: os mecanismos de detecção hoje em dia simplesmente eram bons demais. Em pouco tempo, eles sempre encontravam seu alvo, se este estivesse em algum ponto do planeta. Mas Luna, ao contrário da Terra, possuía zonas inexploradas; ali a detecção deparava com um problema: existiam luas remotas e planetas onde a localização se tornava praticamente impossível.

O sistema Alfa era uma dessas regiões. Por exemplo, Alfa III e suas diversas luas, incluindo a L2; especialmente esta. De posse de uma espaçonave com velocidade mais rápida que a da luz, ele conseguiria alcançá-la em questão de dias. Assim como Mary e seu grupo.

Abrindo a porta de entrada, disse para Joan: — Pronto, já fiz minha pequena ligação. É só.

— Você vai embora da Terra? — indagaram os olhos grandes e escuros.

— Vamos ver — Ele se sentou, pronto para a espera.

Joan colocou a xícara medidora contendo os germes de Lorde Gosma Veloz sobre o braço da poltrona, ao lado de Chuck, com todo o cuidado — Vou deixá-los com você, sei que os quer. Ele sacrificou a vida por você, e você se sente responsável. É melhor eu explicar o que deve fazer enquanto os germes estão ativos.

Ele tomou caneta e papel para anotar as instruções de Joan.

Várias horas depois — o Departamento de Polícia Ross aparecera e levava o morto no terraço, e Joan Trieste partira — ele percebeu o que fizera. Agora Coelho Hentman estava certo; ele o *traíra* para a CIA. Mas fizera isso para salvar a própria vida. Esta justificativa dificilmente bastaria aos olhos de Hentman; *ele* também estava tentando salvar a vida.

De qualquer maneira, estava feito. Continuou esperando, sozinho no ap, pela nave C-Plus da CIA, que muito provavelmente jamais chegaria. E aí? Aí, decidiu, ficarei aqui sentado esperando o próximo capanga da Organização Hentman. E minha vida valerá praticamente nada.

Foi uma espera angustiante.



Capítulo 10

Esboçando uma reverência, Gabriel Baines proclamou: — Nós constituímos o conselho *sine qua non*, a autoridade máxima, a qual não pode ser desrespeitada por quem quer que seja — Dotado de fria e rígida polidez, puxou uma cadeira para a psicóloga terrestre, Dra. Mary Rittersdorf; ela a aceitou com um leve sorriso. A doutora lhe pareceu cansada. O sorriso irradiava verdadeira gratidão.

Os outros membros do conselho apresentaram-se à Dra. Rittersdorf em seus variados estilos idiossincráticos.

— Howard Straw. Maníaco.

— J-Jacob Simion — Simion não conseguiu reprimir a risadinha desmaiada — Dos Hebetizados, onde a sua nave pousou.

— Annette Golding. Infantilista — Empertigada na cadeira, os olhos vivos, ela observou a psicóloga que se intrometera nas vidas deles.

— Ingrid Hibbler. Um, dois, três, Obsessiva.

A Dra. Rittersdorf adiantou-se: — E esta seria... — Ingrid Hibbler assentiu — Ah, sim, claro. Obsessivo-compulsiva.

— Omar Diamond. Vou deixá-la adivinhar a que clã pertença — Diamond passou os olhos vagos pela assistência; parecia ausente, em seu mundo particular, o que exasperava Gabriel Baines. Aquele não era o momento indicado para a atividade individual, mesmo que de ordem mística. A hora indicava ação em conjunto, como um todo, ou não chegariam a agir realmente.

O Depressivo se manifestou em um tom de voz desesperado e sombrio — Dino Watters — Lutou para dizer algo mais, por fim desistiu; o fardo do pessimismo, da desesperança absoluta, ultrapassava suas forças. Voltou a olhar o chão fixamente, esfregando a testa com um tique infeliz.

— A senhora sabe quem eu sou, Dra. Rittersdorf — disse Baines, reunindo os documentos diante dele, os quais representavam o esforço conjunto dos membros do conselho para elaborar um manifesto — Agradecemos a sua presença aqui — iniciou, limpando a garganta. A voz estava rouca de nervosismo.

— Obrigado a vocês por permitirem a minha presença — retribuiu a Dra. Rittersdorf formal, mas, para ele, ameaçadoramente. Os olhos dela estavam inexpressivos.

Baines explicou: — A senhora pediu autorização para visitar outras colônias além

da Vila de Gandhi. Requisitou particularmente permissão para examinar o Cume de Da Vinci. Nós discutimos o seu pedido e decidimos deferi-lo.

A Dra. Rittersdorf assentiu com um movimento de cabeça — Ótimo.

— Diga-lhe por quê — manifestou-se Howard Straw. Não desviara o olhar da psicóloga terrestre por um segundo, o rosto com uma expressão terrível. O ódio que sentia inundava a sala e contaminava o ambiente. Gabriel Baines sentia-se sufocar.

— Espere. Antes de ler sua declaração — disse a Dra. Rittersdorf analisando cada um deles com o olhar profissional, lenta e minuciosamente. Howard Straw retribuiu o olhar com um cheio de ódio. Jacob Simion abaixou a cabeça com um sorriso inexpressivo, procurando não chamar a atenção dela. Annette Golding, pálida, arrancava nervosa a cutícula do polegar. O Depressivo não chegou a perceber que estava sendo observado; não levantou a cabeça nem uma vez. Omar Diamond, o Esquizoide, devolveu o olhar da Dra. Rittersdorf com expressão de inconsciente doçura. Embora no fundo, adivinhou Baines, estivesse ansioso; Diamond parecia prestes a escapar.

Baines achou a Dra. Rittersdorf fisicamente atraente. Ficou pensando se o fato de chegar sem o marido significaria algo. Na verdade, ela era até mesmo *sexy*. Uma incongruência inexplicável, considerando-se o objetivo da reunião: a Dra. Rittersdorf usava um traje bastante feminino, suéter e saia pretos, sem meias mas com sandálias que lhe embelezavam os pés. O suéter, observou Baines, era ligeiramente colante. Será que a Dra. Rittersdorf se dava conta desse detalhe? Ele não sabia, mas de qualquer maneira sua atenção fora desviada do que ela estava dizendo para os seios bem formados. Sem dúvida eles eram pequenos, mas bem feitos. Definitivamente, gostara dos seios dela.

Fico imaginando, pensou, se esta mulher — no começo dos trinta, avaliou, sem dúvida na plenitude física e pronta para casar — está aqui à procura de algo além do sucesso profissional. Concluiu ser a Dra. Rittersdorf movida por um entusiasmo intrínseco, aliado a um objetivo irredutível; mais uma vez, talvez não tivesse consciência dessa característica. O corpo dela, refletiu, possuía suas próprias leis, às vezes contrapondo-se aos propósitos da mente. Ao se levantar pela manhã, a Dra. Rittersdorf deve ter sentido vontade de colocar aquele suéter preto, sem dedicar maior atenção ao fato. Mas o corpo, juntamente com o aparelho ginecológico bem constituído, conheciam melhor as verdadeiras razões.

Diante disso, órgão análogo do corpo de Baines ofereceu resposta. Neste caso, porém, a reação era consciente. E pensou: *possivelmente este fato poderá funcionar como uma vantagem para nosso grupo*. O envolvimento poderia muito bem nos oferecer o mesmo perigo que para nossos antagonistas. Assim pensando, deslizou para uma postura de defesa premeditada, cercado-se de ardis, numerosos e numerosos, pelos quais protegeria não somente a si próprio, mas também a seus colegas.

— Dra. Rittersdorf — interpelou-a suavemente — antes de autorizá-la a entrar em nossas várias colônias, uma delegação representando nossos clãs terá de inspecionar sua nave, para ver quais armamentos, se existirem, vocês trouxeram. O restante não merecerá considerações nem mesmo superficiais.

— Não estamos armados — assegurou a Dra. Rittersdorf.

— Entretanto — insistiu Gabriel Baines — sugiro que a senhora permita que eu e talvez um outro indivíduo, a acompanhem até a sua base. Tenho comigo uma ordem — puxou o manifesto — exigindo a retirada de sua aeronave da Vila de Gandhi dentro de quarenta e oito horas terrestres. Se a senhora não cumprir... — desviou o olhar para Straw, que assentiu — o determinado, iniciaremos operações militares contra vocês, sob alegação de que constituem-se em invasores hostis e indesejáveis.

Com voz grave e bem modulada, a Dra. Rittersdorf pronunciou-se: — Compreendo a sua preocupação. Vocês têm vivido aqui isolados há bastante tempo. Mas... — Dirigiu-se diretamente a ele, os olhos inteligentes e penetrantes enfrentando-o, incisivos — Tenho que chamar a atenção de vocês para um fato que talvez considerem desagradável. *Vocês são, individual ou coletivamente, mentalmente doentes.*

Instalou-se um silêncio tenso e prolongado.

— Diabos — praguejou Straw, sem dirigir-se a ninguém em particular — fomos arrastados para essa lua há muitos anos. Este tal de “hospital”. Que na verdade não passava de um campo de concentração — Os lábios retorceram-se em uma careta — Pra servirmos como mão-de-obra escrava.

— Sinto dizer — desculpou-se a Dra. Rittersdorf — mas vocês estão errados; aquele era um hospital legítimo, e devem levar isso em conta em seus planos relativos a nós. Não estou mentindo para vocês; estou expondo a verdade pura e simples.

— *Qui est veritas?* — murmurou Baines.

— Como? — fez a Dra. Rittersdorf.

Baines explicou: — O que é a verdade? Não ocorreu à senhora, doutora, que nos últimos dez anos tivemos que superar os problemas iniciais de adaptação e... — esboçou um gesto — ajustar-nos? Ou outro termo que a senhora preferir... De qualquer maneira, fomos capazes de desenvolver relacionamentos interpessoais adequados, como a senhora pode constatar aqui nesta sala. Naturalmente se conseguirmos trabalhar em conjunto, então *não estamos doentes*. Não há outro teste que a senhora possa nos aplicar, exceto este de cooperação grupal.

A Dra. Rittersdorf redarguiu, cautelosa: — É notório que vocês se uniram contra um inimigo comum... contra nós. Mas... gostaria de fazer uma aposta antes de chegarmos e outra antes de partirmos, de que vocês se fragmentarão em indivíduos isolados, desconfiados e assustados em relação ao próximo, incapazes

de colaborar — Ofereceu um sorriso conciliador, mas demasiado astuto para convencê-lo.

Evidentemente ela estava certa; deixara isto bem claro. Eles não funcionavam juntos harmoniosa e regularmente. Por outro lado, ela também estava errada.

Este fora seu erro: supusera, naturalmente como uma justificativa autodefensiva, que a origem do medo e da hostilidade repousavam no conselho, mas na verdade fora a Terra que lançara mão de táticas ameaçadoras. A chegada da nave consistia em uma atitude francamente hostil... caso contrário, *teriam tentado obter a permissão*. Os próprios terrestres manifestaram desconfiança inicial; eram eles os responsáveis pelo atual nível de desconfiança mútua. Se quisessem, poderiam ter evitado esse estado de coisas.

— Dra. Rittersdorf — desafiou-a bruscamente — Os comerciantes de Alfa comunicam-se conosco quando necessitam de autorização para pousar. Observamos que a senhora não fez o mesmo. Não temos problemas em nossos negócios com eles; comerciamos em bases sistemáticas e regulares.

Evidentemente, o desafio funcionara; a mulher hesitava, sem encontrar resposta. Enquanto ela refletia sobre o assunto, burburinho divertido e desrespeitoso tomara conta da sala, exceto Howard Straw, que insistia em sua animosidade impiedosa.

— Pensamos — argumentou por fim a Dra. Rittersdorf — que se pedíssemos permissão para aterrissar, vocês teriam recusado.

Sorrindo calmamente, Baines contrapôs: — Mas a senhora não tentou. A senhora “pensou”. E agora doutora jamais saberá, pois...

— Vocês nos teriam assegurado a permissão? — A voz dela atingiu-o bruscamente, firme, autoritária e penetrante, desagregando a continuidade do raciocínio de Baines; ele pestanejou, detendo-se involuntariamente — Não, não teriam... — Ela prosseguiu: — E todos vocês sabem disso. Por favor, tentem ser realistas.

— Se vocês aparecerem no cume de Da Vinci — ameaçou Howard Straw — nós matamos vocês. Na verdade, se vocês não forem embora, nós também mataremos vocês todos. E a próxima nave que tentar aterrissar jamais chegará ao solo. Este mundo é nosso e pretendemos que permaneça assim enquanto sobrevivermos. O Sr. Baines aqui pode expor os detalhes sobre o confinamento a que vocês nos submeteram. Está tudo no manifesto que eu e ele, com a colaboração dos demais aqui presentes, preparamos. Leia o manifesto, Sr. Baines.

— Há vinte e cinco anos — começou Gabriel Baines — estabeleceu-se uma colônia neste planeta...

A Dra. Rittersdorf suspirou — Nosso conhecimento dos padrões sortidos das doenças mentais...

— *Sórdidos?* — explodiu Howard Straw — A senhora disse “sórdidos”? — Ódio feroz deformou o rosto do Maníaco; ergueu-se parcialmente da cadeira.

— Eu disse *sortidos* — elucidou, paciente, a Dra. Rittersdorf — Temos instruções para concentrar o foco de nossas atividades na colônia dos Maníacos... em outras palavras, a colônia do grupo de vocês, Maníacos. Daqui a quatro horas deixaremos a colônia dos Hebetizados, na Vila de Gandhi; vamos desembarcar no Cume de Da Vinci e, se nos forçarem a um combate, requisitaremos forças militares terrestres de primeira linha — E acrescentou: — As quais encontram-se alinhadas a aproximadamente meia hora daqui.

Mais uma vez, silêncio sepulcral abateu-se sobre a sala.

Por fim, Annette Golding manifestou-se, a voz praticamente inaudível — Mesmo assim, leia seu manifesto, Gabriel.

Assentindo, ele recomeçou. A voz tremia.

Annette Golding começou a chorar, desamparada, interrompendo a leitura — Vejam o que nos espera; vão nos transformar novamente em pacientes de um hospital. É o fim.

Constrangida, a Dra. Rittersdorf tentou atenuar a gravidade da situação — Vamos oferecer-lhes terapia. Vocês se sentirão mais, ahn, relaxados em relação ao outro. Mais vocês mesmos. A vida será mais agradável e natural; Desse jeito, vocês estão oprimidos por tanto medo e tensão...

— É — murmurou Jacob Simion — Medos que a Terra nos trouxe, recolhendo-nos como um bando de animais.

Vinte e quatro horas, refletiu Gabriel Baines. Não restava muito tempo. A voz tremia enquanto ele prosseguia a leitura do manifesto.

Parecia-lhe um gesto inútil. Pois não há nada, percebeu, que possa nos salvar.

Terminada a reunião, após a saída da Dra. Rittersdorf, Gabriel Baines, expôs seu plano aos colegas.

— Você o quê? — indagou Howard Straw, cheio de escárnio desdenhoso, o rosto transfigurado por um esgar — Está querendo dizer que vai seduzi-la? Meu Deus, talvez ela esteja certa; talvez nosso lugar fosse em um hospital neuropsiquiátrico — Acomodou-se no assento, resmungando desolado; tomado pelo desgosto, não pôde pronunciar mais nenhum insulto. Deixou a tarefa aos que estavam presentes na sala.

— Você deve se achar o máximo — Annette acabou por dizer.

— Só preciso — fez Gabriel — de alguém com habilidade telepática para avisar-me se tenho alguma chance — voltou-se para Jacob Simion — Aquele santo Hebetizado, o Ignatz Ledebur, não possui pelo menos uma leve capacidade telepática? Ele é uma espécie de pau-para-toda-obra, além de portador de talento

psi.

— Ao que eu saiba, não — contradisse Simion — Mas você pode tentar Sarah Apostoles — Piscou em direção a Gabriel, balançando a cabeça em sinal de contentamento.

— Vou telefonar para a Vila de Gandhi — decidiu Gabriel, pegando o fone.

Simion avisou: — As linhas telefônicas da Vila de Gandhi não estão funcionando novamente. Faz seis dias. Você terá que ir lá pessoalmente.

— De qualquer maneira, você teria mesmo que ir até lá — Dino Watters finalmente despertara de sua depressão interminável. Ele era o único que parecia de algum modo convencido com o plano de Baines — Afinal de contas, ela está lá na Vila de Gandhi, onde tudo acontece, todo mundo tem filhos de qualquer um. A essa altura, ela já deve ter incorporado a filosofia do lugar.

Howard Straw concordou com um resmungo — Sorte sua, Gabe, ela estar no meio dos Hebetizados; ela deve se tornar mais receptiva a você.

— Se essa é a única maneira de nos comportarmos — criticou a Srta. Hibbler, empertigada — acho que merecemos sucumbir; realmente acho.

— O universo — apontou Omar Diamond — possui uma infinidade de formas de comportamento. Até esta maneira descontrolada não deve ser desprezada — Balançou a cabeça com gravidade.

Sem nada dizer, sem mesmo despedir-se de Annette, Gabriel Baines deixou a Câmara do conselho a passos largos, desceu a escadaria de pedra e saiu do prédio em direção ao estacionamento. Embarcou em seu automóvel movido a turbina, disparando a 120 km/h rumo à Vila de Gandhi. Chegaria antes do limite de vinte e quatro horas, calculou, supondo que nada bloqueasse a estrada. A Dra. Rittersdorf retornara à Vila de Gandhi de foguete lançador; já devia ter chegado lá. Praguejou contra os meios de transporte antiquados com que contava, mas aquela era a realidade e o mundo deles, pelos quais estavam lutando. Como um satélite da cultura terrestre, ganhariam novamente modernos meios de transporte... mas estes não compensariam o que perderiam. Mais valia viajar a 120 km/h e ser livre. Ah, ele pensou. Um *slogan*.

Mesmo assim era um tanto irritante aquele veículo, considerando-se a importância de sua missão... sancionada ou não pelo conselho.

Quatro horas e vinte minutos depois, fisicamente cansado com a viagem mas mentalmente ativo, até um pouco excitado, ele alcançou os arredores juncados de lixo da Vila de Gandhi; sentiu o odor nauseabundo da colônia, a catínga adocicada de matéria podre misturada ao fedor acre dos incontáveis incineradores.

Durante a viagem, desenvolvera uma nova ideia. Assim, no último instante voltou-se não em direção ao barraco de Sarah Apostoles, mas ao do santo

Hebetizado Ignatz Ledebur.

Encontrou Ledebur no quintal, consertando um velho gerador a gasolina enferrujado, cercado de filhos e gatos.

— Vi seu plano — informou Ledebur, erguendo a mão para impedir Gabriel Baines de iniciar as explicações — Ele foi traçado a sangue no horizonte ainda agora.

— Então você sabe exatamente o que quero de você.

— Sei — confirmou Ledebur — E no passado fiz uso disso com várias mulheres — Pousou o martelo que estava empunhando, dirigindo-se ao casebre a passos largos; só os gatos o seguiram. Gabriel Baines imitou-os — Entretanto, sua ideia é microscópica — reprovou Ledebur com uma risadinha.

— Você pode ler o futuro? Pode me dizer se vou ser bem sucedido?

— Não sou vidente. Outros poderão fazer previsões, mas eu guardarei silêncio. Espere um minuto — Estacou no único quarto do barraco, enquanto os gatos iam e vinham, pulando e escondendo-se. Por fim, ele pegou uma garrafa, com um líquido escuro no interior, em cima da pia; retirou a tampa, cheirou o conteúdo, balançou a cabeça negativamente, recolocou a tampa e depositou a garrafa novamente no lugar — Não é essa — Andou para lá e para cá, abriu a geladeira, vasculhou-a, retirou uma caixa plástica que inspecionou com olho crítico.

A atual mulher de Ledebur — Gabriel Baines não sabia seu nome — surgiu do quarto e ficou observando os dois homens com um olhar estúpido; em seguida, seguiu seu caminho. Usava um vestido de lona, tênis sem meias, um emaranhado de cabelos imundos e despenteados como uma camada compacta revestindo o alto e a parte posterior da cabeça. Gabriel Baines desviou o olhar, enojado.

— Me diga uma coisa — Ledebur interpelou a mulher — Onde está aquela garrafa você sabe-do-quê? Aquela mistura que usamos antes de... — Esboçou um gesto.

— No banheiro — A mulher andou um pouco pela sala e depois saiu da casa.

Ledebur desapareceu no banheiro, e Baines podia ouvi-lo mexendo em objetos, vidros e garrafas; por fim retornou carregando um vasilhame cheio de um líquido que ondulava, batendo nas paredes da garrafa enquanto ele andava — É este — fez Ledebur, com um esgar que deixava à mostra a falta de dois dentes — Mas você tem de induzi-la a tomá-lo. Como vai conseguir isso?

No momento Baines não sabia — Veremos — respondeu, estendendo a mão para pegar o afrodisíaco.



Após despedir-se de Ledebur, Gabriel Baines dirigiu-se ao *Shopping Center* na Vila de Gandhi, estacionando diante da construção abobadada de madeira, com a pintura descascada, filas de latas denteadas, pilhas de caixas de papelão usadas entulhando a entrada e o estacionamento. Aqui os comerciantes Alfanos desembarçavam-se de — despejavam, na verdade — uma série de artigos de segunda qualidade.

Comprou uma garrafa de *brandy* de Alfa; abriu-a sentado em seu automóvel, derramou uma parte do conteúdo e adicionou o afrodisíaco opaco de sedimentação pesada que o santo Hebetizado lhe dera. Os dois líquidos acabaram se misturando; satisfeito, ele tampou novamente a garrafa, ligou o carro e partiu.

Aquela não era hora para depender de seus talentos naturais, refletiu; Como sugerira o conselho, ele não devia abusar muito nessa direção. E habilidade, se queriam sobreviver, era fundamental.

Conseguiu localizar visualmente a nave terrestre, ela brilhava alta e limpa, elevando-se acima do lixo de Vila de Gandhi, e assim que a viu, virou o automóvel naquela direção.

Um terrestre grandalhão e armado, vestindo um uniforme cinza e verde, remanescente da última guerra, deteve-o a uns cem metros da nave e de uma passagem próxima, Baines viu o cano de uma arma apontada para ele — Sua identificação, por favor — exigiu o guarda, analisando-o carrancudo.

Gabriel Baines disse: — Diga a Sra. Rittersdorf que um plenipotenciário do conselho supremo está aqui para fazer-lhe um oferecimento final, com o qual se possa evitar o derramamento de sangue de ambos os lados — Sentou-se empertigado atrás do volante do carro, os olhos fixos à frente.

Tomaram-se as decisões pelo interfone — O senhor pode entrar.

Outro terrestre, também vestido com trajes militares, além de armas letais e condecorações, conduziu-o a pé até a rampa que levava à portinhola aberta da aeronave. Eles subiram e por fim ele atravessou sem pressa um corredor, em busca do quarto 32-H. As paredes sufocantes o incomodavam; ansiava por estar novamente ao ar livre onde podia respirar, mas agora era tarde demais. Encontrou a porta certa, hesitou, então bateu. Debaixo do braço, o líquido na garrafa borbulhava ligeiramente.

A porta abriu e lá estava a Sra. Rittersdorf, ainda com o suéter preto colante, a saia preta e as sandálias. Ela o fitou, indecisa.

— Vejamos, o senhor é...

— Baines.

— Ah. O Paranoico — juntou, meio para si mesma — Paranoia esquizofrênica. Ah, desculpe — Ruborizou-se — Não quis ofender.

— Estou aqui — explicou Gabriel Baines — para fazer um brinde. A senhora me acompanha? — Passou por ela entrando no diminuto alojamento.

— Brindar a quê?

Ele deu de ombros — Isto devia ser óbvio — Permitiu que somente um leve traço de irritação perpassasse sua voz.

— Vai desistir? — A voz dela era incisiva, penetrante; fechou a porta e deu um passo em direção a ele.

— Dois copos — pediu ele, em um tom deliberadamente resignado e silencioso — Certo, doutora? — Tirou a garrafa de Brandy Alfano junto com o aditivo do saco de papel e destampou-a.

— Acho que finalmente você está agindo de maneira correta — cumprimentou a Sra. Rittersdorf. Estava muito bonita, procurando os copos pelo recinto; os olhos dela brilhavam — Este é um bom sinal, Sr. Baines. Realmente.

Sombrio, ainda a encarnação da defesa, Gabriel Baines derramou o conteúdo da garrafa até encher os dois copos.

— Então podemos pousar no Cume de Da Vinci? — indagou a Sra. Rittersdorf, erguendo o copo e sorvendo um gole.

— Ah, claro — ele aquiesceu, indiferente; ele também bebeu. O gosto era horrível.

— Informarei o segurança de nossa missão — afirmou ela — Sr. Mageboom. Assim, nenhum acidente... — De repente ela ficou em silêncio.

— Algo errado?

— Só tive um estranho... — A Sra. Rittersdorf franziu o cenho — Uma espécie de tremor. Bem no fundo. Se não soubesse... — Parecia embaraçada — Não importa, Sr.... é Baines? — Bebeu o *drink* rapidamente — De repente estou tão tensa. Acho que estava preocupada; não queríamos ver... — A voz dela extinguiu-se aos poucos. Caminhou até o canto do compartimento e sentou-se na cadeira ali colocada — O senhor colocou alguma coisa na bebida — Ela se levantou deixando o copo cair; tentando alcançar o mais suavemente possível o botão vermelho na parede oposta.

Ao passar por ele, Baines agarrou-a pela cintura. O plenipotenciário do conselho dos clãs de Alfa III M2 tomara a iniciativa. Bem ou mal, fora dada partida ao plano, à sua luta para sobreviver.

A Sra. Rittersdorf mordeu-o na orelha. Quase arrancando o lóbulo.

— Ei! — reclamou ele, debilmente. E indagou: — O que a senhora está fazendo? Em seguida, afirmou: — O preparado de Ledebur funciona mesmo.

E acrescentou: — Mas tudo tem limite.

O tempo passava e ele repetiu, ofegante: — Pelo menos deveria ter...

Alguém bateu à porta.

Soerguendo-se ligeiramente, a Sra. Rittersdorf gritou: — Vá embora.

— É o Mageboom — Uma voz masculina abafada ecoou no corredor.

Ficando de pé e soltando-se dele, a Sra. Rittersdorf correu até a porta e trancou-a. Imediatamente ela girou sobre si mesma e, com uma expressão feroz, mergulhou — a ele pareceu que ela mergulhara — diretamente em cima dele. Baines fechou os olhos e preparou-se para o impacto.

Mas será que aquilo os faria conseguir o que queria? Politicamente?

Mantendo-a encostada no chão, um pouco à direita das roupas que ela arrancara, Baines grunhiu: — Ouça, senhora Rittersdorf...

— Mary — Desta vez ela o mordeu na boca. Os dentes dela bateram contra os dele com impacto atordoante, e ele encolheu-se de dor, fechando os olhos involuntariamente. Sua ideia acabara se tornando um erro capital. Pois naquele momento ele estava em meio a uma luta; quando deu por si, estava por baixo, prisioneiro — os joelhos pontudos dela enfiados em seu ventre, enquanto ela o agarrava logo acima das orelhas, tomando os cabelos dele entre os dedos e puxando-os para cima, como se fosse arrancar a cabeça de Baines do pescoço. Ao mesmo tempo...

Ele conseguiu gritar debilmente: — Socorro!

A pessoa do outro lado da porta, entretanto, evidentemente já fora embora; não houve resposta.

Baines localizou com o olhar o botão vermelho na parede, o qual a Sra. Rittersdorf estivera prestes a apertar — pretendera, mas agora sem dúvida não o faria nem em um milhão de anos — e começou a arrastar-se milímetro por milímetro naquela direção.

Não conseguiu realizar seu intento.

E o que me parece, pensou um pouco mais tarde, desesperado, é que, para piorar, meu plano não está ajudando o conselho politicamente.

— Dra. Rittersdorf — guinchou ofegante, tentando respirar — Sejamos razoáveis. Pelo amor de Deus, vamos conversar, certo? Por favor.

Desta vez ela mordeu a ponta do nariz; ele sentiu os dentes afiados encontrando-

se. Ela soltou uma gargalhada; uma risada longa e dissonante que lhe deu um calafrio.

Acho que as mordidas vão me matar, concluiu por fim, após o que lhe pareceu um período de tempo interminável, no qual nenhum dos dois conseguiu dizer nada; vou ser mordido até a morte e não há nada que eu possa fazer. Sentia-se como se tivesse despertado e encontrado a libido do universo; aquele era um poder simples mas avassalador que o aprisionara ali sobre o tapete, sem possibilidade de fuga. Se ao menos entrasse alguém, um dos guardas armados, por exemplo...

— Você sabia — sussurrou Mary Rittersdorf, roçando os lábios molhados contra as bochechas dele — que é o homem mais atraente da Terra? — Diante disso, ela se afastou um pouco, apoiando-se sobre os quadris, ajeitando-se. Ele aproveitou a oportunidade e rolou para o lado; tropeçando, correu para o botão, bateu freneticamente à procura dele, ansioso para pedir ajuda a alguém, qualquer um, extraterrestre ou não.

Ofegante, ela o agarrou pelos tornozelos, jogando-o no chão. Ele bateu com a cabeça na quina de um armário metálico, gemendo enquanto a escuridão da derrota e aniquilamento — para os quais não fora preparado por acontecimentos anteriores em sua vida — envolveu-o por completo.

Mary Rittersdorf sacudiu-o e novamente lançou-se sobre ele; mais uma vez cravou os joelhos nus nele, os seios bamboleando sobre o rosto de Baines enquanto ela apertava os punhos do Paranoico, comprimindo-os até deixá-lo inerte. Evidentemente para ela não importava se ele estava ou não consciente, descobriu Gabriel Baines, sentindo a escuridão tomar conta de seu corpo. Manteve um último pensamento, uma determinação final.

Arranjaria alguma maneira, algum jeito de vingar-se do santo Hebetizado Ignatz Ledebur por isso tudo. Nem que fosse seu último ato na vida.

— Ah, você é tão delicioso — gritou Mary Rittersdorf a um milímetro do ouvido esquerdo de Baines, ensurdecendo-o — Eu simplesmente poderia comer você todinho — Ela estremeceu da cabeça aos pés, uma ondulação que assemelhava-se a uma tempestade, um tremor da própria superfície terrestre.

Ao desmaiar, pressentiu que a Dra. Rittersdorf mal tinha começado. E o preparado de Ledebur não era o responsável por essa reação, já que não o afetara daquela maneira. Gabriel Baines e a mistura do santo Hebetizado haviam permitido que alguma coisa já existente na Dra. Rittersdorf emergisse. E ele teria sorte se a combinação não se transformasse — como parecia estar — em uma verdadeira poção do ódio, e não do amor.

Não chegou a perder totalmente a consciência em nenhum momento. Consequentemente, percebeu mais tarde que o turbilhão em que fora projetado começara a diminuir gradativamente. O furacão deflagrado artificialmente amainara e por fim estabeleceu-se a paz. Em seguida, ele foi removido, por

alguma força obscura, do compartimento da Dra. Rittersdorf para outro local completamente diferente.

Queria estar morto, disse para si mesmo. Com certeza o período de graça terminara; o ultimato terrestre expirara, e ele falhara na tentativa de deter os acontecimentos. Onde estava? Cautelosamente, Baines abriu os olhos.

Era noite. Estava deitado ao ar livre, sob as estrelas, e em torno dele um amontoado de lixo, imagem característica da Vila de Gandhi. Não conseguia discernir, olhando em volta freneticamente, o contorno da nave terrestre. Naturalmente ela já decolara rumo ao Cume de Da Vinci.

Tremendo, sentou-se, ainda fraco. Em nome de tudo que era sagrado às espécies, onde estavam suas roupas? Será que ela não se dera ao trabalho de devolvê-las? Aquilo lhe parecia uma coda gratuita; deitou-se novamente, os olhos fechados, xingando a si mesmo em um tom de voz monocórdio... ele, o delegado dos Paranoicos no conselho supremo! Era demais, pensou com amargura.

Um ruído à direita chamou sua atenção; reabriu os olhos, desta vez perscrutando atentamente as cercanias. Um veículo antiquado e obsoleto aproximava-se. Agora se dera conta; sim, percebeu, fora jogado nos arbustos, realizando a predição: Mary Rittersdorf o reduzira a um personagem folclórico. Odiava-a por isso, mas o medo que dela sentia, muito maior, impedia a ação. O que se aproximava não passava de um carro com motor de combustão, típico dos Hebetizados; distinguia os faróis amarelos.

Pondo-se de pé, acenou para o veículo, colocando-se no centro da trilha irregular construída pelos Hebetizados nas redondezas da Vila de Gandhi.

— Qual é o problema? — inquiriu o motorista Hebetizado, com sua voz monótona e arrastada; a decadência era tão evidente que ele nem ao menos tomara quaisquer medidas de precaução.

Baines aproximou-se da porta do carro e disse: — Fui... atacado.

— Ahn? Poxa, que azar, levaram suas roupas, né? Entre — O Hebetizado bateu na porta a seu lado até que ela abriu com um rangido — Vou leva-lo até a minha casa. Arranjo algo para você vestir.

Baines pediu, carrancudo: — Preferia que você me levasse até o barraco de Ignatz Ledebur. Quero falar com ele — Mas se o problema estava lá, enterrado no íntimo daquela mulher, como ele poderia culpar o santo Hebetizado? Ninguém poderia prever este desfecho, e com certeza se o preparado normalmente afetasse as mulheres daquela maneira, Ledebur teria parado de utilizá-lo.

— Quem é esse? — indagou o motorista Hebetizado, enquanto dava partida ao carro.

Os meios de comunicação na Vila de Gandhi eram precários, um sintoma, percebeu Baines, que não ajudava a negar as afirmações de Mary Rittersdorf a respeito de todos eles. Entretanto, o Paranoico reuniu suas forças para explicar o

melhor que pôde a localização do casebre do santo Hebetizado.

— Ah, sim! — exclamou o motorista — O cara que tem todos aqueles gatos. Passei por ele outro dia — Deu uma risadinha. Baines fechou os olhos, soltando um gemido.

Finalmente pararam diante do barraco mergulhado em penumbra do santo Hebetizado. O motorista abriu a porta do carro com estrondo; Baines desceu todo empertigado, sentindo dores em cada articulação, e ainda sofrendo com as mil e uma mordidas que a Dra. Rittersdorf lhe infligira em meio à paixão. Avançou passo a passo através do quintal repleto de lixo sob a luz amarelada e difusa dos faróis do carro; encontrou a porta do casebre, chutou um número indeterminado de gatos para fora do caminho e bateu na porta.

Ao vê-lo, Ignatz Ledebur explodiu em gargalhadas: — Não deve ter sido fácil. Você está sangrando todo. Vou arranjar uma roupa para você vestir e Elsie com certeza deve ter algum remédio para estas mordidas ou seja lá o que for isso... Parece que ela usou um alicate de cutículas — Soltando uma risadinha, ele desapareceu nos fundos do barraco. Uma horda de crianças carrancudas observava Baines, aquecendo-se junto ao aquecedor a óleo; ele as ignorou.

Mais tarde, quando a mulher de Ledebur terminara de espalhar unguento nas mordidas — as quais constelavam em torno do nariz, boca e orelhas — e Ledebur providenciara roupas esfarrapadas mas razoavelmente limpas, Gabriel Baines afirmou: — Já a defini. Ela é o tipo sádico oral. Por isso deu tudo errado — Mary Rittersdorf, percebeu gravemente, era tão ou mais doente do que qualquer habitante de Alfa III M2. Só que a patologia mantinha-se em estado latente.

Ledebur anunciou: — A nave terrestre decolou.

— Eu sei — Baines começou a se vestir.

— Tive uma visão há meia hora — alertou Ledebur — sobre a chegada de outra aeronave terrestre.

— Uma nave de guerra — adivinhou Baines — Para invadir o Cume de Da Vinci — ficou pensando se eles chegariam ao ponto de jogar uma Bomba H na colônia dos Maniacos — em nome da psicoterapia.

— Esta nave é pequena e rápida — explicou Ledebur — de acordo com minha imagem psíquica, oriunda de forças primordiais. Como uma abelha. Ela pousou perto da colônia dos Infantelistas, a Hamlet Hamlet.

Imediatamente Baines pensou em Annette Golding. Esperava com todas as forças que ela estivesse bem — Você tem algum veículo? Qualquer coisa com que eu possa voltar à Vila de Adolf? — Tinha o próprio carro, provavelmente ainda estacionado perto do local em que estivera a nave terrestre. Diabos, ele poderia caminhar até lá. E não voltaria à sua própria colônia, decidiu; iria a Hamlet Hamlet assegurar-se de que Annette não fora violentada, espancada ou

atingida por laser. Se ela estivesse ferida de alguma maneira...

— Eu os decepcionei — explicou a Ledebur — Disse-lhes que tinha um plano. Naturalmente, eles dependem de mim, pois sou um Paranoico — Mas ele ainda não desistira; sua mente paranoica estava cheia de planos, ativos e atuantes. Desse jeito, ele ainda acabaria dentro de um caixão, sempre planejando uma maneira de derrotar o inimigo.

— Você devia comer alguma coisa — sugeriu a mulher de Ledebur — Antes de ir a qualquer lugar. Temos um pouco de rim ensopado; ia dá-lo aos gatos, mas se quiser, não faça cerimônia.

— Obrigado — conseguiu dizer sem gaguejar; a cozinha Hebetizada não era nada apetitosa; Mas ela tinha razão. Ele precisava readquirir um pouco de energia, caso contrário cairia morto. Era surpreendente que ainda não tivesse caído, considerando-se o que acabara de acontecer.

Depois de comer, pegou uma lanterna emprestada por Ledebur, agradeceu as roupas, o unguento e a comida, e saiu a pé através das ruas estreitas e tortuosas, cheias de sucata, da Vila de Gandhi. Felizmente o carro permanecia onde o deixara; nem os Hebetizados, nem os terrestres haviam descoberto as vantagens de levá-lo, serrá-lo ou pulverizá-lo.

Baines entrou no veículo e deixou a Vila de Gandhi, pegando a estrada leste que levava a Hamlet Hamlet. Mais uma vez estava a caminho, nos mesmos irritantes 120 km/h, em meio à paisagem descampada e desolada entre uma colônia e outra.

Um sentimento de ansiedade jamais experimentado acometera-o. O Cume de Da Vinci fora invadido, talvez dominado; o que restara? Como poderiam sobreviver, sem a energia fantástica do clã dos Maníacos? Se ao menos essa pequena nave terrestre significasse algo... não poderia representar uma esperança? Pelo menos a chegada da nave fora um acontecimento inesperado. E dentro da esfera do previsível, eles não tinham chance, estavam perdidos.

Ele não era um Esquizoide ou um Hebetizado. Entretanto, de maneira obscura ele também fora acometido por uma visão. A visão da possibilidade remota, da única possibilidade dentre muitas. Seu primeiro plano falhara, mas ainda havia essa nave. E acreditava nela. Não sabia nem mesmo por quê.



Capítulo 11

Voltando para casa após a reunião do conselho em Vila de Adolf, em que vira o ultimato terrestre expirar e o inimigo entrar em ação contra o Cume de Da Vinci, Annette Golding considerava a possibilidade de suicídio. O peso que se abatera sobre eles, até mesmo sobre os Maníacos, era esmagador; Como combater os argumentos de um planeta que recentemente derrotara todo o império Alfa?

Evidentemente, não havia mais esperanças. E a nível biológico, ela também reconhecia a realidade... e inclinava-se a sucumbir. Sou como Dino Watters, disse para si mesma, perscrutando a estrada sombria à sua frente, a luz dos faróis iluminando a faixa plástica que ligava a Vila de Adolf a Hamlet Hamlet. Quando os fatos não são favoráveis, prefiro não lutar; inclino-me a desistir. E ninguém me faz desistir: sou eu que quero.

Os olhos encheram-se de lágrimas enquanto chegava a estas conclusões a respeito de si mesma. Acho que no fundo eu admiro os Maníacos, decidi. Eu venero o que não sou; não sou ríspida, altiva, intolerante. Mas teoricamente, enquanto Infantilista, poderia tornar-me tudo isso. Na verdade, poderia transformar-me em qualquer coisa. Só que, ao invés de...

Nesse momento, ela divisou, à direita, um raio proveniente do escapamento de um foguete formando uma risca no céu escuro. Era uma nave pousando, e bem próxima de Hamlet Hamlet. De fato, se continuasse por esta estrada, ela a encontraria. Experimentou duas emoções típicas de uma Infantilista, ao mesmo tempo emoções iguais e opostas. O medo a dominava, e no entanto a curiosidade, uma mistura de impaciência, antecipação e excitação, levaram-na a acelerar o carro.

Contudo, antes que alcançasse a nave, o medo tomou conta de seus atos; ela desacelerou o veículo, levando-o para a margem suja da estrada, e desligou o motor. O carro deslizou em silêncio até parar; ela permaneceu sentada, os faróis desligados, ouvindo os sons noturnos e pensando no que fazer.

De onde estava, percebia a nave de maneira indistinta e, ocasionalmente, uma luz piscava perto do foguete. Talvez fossem soldados terrestres, preparando-se para investir contra Hamlet Hamlet. No entanto, ela não ouvia vozes. E a nave não parecia grande.

Evidentemente ela estava armada. Cada representante do conselho tinha de estar, embora o delegado dos Hebetizados tradicionalmente esquecesse de portar a sua arma. Estendendo a mão para o porta-luvas, pescou a pistola antiga, com balas; nunca a usara e parecia-lhe inacreditável que logo poderia vir a fazê-lo. Mas

parecia-lhe não ter escolha.

Silenciosamente, esgueirou-se a pé por entre os arbustos raquíticos, até que subitamente alcançou a nave; recuou, surpresa, e então entreviu um fecho de luz, a atividade próxima à base da aeronave continuando normalmente.

Um homem, profundamente absorto, ocupava-se com uma pá, cavando um buraco; trabalhava e suave, o rosto enrugado pela concentração. De repente, ele correu até a nave.

Quando reapareceu, carregava uma caixa de papelão, a qual pousou ao lado do buraco. A luminosidade caiu em cheio sobre a caixa, e Annette viu cinco esferas semelhantes a turingias, levemente umedecidas e pulsantes; estavam vivas e ela reconheceu-as. Eram os elementos recém-nascidos de uma matéria viscosa de Ganimedes — ela já vira vários deles em fitas educativas. O homem com certeza estava enterrando os germes; no solo, eles cresceriam em grande velocidade. Esta etapa do ciclo de vida deles completava-se rapidamente, por isso o homem corria. As esferas poderiam morrer.

Ela observou, surpreendendo-se a si mesma: — Você jamais conseguirá colocar todos no solo a tempo — Uma esfera, de fato, já escurecera e encolhera; ela estava murchando sob as vistas deles: — Escute: — Ela se aproximou do homem, que continuou a trabalhar, cavando com a pazinha — Eu os manterei úmidos; você tem água? — Ajoelhou-se ao lado dele, esperando — Eles realmente vão morrer — Com certeza ele também sabia disso.

O homem explicou rudemente: — Na nave. Pegue uma vasilha grande. Você verá a torneira de água; está marcado — Separou a esfera murcha de suas companheiras, colocou-a delicadamente dentro do buraco e pôs-se a cobri-la com terra solta que ia cavando com os dedos.

Annette entrou na nave, descobriu a torneira e a vasilha.

Voltou com a tigela d'água e mergulhou as esferas ligeiramente deterioradas, refletindo, filosófica, que assim se passava com os fungos; tudo acontecia rapidamente com eles, o nascimento, o crescimento, até a morte. Talvez fosse uma sorte. Tinham o pequeno tempo para se pavonearem.

— Obrigado — agradeceu o homem, enquanto pegava uma segunda esfera, agora úmida, e a enterrava também — Não tenho esperanças de salvar todas elas. As esferas germinaram durante a viagem... Não tinha onde colocar as plantas, só um pote para germes microscópicos — concedeu-lhe um olhar rápido, enquanto alargava o buraco — Srta. Golding — disse ele.

Agachada ao lado da caixa de papelão para as esferas, Annette indagou: — Como é que você me conhece e eu nunca vi você antes?

— Esta é a minha segunda viagem a esta lua — explicou o homem, dúvida.

A primeira esfera enterrada já começara a crescer; sob a luz da lanterna, Annette percebeu o solo trepidar e abalar, tremendo enquanto o diâmetro da

esfera aumentava sensivelmente. Era um cena esquisita e engraçada, e ela desatou a rir — Desculpe — fez ela — Mas você correu de lá pra cá, enterrou-o no solo, e agora olhe para ele. Daqui a pouco estará tão grande quanto nós. E aí vai conseguir se movimentar — Ela sabia que as matérias viscosas eram os únicos fungos móveis; eles a fascinavam por esta razão.

— Como é que você sabe tanta coisa a respeito deles? — inquiriu o homem.

— Durante anos não tive nada para fazer exceto educar-me. Consegui do... acho que você chamaria hospital; bom, de qualquer maneira, consegui pegar fitas naquele lugar, antes de ser demolido, fitas sobre biologia e zoologia. É verdade que quando estão completamente maduras as matérias viscosas de Ganimedes são tão inteligentes que podemos até conversar com elas?

— Elas são mais do que inteligentes — O homem estava plantando delicadamente outra esfera, ela estremecia nas mãos dele, semelhante a uma geleia, macia.

— Que maravilha! — exclamou ela — Acho isto tudo incrivelmente excitante — Valia a pena ficar ali com ele, e observar tudo aquilo — Você não gosta? — indagou, ajoelhando ao lado da caixa de papelão para assistir ao trabalho dele — O aroma da noite, o ar puro, os sons das criaturas — pequeninas, como os sapos e os grilos — nas redondezas, e isto aqui, fazer estes fungos crescerem ao invés de deixá-los morrer simplesmente? Você é muito humano; posso perceber. Diga-me seu nome.

Ele a olhou de esguelha: — Por quê?

— Só para saber. Assim eu vou poder lembrar de você.

— Meu nome é igual ao de uma outra pessoa — explicou o homem — para que eu possa lembrá-la.

Agora só faltava plantar uma esfera. E a primeira brotara, expondo-se; tornara-se, ela descobriu, uma infinidade de esferas, grudadas em uma massa — Mas — fez o homem — eu quis o nome a fim de que pudesse... — Não concluiu a frase — Meu nome é Chuck Rittersdorf — disse.

— Você é parente da Dra. Rittersdorf, a psicóloga da nave terrestre? É, sim, você deve ser o marido dela — Estava certa disso; era completamente óbvio. Lembrando-se do plano de Gabriel Baines, ela ocultou a boca com as mãos, soltando uma risota de excitação maliciosa — Ah! — exclamou ela — se você soubesse. Mas não posso contar! — Outro nome que você devia lembrar, pensou ela, é o de Gabriel Baines. Ficou pensando como teria ido o plano de Baines para domar a Dra. Rittersdorf fazendo amor; algo lhe dizia que não dera certo. Mas para Gabe devia ter sido muito divertido, mesmo que em momento tão crucial.

Evidentemente agora estava acabado, pois o Sr. Rittersdorf chegara.

— Qual era o seu nome? — perguntou — Quando esteve aqui da primeira vez?

Chuck Rittersdorf lançou um olhar em direção a ela: — Você acha que eu mudei de nome...

— Você era outra pessoa — Tinha que ser; senão, ela se lembraria dele. Ela o teria reconhecido.

Após curto intervalo, Rittersdorf explicou: — Digamos que vim aqui, conheci você e retornei à Terra, e agora estou de volta — Olhou-a ferozmente, como se a culpa fosse dela. Após plantar a última esfera, ele juntou, pensativo, a caixa e a pequena pá e dirigiu-se para a nave.

Annette seguiu-o — Agora as matérias viscosas tomarão conta de nossa lua? — Ocorreu-lhe que talvez este fosse parte do plano terrestre para conquistar a lua. Entretanto, a hipótese não lhe parecia correta; este homem tinha toda a aparência de alguém trabalhando por conta própria. Aquela era uma ideia demasiado paranoica para ela.

— Você podia ter feito pior — afirmou Rittersdorf, lacônico. Desapareceu no interior da nave; após um segundo de hesitação, ela foi atrás dele, piscando sob a luz ofuscante acima dela.

Em cima de um painel, viu a pistola a balas; ela deixara-a ali enquanto enchia a vasilha de água.

Rittersdorf pegou a pistola e examinou-a, virando-se em seguida para ela com uma expressão de estranheza, quase um riso zombeteiro — É sua?

— É — respondeu, humilhada. Estendeu mão, na esperança de que ele a devolvesse. No entanto, ele não entregou a arma a ela — Ah, por favor — pediu — ela é minha e deixei-a aí enquanto tentava ajudar; você sabe disso.

Estudou-a durante um longo tempo. E por fim devolveu-lhe a pistola.

— Obrigada — Sentia-se agradecida — Lembrarei do que fez.

— Vocês pretendem salvar a lua usando isso? — Agora Rittersdorf estava rindo. Ele não era feio, decidiu Annette, exceto pela expressão confusa e atormentada e as muitas rugas. Mas os olhos eram de um azul cristalino. Devia ter uns trinta e cinco anos, avaliou. Não era realmente velho; de qualquer maneira, tinha mais idade do que ela. O sorriso era sofrido, não um sofrimento planejado, mas... — ela ponderou. Como se para ele ser feliz, mesmo que brevemente, fosse difícil. Talvez fosse como Dino Watters, inclinado à depressão. Teve pena dele. Aquela era uma doença terrível. Muito pior do que as outras.

Ela observou: — Não acho que possamos salvar esta lua. Só quero me proteger. Você conhece nossa situação aqui, não? Nós...

Uma voz subitamente grasnou dentro de sua mente, rudimentar — Sr. Rittersdorf... — A voz chiou, desapareceu, em seguida voltou, como uma explosão fraca de um receptor com detector de cristal — ...Muito inteligente. Vejo que Joan... — A voz sumiu.

— Em nome de Deus, o que é isso? — indagou Annette, estarelecida.

— É a matéria viscosa. Uma delas. Não sei qual — Chuck Rittersdorf parecia paralisado de alívio. Elevou a voz — Ele carrega a continuidade! — Gritava como se ela estivesse a um quilômetro de distância — Ele voltou. O que você me diz, Srta. Golding? Diga alguma coisa — Agarrou-a de repente pelas mãos, rodopiando com ela em um arremedo de dança, como a comemoração de uma criança — *Diga algo, Srta. Golding!*

— Estou contente — obedeceu Annette — vendo-o tão feliz — Você devia ficar assim alegre sempre que possível. Evidentemente não sei o que houve. De qualquer maneira... — Retirou as mãos da dele — Sei que merece isto, seja o que for.

Algo se mexeu atrás dela. Olhou para trás e divisou, na soleira da porta da nave, uma massa amarela arrastando-se para diante, ondulando para dentro da espaçonave. Então esta era a aparência deles. No estágio final. Era de perder a respiração. Ela recuou, não de medo, mas de surpresa; era um verdadeiro milagre a rapidez com que se desenvolviam. E agora, lembrava-se, ele permaneceria dessa jeito indefinidamente, até ser morto devido a um clima demasiado frio ou quente, ou a excessiva aridez. Ai, sua última extremidade germinaria, e o ciclo se repetiria.

Enquanto a matéria viscosa entrava na nave, uma segunda matéria viscosa surgia arrastando-se atrás da primeira. E seguindo-as, uma terceira.

Aturdido, Chuck Rittersdorf indagou: — Qual desses é você, Lorde Gosma Veloz?

Pensamentos atropelavam-se na mente de Annette.

— É costume o primeiro a nascer assumir a identidade formal de seu pai. Mas não existe distinção real. De certa maneira, somos todos Lordes Gosmas Velozes; Por outro lado, nenhum de nós é. Eu, o primeiro, adotarei o nome, enquanto que os demais inventarão os nomes que lhes aprouverem. Tenho a impressão de que funcionaremos e nos desenvolveremos nesta lua; a atmosfera, a umidade, a força da gravidade nos parecem adequadas. O senhor contribuiu para diversificar nossa localização; carregou-nos — permita-me fazer os cálculos — para três anos-luz de distância de nossa origem. Obrigado — Ele, ou melhor, eles acrescentaram: — A sua nave e o senhor mesmo estão prestes a ser atacados. Talvez fosse melhor o senhor decolar assim que for possível. Por isso nós entramos, aqueles de nós que se desenvolveram a tempo.

— Atacados por quem? — perguntou Chuck Rittersdorf, pressionando um botão no painel de controle, o qual fez a portinhola da aeronave fechar. Ele se sentou e preparou a nave para a partida.

— Segundo nossas conclusões — os pensamentos das três matérias viscosas alcançaram Annette — o ataque provirá de um grupo de nativos, aqueles que se autodenominam Maníacos. Evidentemente, eles conseguiram explodir alguma outra nave...

— Meu Deus! — exclamou Chuck Rittersdorf — Deve ser a nave de Mary.

— E é — concordou a matéria viscosa — Os Maníacos que se aproximam estão se congratulando naquele padrão típico de orgulho, por terem conseguido derrotar a Dra. Rittersdorf. Entretanto, ela não está morta. Os passageiros da primeira nave haviam conseguido escapar; no momento eles se encontram em algum ponto ignorado na lua, e os Maníacos os estão procurando.

— E as naves de guerra terrestres que estavam para chegar? — perguntou Rittersdorf.

— Que naves de guerra? Os Maníacos instalaram alguma espécie nova de tela protetora em torno da colônia deles. Por enquanto eles estão em segurança — A matéria viscosa complementou a informação com suas próprias conclusões — Mas isto não vai durar muito, e eles sabem disso. Eles estão na ofensiva temporariamente. Só que eles gostam de atacar. Estão eufóricos, enquanto as naves em alinhamento encontram-se impedidas, investindo inutilmente em voos rasantes.

Pobres Maníacos, pensou Annette. Incapazes de olhar adiante, vivendo o presente, precipitando-se em uma batalha como se tivessem alguma chance. E no entanto, a sua visão era melhor do que a deles? Será que a propensão a aceitar a derrota consistia em uma melhoria para ela?

Não admira que todos os clãs da lua dependessem dos Maníacos; tornara-se o único clã corajoso. E a coragem lhes conferia a vitalidade.

O restante de nós, percebeu Annette, há muito perdeu a batalha. Bem antes da chegada do primeiro terrestre, a Dra. Rittersdorf.



Gabriel Baines, dirigindo a insignificantes 120 km/h em direção a Hamlet Hamlet, divisou a nave diminuta e rápida cortando o céu noturno, percebendo que chegara tarde demais, sem saber quase nada a respeito da situação. Annette, seu poder psiônico o informava, encontrava-se no interior da aeronave, ou então a nave — os seus tripulantes — a haviam destruído. De qualquer maneira ela se fora, e ele desacelerou o veículo, tomado de amargura e desespero.

Praticamente não havia nada que pudesse fazer nesse momento. Assim, era melhor voltar à Vila de Adolf, sua própria colônia e seu pessoal. Estar ao lado deles nestes últimos e trágicos dias.

Mal começara a fazer a curva, algo passou por ele roncando e retinindo, em direção a Hamlet Hamlet; era um monstro arrastando-se, para não dizer um supermonstro. Construído em ferro como somente os Maníacos sabiam, varrendo o terreno à sua frente com seu faróis poderoso, o monstro avançava empunhando uma bandeira vermelha e preta, o símbolo de guerra dos Maníacos.

Certamente, ele estava testemunhando os estágios iniciais de um contra-ataque por terra. Mas exatamente contra quem? Evidentemente os Maníacos estavam em ação, mas não contra Hamlet Hamlet. Talvez estivessem tentando alcançar a pequena nave antes que ela decolasse. Mas tanto para eles quanto para ele, Baines, era tarde demais.

Pressionou a buzina do veículo. A torre do tanque dos Maníacos abriu com um baque; o tanque retornou em direção a ele e o Maníaco, que não conhecia, ergueu-se e acenou em saudação. O rosto do Maníaco irradiava entusiasmo; evidentemente, ele estava adorando a experiência, as tarefas militares em defesa da lua, para as quais se preparavam há tanto tempo. A situação, deprimente aos olhos de Baines, para eles resultava em efeito oposto: para os Maníacos, significava o desabrochar, o orgulho e o estado de espírito beligerantes. Gabriel Baines não se surpreendeu.

— Oi — gritou o homem no tanque, os dentes à mostra em um sorriso largo.

Baines retribuiu à saudação com o mínimo de azedume de que foi capaz — Vi a nave fugindo de vocês, pessoal.

— Vamos pegá-los — O Maníaco não perdera a jovialidade; apontou algum ponto no céu — Olha lá, companheiro, o míssil.

Um segundo depois, algo cintilou acima dele; fragmentos luminosos caíram como chuva fina sobre eles, e Gabriel Baines compreendeu que a nave terrestre fora atingida. O Maníaco estava certo. Como sempre... era uma característica do clã.

Horrorizado, devido à sua intuição a respeito de Annette Golding, possivelmente dentro da nave, ele exclamou: — Seus bárbaros; Seus monstros maníacos... — O fragmento principal estava caindo à sua direita; ele bateu a porta do carro e correu em direção ao escombro, saindo da estrada e atravessando aos trambolhões o campo aberto. O tanque dos Maníacos, enquanto isso, pôs-se a segui-lo, a torre já fechada, perturbando a noite com ruídos estridentes.

Baines alcançou os restos da nave em primeiro lugar. Algum mecanismo de paraquedas de emergência, um imenso globo cheio de gás adaptado à parte traseira da aeronave, permitira uma descida razoavelmente suave; o fragmento estava meio enterrado no solo, a popa para cima, fumegando como se estivesse prestes a desintegrar-se, o que aterrorizou Baines ainda mais; a fornalha atômica no interior chegara, pensou, quase ao ponto crítico de fusão, e uma vez atingido este ponto o resultado seria catastrófico.

Baines saiu do carro e correu em direção à portinhola da nave. Quando

conseguiu aproximar-se da portinhola, esta abriu, emergindo do interior um terrestre vacilante, e atrás dele Annette Golding e por fim, com grande dificuldade, um glóbulo amarelo homogêneo, que deslizou até a extremidade da nave e caiu ao solo com um som semelhante ao de uma bola entrando na água com rapidez.

Annette implorou: Baines, não deixe os Maníacos matarem este homem; ele é uma boa pessoa. Ele é bom até com matérias viscosas.

Neste momento, o tanque dos Maníacos aproximava-se chacoalhando; de novo a torre do tanque foi aberta com estrondo, surgindo o Maníaco do interior. Desta vez, no entanto, ele apontava uma arma a laser para o terrestre e Annette. O Maníaco gritou, um esgar transformando-lhe o rosto: — Pegamos vocês — Sem sombra de dúvida, com a mesma rapidez com que estava usufruindo a captura, ele os mataria; a ferocidade do inconsciente de um Maníaco era infinita.

— Escute — ordenou Baines, acenando para o Maníaco — Deixe estas pessoas em paz; esta mulher é de Hamlet Hamlet, ela é uma das nossas.

— Uma das nossas? — ecoou o Maníaco — Se ela é de Hamlet Hamlet, ela não é uma das nossas.

— Ah, vamos lá — exclamou Baines — Vocês, Maníacos, são tão estúpidos que não reconhecem ou recordam a irmandade comum dos clãs em tempo de crise? Abaixo esta arma — Caminhou lentamente em direção ao carro estacionado, sem afastar os olhos do Maníaco. No carro, debaixo do banco, ele guardara sua própria arma. Se conseguisse pegá-la, descarregaria toda munição no Maníaco para salvar a vida de Annette — Vou relatar isto a Howard Straw — ameaçou, abrindo a porta do carro e enfiando-se lá dentro — sou amigo dele. Sou o representante dos Paranoicos no conselho — Os dedos se fecharam em torno da coronha da arma; ele a ergueu, apontou e, ao mesmo tempo, destravou a arma.

O clique da trava, audível na noite silenciosa, fez com que o Maníaco se voltasse de imediato; agora, o raio laser estava apontado em direção a Baines. Nenhum dos dois disse nada; permaneceram imóveis, um de frente para outro, sem atirar — a luz não era suficiente, e um não conseguiria distinguir seu oponente com nitidez.

Um pensamento, emanado sabe Deus de onde, adentrou a mente de Gabriel Baines: — Sr. Rittersdorf, sua esposa encontra-se nas redondezas; estou captando a atividade encefálica dela. Portanto, aconselho-os a jogar-se no chão.

Tanto o terrestre como Annette Golding imediatamente lançaram-se ao solo; o Maníaco no tanque, atônito, desviou a arma de Gabriel Baines, esquadrihando a escuridão da noite, inseguro.

Um raio de pontaria quase perfeita, oriundo de uma arma a laser, passou sobre o terrestre agachado, penetrando o casco da nave arruinada e desaparecendo em um chiado de metal liquefeito. O Maníaco no tanque deu um salto, buscando a origem precisa do tiro; apertou sua arma em um espasmo instintivo mas não

atirou. Nem ele nem Gabriel Baines sabiam o que estava acontecendo. Quem estava atirando em quem?

Gabriel Baines gritou para Annette: — Entre no carro — Mantinha a porta aberta; Annette ergueu a cabeça, contemplou Baines e em seguida voltou-se para o terrestre a seu lado. Os dois trocaram um olhar e correram aos trambolhões em direção ao carro.

O Maníaco na torre abriu fogo, mas não em Annette ou no terrestre; atirou na escuridão, de onde viera o raio laser. De súbito, ele se jogou para dentro do tanque, fechou a torre com estrondo, ligou o veículo e saiu ribombando em direção ao ponto em que antes atirara. Ao mesmo tempo, um míssil partiu do tubo dianteiro do tanque; seguiu uma linha reta paralela ao chão e de repente explodiu. Gabriel Baines, tentando fazer a volta com o carro, Annette e o terrestre a seu lado, sentiu o solo abrir-se e engolfá-lo; fechou os olhos, mas o que estava acontecendo não podia ser evitado.

A seu lado o terrestre praguejou. Annette Golding soltou um gemido.

Aqueles Maníacos, pensou Baines selvagememente, enquanto sentia o carro sendo levantado, colhido pelas ondas de choque do míssil que explodira.

— Você não pode usar um míssil como aquele — a voz do terrestre elevou-se fracamente sobre o alvoroço — a esta distância.

Sacolejando, carregado pelo choque da explosão, o carro rodopiou sem parar; Gabriel Baines agarrou-se às tiras de segurança no teto, em seguida às do painel; todos os mecanismos protetores que um Paranoico inteligente poderia instalar em seu veículo para proteger-se contra um ataque emergiram automaticamente, mas não foram suficientes. O carro continuava a rodar, e Gabriel Baines conseguiu dizer para si mesmo: *eu odeio os Maníacos*. Nunca mais pedirei a cooperação deles.

Alguém caíra sobre ele, exclamando: — Ah, Meu Deus! — Era Annette Golding; ele a agarrou. Todas as janelas do carro tinham arrebrandado; choviam pedaços de plástico em cima dele, que sentiu o fedor acre de coisa queimada, talvez as suas próprias roupas, o que não o surpreenderia. Agora a espuma antitérmica jorrava aos flocos, proveniente dos bocais que o rodeavam por todos os lados, ativados pela temperatura; em um segundo estava imerso em um mar cinza, incapaz de firmar-se em algum ponto... Perdera Annette de novo. Diabos, pensou, estes mecanismos protetores me haviam custado tanto tempo e dinheiro e eram ainda piores do que a própria explosão. Qual era a moral da história? Perguntou-se, tropeçando na espuma pegajosa. Sentia-se ensaboado para alguma grande toquia; se encolhia e debatia, lutando para livrar-se daquela coisa grudenta.

— Socorro! — gritou.

Nada nem ninguém respondeu ao apelo.

Vou explodir aquele tanque, pensou consigo mesmo enquanto tentava se desvencilhar da espuma. Juro; vou ter a minha desforra contra os nossos inimigos... os Maníacos. Sempre soube que eles estavam contra nós.

— O senhor está enganado, Sr. Baines — Um pensamento surgiu em sua mente, calmo e sensível — O soldado que disparou o míssil não pretendia ferir vocês. Antes de atirar, ele fez cálculos cuidadosos — ou assim pensou. O senhor deve ter cuidado para não ver malícia por trás de danos acidentais. Neste momento, ele está tentando chegar até o senhor e retirá-lo de seu carro flamejante. E aos que estão com o senhor também.

— Se você pode me ouvir — Baines pensou em resposta — ajude-me.

— Não posso fazer nada; sou uma matéria viscosa; não posso aproximar-me das chamas de maneira alguma, sou demasiado sensível ao calor, como mostraram acontecimentos recentes. Dois de meus irmãos na verdade já morreram tentando, E no momento ainda não estou pronto para germinar novamente — E acrescentou, sem muito fundamento: — De qualquer maneira, se tivesse que salvar alguém, seria o Sr. Rittersdorf. Ele está aí com o senhor... o homem da Terra.

Gabriel Baines sentiu uma mão agarrando-o pelo colarinho; foi levantado, retirado do carro e jogado para um lado. O Maníaco, possuidor de força física anormal, neste instante estava arrancando Annette Golding do carro em segurança.

— Agora o Sr. Rittersdorf — pediram os pensamentos ansiosos da matéria viscosa, alcançando Gabriel Baines onde ele estava deitado.

Mais uma vez sem ligar para sua própria segurança — comportamento igualmente típico de um caráter hiperativo — o Maníaco desapareceu no interior do carro, depois voltou carregando consigo o terrestre.

— Obrigado — Pensou a matéria viscosa, com alívio e gratidão — Em troca de seu feito, permita-me dar-lhe uma informação: o seu míssil *não* alcançou a Dra. Rittersdorf, e ela e o simulacro da CIA, Sr. Mageboom, ainda se encontram escondidos na escuridão, aguardando uma oportunidade de atirar novamente para o seu tanque.

— Por que eu? — indagou o Maníaco, zangado.

— Porque o seu clã destruiu a nave deles — a matéria viscosa pensou em resposta — As hostilidades entre o senhor e eles estão abertas. Depressa.

O soldado Maníaco disparou em direção ao tanque.

Mas não conseguiu chegar até ele. A menos de metade da distância até o tanque, cobriu o rosto com as mãos ao ver um raio laser surgir das trevas, atingindo-o levemente e sumindo num piscar de olhos.

Agora é que vão ser elas, percebeu Gabriel Baines desesperado, enquanto

limpava a espuma grudada nele. Será que ela vai me reconhecer, lembrar de nosso encontro hoje cedo... e em caso afirmativo, ela iria me poupar... ou me mataria mais rápido?

A seu lado o terrestre, também chamado Rittersdorf por alguma coincidência do destino, lutava para ficar sentado e indagou: — Você tinha uma arma. O que foi feito dela?

— Ainda está no carro, suponho.

— Por que ela nos mataria? — perguntou Annette Golding, ofegante.

Rittersdorf respondeu: — Porque ela sabe que eu estou aqui. Vim a esta lua para matá-la — Aparentava calma — Quando a noite chegar ao fim, um de nós estará morto. Ou ela ou eu — Evidentemente ele já tomara uma decisão.

Ouviram o ruído de um foguete acima de suas cabeças. Era uma outra nave, enorme, percebeu Gabriel Baines, sentindo um começo de esperança; talvez tivessem uma oportunidade de escapar da Dra. Rittersdorf, a qual, como desconfiara, era perturbada mental. Mesmo se a nave contivesse terrestres em seu interior. Pois tornara-se evidente que a Dra. Rittersdorf estava agindo sob um impulso selvagem, sem sanção oficial. Ao menos ele esperava.

Um clarão iluminou o céu acima deles; a noite se tornou clara e tudo, cada pequeno objeto, desde as pedras sobre o solo, foi realçado por potente claridade. A nave destroçada do Sr. Rittersdorf, o tanque abandonado do Maníaco morto, o próprio cadáver do Maníaco, estatelado não muito longe, o carro de Gabriel Baines, queimando até as cinzas e lá, a uns cem metros, uma cavidade fervente, liquefeita onde o míssil explodira. E bem à direita, entre as árvores, duas figuras humanas. Mary Rittersdorf e não sei quem, cujo nome a matéria viscosa pronunciara. Agora ele conseguia ver a matéria viscosa; refugiara-se próximo à nave destruída. Sob o clarão de luz, a cena era macabra; ele conteve o impulso de urrar.

— Uma nave de guerra terrestre? — perguntou Annette Golding.

— Não — redarguiu Rittersdorf — Observe o coelho na lateral.

— Um coelho — Arregalou os olhos — É uma raça de coelhos conscientes? Existe isso?

— Não — Os pensamentos da matéria viscosa alcançaram Gabriel Baines. Denotando pesar, a matéria viscosa afirmou: — Esta aparição é Coelho Hentman procurando pelo Sr. Rittersdorf. Foi relativamente fácil, como o senhor previu pessimistamente, adivinhar que o senhor viera para Alfa III M2; ele deixou a Vila Brahe logo depois que o senhor partiu da Terra — Continuou a explicação: — Só agora estou obtendo estes pensamentos da mente dele; naturalmente até o momento eu não sabia de nada disso, encontrando-me em estágio de germinação.

Não estou entendendo, Gabriel Baines matutou consigo mesmo. Em nome de

Deus, quem é Coelho Hentman? Uma divindade em forma de coelho? E por que ele estava à procura de Rittersdorf? Para falar a verdade, ele nem ao menos sabia exatamente quem era Rittersdorf. Marido de Mary Rittersdorf? Irmão? Em sua mente toda a situação era confusa, e ele gostaria de estar em Vila de Adolf, nas posições de segurança ensaiadas que seu clã elaborara ao longo dos anos para situações abomináveis como esta.

Com certeza estamos perdidos, decidi. Estão todos mancomunados contra nós — Os Maníacos, a Dra. Rittersdorf, a nave gigantesca acima deles com seu totem com aspecto de coelho pintado ao lado e, em algum lugar perto dali, as autoridades militares terrestres esperando um sinal para se aproximarem — que chances nós temos? O sentimento de derrota tomou conta dele — e não era para menos, pensou, sinistro.

Apoiado em Annette Golding, sentada e enfraquecida, tentando retirar a espuma antitérmica dos cabelos, ele se despediu: — Adeus.

Fitou-o com os olhos escuros arregalados: — Aonde você vai, Gabe?

— Que inferno! — exclamou com amargura — O que importa? — Eles não tinham chance ali, iluminados pelo clarão luminoso, à vista da Dra. Rittersdorf e seu raio laser — a arma que já matara o soldado Maníaco. Levantou-se cambaleando, sacudindo a espuma como um cachorro molhado — Vou embora — informou a Annette, e sentiu-se triste por ela; não por sua própria morte, mas pela dela — o que mais o atormentava — Gostaria de poder fazer algo por você — confessou num impulso — Mas aquela mulher é louca; sabia disso desde o começo.

— Ah — fez Annette, assentindo com um movimento de cabeça — Então não deu certo. O seu plano com relação a ela — Lançou um olhar de soslaio em direção a Rittersdorf.

— Você disse “*não deu certo*”? — Soltou uma risada; era realmente engraçado — Lembre-me de descrever a cena para você algum dia — Inclinou-se e deu-lhe um beijo, o rosto de Annette úmido e viscoso por causa da espuma, contra sua boca; por fim, endireitou-se e foi embora, enxergando o caminho à sua frente com clareza, devido ao chão luminoso.

Enquanto andava, esperou o toque do raio laser em seu corpo. A luz era tão intensa que ele semicerrou os olhos involuntariamente; os olhos apertados, foi caminhando passo a passo, sem tomar qualquer direção específica... Por que ela não tinha atirado? Ainda estava por vir, ele sabia; esperava que viesse logo. A morte nas mãos daquela mulher. Um bom destino para um Paranoico; irônico e merecido.

Uma forma bloqueou-lhe a passagem. Abriu os olhos. Três formas, todas familiares; viu-se diante de Sarah Apostoles, Omar Diamond e Ignatz Ledebur, os três últimos visionários na lua, ou, em outras palavras, pensou consigo mesmo, os três maiores loucos de todos os clãs. O que estavam fazendo ali? Havi

levitado ou se transportado através da telepatia, ou seja lá o que fosse; de qualquer maneira, haviam chegado lá graças à sua mágica. O único sentimento que o acometeu foi a irritação ao vê-los. A situação já estava demasiado confusa sem eles.

— O mal enfrenta o mal — entoou Ignatz Ledebur — Mas nossos amigos devem ser preservados. Tenha fé em nós, Gabriel. Providenciaremos para que seja conduzido, muito em breve, com toda a pompa psicológica, a um local seguro — Estendeu a mão a Baines, o rosto transfigurado.

— Eu não — recusou Baines — Annette Golding; ajudem-na — De súbito pareceu-lhe que todo o peso de ser um Paranoico, de ter de defender-se contra todo o mal, fora retirado de cima de seus ombros. Pela primeira vez na vida ele agira não para salvar a si próprio, mas a outra pessoa.

— Ela também será salva — Sarah Apostoles tranquilizou-o — Pelo mesmo instrumento.

Sobre sua cabeça, a nave com o grande desenho do coelho continuava a rugir; a nave estava descendo lentamente. Preparando-se para pousar.



Capítulo 12

Ao lado de Mary, o homem da CIA Dan Mageboom disse: — Você ouviu a afirmação da matéria viscosa; aquela nave traz o comediante de TV Coelho Hentman, que está na lista dos mais procurados — Agitado, Mageboom deu um puxão na garganta, com certeza à procura do transmissor intercom, que o ligava com o poderoso receptor da CIA, a bordo das naves terrestres alinhadas nas cercanias.

— Também ouvi a matéria viscosa declarar que você não é uma pessoa e sim um simulacro — contrapôs Mary.

— Pessoa ou não-pessoa — disse Mageboom — o que importa? — Agora encontrara o microfone do intercom; ignorou Mary e começou a comunicar-se no receptor com seus superiores, relatando-lhes que Coelho Hentman finalmente aparecera. E isso, pensou Mary, baseando-se em uma declaração verbal de um fungo de Ganimedes. A credulidade da CIA ultrapassava o limite do razoável. Entretanto, provavelmente era verdade. Sem dúvida estava a bordo daquela nave; como identificação, o veículo possuía o símbolo conhecido dos telespectadores do programa.

Recordou, então, o terrível episódio quando de sua aproximação da Organização Hentman, em seus esforços para obter um trabalho para Chuck como roteirista. Eles lhe haviam proposto, de maneira elegante e hábil, e ela jamais esquecera isto; nem conseguiria. Um “trato”, chamaram eles eufemisticamente. Cafajestes obscenos, pensou, enquanto via a nave pousando como uma enorme bola de futebol americano.

— Tenho instruções — Mageboom subitamente manifestou-se — Para nos aproximarmos da nave e tentarmos prender Hentman — Pôs-se de pé; Surpresa, ela o viu trotar em direção à nave estacionada. Deveria deixá-lo ir? Perguntou a si mesma. Por que não? Decidiu, abaixando o raio laser. Não tinha nada contra Mageboom, fosse ele homem ou simulacro. Em qualquer caso, decididamente ele era ineficaz, à semelhança de todos os funcionários da CIA que conhecera durante seus anos com Chuck. De imediato voltou a atenção para ele, aconchegando-se com Annette Golding. Você fez uma longa viagem, querido, refletiu. Só para se vingar de mim. Valeu a pena? Em compensação, pensou, você também encontrou uma nova mulher; imagino se você vai gostar de ter uma amante esquizofrênica polimórfica. Apontou o tubo a laser e disparou.

O clarão branco berrante desapareceu de repente; a escuridão instalou-se mais uma vez. Por um segundo, ela não conseguiu compreender o que acontecera; por fim percebeu que, agora que a nave pousara, não havia mais necessidade de

iluminação; por isso a luz fora desligada. A nave preferia a escuridão à luminosidade, como certos insetos fotofóbicos que se ocultam atrás de uma estante.

Não sabia se o tiro atingira Chuck.

Maldição, pensou, num misto de desânimo e raiva. Então sentiu medo. Afinal de contas, era ela que estava em perigo; Chuck tornara-se um assassino. Viera até aqui especialmente para matá-la — disso ela tinha total e racional consciência: sua presença na lua confirmava o que a perspicácia profissional de Mary há muito intuía. Ocorria-lhe agora que durante a viagem e os primeiros dias em Alfa III M2 Chuck poderia perfeitamente ter sido o habitante do simulacro Mageboom. Por que então não realizara seu intento naquele momento, ao invés de esperar? De qualquer modo, agora isto não seria mais possível, pois o simulacro estava sendo operado da Terra, pela CIA; disso tinha absoluta certeza, a partir de observações feitas por Chuck ao longo dos anos.

Seria melhor eu fugir, disse para si mesma. Antes que ele tente. Aonde posso ir? As grandes naves de guerra não conseguem se aproximar, pois aqueles doidos maníacos instalaram aquele campo protetor; imagino que eles ainda estejam tentando encontrar um modo de passar através do campo de força — não importa a razão que a fez perder o contato com o exército terrestre. E agora Mageboom se fora; ela não mais conseguiria alcançar as naves alinhadas fazendo uso dele. Queria voltar para a Terra, lastimou-se. Todo este projeto transformou-se em algo horrível. É uma insensatez, eu e Chuck tentando matar-nos um ao outro; como se desenvolve um sentimento horripilante e psicótico como esse? Pensei que tínhamos conseguido nos separar... o divórcio não era o suficiente?

Nunca deveria ter permitido que meu advogado Bob Alfson tirasse aquelas fotografias potentes de Chuck e a garota, refletiu. Provavelmente fora isso que o levava a cultivar este sentimento. No entanto, agora era tarde demais; ela não somente obtivera as fotos como também as utilizara no tribunal. Agora elas haviam passado ao domínio público; qualquer um, possuidor de uma curiosidade um tanto mórbida, poderia dirigir-se ao departamento de gravações do tribunal, animar as fotos e apreciar as sequências de Chuck e Trieste barulhenta fazendo amor. Com este sinal vencerás, meu querido...

Chuck, pensou, gostaria de capitular; gostaria de sair dessa, se não por você, ao menos por mim. Não podemos ser... amigos?

Aquela era uma esperança despropositada.

Neste momento, algo peculiar contorcia-se no horizonte; ficou observando-o, tentando calcular o tamanho. Sem dúvida era muito grande para ser uma construção humana. Alguma coisa real eletrizara a atmosfera; as estrelas perderam o brilho, parcialmente apagadas naquela região e a coisa, fosse o que fosse, começava agora a assumir uma forma quase luminosa.

A forma representava um lagarto gigante, e imediatamente Mary percebeu o que estava testemunhando: uma projeção esquizofrênica, parte da realidade primordial experimentada por psicóticos em estágio avançado, com certeza uma entidade conhecida aqui em Alfa III M2... mas por que *ela* estava vendo aquilo?

Um esquizofrênico, ou possivelmente vários deles agindo em conjunto, poderiam coordenar suas percepções psicóticas a um talento psiônico? Que ideia mais esquisita, ela pensou, nervosa, esperando que não fosse esta a explicação. Pois uma tal combinação seria fatal, caso estas pessoas tivessem experimentado essa sensação durante os vinte e cinco anos de liberdade.

Lembrou-se do hebefrênico que conhecera na Vila de Gandhi... aquele que talvez acertadamente fora denominado santo, Ignatz Ledebur. Naquele momento ela sentira algo semelhante irradiando-se dele, a despeito da esqualidez, uma primeira manifestação das habilidades sobrenaturais, real embora aterrorizante, direcionada sabe Deus para onde. Apesar disso, ela acabara por fascinar-se com ele.

O lagarto, parecendo bastante real, esticou-se, contorceu o pescoço alongado e abriu as mandíbulas. Do interior, vomitou uma aparição semelhante a uma bola de fogo, inflamando aquela parte do céu; a bola de fogo tomou impulso para cima, como se carregada por uma corrente de ar; ela soltou um suspiro de alívio: ao menos a coisa estava indo embora, ao invés de descer. Francamente ficara apreensiva com a visão. Não gostara nem um pouco daquela aparição, demasiado semelhante às seqüências de seus sonhos mais íntimos, os quais experimentara e não discutira ou analisara, sem querer esmiuçá-los, nem mesmo em segredo; muito menos comentá-los com outra pessoa, com qualquer psiquiatra profissional. Deus me livre.

A bola de fogo parou de subir. E começou a fragmentar-se em raios luminosos. Os raios projetaram-se sobre eles e, para estarcimento dela, formaram enormes letras tremulantes, como que desenhadas a mão.

As palavras continham uma mensagem. De sentido inteiramente literal. Uma mensagem, ela percebeu, ao mesmo tempo embaraçada e aterrorizada, dirigida a ela. As palavras chamejavam:

“DRA. RITTERSDORF,
EVITE O DERRAMAMENTO DE SANGUE
E A SENHORA PODERÁ IR EMBORA”

Em seguida, resplandecendo em letras menores, como uma reflexão posterior, os seguintes dizeres:

“O TRIUNVIRATO SAGRADO”

Eles estavam fora de si, Mary Rittersdorf disse para si mesma, sentindo o prenúncio de uma gargalhada histérica na garganta. Não sou *eu* que estou buscando derramamento de sangue; é Chuck. Por que, em nome de Deus, atormentar logo a mim? Se vocês são tão santificados, devem ser capazes de perceber uma verdade tão óbvia. Ela atirara em Chuck; e antes, matara o soldado Maníaco quando ele corria de volta ao tanque. Talvez, afinal de contas, sua consciência — suas intenções — não fossem tão equivocadas.

Formaram-se mais palavras.

“POR FAVOR, RESPONDA”

— Deus meu! — ela protestou — Como? — Não conseguia imaginar-se escrevendo sua própria resposta em letras flamejantes no céu; ela com certeza não fazia parte do triunvirato de santos sagrados psicóticos hebefrênicos. Isto é simplesmente pavoroso, disse para si mesma. É simplesmente grotesco ter de suportar esta situação. E caso eu dê ouvidos a eles, acredite neles, de algum modo serei culpada, responsável pelo mal que se instalou entre mim e Chuck. E eu não sou.

De súbito, percebeu um clarão vermelho de um raio laser nas redondezas da nave de Coelho Hentman. Dan Mageboom, o simulacro da CIA e agente na lua, com certeza estava começando a luta; ficou matutando se ele, aquela coisa, estaria vencendo. Provavelmente não, se ela conhecia bem a CIA. Apesar disso, desejava-lhe sorte.

Ficou pensando se o triunvirato sagrado teria alguma instrução para ele também. Mageboom podia precisar de ajuda; lançara-se sozinho a um ataque frontal à nave de Hentman, atirando com o que ela agora percebia ser uma dedicação inumana. Ele pode ser um simulacro, de fato ele é um simulacro, mas ninguém pode dizer que é um covarde. E o restante de nós, refletiu, ela mesma, Chuck e a garota ao lado dele, a matéria viscosa, até mesmo o soldado Maníaco que buscava inutilmente a segurança de seu tanque, todos nós estávamos acuados pelo medo, motivados nada mais do que por um instinto animal a salvar nossas vidas. Somente Dan Mageboom partira para a ofensiva. No entanto, ao menos era o que lhe parecia, o ataque do simulacro ao veículo de Hentman estava fadado ao insucesso desmoralizador.

Novas palavras, enormes e brilhantes, surgiram no céu. Graças a Deus estas não se dirigiam especificamente a ela; desta vez ela foi poupada da humilhação de ser a escolhida.

“PAREM COM A GUERRA E AMEM-SE UNS AOS OUTROS”

Está certo, pensou Mary Rittersdorf satisfeita. Vou começar. Passarei a amar meu ex-marido Chuck, que veio aqui para me matar; que tal este começo, no meio de toda esta confusão?

O clarão vermelho dos raios laser em torno da nave estacionada aumentaram de intensidade; o simulacro não correspondera ao pedido em letras garrafais: prosseguira em sua luta inútil, mas altamente valorosa.

Pela primeira vez na vida ela realmente admirava alguém.



A partir do instante em que surgiu a nave de Coelho Hentman, a matéria viscosa tornara-se bastante apreensiva; seus pensamentos atingiam Chuck Rittersdorf repletos de preocupação.

— Estou recebendo estimativas horrivelmente negativas a respeito dos acontecimentos recentes — a matéria viscosa propagou seus pensamentos para Chuck — Todas emanando da nave de Hentman; ele e sua equipe, sobretudo os Alfanos que o cercam, imaginaram uma fantasia que coloca o senhor, Sr. Rittersdorf, no centro de uma conspiração fictícia contra ele — A matéria viscosa permaneceu em silêncio por alguns segundos e então pensou: — Eles enviaram um lançador.

— Por quê? — indagou Chuck, sentindo o coração bater mais forte.

— Instantâneos tomados durante exposição produzida pelo clarão luminoso revelou a sua presença aqui na superfície. O lançador vai pousar; o senhor será capturado; é inevitável.

Ficando de pé, Chuck avisou Annette Golding: — Vou tentar fugir. Você fica aqui — começou a correr, afastando-se do local, sem direção precisa; simplesmente tentava atravessar o solo acidentado o mais rapidamente possível. Entrementes, a nave de Hentman pousara. E enquanto ele corria, observou um estranho fenômeno: raios vermelhos provenientes de armas a laser, em forma de riscos opacos, próximos à nave pousada. Alguém ou algum grupo iniciara uma ofensiva aberta contra a nave de Hentman, assim que ele abrira a portinhola do veículo.

— Quem? — Tentou adivinhar. Mary com certeza não. Alguém dos clãs da lua?

Talvez um cabeça-de-lama dos Maníacos... mas eles já não estavam suficientemente ocupados lutando contra os terrestres, mantendo a barreira energética protetora sobre o Cume de Da Vinci? Além do mais, os Maníacos empregavam outro tipo de arma que não o velho raio laser; conseqüentemente, isso cheirava a coisa da CIA.

Mageboom, concluiu. O simulacro recebera instruções para atacar a nave de Hentman. E como uma máquina, ele obedecera.

Os Maníacos, pensou, estão lutando contra a Terra; Mageboom, representando a CIA, está ocupado atirando em Hentman. Minha ex-esposa está lutando contra mim. E Hentman é meu inimigo. Logicamente, o que isto significa para mim? Deve ser possível formar uma equação racional, extraída desta confusão barroca; com certeza ela pode ser simplificada. Se os Maníacos estão à frente na ofensiva contra a Terra, e Hentman está lutando contra a Terra, então os Maníacos e Hentman são aliados. Hentman está contra mim, portanto sou inimigo dele e aliado da Terra. Mary está lutando contra mim e eu estou contra Hentman, assim Mary é aliada de Hentman, conseqüentemente inimiga da Terra. Entretanto, Mary lidera a força de trabalho dos psicólogos que pousaram aqui; ela veio como representante da Terra. Então, logicamente Mary é ao mesmo tempo inimiga e aliada da Terra.

Era impossível construir uma equação... havia muitos participantes na luta, cometendo desatinos demais, alguns, como no caso de Mary, por conta própria.

Mas espere; seu esforço para elaborar uma equação racional a partir daquela situação acabara frutificando; enquanto trotava em meio à escuridão, acometeu-o uma percepção de seu próprio dilema. Ele estava lutando para salvar-se de Hentman, o compatriota dos Alfanos e o inimigo da Terra; o que significava, à luz da lógica rigorosamente incontestável, ser ele mesmo um aliado da Terra, *quer ele reconhecesse este fato ou não*. Deixando Mary de lado por instantes — seus atos não haviam sido sancionados pelas autoridades terrestres — a situação tornava-se clara: sua esperança pessoal repousava em alcançar uma nave de guerra terrestre, buscando ali a proteção de que necessitava. A bordo de uma das naves terrestres alinhadas, ele estaria a salvo, lá e somente lá.

Mas os clãs de Alfa III M2 estavam lutando contra a Terra, lembrou-se subitamente; a equação tornara-se mais complexa do que no começo. Se ele era — logicamente — um aliado da Terra, então ele era inimigo dos clãs, de Annette Golding, de todos na lua.

À sua frente delineava-se a sombra indistinta de si mesmo. Alguma luminosidade, originada do céu, materializara-se. Um outro clarão? Voltando-se, ele estacou.

No céu ele viu, em letras garrafais, uma mensagem de caráter pessoal para sua mulher. *Evite o derramamento de sangue*, admoestava o aviso. *E a senhora poderá ir embora*. Naturalmente, aquela era uma manifestação de tática ingênua

e demente dos psicóticos que aqui viviam, provavelmente dos mais deteriorados, os hebefrênicos da Vila de Gandhi. Com certeza Mary não daria atenção a este aviso. Entretanto, o sinal luminoso fê-lo perceber um outro fator: os clãs desta lua reconheciam Mary como sua inimiga. Ela também era inimiga dele; tentara matá-la e ela a ele. Logicamente, isso o tornava um aliado dos clãs. Mas a sua relação com a Terra o transformava em inimigo dos clãs. Assim, não havia como ignorar a conclusão do raciocínio lógico, embora ela não fosse das mais animadoras. Ele era tanto um aliado como um inimigo dos clãs de Alfa III M2; estava contra e a favor deles.

Neste ponto desistiu. Abdicou do uso da lógica. Voltando-se, começou a correr.

O velho provérbio, derivado das meditações de sofisticados guerreiros da Índia antiga, de que “o inimigo de meu inimigo é meu amigo”, não funcionara neste caso. Ponto final.

Algo zumbiu na região inferior da sua cabeça. E uma voz, ampliada artificialmente, gritou: — Rittersdorf. Pare. Não se mova ou nós o mataremos agora — A voz reverberava, ecoando após ricochetear no solo. Ela fora irradiada bem em direção a ele, oriunda, com toda a sua potência, do lançador de Hentman. Estava certo disso. Como previra a matéria viscosa, eles o haviam localizado.

Ele estacou, ofegante.

O lançador pairava a três metros do chão. Uma escada metálica foi lançada ruidosamente e mais uma vez a voz amplificada artificialmente instruiu-o — Suba a escada, Rittersdorf. Sem confusão ou hesitações — Em meio à obscuridade noturna, iluminada somente pelo sinal brilhando no céu, a escada de magnésio oscilava frágil, como alguma ligação com o sobrenatural.

Firmando-se bem, Chuck Rittersdorf começou a subir, relutante, o coração oprimido. Um segundo depois, viu-se na cabine de controle do lançador. Dois terrestres com olhar selvagem e pistolas a laser o encaravam. Inimigos pagos por Coelho Hentman, concluiu. Um deles era Gerald Feld.

A escada foi recolhida; o lançador dirigiu-se para a nave-mãe no máximo de velocidade.

— Salvamos a sua vida — disse Feld — Aquela mulher, sua ex-esposa, teria feito você em pedacinhos se tivesse continuado lá.

— E agora? — indagou Chuck

— Agora estamos voltando. O que é que você quer mais? Você não vai encontrar o Coelho preocupado ou magoado; ele é muito superior a essa ninharias que atravessam o caminho dele. Afinal de contas, não importa se as coisas não derem certo; ele sempre pode migrar para o império Alfa — Feld conseguiu sorrir, como se o pensamento lhe parecesse positivo. De acordo com Hentman, nada era realmente intolerável; sempre havia uma saída.

O lançador alcançou a nave-mãe; abriu-se uma passagem tubular, o lançador posicionou-se no local certo e deslizou, sem utilização de energia, descendo pelo tubo até o ancoradouro nas profundezas da nave maior.

Ao abrir-se a portinhola do lançador, Chuck Rittersdorf viu-se frente a frente com Coelho Hentman, o qual enxugava a testa corada, parecendo angustiado. E disse: — Algum louco está nos atacando. Evidentemente deve ser um desses psicóticos daqui, pelo modo como está agindo — A nave vibrava — Está vendo? — fez Hentman irritado — Ele está atirando em nós com um revólver — Acenando par Chuck, propôs: — Venha comigo, Rittersdorf; quero conversar seriamente com você. Tem havido uma série de mal-entendidos entre eu e você, mas acho que ainda podemos solucionar isso. Certo?

— Entre mim e você — Chuck corrigiu-o automaticamente.

Hentman guiou-o através de um corredor estreito. Até então ainda não surgira alguém com um raio laser apontado para ele; de qualquer maneira, obedeceu; uma coisa era certa: ele ainda era prisioneiro da organização.

Uma garota, nua da cintura para cima, vestindo somente um *short*, atravessou sem pressa o corredor à frente deles, tragando um cigarro pensativamente. Ela tinha algo de familiar, pensou Chuck. De súbito, ela desapareceu por uma passagem; aí então ele percebeu quem era. Patty Weaver. Hentman fora suficientemente prevenido para trazer pelo menos uma de suas amantes em sua viagem para fora do sistema solar.

— Por aqui — indicou Hentman, abrindo uma porta.

Hentman fechou a ambos no interior de uma cabine minúscula e árida; começou imediatamente a caminhar de lá e para cá, com uma intensidade frenética e incansável. Durante algum tempo não disse uma palavra; continuava preocupado. De quando em quando a nave trepidava sob o ataque, a ela dirigido. Em determinado momento a luz quase apagou, mas logo voltou a brilhar com toda potência. Hentman lançou um olhar para o alto, voltando em seguida a suas passadas.

— Rittersdorf — fez ele — Não tive saída; tive de... — Alguém bateu à porta — Maldição — resmungou, e abriu a porta, que produziu um rangido — ah, é você.

Do lado de fora, agora com uma camisa de algodão desabotoada para fora do *short*, Patty Weaver disse: — Eu só queria pedir desculpas ao Sr. Rittersdorf pelo...

— Saia — ordenou Hentman, fechando a porta. Virou-se de frente para Chuck — Tive de recorrer aos Alfanos — Grossas gotas de suor, semelhantes a pingos de cera, brotavam na testa do comediante; não se deu ao trabalho de enxugá-las — Você me censura? Minha carreira foi arruinada por aquela maldita CIA; não me restou nada na Terra. Se pudesse...

— Ela tem os seios grandes — observou Chuck.

— Quem? Patty? Ah, é — assentiu Hentman — Bom, é aquela operação que eles fazem em Nova York e Hollywood. Está mais na moda do que a dilatação; mas ela também fez a dilatação. Ela ficaria ótima no programa. Como muitas coisas, é uma pena que não tenha dado certo. Sabe, quase que eu não saía da Vila Brahe. Eles pensaram que eu estava no papo, mas eu saí na hora certa — Lançou um olhar acusador em direção a Chuck — Se conseguir entregar Alfa III M2 ao Alfanos, estarei feito; vou viver o resto da minha vida em paz. Se não conseguir, se a Terra tomar posse desta lua, aí estarei frito — Agora ele parecia cansado e deprimido; parecia até ter encolhido. Contar tudo isso a Chuck fora demais para ele — Qual o seu comentário? — murmurou Hentman — Fale.

— Humm — fez Chuck

— Isto é um comentário?

Chuck disse: — Se você acha que eu ainda tenho alguma influência junto a minha ex-mulher e seu relatório à Terplan...

— Não — negou Hentman com um movimento de cabeça — Sei que você não pode influenciar a decisão dela em relação a esta operação; vimos vocês lá embaixo, atirando um no outro. Como animais — Ele se reanimou, a energia voltando — Você matou meu cunhado, Cherigan; você está pronto — na verdade ansioso — para matar sua mulher... Que espécie de vida vocês levam, gente? Nunca vi uma coisa dessas. Ainda por cima divulguei minha localização para a CIA.

— O paraqueto desertou — interpôs Chuck

— O periquito? Que periquito? — Hentman torceu o nariz.

— Aqui está havendo uma guerra. Talvez isso sirva para explicar algo a você. Senão... — Deu de ombros. Era o melhor que podia fazer.

— Aquela garota meio pesadona com quem você estava deitado — observou Hentman — Lá onde a sua ex estava atirando em você. Ela é uma louca daqui, não? De alguma das colônias? — Olhou curioso para Chuck

— Digamos que sim — concedeu Chuck, relutante; a escolha das palavras não o agradara muito.

— Você seria capaz de chegar ao conselho supremo das colônias através dela?

— Suponho que sim.

Hentman concluiu: — Esta é a única solução possível. Com ou sem o seu maldito paraqueto ou sela o que for. Reunir o conselho para ouvir a sua proposta — Empertigado, Hentman afirmou confiante: — Diga-lhes para pedir a proteção dos Alfanos contra a Terra. Diga-lhes para exigir a vinda dos Alfanos, para que ocupem esta lua. Assim ela se tornará legalmente um território pertencente aos Alfanos, com todos aqueles malditos protocolos, sejam eles quais forem; não os compreendo muito bem, mas os Alfanos ganham e os colonos também. E em

troca... — Não desviava os olhos de Chuck; apertados e vítreos, seus olhos desafiavam tudo e todos — Os Alfas garantirão as liberdades civis dos clãs. Nada de hospitalização. Nada de terapia. Não serão tratados como loucos, mas sim como colonos genuínos, donos da terra e envolvidos com a manufatura e o comércio, ou o que quer que *vocês* façam.

— Não diga “vocês” — pediu Chuck — Não sou um membro do clã.

— Você acha que eles vão aceitar, Rittersdorf?

— Honestamente... não sei.

— É claro que *sabe*. Você estava aqui antes, naquele simulacro da CIA. Nosso agente, nosso informante relatou-nos cada movimento seu.

Então havia um homem de Hentman na CIA. Ele estava certo; a CIA estava infiltrada. Era de se esperar.

— Não me olhe assim — disse Hentman — Eles têm os deles aqui, não se esqueça. Infelizmente nunca consegui descobrir quem é. Às vezes acho que é o Jerry Feld; outras vezes acho que é o Dark. De qualquer maneira, foi através de nosso homem na CIA que soubemos que você fora suspenso, e naturalmente nós mandamos você embora. O que você valeria sem poder controlar sua mulher aqui em Alfa III M2? Convenhamos...

Chuck completou: — E através do agente da CIA em sua organização...

— Claro, em questão de minutos a CIA soube que eu tinha cancelado o roteiro e despedido você, aí eles pensaram que tinham dado com a porta na minha cara... como você leu nos jornais. Mas é claro que através de meu agente lá eu soube que eles estavam para me pegar, então fugi. E o agente deles na minha organização avisou-os que deixara a Terra, só que não sabia exatamente para onde eu tinha ido. Só Cherigan e Feld sabiam — Filosófico, Hentman confessou: — Talvez eu nunca venha a descobrir quem trabalhava para a CIA dentro da minha organização. Agora isso não é mais importante. Mantenho a maior parte dos meus negócios com os Alfas em completo sigilo, até mesmo para os membros da minha equipe, pois é claro que eu sabia desde o início da existência de um espião — Sacudiu a cabeça — Que confusão.

Chuck interpelou-o: — Quem é o seu agente na CIA?

— Jack Elwood — Hentman esboçou um esgar meio torto, achando graça na reação de Chuck — como é que você acha que Elwood conseguiu arranjar aquela nave caríssima para você? *Eu* disse a ele para fazer isso. Queria que você viesse para cá. Por que acha que Elwood insistiu tanto para que você assumisse o controle do simulacro Mageboom? Era minha estratégia. Desde o começo. Agora, vamos ouvir suas informações sobre estes clãs daqui e de que maneira eles vão se insurgir.

Não admira que Hentman e seus escritores houvessem sido capazes de elaborar

o chamado “roteiro de TV”, o qual haviam jogado em cima dele; eles tinham trabalhado com a ajuda de Elwood, como Hentman agora estava admitindo.

Só que essa não era toda a verdade. Elwood poderia informá-lo da existência de Mageboom, quem o operava e qual seria o local de ação do simulacro. Mas isso era tudo. Elwood não sabia o resto.

— Eu estive aqui antes — afirmou Chuck — E passei algum tempo nesta lua, mas na colônia dos Hebetizados, a qual não é representativa; os Hebetizados estão na base da pirâmide social. Não conheço nem os Paranoicos, nem os Maníacos, e são eles que mandam aqui — Lembrou da brilhante análise de Mary sobre a situação, seu relato a respeito do sistema de castas atuando em Alfa III M2. Ele se mostrara correto.

Hentman, os olhos brilhando, interpelou-o: — Você vai tentar? Pessoalmente acredito que todos eles vão ganhar com o negócio; se fosse eles, eu aceitaria. A alternativa que lhes resta é a hospitalização forçada, e nada mais. É pegar ou largar... coloque as coisas dessa maneira para eles. E eu vou dizer o que você vai ganhar com isso.

— Claro — exclamou Chuck — Seja generoso quanto a este aspecto.

— Se fizer o que estou pedindo, eu instruirei Elwood para readmiti-lo na CIA.

Chuck manteve-se em silêncio.

— Que crime! — lamentou Hentman — Você nem ao menos se dá ao trabalho de responder. Tudo bem, você viu a Patty aqui na nave. Nós diremos a ela para ser receptiva a você. Entende o que quero dizer? — Piscou em um tique nervoso rápido.

— Não — Chuck foi enfático. Aquilo se tornara muito desagradável.

— Está bem, Rittersdorf — suspirou Hentman — Faremos o que você quer. Se você convencer os clãs, nós tiraremos este abacaxi das suas mãos, algo diferente do que já sugeri — soltou um suspiro áspero — Nos encarregaremos do trabalho de matar sua mulher para você. O mais rapidamente e menos dolorosamente possível. E conosco não há dor... e é rápido.



Depois do que pareceu uma eternidade para ambos, Chuck falou: — Não consigo entender por que você acha que eu quero Mary morta — Estava pronto para

enfrentar o olhar astuto de Hentman, apesar do esforço violento.

Hentman explicou: — Como eu disse, vi vocês dois encarniçados atirando um no outro como dois animais selvagens.

— Estava me defendendo.

— Claro — Hentman assentiu em uma paródia de compreensão.

— Nada do que você viu aqui nesta lua envolvendo a mim e Mary seria suficiente para lhe dar esta certeza. Você já deve ter vindo para Alfa III M2 com esta convicção. E você não soube disso pelo Elwood, pois tampouco ele poderia saber, portanto poupe-se do trabalho de dizer que Elwood...

— OK — cortou Hentman bruscamente — Elwood nos contou com minúcia a parte do simulacro, você e Mageboom; foi assim que essa história apareceu no roteiro. Mas não vou dizer como soube do resto. Ponto final.

Chuck ameaçou: — E eu não me apresentarei diante do conselho. Ponto final.

Os olhos faiscando, Hentman argumentou: — O que importa como eu consegui descobrir? Eu sei, e deixe como está. Não pedi a informação; colocamos isto no roteiro depois, pois quando *ela* me disse... — Estacou no mesmo instante.

— Joan Trieste — adivinhou Chuck Agindo junto com a matéria viscosa; só podia ser isso. Então agora a verdade surgira. Entretanto, a essa altura pouco lhe importava.

— Não vamos nos desviar do assunto. Você quer sua mulher morta ou não? Decida-se — Hentman aguardava com impaciência.

— Não — fez Chuck Ele balançou a cabeça negativamente. Não havia dúvida. A solução estava ali à sua disposição e ele a rejeitava com firmeza.

Estremecendo, Hentman afirmou: — Você mesmo quer fazer o serviço.

— Não — disse ele. Aquela não era o caso — Sua oferta me fez lembrar a matéria viscosa e Cherigan exterminando-o no corredor do meu co-ap. Posso ver a mesma cena de novo, só que com Mary ao invés de Lorde Gosma Veloz — E, concluiu: — Não é isso que eu quero realmente. É óbvio que eu estava equivocado. Aquele acontecimento terrível mostrou-me algo... e não posso esquecer-lo — Mas então, qual o meu objetivo em relação a Mary? Ele não sabia, os sentimentos que nutria por ela estavam confusos, e talvez continuassem assim para sempre.

Mais uma vez Hentman puxou o lenço para enxugar a testa — Que confusão; você e sua vida particular estão conseguindo arruinar os planos de dois intersistemas soberanos, o da Terra e o de Alfa... Você já considerou a questão sob este prisma? Eu desisto. Pra falar a verdade, estou contente que você tenha dito não, mas não sabemos que outro incentivo podemos lhe oferecer; achamos que era isto o que você realmente queria.

— Eu também achava — confessou Chuck Com certeza ainda estava apaixonado por ela, percebeu. Uma mulher que assassinara o soldado Maniaco enquanto ele tentava retornar a seu tanque. Entretanto, pelo menos a seus olhos, ela estava tentando se proteger, e quem poderia condená-la por isso?

Bateram na porta novamente: — Sr. Hentman?

Coelho Hentman abriu a porta. Gerald Feld entrou apressado.

— Sr. Hentman, captamos as emanções telepáticas de uma matéria viscosa de Ganimedes. Ela está próximo à nave, e está querendo entrar, aí... — Lançou um olhar em direção a Chuck — Ele disse que quer ficar com Rittersdorf aqui; quer partilhar “*o mesmo destino dele*”. Feld fez uma careta — Ela está muito preocupada com você, quanto a isso não há dúvida — Parecia enojado.

— Deixe essa maldita coisa entrar — instruiu Hentman. Após a saída de Feld, Hentman observou: — sinceramente, não sei o que vai ser de você, Rittersdorf; parece que você conseguiu criar uma confusão completa em sua vida. Seu casamento, seu emprego, esta longa viagem até aqui para mudar de ideia... O que há com você?

— Acho que talvez o paraqueto esteja de volta — fez Chuck Pelo menos deveria, em face de sua recusa, no instante final, em aceitar o oferecimento de Hentman relativo a Mary.

— Do que é que você está falando?

— Do Espírito Santo — anunciou Chuck — Ele está dentro de todo homem. Mas é difícil de encontrar.

Hentman perguntou: — Por que você não preenche este vácuo com alguma tarefa nobre, tal como salvar estes doidos aqui de Alfa III M2 da hospitalização forçada? Ao menos você poderia voltar para a CIA. Temos uns dois militares Alfanos de alta patente aqui na nave... em questão de horas eles poderão apresentar um documento oficial para formalmente tomar posse legal desta lua. Naturalmente as naves de guerra terrestres estão por perto, à espera, o que só vem demonstrar que o negócio deve ser feito com o máximo de cuidado. Você é um ex-funcionário da CIA, e deve ser capaz de resolver uma questão delicada como essa.

— Fico pensando como seria — imaginou Chuck — passar o resto da vida em uma lua habitada somente por psicóticos.

— E como diabos você acha que tem vivido? Eu denominaria o relacionamento com sua mulher de psicótico. Você vai conseguir; você vai arranjar alguma garota para substituir Mary. Aliás, quando acendemos o holofote, tivemos uma boa visão — através das fotos animadas — de uma com quem você estava enroscado. Ela não é nada feia, hem?

Annette Golding — anunciou Chuck — Esquizofrenia polimórfica.

— Tudo bem, mas mesmo assim ela não serve?

Chuck fez uma pausa e respondeu: — Talvez — Ele não era médico, mas Annette não lhe parecera muito doente. Na verdade, muito menos que Mary. Por outro lado, ele conhecia Mary melhor. Ainda assim...

Mais uma vez bateram na porta; era Gerald Feld: — Sr. Hentman, descobrimos a identidade do indivíduo que está nos atacando. É o simulacro da CIA, Daniel Mageboom — E explicou: — A matéria viscosa de Ganimedes, em retribuição a nós o termos admitido na nave, nos deu esta informação. Tenho uma ideia.

— Tive a mesma ideia — fez Hentman — Ou se não for a mesma, não quero ouvi-la — voltou-se para Chuck — Entraremos em contato com Elwood na filial da CIA de São Francisco; nós o mandaremos dispensar o operador do simulacro, seja ele quem for, provavelmente Petri — Sem dúvida, Hentman estava completamente familiarizado com o trabalho do escritório da CIA em São Francisco — E aí, Rittersdorf, você assumirá o controle do simulacro daqui. Você poderá fazer isso, mantendo contato com o robô; bastam umas poucas instruções e ele será desativado, saindo de ação. Você poderia fazer isso?

Chuck indagou: — Por que eu deveria fazer esse favor para vocês?

Hentman pestanejou: — Por... Porque ele vai acabar com o nosso suprimento de energia e nos mandará pelos ares, usando aquele maldito raio laser do jeito que ele está; só isso.

— Você também morrerá — avisou Feld — se isso acontecer. Você e sua matéria viscosa.

— Caso eu me apresente diante do conselho supremo desta lua — considerou Chuck, dirigindo-se a Hentman — e peça a eles que requisitem a proteção dos Alfas, e eles fizerem isso... poderá estourar outra grande guerra entre Alfa e a Terra.

— Ah, diabos, claro que não — negou Hentman enfático — A Terra não está tão preocupada com esta lua; a Operação Cinquenta Minutos é um procedimento menor, não é assim importante. Acredite em mim, tenho milhares de contatos, estou por dentro. Se a Terra estivesse realmente interessada, eles já teriam vindo para cá há muitos anos. Certo?

— Ele está dizendo a verdade — confirmou Feld — Nosso homem na Terplan verificou este fato há algum tempo.

Chuck afirmou: — Acho que é uma boa ideia.

Hentman e Feld soltaram um suspiro de puro alívio.

— Vou levar o simulacro comigo para a Vila de Adolf — disse Chuck — e se conseguir convencer os clãs a reunirem o conselho supremo, exporei a ideia a eles. Só que à minha maneira.

— O que quer dizer com isso? — indagou Hentman, ansioso.

— Não sou orador nem político — afirmou Chuck — Meu trabalho sempre foi programar simulacros. Se eu conseguir assumir o controle de Mageboom, *ele* aparecerá diante do conselho... conseguirei arranjar melhores palavras e argumentos para ele, mais convincentes do que se fosse eu mesmo — Além disso, o que Chuck não confessou em voz alta, ele estava mais seguro aqui na nave de Hentman do que na Vila de Adolf, pois os militares terrestres poderiam romper as defesas dos Maníacos a qualquer momento, e uma das primeiras providências seria recolher os membros do conselho. Alguém propondo uma troca de liderança para o império dos Alfanos ao conselho, na hora da invasão, dificilmente sobreviveria. A proposta, oriunda de um cidadão terrestre — como ele — seria identificada, acertadamente, como uma traição.

O que vou fazer, percebeu Chuck, assustado, é nada mais, nada menos do que compartilhar a mesma sorte de Hentman.

Os pensamentos da matéria viscosa o alcançaram, tranquilizadores — O senhor tomou a decisão acertada, Sr. Rittersdorf. Primeiramente sua decisão de deixar sua mulher viver, e agora esta. Se acontecer o pior, teremos de nos submeter aos Alfanos. Mas sob as leis deles com certeza sobreviveremos.

Hentman, que também ouvira os pensamentos, abriu um sorriso — Negócio fechado? — perguntou, estendendo a mão para Chuck

Eles se cumprimentaram. Estava selado o acordo traidor, fosse ele bom ou mau.



Capítulo 13

O enorme tanque dos Maníacos, rangendo e chacoalhando, os faróis dianteiros brilhando, deslizou até Gabriel Baines e Annette Golding, rateando até parar. A torre foi lançada para o lado e o Maníaco surgiu cauteloso na abertura.

Da escuridão circundante não reluziu o raio laser da Dra. Mary Rittersdorf. Talvez, refletiu Baines esperançoso, a Sra. Rittersdorf houvesse obedecido ao pedido do Triunvirato Sagrado, às letras chamejantes no céu. De qualquer maneira, esta parecia ser a oportunidade dele e de Annette, como prometera Ignatz Ledebur.

Em um único movimento leve ele deu um salto, agarrou Annette pelos pés e foi se arrastando, tentando subir pela lateral do tanque. O motorista os ajudou a entrar, fechando a portinhola depois que estavam todos no interior do tanque; os três se comprimiram dentro da cabine diminuta, ofegantes e suando.

Conseguimos escapar, Gabriel Baines informou a si mesmo. Mas o pensamento não lhe trouxe alegria. Não lhe parecia importante. Diante do colossal perigo à espreita, o que haviam realizado era muito pouco. Mesmo assim, já era alguma coisa. Colocou o braço em torno de Annette.

O Maníaco perguntou: — Vocês são Baines e Golding, membros do conselho?

— Somos — assentiu Annette.

— Howard Straw me deu ordens de recolher vocês dois — explicou o Maníaco; posicionou-se diante dos controles do tanque e colocou-o em movimento novamente — Devo leva-los até Vila de Adolf; vai haver uma outra reunião do conselho e Straw insiste em que vocês estejam lá.

Então, refletiu Gabriel Baines, sobrevivemos porque Howard Straw precisa do nosso voto; Mary Rittersdorf não vai conseguir nos pegar quando surgirem as primeiras luzes da manhã. Que ironia. Mas isso demonstra a importância da união dos clãs. A ligação fora estimulante para todos eles. Até mesmo para os Hebetizados inferiores.

Chegaram à Vila de Adolf e o tanque os deixou diante do grande edifício de pedra; Gabriel Baines e Annette subiram a escadaria familiar sem uma palavra; fatigados e sujos, após permanecerem horas seguidas deitados ao relento da noite, não estavam para trivialidades.

Precisamos é de seis horas de sono, e não de uma reunião. Ficou matutando qual seria o objetivo dessa conferência; a lua já não decidira seu plano de ação, lutar contra os invasores terrestres com todas as suas forças? O que mais poderia ser

feito?

Gabriel Baines deteve-se na antecâmara da sala do conselho — Acho que vou mandar o simulacro na frente — comentou com Annette. Com a chave especial, destrancou o armário de provisões no qual, segundo direito legal, ele guardava seu simulacro construído pelos Maníacos — Nunca se sabe — E seria uma vergonha perder a vida neste estágio, logo após escapar da Dra. Rittersdorf.

— Ah, esses Paranoicos — fez Annette, entre divertida e desanimada.

O simulacro de Gabriel Baines demonstrou estar vivo emitindo um chiado, depois que Baines ativou sua mecânica — Bom dia, senhor — Em seguida, cumprimentou Annette: — Srta. Golding. Agora tenho que ir, senhor — Curvou-se polido, passando pelos dois, um tanto desajeitadamente mas com rapidez, rumo à sala do conselho.

— Isso tudo não lhe ensinou nada? — Annette perguntou a Gabriel Baines, enquanto aguardava a volta do simulacro.

— O quê, por exemplo?

— Que não existe a defesa perfeita. *Não existe proteção*. Viver significa expor-se; correr perigo faz parte da vida, é uma característica.

— Bem — argumentou Baines com astúcia — você pode fazer o que estiver ao seu alcance para se defender — Não custava tentar. Isto também fazia parte da vida, e cada ser vivente engajava-se nesta tarefa eterna.

O simulacro de Baines retornou e fez o relato formal — Nenhum gás mortífero, nenhuma descarga elétrica de intensidade perigosa, nenhum veneno na garrafa d'água, nenhum orifício para espingardas a laser, nenhuma máquina diabólica oculta. Consideraria que o senhor pode entrar sem perigo — Silenciou, após completar sua tarefa... mas de súbito, para surpresa de Baines, o simulacro recomeçou a cacarejar: — Entretanto — afirmou — chamaria sua atenção para um fato inusitado: há *um outro* simulacro na sala do conselho, outro que não eu. Não estou gostando disso nem um pouco. Nem um pouco mesmo.

— Quem? — perguntou Baines, estarecido. Somente um Paranoico se preocuparia tanto com a defesa, a ponto de empregar um simulacro caro. E sem dúvida ele era o único delegado dos Paranoicos.

— A pessoa que vai falar ao conselho — replicou o simulacro de Baines — De quem os delegados esperam alguma coisa. Ele é um simulacro.

Abrindo a porta, Gabriel Baines deu uma olhada para dentro, vendo os representantes já reunidos e, diante deles, o acompanhante de Mary Rittersdorf, o homem da CIA, Daniel Mageboom, o qual, segundo a matéria viscosa, tomara parte, junto com ela no ataque a raio laser, visando o próprio marido e o Maníaco do tanque, ele mesmo e Annette Golding. O que Mageboom estava fazendo ali? No fim das contas, o simulacro, reprodução de Baines, acabara sendo útil.

Deixando o bom senso de lado, indo contra todos os seus instintos, Gabriel Baines entrou lentamente na sala do conselho e tomou seu assento.

Só faltava, pensou, a Dra. Rittersdorf estar escondida em algum ponto da sala e atirar em todos nós, provocando uma matança coletiva.

— Permitam-me dar uma explicação — iniciou o simulacro, assim que Baines e Annette Golding se sentaram — Sou Chuck Rittersdorf, neste momento operando este simulacro de um local próximo em Alfa III M2, do interior da nave de Coelho Hentman. Vocês devem tê-la observado; tem um coelho pintado na lateral.

Howard Straw afirmou, impetuoso: — Então você não é mais uma extensão do Serviço de Inteligência terrestre, a CIA.

— Correto — concordou o simulacro Mageboom — Desligamos, pelo menos temporariamente, o controle da CIA sobre este artefato. Eis a proposta resumida do que consideramos um avanço para Alfa III M2, para todos os clãs: Vocês devem requisitar, formal e imediatamente, na qualidade de organismo dirigente supremo da lua, a vinda dos Alfanos, bem como a anexação da lua. Eles garantem que não os tratarão como pacientes hospitalares, mas sim como colonos legítimos. Esta anexação será efetuada através de diligências da nave de Hentman, já que dois oficiais Alfanos de alta patente estão neste momento...

O simulacro empacou, engasgou, parou de falar.

— Há algo errado com ele — Howard Straw pôs-se de pé.

Subitamente o simulacro Mageboom se manifestou: — Wrzzzzimus Kadrax na vigdum niddddd — Os braços oscilaram, a cabeça girou e o simulacro prosseguiu: — Ib srwn dngmmmmmmmm kunk

Howard Straw estava com os olhos pregados no artefato, pálido e tenso; por fim, voltou-se para Gabriel Baines e disse: — A CIA interferiu da Terra na transmissão através do hiperespaço, da nave de Hentman para cá — Bateu com as mãos na coxa, encontrou a arma que levava à cintura, levantou-se e fechou um olho para mirar com precisão.

— O que acabei de dizer — o simulacro Mageboom manifestou-se com um tom de voz alterado, mais agitado e agudo — deve ser descartado como uma traição, e uma cilada e uma farsa absurda. Seria uma atitude suicida para Alfa III M2 buscar a suposta proteção do império Alfano por uma razão...

Com um único tiro, Howard Straw inutilizou o simulacro; perfurado em sua unidade cefálica vital, tombou com estrondo, esparramando-se pelo chão. Instalou-se o silêncio. O simulacro não se mexeu.

Instantes depois, Howard Straw guardou a arma e sentou-se, trêmulo — A CIA conseguiu retomar o controle das mãos de Rittersdorf — esclareceu ele, desnecessariamente, pois todos os delegados, até o Hebetizado Jacob Simion, seguiram a sequência dos acontecimentos — No entanto, ouvimos a proposta de

Rittersdorf, e isto é o que importa — Correu os olhos pela mesa — É melhor agirmos com rapidez. Vamos passar à votação.

— Voto a favor da proposta de Rittersdorf — Gabriel Baines deu a partida, pensando consigo mesmo que desta vez se livrara por um triz. Sem a iniciativa imediata de Straw, o simulacro, novamente sob controle da Terra, poderia muito bem ter se irritado e acabado com todos eles.

— Concordo — fez Annette Golding, demonstrando grande nervosismo.

Quando se verificou a votação total, todos, menos Dino Watters, o Depressivo infeliz, haviam votado positivamente.

— O que há com você? — Gabriel Baines interpelou o Depressivo, movido pela curiosidade.

Em sua voz desesperada e cavernosa, respondeu: — Acho que não adianta. As naves de guerra terrestres estão muito próximas. O campo de força protetor dos Maniacos não pode durar tanto. Ou senão, não conseguiremos entrar em contato com a nave de Hentman. *Algo* dará errado, e então os terrestres vão nos dizimar — E acrescentou: — Além disso, tenho tido dores no estômago desde que começamos a nos reunir; acho que estou com câncer.

Howard Straw apertou uma campainha e um empregado do conselho entrou na sala, carregando um transmissor portátil — Agora vou entrar em contato com a nave de Hentman — Straw afirmou, ligando o transmissor.



Coelho Hentman, em contato com o restante de sua organização na Terra, levantou a cabeça com uma expressão furiosa e explicou a Chuck Rittersdorf: — Aconteceu o seguinte: aquele cara, London, chefe da filial da CIA em São Francisco e o chefe de Elwood, percebeu o que estava acontecendo; ele estava controlando as atividades do simula... já devia estar desconfiado, sem dúvida porque eu fugi.

— Elwood está morto? — indagou Chuck

— Não, somente no presídio de São Francisco. E Petri assumiu novamente o controle — Hentman ficou de pé, cortando temporariamente a comunicação com a Terra — Mas eles não retomaram o controle de Mageboom a tempo.

— Você é otimista — considerou Chuck

— Escuta aqui — disse Hentman vigorosamente — aquele pessoal da Vila de Adolf pode ser legal e clinicamente louco, mas eles não são idiotas, especialmente em questões relacionadas à segurança deles. Eles ouviram a proposta e aposto que nesse minuto estão votando a favor dela. Deveremos receber uma chamada pelo rádio a qualquer momento — Consultou o relógio — digamos, daqui a quinze minutos — virou-se para Feld — Traga aqueles Alfanos para cá, assim eles poderão retransmitir a requisição para as naves deles na mesma hora.

Feld saiu correndo. Após um segundo de pausa, Hentman sentou-se com um suspiro.

Recostou-se na cadeira, acendendo um charuto terrestre, grosso e esverdeado; colocou as mãos por trás da nuca e fitou Chuck

Passaram-se alguns minutos.

— O império Alfano precisa de comediantes de TV? — perguntou Chuck

Hentman torceu a boca em um esgar: — Da mesma maneira que precisam de programadores de simulacros.

Dez minutos depois, ouviram o chamado da Vila de Adolf.

— Certo — assentiu Hentman, escutando Howard Straw. Pousou os olhos em Chuck — Onde estão aqueles dois Alfanos? Está na hora; é agora ou nunca.

— Estou aqui, representando o império — Era o Alfano RBX-303; viera correndo, oscilando até a sala junto com Feld e seu companheiro Alfano — Tranquilize-os mais uma vez de que não serão tratados como inválidos mas sim como colonos. Estamos ansiosos em deixar isto bem claro. A política dos Alfanos sempre foi...

— Não vá fazer um discurso — cortou Hentman, incisivo — Chame as suas naves de guerra e traga-as para a superfície desta lua — Passou o transmissor para o Alfano, levantou-se fatigado e foi para o lado de Chuck — Diabos — murmurou — Ele quer resumir a política externa de Alfa nos últimos sessenta anos numa hora dessas — Balançou a cabeça. O charuto apagara; reacendeu-o com gestos estudados — Bem, acho que vamos saber as respostas de nossas últimas dúvidas.

— Que dúvidas? — perguntou Chuck

Hentman foi sucinto: — Se o império Alfano utilizará comediantes e programadores de simulacros — Afastou-se para ouvir as tentativas de RBX-303, utilizando o transmissor da nave, para levantar a frota de batalha de Alfa. Soprando a fumaça do charuto, as mãos nos bolsos, Hentman aguardava em silêncio. Pela expressão dele, refletiu Chuck, ninguém imaginaria que nossas vidas dependem literalmente do sucesso deste contato.

Agitado, contorcendo-se de nervosismo, Gerald Feld aproximou-se de Chuck e

disse: — Onde está a Frau Doktor agora?

— Provavelmente vagando lá embaixo — fez Chuck. A nave de Hentman, neste momento em órbita a quinhentos metros no apogeu, não estava mais em contato, exceto pelo rádio, com os acontecimentos desenrolando-se na superfície da lua.

— Ela não pode fazer nada, pode? — indagou Feld — Para piorar a nossa situação, quero dizer.

Chuck redarguiu: — Minha mulher, ou ex-mulher, é uma pessoa assustada. Ela está sozinha em uma lua hostil, aguardando uma esquadra terrestre que provavelmente nunca aparecerá, embora ela não saiba disso, é claro — Agora ele não odiava Mary; este sentimento passara, assim como muitas outras coisas.

— Você tem pena dela? — perguntou Feld.

— Eu... só queria que o destino não nos tivesse separado tão completamente. Quer dizer, ela em relação a mim. Tenho a impressão que de alguma maneira obscura, que não consigo definir, eu e Mary poderíamos ter ficado juntos. Talvez daqui a alguns anos...

Hentman anunciou: — Ele conseguiu entrar em contato com a nave. Agora podemos ter certeza de que... Bem, chamem como quiserem. Tenho uma bebida aqui na nave. Não precisamos, vocês entendem, não precisamos fazer mais nada; conseguimos. Agora somos cidadãos do império Alfano; logo teremos nossos números identificadores ao invés de nomes, mas por mim tudo bem.

Concluindo a conversa com Feld, Chuck disse: — Talvez algum dia, quando não for mais importante, vou poder olhar para trás e ver o que eu deveria ter feito para evitar isso, eu e Mary deitados na imundice atirando um no outro — Em meio à paisagem obscura de um mundo desconhecido, pensou. Em um lugar onde nenhum dos dois está em casa, e no entanto, onde eu, pelo menos, provavelmente terei de viver sobre os restos da minha vida. Talvez Mary também, pensou melancolicamente.

Para Hentman, disse: — Parabéns.

— Obrigado — ele agradeceu — Parabéns e vida longa — retribuiu — camarada Alfano.

— Estou pensando se você poderia me fazer um favor — Chuck ensaiou um pedido.

— O que você quiser.

Chuck disse: — Me empreste um lançador. Deixe-me descer até a superfície.

— Para quê? Aqui você está bem mais seguro.

— Quero procurar minha mulher — afirmou Chuck.

E erguendo uma sobrancelha, Hentman duvidou — Tem certeza de que é isso

que você quer? É, posso ver pela expressão em seu rosto. Pobre garoto maldito. Bom, talvez você convença Mary a ficar com você em Alfa III M2. Se os clãs não se importarem. E se as autoridades Alfanas...

— Dê logo o lançador a ele — interrompeu Feld — Neste momento ele é um homem terrivelmente infeliz; não tem tempo para ouvir o que você quer dizer.

— Está certo — assentiu Hentman — Vou lhe dar o lançador; desça e faça a idiotice que quiser... lavo minhas mãos. Evidentemente, espero que você volte, mas se não... — Deu de ombros — Assim são as coisas.

— E leve a sua matéria viscosa quando sair — Feld disse a Chuck

Meia hora depois, ele estacionara o lançador em uma mata de árvores semelhantes a choupos delgados e postou-se ao ar livre, escrutando e sentindo o aroma da brisa. Não ouvia nada. Era um simples mundinho, e nada estava acontecendo ali. Um conselho votara, um clã mantivera uma tela defensiva, alguns esperavam, tremendo e amedrontados, mas provavelmente, como por exemplo os Hebetizados da Vila de Gandhi, a maioria dos habitantes arrastavam-se através de sua rotina psicótica diária, sem interrupção.

— Eu sou louco? — ele interpelou Lorde Gosma Veloz, que escorregara alguns metros até um local mais úmido; a matéria viscosa possuía uma característica aquatrópica — Esta é a pior coisa, de todas as piores coisas que eu poderia fazer?

— Louco — respondeu a matéria viscosa — a rigor, é um termo legal. Considero o senhor demasiado insensato. Acho que Mary Rittersdorf provavelmente cometerá um ato de ferocidade e hostilidade contra o senhor assim que pousar os olhos no senhor. Mas talvez o senhor deseje isto. Está cansado, foi uma longa batalha. Aquelas drogas estimulantes ilegais que lhe dei não ajudaram. Acho que só o deixaram mais desesperado e fatigado — E juntou: — Talvez devesse ir para o estado de Cotton Mather.

— O que é isso? — só o nome já o fazia recuar de aversão.

— A colônia dos Depressivos. Vá viver com eles, em eterna e negra depressão

— O tom da matéria viscosa era levemente reprovador.

— Obrigado — agradeceu Chuck, irônico.

— Sua esposa não está por perto — definiu a matéria viscosa — Ao menos não estou captando os pensamentos dela. Vamos andando.

— OK — Ele pulou para dentro do lançador.

Enquanto a matéria viscosa o seguia através da portinhola aberta, ela pensou: — Existe sempre a possibilidade, que o senhor deve considerar, de Mary estar morta.

— Morta — Ele fitou a matéria viscosa, estacando — Como?

— Como o senhor disse ao senhor Hentman, está havendo uma guerra aqui nesta

lua. Houve mortes, apesar de felizmente até agora terem sido muito poucas. A última cena em que vimos Mary Rittersdorf envolvia os três místicos, o chamado Triunvirato Sagrado, e suas nauseantes projeções psicóticas no céu. Portanto sugiro que direcionemos o lançador rumo à Vila de Gandhi, onde o autor inicial do triunvirato, Ignatz Ledebur, existe — e esta é a palavra adequada — em sua esqualidez costumeira, entre gatos, mulheres e crianças.

— Mas Ledebur jamais...

— Psicose é psicose — apontou a matéria viscosa — E nunca se deve confiar totalmente em um fanático.

— É verdade — fez Chuck, irritado.

Em pouco tempo estavam a caminho da Vila de Gandhi.

— Fico pensando — ponderou a matéria viscosa — o que espero para o seu bem; em alguns aspectos, seria muito melhor se ela...

— O problema é meu — cortou Chuck

— Desculpe — pensou a matéria viscosa, contrita, mas com entonação melancólica; não podia erradicar aqueles pensamentos.

O lançador prosseguiu zumbindo, sem qualquer troca de ideias entre ambos.



Ignatz Ledebur, depositando um monte de espaguete cozido e velho diante de seus dois carneiros de estimação, observou o lançador descendo até pousar na estrada adjacente ao seu barraco. Terminou de alimentar os carneiros e voltou calmamente para o barraco carregando a panela. Gatos de todos os tipos o seguiram, esperançosos.

No interior do casebre, ele deixou a panela em meio aos pratos incrustados de sujeira empilhados na pia e deteve-se um instante para olhar a mulher adormecida sobre as tábuas de madeira que formavam a mesa de jantar. Em seguida, pegou um gato, carregando-o com ele para fora novamente. Evidentemente, a chegada da nave não fora uma surpresa; já experimentara uma visão da mesma. Não estava assustado; por outro lado, dificilmente seria complacente.

Dois figuras, uma delas humana, a outra amorfa e amarelada, emergiram do lançador. Atravessaram com dificuldade o lixo descartado em direção a

Ledebur.

— Ficarão contentes em saber — Ledebur avisou-os, à guisa de saudação — que neste mesmo momento naves de guerra dos Alfanos estão se preparando para pousar aqui em nosso mundo — Ele sorriu, mas o homem diante dele não retribuiu o sorriso. O glóbulo amarelo naturalmente não tinha com que sorrir — Portanto, sua missão — concluiu Ledebur, com uma sombra de preocupação — obteve sucesso — Não estava gostando da hostilidade que emanava do homem; viu, através de aprofundamento psíquico místico, a raiva do homem refletir em um nimbo rubro e sinistro em torno de sua cabeça.

— Onde está Mary Rittersdorf? — perguntou o homem, Chuck Rittersdorf — Minha esposa. Você sabe? — Voltou-se para a matéria viscosa de Ganimedes a seu lado — Ele sabe?

A matéria viscosa pensou: — Sabe, Sr. Rittersdorf.

— Sua mulher — Ignatz Ledebur esboçou um movimento com a cabeça — trouxe muitos problemas para cá. Ela já matou um Maníaco e...

— Se não me mostrar minha esposa — Chuck Rittersdorf ameaçou Ledebur — vou fazer você em pedacinhos — Deu um passo em direção ao santo.

Acariciando o gato em seus braços, Ledebur disse: — Gostaria que entrasse e tomasse uma xícara de chá.

Quando se deu conta, estava caído no chão, inerte, os ouvidos zumbiam e a cabeça latejava surdamente. Conseguiu sentar-se com dificuldade, meio grogue, matutando o que acontecera.

— O Sr. Rittersdorf bateu no senhor — explicou a matéria viscosa — Um soco relâmpago logo acima do malar.

— Chega — fez Ledebur, pesado. Sentia gosto de sangue; cuspiu e massageou a cabeça. Nenhuma visão o alertara para *aquilo*, infelizmente — Ela está dentro da casa — disse por fim.

Chuck passou por ele com passos largos, escancarou a porta e desapareceu lá dentro. Finalmente Ledebur conseguiu levantar-se, meio vacilante, e então foi se arrastando atrás de Chuck.

Dentro do barraco, estacou na porta do quarto da frente, enquanto os gatos, livres para ir e vir, pulavam, corriam e lutavam em volta dele.

Chuck Rittersdorf estava debruçado sobre a mulher deitada na cama — Mary — chamou — Acorde — Pegou o braço pendente e flácido e sacudiu-a — Pegue suas roupas e vamos dar o fora daqui. Vamos.

A mulher na cama de Ignatz Ledebur, que substituíra Elsie, gradativamente foi abrindo os olhos; fixou-os no rosto de Chuck, piscando e tornando-se completamente consciente. Sentou-se reflexiva, então agarrou o monte de

cobertores e jogou-os sobre ela, cobrindo os seios altos e pequenos.

A matéria viscosa, circumspecta, permanecera do lado de fora.

— Chuck — explicou Mary Rittersdorf, a voz grave e contida — Vim a esta casa voluntariamente. Portanto, eu...

Ele a agarrou pela cintura, arrancando-a da cama; os cobertores caíram para o lado e uma caneca de café pulou e rolou, derramando o conteúdo frio. Dois gatos que estavam debaixo da cama saíram correndo apavorados, passando por Ignatz Ledebur e fugindo em disparada.

Nua, esbelta e insinuante, Mary Rittersdorf encarou o marido — Você não pode dizer mais uma palavra sobre o que eu faço — fez ela. Dirigiu-se para onde estavam as roupas, pegou a camisa, tentando arrumá-la o mais calmamente possível diante das circunstâncias. Começou a vestir-se metodicamente, peça por peça; podia-se perceber, pela expressão em seu rosto, que ela estivera inteiramente sozinha.

Chuck afirmou: — Agora as naves dos Alfanos controlam esta área. Os Maníacos estão para levantar a tela protetora e deixá-los entrar; está tudo resolvido. Enquanto você dormia nesta... — Esboçou um movimento brusco em direção a Ignatz Ledebur — Na cama deste indivíduo.

— E você está com eles? — indagou Mary friamente, enquanto abotoava a blusa — Ora, é claro que está. Os Alfanos tomaram conta da lua e você vai viver aqui sob as ordens deles — Terminou de vestir-se, começando então a pentear o cabelo lentamente.

— Se você ficar aqui em Alfa III M2 e não voltar à Terra...

— Vou ficar aqui — afirmou Mary — Já decidi — Indicou Ignatz Ledebur — Não com ele; isto era temporário e ele sabia. Não conseguiria viver na Vila de Gandhi... não é lugar para mim, nem pensar.

— Aonde, então?

Mary aventou uma hipótese: — Talvez no Cume de Da Vinci.

— Por quê? — Ele a encarava tomado pela incredulidade.

— Não tenho certeza. Ainda não vi o lugar. Mas admiro os Maníacos; até mesmo aquele que matei. Ele nunca teve medo, inclusive quando estava correndo para o tanque, sabendo que não conseguiria chegar lá. Jamais vira algo semelhante em toda a minha vida.

— Os Maníacos — observou Chuck — nunca vão aceitar você.

— Ah, vão — ela assentiu calmamente — É claro que vão.

Chuck voltou-se, interrogativo, para Ignatz Ledebur.

— Eles vão — concordou Ledebur — Sua mulher está certa. Nós dois, percebeu,

eu e você; nós a perdemos. Ninguém consegue ter esta mulher por muito tempo. Simplesmente não faz parte da natureza dela, não está em sua biologia. Virando-se, deixou o barraco, pesaroso, caminhando até o local onde a matéria viscosa aguardava.

— Acho que você mostrou ao Sr. Rittersdorf — a matéria viscosa pensou para ele — a impossibilidade do que ele está tentando fazer.

— Suponho que sim — aquiesceu Ledebur, sem um mínimo de entusiasmo.

Chuck surgiu, pálido e taciturno; ultrapassou Ledebur a passos largos rumo ao lançador — Vamos — disse por sobre o ombro rudemente, dirigindo-se à matéria viscosa.

A matéria viscosa, tão rapidamente quanto lhe era fisicamente possível, seguiu-o. Os dois entraram no lançador, fecharam a portinhola e zarparam rumo ao céu da manhã.

Durante alguns instantes, Ignatz Ledebur observou a nave afastando-se, entrando em seguida no casebre. Encontrou Mary procurando algo para o café da manhã na geladeira.

Prepararam juntos a refeição matinal.

— Os Maníacos — ressaltou Ledebur — são muito brutos em alguns aspectos.

Mary soltou uma gargalhada — E daí? — zombou.

Não encontrou resposta. Sua santidade e suas visões não o auxiliaram nem um pouco neste caso.



Após uma longa pausa, Chuck indagou: — Este lançador nos levaria de volta ao sistema solar e à Terra?

— Absolutamente não — Lorde Gosma Veloz foi categórico.

— Tudo bem — fez Chuck — vou localizar uma nave de guerra terrestre estacionada nesta área. Vou voltar para a Terra, aceitar qualquer punição que as autoridades tenham em mente, e então chegar a alguma conciliação com Joan Trieste.

A matéria viscosa declarou: — Em vista do fato de que a punição consistirá de uma requisição de pena de morte, qualquer conciliação com Joan Trieste será

improvável.

— Então o que você sugere?

— Algo que o senhor rejeitará.

Chuck insistiu: — Diga-me mesmo assim — Naquelas condições não podia dispensar nenhuma ideia.

— O senhor... humm. É um tanto embaraçoso, devo colocar minha sugestão adequadamente. O senhor deve tentar convencer a sua esposa a lhe ministrar uma bateria de testes psicológicos.

Após um instante, ele conseguiu dizer: — Para descobrir em qual colônia eu me adaptaria melhor?

— É — assentiu relutante a matéria viscosa — É uma ideia. Não quer dizer que o senhor seja psicótico; os testes serviriam para determinar a tendência de sua personalidade da maneira mais geral...

— Suponha que os testes não evidenciem qualquer tendência, nenhuma psicose latente, nenhuma deformação do caráter, nenhuma característica psicopática, em outras palavras, nada? O que vou fazer? — Sem congratulações indevidas — neste ponto já estava bem longe disso — nutria uma suspeita do que os testes mostrariam exatamente. Ele não se enquadrava em qualquer destas colônias de Alfa III M2; aqui ele não passava de um solitário, de um pária, sem ninguém que se assemelhasse a ele, nem mesmo de maneira remota.

— Sua necessidade antiga de matar sua esposa — afirmou a matéria viscosa — pode muito bem ser um sintoma de algum distúrbio emocional subjacente — Ela tentou parecer esperançosa, só que não foi bem-sucedida — Ainda acho que vale a pena tentar — insistiu.

Chuck observou: — Suponhamos que eu fundasse uma outra colônia aqui.

— Uma colônia composta de uma pessoa?

— Ocasionalmente, pode haver indivíduos normais que venham para cá. Pessoas que trabalham seus desajustes à sua maneira e possivelmente crianças que nunca as desenvolveram. Aqui, você é classificado como esquizofrênico polimórfico até que se prove o contrário; isto não é certo — Já pensara bastante sobre o assunto, desde que surgira a possibilidade de ter que permanecer na lua — Aos poucos começarão a aparecer. Com o tempo.

— A casinha no bosque nesta lua — ponderou a matéria viscosa — E você lá dentro, escondido, aguardando para capturar qualquer um que passar. Especialmente as crianças — Tentou conter o riso — Perdoe-me. Não devia levar sua ideia na brincadeira, desculpe.

Chuck não disse nada, simplesmente pilotou o lançador para cima.

— Vai tentar os testes? — inquiriu a matéria viscosa — Antes de procurar sua

própria colônia?

— Está certo — concordou Chuck. Não lhe parecia um pedido absurdo.

— Diante da hostilidade estabelecida entre o senhor e sua esposa, acha que ela lhe administrará os testes adequadamente?

— Acho que sim — A classificação fazia parte da rotina, não era interpretativa.

A matéria viscosa tomou uma decisão: — Atuarei como intermediário entre vocês; não terão que entrar em confronto novamente, até que se obtenham os resultados.

— Obrigado — respondeu Chuck, agradecido.

A matéria viscosa observou, pensativa: — Existe uma outra possibilidade que, embora improvável, deve ser considerada. Seria muito produtivo, apesar de com certeza requerer um longo período de tempo para sua realização — Resumiu o que estava pensando: — Talvez o senhor possa convencer Mary a também submeter-se aos testes.

A ideia surpreendeu e chocou Chuck por completo. Não conseguia ver a vantagem daquela sugestão por um único motivo, raciocinou, analisando a questão com frieza e calma. Simplesmente porque os habitantes da lua não receberiam terapia; isto já fora decidido por eles próprios. Se Mary se revelasse nos testes — como poderia perfeitamente acontecer — seriamente perturbada, ela permaneceria assim; não haveria um psiquiatra para efetuar um tratamento com ela. Portanto, o que a matéria queria dizer com “*muito produtivo*”?

A matéria viscosa, captando os pensamentos acelerados, explicou: — Suponhamos que sua esposa conclua, por meio dos testes, que ela se inclui no tipo maníaco severo. Este seria o meu diagnóstico para o caso dela, e não resta dúvida que é o dela própria também. Reconhecer que ela se assemelha a Howard Straw ou àqueles motoristas maníacos do tanque significaria, para ela, ter de enfrentar o fato de que...

— Você realmente acredita que ela se tornaria *humilde*? Menos segura de si? — A matéria viscosa não se constituía em uma autoridade abalizada sobre a natureza humana, e em particular a natureza de Mary Rittersdorf. Sem mencionar o fato de que para um Maníaco, assim como para um Paranoico, a dúvida era inconcebível; toda a estrutura emocional destes tipos fundava-se em um sentido de certeza.

Como seria simples se a suposição ingênua da matéria viscosa se mostrasse correta, se a uma pessoa seriamente perturbada bastasse ver os resultados de seu teste para compreender e aceitar sua deformação psicológica. Meu Deus, pensou Chuck tristemente. Se existe uma coisa que a psiquiatria contemporânea mostrou, é isso: simplesmente saber que você é mentalmente doente não o torna saudável, assim como saber que você tem problemas cardíacos não lhe proporciona um coração resistente de uma hora para outra.

Na verdade, o oposto seria mais do que provável. Mary, fortalecida pelo companheirismo daqueles que partilhassem a mesma condição, se estabilizaria para sempre: a tendência maníaca teria recebido uma sanção social. Ela acabaria como amante de Howard Straw, talvez até o substituisse eventualmente como delegada dos Maníacos no conselho supremo de todos os clãs. No Cume de Da Vinci, ela obteria o poder, oprimindo os que estivessem em torno dela.

— Apesar disso — persistiu a matéria viscosa — quando pedir os testes, vou insistir para que ela faça o mesmo. Ainda acredito que daí possa advir algum bem. *Conhece-te a ti mesmo*; um antigo lema terrestre, não é? Datando da antiguidade grega, altamente exaltada por vocês. Não consigo deixar de pensar que conhecer-se a si mesmo é uma forma de adquirir uma arma com a qual vocês, espécie não-telepática, poderão rearrumar sua psique, até que...

— Até o quê?

A matéria viscosa manteve-se em silêncio; estava claro que, aprofundando o tema, ele demonstrava não conhecer o assunto o suficiente.

— Dê os testes a ela — concluiu Chuck — E vamos ver — Vamos ver quem está certo, pensou. Esperava que fosse a matéria viscosa.



No Cume de Da Vinci, a noite já avançava, Lorde Gosma Veloz conseguiu persuadir, após negociações as mais delicadas, a Dra. Mary Rittersdorf a realizar os testes completos de perfil psicológico e em seguida a administrar, dada sua capacidade profissional, o mesmo grupo de testes ao marido.

Na casa, com uma decoração rebuscada e complexa, do delegado Maníaco, Howard Straw, os três se defrontaram; o próprio Straw colocou-se à parte, divertindo-se com o que se passava, altivo e desdenhoso. Estava sentado, trançando com rapidez uma série de perfis de Mary a lápis; este era um dos seus muitos dotes criativos e artísticos, e mesmo nesse período de sublevação, com as naves Alfanas aterrissando na lua, uma após outra, ele não abandonava seus dons. Um típico Maníaco, possuía variados interesses; era polivalente.

Mary, os resultados dos testes espalhados à sua frente, sobre a mesa de madeira entalhada a mão, com detalhes em ferro de cor preta, afirmou: — É terrível ter de admiti-lo, mas foi uma excelente ideia submeter-nos a estes testes padronizados para caracterização do perfil psicológico. Francamente, estou surpresa com os resultados — Ela se recostou na cadeira, flexível e esbelta em

seu suéter branco de gola rolê e calças esporte de metal titânico; puxou um cigarro e acendeu-o, as mãos tremendo — Você não tem traços de distúrbio mental, querido — disse a Chuck, sentado em frente a ela — Feliz Natal — acrescentou, com um sorriso glacial.

— E você? — indagou Chuck, a garganta e o coração apertados pela tensão.

— Não sou uma Maníaca. Na verdade, enquadro-me no oposto. Revelo uma depressão ansiosa bastante definida. Sou uma Depressiva — Ela continuou a sorrir, fazendo tremendo esforço; ele se deu conta disso, de sua coragem — Minha pressão continua sobre você, no que diz respeito ao salário... era certamente causada pela depressão, pelo sentimento ilusório de que tudo dera errado, de que algo deveria ser feito, senão estaríamos perdidos — Jogou o toco do cigarro fora e acendeu outro no mesmo instante. A Howard Straw, perguntou: — Qual é a sua reação diante disso?

— Dura — respondeu Straw, com sua habitual falta de empatia — Você não vai viver aqui de jeito nenhum; terá que ir para o Estado de Cotton Mather. Junto com o garoto feliz Dino Watters e os outros iguais a ele — soltou uma risadinha — E alguns deles são ainda piores, como você logo descobrirá. Nós vamos deixar você ficar por alguns dias, mas depois será obrigada a ir embora. Você simplesmente não é uma das nossas — E acrescentou, em tom um pouco menos duro: — Se você tivesse previsto este momento quando apresentou-se como voluntária na Terplan para esta Operação Cinquenta Minutos... aposto que teria pensado duas vezes. Estou errado? — Cravou-lhe um olhar penetrante.

Ela deu de ombros sem responder. Então, para surpresa de todos, começou a chorar — Meu Deus, não quero viver com aqueles malditos Depressivos — sussurrou — vou voltar para a Terra — Para Chuck, declarou: — Eu posso, mas você não. Eu não tenho que ficar aqui e encontrar um ninho, como você.

Os pensamentos da matéria viscosa alcançaram Chuck — Agora que o senhor recebeu os resultados dos testes, o que pretende fazer, Sr. Rittersdorf?

— Prosseguir e fundar minha própria colônia — afirmou Chuck — Vou chamá-la Vila de Thomas Jefferson. Mather era um Depressivo, Da Vinci era um Maníaco, Adolf Hitler um Paranoico, Gandhi um Hebetizado. Jefferson era um... — Buscou a palavra correta: — Um Normal. Esta será a Vila de Thomas Jefferson: Uma colônia Normal. Até agora somente uma pessoa, mas com grandes perspectivas para o futuro — Ao menos o problema de arranjar um delegado para o conselho supremo do clãs estava automaticamente resolvido, pensou consigo.

— Você é um completo idiota — desmereceu Howard Straw — Não vai aparecer ninguém para viver com você em sua colônia. Vai passar o resto da vida em isolamento... Daqui a seis semanas, você terá se tornado um louco, pronto para qualquer outra colônia na lua, exceto esta, é claro.

— Talvez sim — assentiu Chuck. Mas ele não tinha tanta certeza quanto Straw.

Mais uma vez estava pensando em Annette Golding. Com certeza seu caso não precisaria de muito esforço, ela estava próxima à racionalidade, a uma condição equilibrada. Praticamente não havia nada separando-a dele. E se existia alguém assim, deveria haver outros. Tinha a impressão de que não seria o único habitante da Vila de Thomas Jefferson por muito tempo. Mas mesmo se fosse...

Ele saberia esperar. Por quanto tempo fosse preciso. E arranjaria ajuda para construir sua colônia; já estabelecera o que lhe parecia uma sólida relação de trabalho como representante dos Paranoicos, Gabriel Baines, o que pressagiava algo mais. Se conseguisse conviver com Baines, provavelmente conseguiria relacionar-se com os vários clãs, possivelmente com exceção dos Maníacos tais como Howard Straw e, evidentemente, dos Hebetizados deteriorados como Ignatz Ledebur, que não nutria qualquer senso de responsabilidade interpessoal.

— Sinto-me mal — fez Mary, os lábios tremendo — você virá me visitar no estado de Cotton Mather, Chuck? Não vou ficar a vida toda isolada só com Depressivos à minha volta, não é?

— Você disse... — ele começou.

— Simplesmente não posso voltar para a Terra, não doente, não com o que mostram os resultados desses testes.

— Claro — consentiu ele — Será um prazer visitar você — Na verdade, esperava passar grande parte do meu tempo nas outras colônias. Esta seria uma maneira de se prevenir contra a profecia de Straw. Esta... e muitas mais.

— Na próxima vez em que eu germinar — o pensamento da matéria viscosa afirmou para Chuck — haverá um número razoável de semelhantes a mim; alguns de nós teremos prazer em nos instalarmos na Vila de Thomas Jefferson. E desta vez ficaremos longe de carros em chamas.

— Obrigado — agradeceu Chuck — Fico grato por ter você. Todos vocês.

O sorriso zombeteiro e maniaco de Howard Straw inundou a sala; a ideia pareceu despertar seu cinismo divertido. Entretanto, ninguém lhe deu atenção. Straw deu de ombros e voltou aos seus desenhos em pastel.

Do lado de fora, os foguetes de uma nave de guerra rugiram enquanto a nave pousava com maestria. A ocupação Alfana do Cume de Da Vinci estava para começar, após longo adiamento.

Chuck pôs-se de pé e foi abrir a porta da frente, saindo para a escuridão da noite, a fim de assistir e ouvir. Permaneceu sozinho durante algum tempo, fumando e escutando os sons que foram se aproximando gradualmente da superfície da lua, quebrando o silêncio que parecia permanente. Demoraria muito, talvez até que ele mesmo houvesse desaparecido de cena, para que eles decolarem de novo. Sentia intensamente esta realidade, enquanto descansava, envolvido pela penumbra, próximo à entrada da casa de Howard Straw.

De súbito a porta atrás dele se abriu. Sua mulher, ou mais especificamente, sua

ex-mulher, saiu, fechando a porta e colocando-se ao lado dele sem falar; juntos, ficaram ouvindo a algazarra das naves de guerra dos Alfanos e admirando os riscos flamejantes cortando o céu, cada um mergulhado em seus próprios pensamentos.

— Chuck — disse Mary, abruptamente — você sabe que temos que fazer algo fundamental... talvez ainda não tenha pensado a respeito disso, mas se vamos nos estabelecer aqui, temos de arranjar um jeito de trazer nossos filhos da Terra.

— É verdade — Na verdade ele já pensara sobre o assunto — Mas você gostaria de trazer as crianças para cá? — Especialmente Debby, pensou. Ela era extremamente sensível; sem dúvida vivendo aqui ela captaria os padrões enlouquecidos de conduta e crenças da maioria psicótica. Seria um problema de difícil solução.

Mary continuou: — Se estou doente... — Não terminou a frase; era desnecessário. Pois ela era doente, Debby já teria sido exposta aos insidiosos perigos da doença mental dentro das quatro paredes da vida em família; o mal, se existisse, já teria sido feito.

Jogando o cigarro na escuridão, Chuck pousou o braço em torno da cintura estreita da esposa, puxando-a para si; deu-lhe um beijo na testa, aspirando o suave perfume dos cabelos de Mary — Vamos nos arriscar a expor as crianças a este ambiente. Quem sabe elas não servirão de modelo para as outras crianças daqui? Podemos colocá-las na escola pública mantida aqui em Alfa III M2; gostaria de correr o risco, se você quiser. O que acha?

— Está bem — ela concordou vagamente. Em seguida, mais vigorosamente, perguntou: — Chuck, você realmente acha que nós temos uma chance, eu e você? De elaborar uma nova forma de vida... na qual conseguiremos ficar juntos por tempo prolongado? Ou nós simplesmente... — gesticulou — vamos nos arrastar pelos velhos caminhos de desconfiança e ódio e todo resto.

— Não sei — disse ele, e estava sendo sincero.

— Minta para mim. Diga que podemos conseguir.

— Vamos conseguir.

— Acha mesmo? Ou está mentindo?

— Estou...

— Diga que não está mentindo — A voz dela emanava ansiedade.

— Não estou mentindo — fez ele — Sei que podemos conseguir. Somos ambos jovens e viáveis, e não somos rígidos como os Paranoicos e os Maníacos, não é?

— É — Mary ficou em silêncio por alguns instantes e então perguntou: — Tem certeza de que não prefere aquela garota Infantilista, aquela Annette Golding, a mim? Seja sincero.

— Prefiro você — desta vez ele não estava mentindo.

— E aquela garota de quem Alfson tirou as fotos potentes? Você é aquela Joan não-sei-de-quê... Quero dizer, você foi pra cama com ela.

— Ainda prefiro você.

— Diga-me *por que* você prefere a mim — pediu — Doente e mesquinha do jeito que eu sou.

— Não consigo explicar com exatidão — Na verdade, não saberia explicar nem mesmo parcialmente; era um mistério. Ainda assim, era a verdade, sentia-o dentro de si.

— Gostaria que você fosse bem-sucedido em sua colônia-de-um-homem-só — desejou Mary — você é uma dúzia de matérias viscosas — Ela riu — Que grupo maluco. É, estou certa de que devemos trazer nossos filhos para cá. Eu achava que era tão... sabe, tão completamente diferente de meus pacientes. Eles eram doentes e eu não. Agora... — Emudeceu.

— Não há muita diferença — ele completou a frase para ela.

— Você não sente isso em relação a mim, não é? Que você é fundamentalmente diferente de mim... Afinal de contas, o teste o considerou normal, mas eu não.

— Isto é uma categoria simplesmente — disse ele, e estava sendo sincero. Já fora acometido por impulsos suicidas, e após aqueles impetus assassinos e hostis em relação a ela... e no entanto ele se saíra satisfatoriamente bem nos registros formais oriundos de procedimentos de análise há muito aceitos, enquanto Mary não fora bem nos seus. Como era tênue e difuso o limite de cada categoria. Ela, tanto quanto ele, e quanto qualquer um em Alfa III M2, incluindo o arrogante delegado dos Maníacos Howard Straw, lutavam pelo equilíbrio, pelo discernimento; era uma tendência natural nos seres viventes. A esperança sempre existira, talvez até mesmo para os Hebetizados, Deus os proteja. Embora a esperança para os da Vila de Gandhi fosse ainda mais tênue.

Ele pensou: e a esperança também é mínima para nós da Terra. Nós que acabamos de emigrar para Alfa III M2. Ainda assim... lá está ela.

— Decidi — anunciou Mary, incisiva — que amo você.

— Está bem — ele concordou, satisfeito.

Subitamente, perturbando seu estado de espírito tranquilo, uma ruminação bem articulada pela matéria viscosa alcançou-o: — Como estamos em momento de confissão de sentimentos e atos, sugiro que sua esposa ofereça um relato completo de seu breve caso com Coelho Hentman — E corrigiu-se: — Retiro a palavra “oferecer” por ser inteiramente inadequada. No entanto, a questão básica permanece: ela estava tão ansiosa em obter o emprego com ótimo retorno financeiro...

— Deixa que eu conto — pediu Mary.

— Por favor — concordou a matéria viscosa — Eu só me manifestarei de novo se a senhora descuidar da totalidade do relato.

Mary iniciou: — Tive um rápido romance com Coelho Hentman, Chuck. Logo antes de deixar a Terra. Isto é tudo.

— Tem mais — contradisse a matéria viscosa.

— Os detalhes? — fez ela com impetuosidade — Eu vou ser obrigada a dizer exatamente quando e onde nós...

— Não é isso. É um outro aspecto da sua relação com Hentman.

— Está bem — resignou-se Mary — Durante aqueles quatro dias — ela relatou — disse a Coelho que, com toda a minha experiência em separações conjugais, eu previa — baseando-me no conhecimento que tenho da sua personalidade — que você ia tentar me matar. Caso você falhasse em sua tentativa de suicídio — Ficou em silêncio — Não sei por que contei isso a ele. Talvez estivesse com medo. Naturalmente eu tinha que falar com alguém, e estava encontrando bastante com ele naquela época.

Então não fora Joan. Sentiu-se melhor sabendo disso. E nem mesmo podia condenar Mary pelo que fizera. Espantava-se de que ela não tivesse procurado a polícia; evidentemente estava falando a verdade quando disse que o amava. Este fato jogava nova luz sobre a mulher; ela dispensara uma oportunidade de prejudicá-lo, em um momento de grave crise.

— Talvez tenhamos mais alguns filhos, enquanto nós estivermos aqui nesta lua — sugeriu Mary — como as matéria viscosas... chegamos aqui e aumentaremos numericamente até que nos tornaremos uma legião. A maioria — Deu uma gargalhada conciliadora e singular; em meio à escuridão, relaxou o corpo contra o dele como não fazia há anos.

As naves Alfanas continuavam percorrendo o céu, ele e Mary em completo silêncio, fazendo planos para trazer as crianças. Não ia ser fácil, ele se deu conta, talvez mais complicado do que tudo que já haviam feito até então. Possivelmente o que sobrara da Organização Hentman poderia ajudá-los. Ou alguns dos infinitos contatos comerciais das matérias viscosas com terrestres e não-terrestres. As duas consistiam em possibilidades concretas. E o agente de Hentman que se infiltrara na CIA, seu antigo patrão Jack Elwood... mas Elwood agora estava preso. De qualquer maneira, se por azar seus esforços não fossem bem-sucedidos, como dissera Mary, eles teriam mais filhos; estes não substituiriam os perdidos, mas seria uma promessa, algo que não podia ser descartado.

— Você também me ama? — perguntou Mary, os lábios junto à orelha de Chuck

— Amo — Ele estava sendo sincero. Então, de repente gritou: — Ai! — Ela lhe dera uma mordida sem quê nem porquê, quase arrancando-lhe o lóbulo.

Aquilo também lhe parecia uma promessa.

De quê, ele não sabia exatamente.

